

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CÍCERA JESSIANE LINS DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO: GRACILIANO RAMOS, AUTORIA E
AUTOCRÍTICA EM CARTAS**

**GUARULHOS
2018**

CÍCERA JESSIANE LINS DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO: GRACILIANO RAMOS, AUTORIA E
AUTOCRÍTICA EM CARTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirhiane Mendes de Abreu

**GUARULHOS
2018**

Santos, Cícera Jessiane Lins dos.

Memórias da criação: Graciliano Ramos, autoria e autocrítica em cartas / Cícera Jessiane Lins dos Santos. – Guarulhos, 2018.
157 f.

Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mirhiane Mendes de Abreu.

Título em inglês: Memories of creation: Graciliano Ramos, authorship and self-criticism in letters.

1. Graciliano Ramos. 2. Epistolografia. 3. Romance regionalista. 4. Modernismo. I. Abreu, Mirhiane Mendes de. II. Memórias da criação: Graciliano Ramos, autoria e autocrítica em cartas.

CÍCERA JESSIANE LINS DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO: GRACILIANO RAMOS, AUTORIA E AUTOCRÍTICA
EM CARTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirhiane Mendes de Abreu

Aprovada em: ____/____/____.

Prof.^a Dr.^a Mirhiane Mendes de Abreu
Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP)

Prof.^a Dr.^a Ligia Fonseca Ferreira
Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP)

Dr.^a Ieda Lebensztayn
Biblioteca Brasileira Mindlin (BBM/USP)

Suplente:

Prof.^a Dr.^a Silvana Moreli Vicente Dias
Universidade Veiga de Almeida

À memória de Maria de Lourdes Ferreira da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que comigo caminharam até aqui, muitas vezes inconscientemente.

Agradeço à Mirhiane Mendes de Abreu pela compreensão, orientação atenta, ensinamentos e antes pela oportunidade de transpor um alto muro.

Agradeço à banca de qualificação pela leitura, contribuições e rumos apontados. À Ieda Lebensztayn, por sua bonita generosidade e pelo trabalho admirável e inspirador que me abriu caminhos de estudo. À professora Ligia Fonseca Ferreira, pela disposição, avaliação, contribuições e gentileza no olhar para este trabalho.

Ao professor Marcos Moraes, por haver compartilhado ideias, saberes e trabalhos como os de Mirhiane e de Ieda.

Aos meus professores da graduação, pelas luzes que acenderam.

Aos meus colegas de turma, com os quais aprendi e aos quais recorri e sempre fui atendida.

A meus amigos Karina, Rafael, Monica, Carina, Gabi, Sueli e Marcos, por me manterem firme quando não senti o chão sob os meu pés.

A Fernando, pela parceria, pelas portas que me apresentou, pela generosidade e amor, por fazer parte da minha história.

À minha família de alma e vivências agrestes, de coração grande e forte.

A meus pais Ivonete e Josenildo, pelas bases, exemplos e árduas ausências, em que enxergo a luta para me proporcionar o melhor dentro das possibilidades de que dispunham. Obrigada pelo amor e incentivo.

Às minhas irmãs Jessica, Isabela e Joyce, meus complementos, melhores partes de mim.

À minha avó Maria de Lourdes Ferreira da Silva, por despertar em mim a preocupação com os estudos ao me acordar às cinco da manhã para frequentar às aulas às sete em uma escola que ficava ao lado de casa. Entendo hoje o seu extremo cuidado em garantir a minha presença naquele espaço. Agradeço por me conduzir à universidade, mesmo não sabendo o que era ela.

[...] no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamospreás.

Graciliano Ramos em carta à Heloísa Ramos (7 de maio de 1937)

RESUMO

Ao considerar as possibilidades da epistolografia para os estudos literários, este trabalho objetiva investigar e discutir, nas cartas de Graciliano Ramos, as bases de suas concepções estéticas, criativas e críticas. Para isso, foram selecionados os seguintes interlocutores: Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, jornalista e amigo de infância, Heloísa Ramos, segunda esposa do romancista, e Benjamín de Garay, tradutor argentino. Nessa ordem, as análises compreendem diferentes etapas na trajetória do romancista: as primeiras imersões na literatura, pendentes para traços inscritos pelo Realismo; a incursão na prosa, momento em que se percebe a singularização de seu estilo bem como a seu comprometimento com as letras do país; e, por fim, o pós-cárcere, etapa marcada pelo estabelecimento do escritor em meio a um movimento reconhecido, embora não reivindicado, e envolvido com a afirmação nacional e regional a partir, especialmente, das redes de sociabilidade e da língua brasileira.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; epistolografia; romance regionalista; Modernismo.

RESUMEN

Al considerar las posibilidades de la epistolografía para los estudios literarios, este trabajo pretende investigar y discutir, en las cartas de Graciliano Ramos, las bases de sus concepciones estéticas, creativas y críticas. Con este fin, fueron seleccionados estos interlocutores: Joaquín Pinto da Mota Lima Filho, periodista y amigo de infancia, Heloísa Ramos, segunda esposa del novelista, y Benjamín de Garay, traductor argentino. En este orden, los análisis comprenden etapas distintas de la trayectoria del novelista: las primeras inmersiones en la literatura, próximos a rasgos inscritos por el Realismo; la incursión en la prosa, momento en lo cual se percibe la singularización de su estilo así como de su compromiso con las letras del país; y, finalmente, la post-cárcel, etapa marcada por el establecimiento del escritor en medio de un movimiento reconocido, aunque no reivindicado, y envuelto con la afirmación nacional y regional a partir, especialmente, de las redes de sociabilidad y de la lengua brasileña.

Palavras llave: Graciliano Ramos; epistolografia; novela regionalista; Modernismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: Cartas a Joaquim Pinto: bases estéticas na juventude	17
1.1 Antes de “deitar fora a tanga”: entre 1911 e 1914 em Palmeira dos Índios	19
1.2 De volta a Alagoas: entre 1921 e 1926 – “Tens ainda muito mar a navegar”	35
CAPÍTULO 2: Cartas à Heloísa Ramos: de <i>São Bernardo</i> a <i>Angústia</i>	47
2.1 Primeira metade da década de 1930: <i>São Bernardo</i>	48
2.2 Segunda metade da década de 1930: <i>Angústia</i>	57
CAPÍTULO 3: Cartas a Benjamín de Garay	67
3.1 Coisas do Nordeste: língua e escritores	70
3.2 Depois do cárcere: as trocas, os pastéis de <i>Angústia</i> e a apresentação de <i>Vidas secas</i>	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXO 1 – Antologia das cartas citadas	104
Capítulo 1	104
Capítulo 2	121
Capítulo 3	135

ANEXO 2 – Publicações em periódicos.....	155
---	------------

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com as cartas de Graciliano Ramos (GR) ocorreu no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em 2015, quando lá cursei a disciplina “Epistolografia no Brasil: redes de sociabilidade, dimensões literárias e testemunhos da criação artística”, ministrada pelo professor doutor Marcos Antonio de Moraes. O interesse pelo material centralizado no curso foi despertado por um outro anterior: a narrativa do romancista alagoano, que eu desejava pesquisar, mas receava, em virtude da vasta bibliografia já existente.

Ainda assim, persistino nome do autor e dele me aproximei por meio da leitura de sua produção ficcional e crítica. A cada livro, percebia-me frente a um grande objeto de investigação, do qual não parecia ser possível, apesar disso, extrair mais parte alguma. Tal impressão, felizmente, enfraqueceu-se pelo contato com *Cartas* ([1980] 2011), primeiro volume de missivas íntimas de Graciliano Ramos. A leitura desse material veio em meio a outras: textos relativos ao gênero epistolar, em razão do acompanhamento do curso mencionado.

Embora a avaliação de que o regionalista figurava entre os escritores sobre os quais não havia muito o que dizer, analisar e discutir estivesse se desconstruindo, uma breve pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES sustentava o contrário: existem milhares de resultados relacionados a ele em diferentes áreas do conhecimento. A lista de livros e artigos de periódicos também é extensa.

Essa circunstância, não obstante, foi insuficiente para afastar o interesse de pesquisadores pela obra do literato. Ela, ao contrário, pareceu sugerir a ampliação do conceito de obra em relação à qual se podem dizer, analisar e discutir novos fatos, seja com o apoio de uma perspectiva teórica diversa, seja com a adoção de outro elemento norteador para o estudo que não mais ou somente aquele pretensamente romance, conto, literatura, cujas análises, por vezes ainda hoje, permitem notar uma espécie de construção de imagem homogênea de seu escritor: uma mistura de posições sociais atuantes na leitura de suas produções.

O fator que contribuiu para a elaboração de meu projeto de pesquisa foi justamente o conhecimento de um trabalho desenvolvido, em partes, no sentido dessa desconstrução ou ampliação do criador de Baleia, e isso com base nas cartas escritas por ele, testemunhos de questões plurais. Trata-se da reunião de correspondências inéditas de Graciliano Ramos por Ieda Lebensztayn, a qual, ao oferecer um panorama de leitura abrangente desse material, afirmou que

[...] o estudo das cartas de Graciliano Ramos contribui para uma dimensão vertical, de aprofundamento da compreensão de sua vida e obra. Ao mesmo tempo, abre para a difícil e fecunda tarefa de construir um quebra-cabeça ilimitado, sempre renovável, fonte de descobertas sobre a sociabilidade do escritor e sobre outros nomes da cultura (brasileira, argentina, uruguaia); e também sobre a história das editoras e dos livros no Brasil, os vários momentos históricos e culturais, os bastidores subjetivos e estilísticos da criação literária (2014, p. 151).

A partir dos ângulos apresentados pela pesquisadora, poder-se-ia apreender as cartas como extensão da obra de Graciliano Ramos, pela relevância que têm não apenas em caráter acessório, mas por vezes esclarecedor, novo e expansivo, tanto para a produção ficcional, quanto para a crítica e para o próprio gênero epistolar, relegado da literatura em determinados momentos, como expõe Bouzinac (2016, p. 17-22), por ter sido considerado de importância inferior.

Sem esse material, talvez não seja exagero considerar que estamos habituados a tratar de Graciliano Ramos a partir de *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas*. Acabamos confirmando, ou mesclando, o escritor no homem ao nos entristecermos e inebriarmos em sua *Infância*, e ao nos impressionarmos e revoltarmos com as suas *Memórias do cárcere*, e ainda ao nos surpreendemos com o relatório de prestação de contas do município em que fora prefeito. Esse romancista é visto, não raro, por meio da dureza de Paulo Honório, na frustração de Luís da Silva e no silêncio, que tanto diz, da família de retirantes.

As cartas, por sua vez, vêm apresentar uma alternativa, ou complemento, a essa perspectiva. Um exemplo disso pode ser percebido no estilo empregado por Graciliano na composição delas. Nas correspondências à Heloísa Ramos e ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, estão presentes traços distintivos contraditórios aos comumente sublinhados em seu perfil artístico e biográfico, fato resultante, em muitas ocasiões, da ironia com que foram desenvolvidos os assuntos em pauta. Lebensztayn assinala essa questão na vivência do romancista: “Quanto às relações de sociabilidade, nota-se o papel da correspondência para desmistificar a imagem de Graciliano como tão só pessimista e afastado do convívio social” (2014, p. 151), dada a proximidade “afetiva e intelectual com os jovens escritores alagoanos”.

Além dessa, diferentes formas de tratamento de escritos periódicos e íntimos influíram na análise dos textos e na definição das cartas como *corpus* desta pesquisa. Trabalhos voltados a aspectos históricos e culturais, como as relações entre o literário e o extraliterário, ou contexto e discurso, indicaram a potência testemunhal a ser estudada e utilizada com outras finalidades. Nesse sentido, há a tese de doutoramento “O fio da navalha: Graciliano Ramos e a *Cultura Política*” (2010), de Thiago Mio Sala, que, ao estudar os

“Quadros e costumes do Nordeste”, seção da revista getulista a cargo de GR, traz, como possibilidade de ampliação da discussão, referências acartas do escritor.

Em orientação semelhante, “Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis” (2010), da referida Ieda, apresenta as redes de sociabilidade em torno do semanário alagoano por meio, e não só, de algumas cartas trocadas pelos integrantes do grupo de intelectuais, um procedimento que preenche lacunas ao evidenciar por outros ângulos as relações e os seus graus dentro de uma rede.

Tendo as cartas e *São Bernardo* como bases, cita-se, do mesmo modo, “O discurso amoroso em Graciliano Ramos” (2014), dissertação de mestrado de Aline Correa dos Santos, a qual, por meio da crítica biográfica, investigou e comparou a compreensão do amor por parte de Graciliano nas esferas ficcional e íntima, suscitando questionamentos relativos ao gênero do âmbito privado relacionando-se com outros, compostos para publicação.

Ao considerar essas e outras referências¹, busquei tratar as cartas a partir de particularmente duas dimensões apresentadas por Lebensztayn, a que encontra nelas o registro histórico e cultural de um tempo e a que se debruça sobre os bastidores subjetivos, na relação com a produção literária, em direção à análise das “ponderações do autor sobre a concepção, os significados e limites de sua arte, sobre a crítica” (LEBENSZTAYN, 2014, p. 151).

Para isso, pensou-se na organização do seguinte percurso: no capítulo 1, a análise das cartas enviadas ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho (JP), desde a juventude até a incursão na prosa, com *Caetés*; seguida, no segundo capítulo, pelo estudo das correspondências enviadas à Heloísa Ramos, já na década de 1930; e, por fim, o capítulo 3 trazas cartas enviadas ao tradutor argentino Benjamín de Garay, após a saída de Graciliano Ramos do cárcere. O trabalho se voltou apenas para as correspondências ativas de GR pois só a elas temos acesso. As cartas escritas por Joaquim Pinto, Heloísa e Garay, enviadas ao romancista, se perderam.

A respeito da disposição dos capítulos, levou-se em consideração a quantidade do material (GR se correspondeu mais com esses interlocutores) e as questões nele tangenciadas, como as que evidenciam uma trajetória de desenvolvimento artístico. Nas cartas a JP, há registros demonstrando o cultivo de bases estéticas expressivas para a compreensão da posterior tendência literária ao regionalismo de cunho social e para o entendimento do tipo de

¹ O ensaio “Narrador, registro de arquivo” (2011), de Teresa Malatian, ofereceu fundamentos para o trabalho ao apresentar formas diferentes de tratamento das cartas pela perspectiva histórica de sua análise, além disso, contribuiu com a apresentação de conceitos e procedimentos relativos ao gênero, tais como: características, formas de abordagem e seus limites ou complexidades.

relação, ou impressão, com outras manifestações do tempo, como é o caso, por exemplo, do Modernismo das primeiras horas e da prosa intimista produzida em 1930.

No prosseguimento do itinerário analítico, nas cartas à esposa é possível verificar a base realista desenvolver-se e diferenciar-se na criação de *São Bernardo* e depois de *Angústia*. Igualmente, notam-se as relações com os escritores nordestinos como um fator importante para a persistência nas letras e para a definição de uma identidade artística, afirmada, adiante, por meio da expressão linguística, das temáticas e da movimentação no sentido da promoção das obras dos companheiros.

Ao tradutor, no último capítulo, o que se percebe é a exacerbação do empenho em uma expressão literária nacional, não só pelos temas, mas também pela forma como eles foram comunicados. As relações sociais são fortemente manifestas, expondo a existência de um movimento que não se reivindicou enquanto tal, mas existiu.

A respeito da constituição do corpus do trabalho, boa parte dele foi extraída do já referido livro *Cartas* ([1980] 2011)², publicado inicialmente em 1980 pela editora Record/MPM-Comunicações. São dele as cartas constantes no primeiro e segundo capítulos. Trata-se de uma reunião organizada pela própria Heloísa Ramos. Para o terceiro capítulo, recorreremos à edição fac-similar publicada pela EDUFBA: *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro* (2008), com introdução, ensaios e notas de Pedro Moacir Maia. Além desse material já coligido, há menções a outros, como uma carta destinada a Antonio Candido, em 1945, e ao jornalista João Condé, também na década de 1940.

De forma complementar e de acordo com leitura que se crê adequada para o *corpus*, buscou-se conjugar-lo aos escritos críticos do romancista e às suas entrevistas, em um diálogo, nesse caso, exigido pelo gênero que é o eixo da pesquisa. Esses complementos foram encontrados especialmente em três obras: *Garranchos: textos inéditos de Graciliano Ramos* (2012), de organização de Thiago Mio Salla; *Conversas: Graciliano Ramos* (2014), organizado por Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla; e *Linhas tortas* ([1962] 2015), com textos selecionados por Heloísa Ramos, Ricardo Ramos e James Amado.

² O primeiro volume trouxe 103 cartas de GR enviadas ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho e aos familiares: pais, irmãs, cunhado, noiva, depois esposa, e aos filhos. Além disso, o livro contou com a Nota de abertura de Heloísa Ramos e com a seleção de ilustrações e notas realizada por James Amado. Em 1992, a editora Record publicou a sétima edição, com 112 cartas. Em 2011, a mesma editora relançou essa última versão do livro. Para este estudo, utilizou-se como referência a edição mais recente.

Com essas bases, esperou-se ler e analisar a correspondência destituída do mito, citado por Haroche-Bouzinac³ e por Marcos Moraes⁴, e ciente dele. Dessa forma reconhecendo o caráter testemunhal das cartas e sua limitação no que refere ao encerramento de verdades, movimento diferente, por exemplo, do que expressou Heloísa Ramos na Nota de abertura do volume de missivas.

No breve texto introdutório, ela, há muito não mais destinatária das correspondências de seu marido, solicitou cópia com autorização para divulgação de outras possíveis mensagens dele àqueles que as possuísem. Também justificou os motivos para publicação dos escritos particulares naquele momento (1980) e não anteriormente, atendendo ao pedido do romancista, que dizia que “só após vinte anos de sua morte se deveria publicar seus inéditos”, e não interferindo em um processo de construção de uma imagem criada a partir da ficção.

É natural que da ressonância obtida ao longo do tempo pelos seus romances, contos, volumes de memórias, de par com sua visão acerbamente crítica da realidade, tenha surgido uma imagem idílica do homem: a obra de ficção por ele criada criou, por sua vez, a figura fictícia de seu criador. Também para não interferir com este fenômeno, legítimo e por certo lisonjeiro, preferi manter inéditos os papéis reveladores de sua convivência familiar e com os amigos íntimos, que mostram sua verdadeira face. (RAMOS, H. In. RAMOS, G. 2011, p. 5).

Desse trecho, é possível depreender uma dicotomia: a verdadeira face, que seria revelada pelas correspondências; e a figura fictícia, construída com basena obra pretensamente artística. Entende-se a postura assumida, até pela posição anterior de interlocutora, emissora, familiar, conhecedora de outros lados da personalidade do escritor, todavia, sabe-se das problemáticas implicadas nessa percepção e por isso optou-se pelo reconhecimento da subjetividade implicada no ponto de vista do epistológrafo, diversa em relação ao tempo, ao destinatário e ao assunto.

Na análise de um prisma particular, foram utilizadas especialmente contribuições críticas de Antonio Candido ([1956] 2006; [1965] 1980), Alfredo Bosi ([1988] 2010; [1970] 2015) e Flora Süssekind (1984), por expressarem a estreita ligação da literatura com a sociedade, algo concebido como essencial, notadamente na conjuntura compreendida pelas cartas, epistológrafo/escritor e obras estudadas.

³De acordo com Bouzinac, determinados modos de leitura das cartas “repousam no mal-entendido persistente, mas sempre denunciado, que torna a carta depositária da verdade do indivíduo (BOUZINAC, 2016, p. 16), uma consequência dos mitos que cercam o gênero, como a primazia de sua sinceridade ou fonte de verdade.

⁴ Em “Epistolografia e crítica genética”, o professor evidencia a possibilidade de contradições nos relatos, assim como a ficcionalização da gênese e presença de “armadilhas do memorialismo” (MORAES, 2007, p. 31), certamente uma das tantas complexidades que o trabalho com as cartas apresenta independente do objetivo, especialmente quando lidamos com figuras que adotaram diferentes e expressivos papéis sociais, em muitas situações estreitamente relacionados.

1 CAPÍTULO: Cartas a Joaquim Pinto: bases estéticas na juventude

Dentre as cartas presentes no primeiro volume de correspondências íntimas de Graciliano Ramos (GR), destacam-se as enviadas ao amigo de infância e jornalista Joaquim Pinto da Mota Lima Filho (Joaquim Pinto), pois nelas, além da extensão e quantidade (há catorze), é notável como testemunham, singularmente, diferentes fases da literatura a partir de seus vestígios de concepção e criação artísticas, momentos que compreendem, na vida do epistológrafo, a apreciação e a composição de versos alexandrinos, a ida ao Rio de Janeiro e o retorno ao estado natal, um período que perpassa dos seus dezenove aos trinta e oito anos, idade em que concluía o primeiro romance, *Caetés*.

A respeito do receptor desses textos, não há muitas informações além das que podem ser apreendidas neles próprios⁵. O contato entre Joaquim Pinto e Graciliano Ramos, quando pequenos, chegou a ser brevemente registrado em uma das obras memorialistas. Em “Os astrônomos”, capítulo de *Infância* (1945), há uma referência à família Mota Lima, em relação a qual o narrador se sentia diminuto.

Aos nove anos, eu era quase analfabeto. E achava-me inferior aos Mota Lima, nossos vizinhos, muito inferior, construído de maneira diversa. Esses garotos, felizes, para mim eram perfeitos: andavam limpos, riam alto, frequentavam escola decente e possuíam máquinas que rodavam na calçada como trens. Eu vestia roupas ordinárias, usava tamancos, enlameava-me no quintal, engenhando bonecos de barro, falava pouco. (RAMOS, 1995, p. 187).

Como na reminiscência, o vínculo epistolar entre os dois jovens por vezes registra a mesma espécie de elevação, em que se marca o plano inferior de quem a promove. Isso pois os correspondentes compartilhavam entre si suas criações literárias, esperando, decerto, e mesmo que de modo indireto, impressões e até contribuições um do outro, e nessas ocorrências, quando se

⁵Joaquim Pinto da Mota Lima Filho nasceu em Alagoas, filho de Joana Rego da Mota e irmão de Rodolfo Pinto da Mota (jornalista e posteriormente eleito deputado federal por Alagoas) e Pedro Mota Lima, referido como Doca nas cartas, (também jornalista e diretor da *Imprensa Popular* do Rio de Janeiro na década de 1950). Ambos os irmãos, de orientação ideológica esquerdista, foram ativos politicamente (conforme exemplificam suas publicações, as referências feitas a eles e os verbetes presentes no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do CPDOC-FGV, disponíveis no endereço: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>). O pai, farmacêutico, chegou a ser conferencista da Federação Espirita Alagoana, bem como redator do periódico *Lumen*, pertencente a essa mesma entidade. Por decretos publicados em periódicos como *Jornal do Brasil* (RJ) e *Correio da Manhã* (RJ), da década de 1940, sabe-se que Joaquim Pinto da Mota Lima Filho foi oficial administrativo na pasta da agricultura do governo Getúlio Vargas, além de jornalista, como os irmãos.

tratavam dos versos do destinatário, eram comuns elogios por parte do remetente, quando a questão se voltava às criações deste, aparente pouco caso e entusiasmo, mas apenas aparente.

O humor e a ironia, utilizados amiúde para abordar, emendar e estender assuntos, recaíam sobre muitos julgamentos, incluindo a autopercepção, levando a inflexão do discurso ao tom desprezioso, mas não por isso isento de vaidades, de agrado pelas imersões literárias, fato manifesto no tratamento da questão e na disposição do ver-se publicado. A expansividade da escrita ao amigo, além disso, aproxima as cartas a um diálogo presente que se alonga pelo gosto da palestra e que se abre a diferentes leituras.

Por ser um gênero dependente de “fatores ligados ao contexto histórico”⁶, muito nele se perde em virtude do distanciamento referencial, ainda assim, é possível distinguir objetos de reflexão significativos nessa escrita epistolar, como as feições das cartas familiares, descritas por Geneviève Haroche-Bouzinac⁷; a variabilidade do perfil do epistológrafo, relacionada à sua capacidade de “moldar-se como personagem em face do interlocutor”⁸; e vestígios de aspectos que orientariam e marcariam as inclinações artísticas do futuro romancista, possibilidade em que as comunicações são assimiladas como vestígios de um tempo e de uma visão em transformação nesse tempo.

Neste trabalho, elegeu-se essa última possibilidade de leitura como central, tendo em vista, primeiro, a lógica do percurso que se deseja seguir e, segundo, o fato de os indícios viabilizarem perspectivas mais amplas para a compreensão das posições de um artista, erigido como importante representante do grupo que integrou, em relação a movimentos como o Modernismo e como a prosa regionalista nordestina posterior.

Dessa forma, primeiro e em síntese, buscam-se traços que se dirigem ao desenvolvimento da apreciação de valores estéticos cultivados entre os séculos XIX e XX, mas presentes em mais de uma etapa na trajetória da literatura brasileira e na do autor de *Vidas secas*, nesta, antes e depois do Rio de Janeiro, das perdas e novidades dos anos, ou seja, desde os sonetos da juventude até a chegada ao primeiro romance, que integraria, embora não de todo, as obras do “surto nordestino”.

⁶ HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 26.

⁷ Tal acepção se dá em virtude do modo “familiar e jocoso” com que o epistológrafo se dirige ao amigo e em oposição a outros tipos de escrita epistolar, como as de tom solene por exemplo (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 40). Não se trata, no caso, do caráter ostensivo ou coletivo que algumas cartas familiares podem apresentar.

⁸ MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n.1, jan. / mar. 2007. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>> Acesso em: 09 maio 2015.

1.1 Antes de “deitar fora a tanga”: entre 1911 e 1914 em Palmeira dos Índios

“Se resolveres deitar fora a tanga, se arribares para essas bandas onde dizem que há gente civilizada, não me escrevas um cartão, que te não hei de responder palavra. Eu não escreverei nunca a um sujeito que trabalhe em um jornal do Rio de Janeiro. Sabes por quê? Porque vendo chita na Palmeira dos Índios.”

(Graciliano Ramos em carta ao amigo Joaquim Pinto)

Em agosto de 1914, Graciliano Ramos viajou com Joaquim Pinto em direção à então capital federal, onde já estavam os irmãos do segundo, Rodolfo e Pedro⁹, principiando no jornalismo. A decisão sobre a partida, comunicada em carta do mesmo ano¹⁰, parecia percorrer as linhas de outras conversas, quando o epistológrafo esboçava insatisfação no tocante ao afastamento da cidade do interior de Alagoas, Palmeira dos Índios¹¹, da movimentação literária, conforme ilustram passagens assim: “Isto por aqui está cada vez mais pau” (RAMOS, 2011, p. 31), “Não me admirei de teus versos serem transcritos em revistas do Rio. Se me não engano, aconselhei-te mesmo que os mandasse ao *Figaro* ou a qualquer folha dessas que se publicam nos lugares onde há civilização, segundo ouço dizer vagamente” (RAMOS, 2011, p. 32) e “Tenho a vaga esperança de abandonar esta *porcaria*. E pergunto a mim mesmo que é que vou fazer” (RAMOS, 2001, p. 35). O que fez foi tentar o primeiro, breve e espontâneo abandono, mas não sem deixar registros de antes disso.

⁹Conforme Dênis de Moraes (2012, p. 67), foi durante a direção de Pedro Motta Lima no *Jornal do Brasil* e no *A Esquerda* que os relatórios de prestação de contas de Graciliano Ramos, quando prefeito de Palmeira dos Índios, repercutiram no Rio de Janeiro próximo a 1930.

¹⁰ O assunto da viagem foi levantado em uma carta iniciada em 20/06/1914 e terminada em 21/06/1914. A seguir, os trechos correspondentes à questão e à decisão: “[...] têm-me dito ultimamente que vais para o Rio. É verdade? Se é verdade, fazes um grande mal. Eu não me conformarei nunca com a libertação de um forçado que vivia comigo, no mesmo banho, preso a mesma grilheta. Fica prevenido. /Se resolveres deitar fora a tanga, se arribares para essas bandas onde dizem que há gente civilizada, não me escrevas um cartão, que te não hei de responder palavra. Eu não escreverei nunca a um sujeito que trabalhe em um jornal do Rio de Janeiro. Sabes por quê? Porque vendo chita na Palmeira dos Índios. [...]”; “Terminei esta carta ontem e vou metê-la hoje na agência. Ontem durante o dia e durante a noite, tomei uma grande resolução. Parece-me que vou para o Rio. Queres ir comigo? Se estás firme em teu propósito de *azular* e se te não desagrada a companhia deste selvagem da Palmeira, podemos cavar a vida juntos.” (RAMOS, 2015, p. 36-37).

¹¹ Antes da mudança para Palmeira dos Índios, em 1910, Graciliano Ramos e sua família haviam passado, mais recentemente, por Viçosa e Maceió.

Há oito cartas anteriores à partida, a mais antiga datada de 27 de outubro de 1911, a última, extensa, de 21 de junho de 1914. Na primeira delas, já se vê a referida notação do isolamento, compreendido em uma situação como involuntário e em outra como desejado, e, nos dois modos, apreende-se uma margem ocupada pelo redator, margem de um espaço que ele buscava integrar e de que tentou participar enviando colaborações a periódicos— certamente as tolices de que reclamava o pai¹² —e embarcando rumo ao Rio de Janeiro, centro irradiador cultural a que se apresentava como um “selvagem” disposto a experimentar novas vestes, além da tanga: indicadora de oposições (selvagem e civilizado)¹³ muito dependentes do local de onde se vinha ou que se ocupava.

Sobre essa primeira questão, diferente do que pode sugerir, ela não implica na fixação do centro sobre a margem em um vínculo tão só de subordinação. Os acentos irônicos e jocosos nos textos de GR ao amigos são indícios disso. Na carta citada no intertítulo há: “se arribares para essas bandas *onde dizem que há gente civilizada*, não me escrevas um cartão” (RAMOS, 2015, p. 36-37, grifos nossos) e neste trecho, também já reproduzido, encontramos: “[...] nos lugares onde há civilização, *segundo ouço dizer vagamente*” (RAMOS, 2011, p. 32, grifos nossos). Tanto em um quanto no outro não há garantias. A indefinição do sujeito que diz descredita, em certo aspecto, a afirmação de que no Rio houvesse um estado de adiantado desenvolvimento intelectual, cultural e tecnológico, algo que confere propriedade de boato à informação. Da mesma forma funciona a imprecisão de ouvir dizer algo e ainda “vagamente”.

Coincidentemente ou não, a figura do selvagem – em acepções disfóricas – em conflito com a figura do civilizado – igualmente destituído de idealizações – seria muito presente na obra de GR. Em suas composições, não se percebe a existência da sobrevalorização de nenhuma dessas partes, o que se apreende é a recusa a estereótipos, a classificações redutoras. As narrativas expõem protagonistas correspondentes à figura do “fracassado”¹⁴, ou selvagem, em seu entendimento agreste, em conflito com o instruído, com

¹² Em carta de 18 de fevereiro de 1914, Graciliano Ramos escreveu como adendo: “O velho Sebastião como um Cérbero anda a me vigiar. Tem uma raiva desesperada das tolices que eu faço. Eu finjo que não entendo. [...]” (RAMOS, 2011, p. 28). Sebastião Ramos de Oliveira era pai do escritor.

¹³ Devo a indicação do tratamento dessa questão, civilização e barbárie, bem como as referências que a exemplificam, à Ieda Lebensztayn.

¹⁴ Em *Uma história do romance de 30*, Luís Bueno cita um artigo de Mário de Andrade para a coluna “Vida Literária”, publicado no *Diário de Notícias* em 1940. Nesse texto, o modernista nota a fixação da personagem do fracassado na literatura brasileira, relacionando-a à visão de nacionalidade incorporada e difundida pelo romance de 1930: derrotista. Em Graciliano Ramos, compreende-se que essa figura seja equivalente a do “selvagem”, porque de origem diversa (no sentido de procedência ou proveniência de um determinado grupo) e porque não vitorioso, com exceção de João Valério que, entretanto, saiu vencedor sem que disso dependesse a sua ação (BUENO, 2015, p. 74-80).

o rico, com o prestigiado socialmente. E há ocorrências em que aindiferenciação entre esses polos prevalece, no sentido de um integrar o outro e vice-versa.

João Valério, em *Caetés*, é consumido pelos próprios instintos. No último capítulo do romance inaugural, esse narrador-personagem faz-se este questionamento: “Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora?” (RAMOS, s.d., p. 229). Paulo Honório, de *São Bernardo*, sente-se bruto frente a personagens como Madalena. Em uma passagem conclusiva da narrativa, declarou: “Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos” (RAMOS, 2012, p. 217), e ele também o fora. Sobre os “cambembes” de sua propriedade, confessou: “Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou” (RAMOS, 2012, p. 220). No primeiro, a civilização é a barbárie polida, no segundo, uma posição social alcançada a custo de violências. Os conflitos marcam a coexistência das contradições e por isso a quebra de compreensões generalizadas.

Em *Angústia* não é diferente. Luís da Silva tem como antagonista o rico Julião Tavares. Fabiano é um cabra, um cabra que contradiz o lugar-comum ao refletir e ao não agir de forma violenta no encontro com o soldado amarelo; o narrador de *Infância*, o menino calado que se enlameava no quintal, encontra refúgio nos livros do tabelião Jerônimo Barreto. E relações semelhantes a essas são encontradas em diversos gêneros, como nas cartas, nos artigos e entrevistas, uma possível marca de um perfil criativo esboçado na juventude e também na maturidade, com outras nuances, relacionadas, crê-se, ao sentimento de pertencimento e afirmação da região Nordeste nos romances de 1930 e à tendência ao tratamento das complexidades humanas por meio de suas personagens.

Além desses primeiros traços concernentes aos lugares com maior ou menor prestígio intelectual e cultural, retomados pelos modernistas e regionalistas, as cartas da juventude revelam outro posicionamento crítico. A que abre o conjunto de textos ao amigo toca especialmente na matéria focalizada nesta leitura, a que analisa as relações, convergentes e divergentes, existentes entre o escritor e as bases estéticas remanescentes nas primeiras décadas do século XX. Na juventude, Graciliano Ramos revelou esses pilares explicita e conscientemente, mas, quando não o fez dessa maneira, deixou-os dispostos em seu discurso, no caso, no segmento relativo a uma possível publicação do amigo Pinto e em uma menção ao seu próprio trabalho. Vejamos:

[...]

Li no *Jornal de Alagoas* as penitências de um tal Rui d’Alcântara, um indivíduo que, sofrendo uma violenta crise de caiporismo, escapou de comer *cuscuz* com cabelos e de tomar café pelo bico de um bule, um pobre-diabo que viu *estrelas* em uma noite tempestuosa de junho. Hás de dizer que não vem a propósito falar aqui

no caiporismo do Rui; mas sempre desejo saber se conheces alguma coisa a respeito desse teu conterrâneo, esse tipo que parece aparentado com o nosso ex-embaixador em Haia¹⁵ e com S. M. D. Pedro Banana, que o diabo tenha debaixo de sua santa guarda. Creio que esse Rui d'Alcântara é um falsário, um indivíduo que, antigamente, com o nome de Aníbal não sei de quê – uma mistura de italiano com espanhol –, andou viajando pelos Andes, pendurado nas garras de uma águia. Mas o Alcântara foi mais infeliz que o Aníbal, porque ao menos este não passou um dia sem comer. Também cabelo não é lá muito bom alimento, principalmente para um pobre de Cristo que passa uma horrível noite de penitência, em risco de morrer afogado, vendo uma coisa que ninguém nunca viu – uma trovoadas em junho. Dize ao Rui, se o conheceres, que Santo Antônio é muito nervoso e tem um medo danado de relâmpagos e trovões. Mas deixemos em paz o Alcântara (cujo trabalho agradou-me, tirando-lhe os trovões, é claro) e falemos de outras coisas, de coisas secundárias.

Que é feito da Argos¹⁶?

Não admires minha ignorância a tal respeito, que aqui vivo absolutamente isolado.

Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível. Eu tenho sido caipora, porque tudo quanto produzo é miseravelmente assassinado pelos senhores tipógrafos. Apenas um dos meus trabalhos, uma coisa parecida com juízo crítico sobre o *Il cacciato redismaraldi*, de Carlo Parlagreco, teve poucos erros, malgrado ter sido estragado um trocadilho com que eu fechava o *troço*. Eu escrevi: “Se o senhor Carlo *parla greco*”, saiu publicado: “Se o senhor Carlo *parla grego*”. Ora não há *grego* em italiano – há *greco*. Demais o Sr. Carlo é Parlagreco e não gosta que lhe mudem o nome, como disse Eça de Queiroz.

Aí está, meu Pinto velho dos pés compridos. Eu sou um mártir dos revisores e dos tipógrafos. Em dois sonetos meus houve estas encantadoras trocas: *pranto* em vez de *ponto*, *triste* em lugar de *tonto*, *bramido* por *brunido*. É verdade que *bramido* e *brunido* são quase a mesma coisa – quase não houve alteração. Outro assunto. Creio que, para o ano vindouro, ainda irei passar uns dois meses no sertão. Queres ir comigo? São dois meses de vida turca. Poderás, à vontade, falar sobre história... de Mil e uma noites, Contos da carochinha, etc. Ainda estás muito pegado às lendas? [...] (RAMOS, 2015, p. 14-16).

Nessa comunicação e nas demais, os esteios literários fazem-se perceber notadamente a partir de comentários sobre as composições do interlocutor, ação que ocorre de forma direta ou diluída em apontamentos elogiosos, bem humorados ou especificados como desinteressados no sentido da contribuição criativa¹⁷, possivelmente pelo emissor não se considerar em posição para tal, tendo em vista a percepção desprivilegiada de seu lugar de fala, ou simplesmente com o fim de exprimir diligência com os objetos em discussão.

A passagem iniciada em “Li no *Jornal de Alagoas* as penitências de um tal Rui d'Alcântara [...]” destaca-se nesses sentidos, por ser uma contribuição ou avaliação indireta, a revelar mais daquele que escreve do que daquele para ou sobre o qual se escreve. No trecho salientado, entende-se que Graciliano Ramos se reporta a um texto talvez de autoria do amigo,

¹⁵ Referência a Rui Barbosa, embaixador extraordinário e delegado do Brasil em Haia, Holanda, na 2ª Conferência da Paz, em 1907.

¹⁶ Possível menção à revista literária *Argos*, de Maceió, fundada pelo historiador, professor, escritor e jornalista alagoano Moreno Brandão.

¹⁷ Como se observa em carta de 18 de fevereiro de 1914: “[...] Não seria melhor mudares aquele *doux* do primeiro verso da última estância? ‘... *si doux d’entendre*. Não é uma observação. Deus me livre de pensar em tal. Já disse que achei o soneto magnífico. [...]” (RAMOS, 2011, p. 26).

assinado com o pseudônimo de Rui d'Alcântara¹⁸. Não são transmitidas, aí, propostas para modificação da obra, já acabada, todavia, há ressalvas denotando incongruências na produção no tocante às leis da natureza, portanto um referente extraliterário.

Tal fato é notado quando, ao referir-se à má sorte, ou “caiporismo”, do “pobre-diabo” — a que compara figuras reais como Rui Barbosa¹⁹ e presumivelmente D. Pedro II —, o jovem remetente cita três vezes o mau tempo: “um pobre-diabo que viu *estrelas* em uma noite tempestuosa de junho” (1), “Também cabelo não é lá muito bom alimento, principalmente para um pobre de Cristo que passa uma horrível noite de penitência, em risco de morrer afogado, vendo uma coisa que ninguém nunca viu — uma trovoadas em junho” (2), e “Mas deixemos em paz o Alcântara (cujo trabalho agradou-me, tirando-lhe os trovões, é claro)” (3).

Na segunda e terceira menções, está a percepção do desajuste, que, para isso, deveria observar a definição de um “onde” e “quando”, procedimento realizado parcialmente na primeira e segunda ocorrências, em que um período é marcado (junho) e, ao que parece, lido a partir de uma perspectiva discordante dos indicativos climáticos: “céu estrelado”, “noite tempestuosa”, trovões”, estas duas últimas “coisa[s] que ninguém nunca viu” nessa época do ano²⁰.

Apesar da salientada desarmonia, a publicação agrada e dá sinais de apresentar traços que convinham ao gosto: “Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível”. Com essa colocação, tem-se um indício de proximidade avaliativa ao Realismo, enquanto escola literária pós-romântica, e o afastamento do que dele foge: o ilógico ou desconexo, a que se poderia aligar, pela conjuntura, às manifestações simbolistas de havia pouco.

O emprego do advérbio denotando a satisfação (“finalmente”) e da adversativa manifestando a reserva (“mas”) encaminha tal compreensão em direção à preferência pela verossimilhança, e baseada no extraliterário, porque nele tendo seu parâmetro de avaliação, semelhante à inclinação cultivada pela crítica recente (de finais do XIX e cultivada

¹⁸ Adotar pseudônimos para as colaborações literárias parecia ser comum entre os amigos. Graciliano Ramos assinou com alguns, como “S. de Almeida Cunha, Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha e Soeiro Lobato” (MORAES, Dênis de. *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo, Boitempo, 2012, p. 33).

¹⁹ Havia pouco derrotado nas eleições presidenciais pelo marechal Hermes da Fonseca, que saíra candidato com o apoio dos militares e dos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Apesar de possuir base política na oligarquia paulista, a campanha de Rui Barbosa se apresentou “como a luta da inteligência pelas liberdades públicas, pela cultura, pelas tradições liberais, contra o Brasil inculto, oligárquico e autoritário”, sendo por isso a vitória de Hermes da Fonseca motivo de “grandes desilusões na restrita intelectualidade da época”. (FAUSTO, Boris, 1995, p. 271).

²⁰ Cabe incluir que, caso Graciliano Ramos estivesse analisando o texto do amigo sob o referente factual (como já se registrou e se verá na carta de 13/04/1914, e no que se lê uma concepção personalista da arte), seria de fato improvável conceber trovoadas em junho no clima semiárido do agreste nordestino, onde os dois amigos estavam situados, um em Palmeira dos Índios e o outro em Viçosa (AL).

nos decênios seguintes), que “havia desenvolvido e apurado a tendência principal do nosso pensamento crítico, isto é, o que se poderia chamar a *crítica nacionalista*, de origem romântica” (CANDIDO, 1980, p. 115, grifos do autor), e nacionalista no sentido da valorização do autor e obra “por meio do grau maior ou menor com que exprimia a terra e a sociedade brasileira” (CANDIDO, 1980, p. 116), ou seja, o externo imediato, mas não mais idealizado, fixação que Flora Süssekind (1984) associará à busca pela identidade nacional/literária.

Embora com início marcado fazia mais de três décadas, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880 em folhetim e 1881 em livro), de Machado de Assis, e de *O Mulato* (1880), de Aluísio Azevedo, e embora ainda tenha enfrentado a reação subjetivista mais para o final do século, com os livros de Cruz e Sousa, a estética de matriz europeia teimava nas letras nacionais. No período de escrita da carta, vigorava, de acordo com Antonio Candido, uma “literatura de permanência”, que conservava e elaborava “os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos” (1980, p. 113). Imerso nesse contexto, o epistológrafo demonstrava ter com ele, nessa altura, um diálogo congruente, mas que não se reduziu todo às correspondências com os seus pressupostos artísticos, como se irá notar.

Prevalece, por hora, a correlação harmoniosa, pois, de acordo com Alfredo Bosi, o “distanciamento do fulcro subjetivo”, a partir da atenção ao mundo exterior e do estabelecimento de uma coerência com ele, é uma marca do pensamento realista, voltado às leis naturais (2015, p. 178). No comentário ao amigo, não é natural, ou logicamente explicável, a combinação realizada entre o tempo cronológico e o climatológico, daí os apontamentos insistentes, os três em um mesmo parágrafo, ainda que com considerável acento de pilhéria, condizente e corrente nas cartas ao amigo.

As concepções daí apreendidas, fortes no século anterior mas naquela altura ainda presentes, foram aplicadas nesse caso por GR enquanto leitor, e existem evidências de que elas serviram igualmente na escolha de seus paradigmas e em seu processo de criação, na época voltado aos versos.

No que se refere ao primeiro aspecto, pode-se citar uma entrevista realizada pelo *Jornal de Alagoas* em 1910 e reunida no volume *Conversas* (2014). Nela, GR, como literato de sua região²¹, apresentou suas primeiras leituras, referências e inclinações. Iniciado em José de Alencar, admirava deste, em *O guarani*, “as bonitas descrições, a linguagem atraente”, “os

²¹ Até 1910, o jovem já havia contribuído com sonetos para a revista carioca *O Malho* e para o *Jornal de Alagoas*.

lances de fidelidade e de amor platônico de um índio, sentimentos impossíveis entre nossos selvagens, homens desconfiados e lúbricos, segundo a opinião de Southey, Léry²²etc” (2014, p. 51-52), mas na época recebidos como verossímeis: “talvez porque eu fosse demasiado ingênuo, aquele enredo intrincado e belo parecia-me a coisa mais real possível, que naquele tempo eu ainda não conhecia o que há de podre pelo mundo afora” (2014, p. 52), acrescentou justificando, com as bases históricas (“Southey” e “Lery”) e com a ingenuidade, o porquê da apreciação de tal obra romântica, uma espécie de resguardo a um possível ataque por essa confissão, na qual, como preservação a mais, salienta o valor do tempo quando ele nem sequer havia entrado em pauta da forma como se apresentava então: o gosto pelo real e seu transporte para a literatura.

Perguntado sobre o autor que predominou em sua formação literária, na mesma ocasião, respondeu que aquele que poderia influenciá-lo, caso abraçasse essa arte, seria Aluísio Azevedo, e por quê? “Porque é o mais sincero de quantos manejam a pena em nosso país; porque, afrontando uma sociedade atrasada e uma imprensa parcial e injusta, teve forças para derribar o romantismo caduco; porque em sua vasta obra e fecunda existe o que há de mais verdadeiro e mais simples.” (RAMOS, 2014, p. 51-52). Atrás, um encadeamento de motivos que se contrapõem aos elementos enumerados em Alencar.

Nesses argumentos eloquentes e reivindicatórios, soa, como na carta, a necessidade do vínculo com a realidade como critério de valor. A referência a Silvio Romero como “melhor crítico brasileiro”, nessa mesma entrevista (2014, p. 56), corrobora a orientação avaliativa nacional que conferia maior peso e prestígio às relações extraliterárias. Reforçando o coro da objetividade, o entrevistado ainda justapôs ao nome de Aluísio Azevedo o de Adolfo Caminha, com seu “realismo nu”, e o de Eça de Queirós, com sua “linguagem sarcástica”.

No âmbito lírico, apesar de preferir a prosa a este gênero²³, citou a admiração pelos “versos verdadeiramente artísticos de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Luís Murat, Luiz Guimarães etc” (2014, p. 52), relação coesa como seu processo criativo, em que se vislumbra, a partir de outro ângulo, a cosmovisão da “literatura de permanência”.

Quanto a esse segundo aspecto, o da criação, a citada carta traz igualmente informações, com referência a um juízo crítico “sobre o *Il cacciatore dismeraldi*, de Carlo

²² Com esses nomes, vê-se a referência histórica-documental fornecendo fundamento para a avaliação literária, própria do tempo.

²³ Em um trecho da declaração ao periódico alagoano, ressaltou: “Repito, porém, que prefiro a prosa ao verso. / Se tenho feito alguns trabalhos poéticos, esquecendo a prosa — por que não confessá-lo? —, é porque não tenho talento para cultivar a escola que prefiro: a escola realista.” (RAMOS, 2014, p. 53).

Parlagreco”²⁴ —tradução italiana de *O caçador de esmeraldas*²⁵ (1902), de Olavo Bilac (1865-1918), um dos principais poetas parnasianos. Sobre essa obra, de que se presume a leitura em virtude da análise, “o juízo crítico”, pode-se inferi-la como modelo tendo em vista as correspondências técnicas existentes entre ela e as composições líricas de GR na juventude.

Esse fato, assim como o “finalmente, creio que cultivas o realismo”, expõe abase marcada pela tendência estética pautada na objetividade,poiso Realismo, conforme Bosi,se tinge “de *naturalismo*, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’, que a ciência da época julgava ter codificado” ou se diz “*parnasiano*, na poesia, à medida que se esgotar no louvor do verso tecnicamente perfeito” (2015, p. 178).

Pode-se perceber concretamente a ligaçãoocriativa por meio de alguns exemplos. Um deles é “O alchimista”, poema de GR publicado em 12 de agosto de 1910 no periódico *Gutenberg*, de Maceió, sob o pseudônimo de Soeiro Lobato.

Dentro em meu peito existe um mísero alquimista
Pobre velho idiota, um químico demente
Que outrora andou nutrindo esta ideia egoísta,
Esta ideia imprudente:

Pensou consigo mesmo, em seu triste bestunto,
Fazer brotar o amor em meu gelado peito...
(O amor! um sentimento há muito já defunto,
Um sonho já desfeito!)

E pôs-se a misturar, contra minha vontade,
Fantasias pueris, ilusões tristes, meras
Recordações de outrora, um pouco de saudade
E umas velhas quimeras.

E o produto final d’esta estranha mistura
Pôs o velho alquimista à ação de um poderoso
Forno rubro ao calor da seiva ardente e impura
De um sangue venenoso.

Mas a força brutal da fornalha candente,
O possante calor do grande forno ateado
Queimou tudo, e afinal apareceu somente
Um resíduo apagado.

E – que desilusão! triste esperança morta! –
Foi assim que, a chorar seu fanado idealismo,
O químico entreviu no fundo da retorta
O negro ceticismo.

Hoje o pobre caduco é inteiramente louco...

²⁴ A tradução dessa obra para o italiano foi realizada por Carlo Parlagreco e publicada em 1908.

²⁵ Poema narrativo de viés épico, conta, nos moldes parnasianos, os feitos e morte de Fernão Dias Pais Leme durante a maior bandeira empreendida no Brasil entre 1674 e 1681. Essa obra encontra-se disponível no Portal Domínio Público neste endereço: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17311>.

Qualquer coisa o indispõe, qualquer coisa o enfurece.
 Porém, findado a crise, ele vai, pouco a pouco,
 Acalmando, e adormece.

Muitas vezes imerge em pesadelo enorme,
 Outras vezes acorda a chorar, a chorar.
 Mas... não façam rumor, que o alquimista dorme
 E pode despertar.²⁶

Nesse texto, a técnica coesa, constituída por estrofes com três versos alexandrinos franceses clássicos (com acentuação na 6ª e 12ª sílabas) e um verso hexassílabo com acentuação alternada entre as estâncias (3ª e 6ª sílabas e 2ª e 6ª sílabas), é conjugada a noções que se opõem e sobrepõem: a figura do alquimista, conhecida pela busca falida por transformar metais em ouro, e o ceticismo, no sentido de disposição à dúvida. Este mais forte em relação às “quimeras” (“fantasias”, “ilusões”, “recordações de outrora”) que a alquimia desejava resgatar, embora não de todo seguro, já que “o alquimista dorme / E pode despertar”.

Em tal composição e contraposição, vislumbra-se uma temática racional (em oposição ao “idealismo”), a predisposição para o agora (em oposição ao retorno às lembranças, inalteráveis, e às ilusões, inalcançáveis), e uma precisão estrutural. Tais aspectos, somados, representam a objetividade científica e estética residuais, evidentes numa inclinação à conjugação de valores que, categorizados, por vezes parecem²⁷ também contrastar: as normativas clássicas de composição, próprias do parnasianismo, e um argumento próximo ao tempo e ideologia vigentes, fixados na reportação da “verdade”.

Exemplar desse fundamento tanto no nível ideológico quanto no estético²⁸ é também outro poema assinado por Soeiro Lobato, “Velhas Páginas”, publicado em *O Malho* (RJ) no ano seguinte (1911). Nele, percebe-se certa semelhança com os procedimentos criativos observados nas considerações da carta de 27 de outubro de 1911 e na dualidade identificada em “O alchimista”, nos dois casos no sentido da organização técnica e do conteúdo, mas com a diferença de que nesta outra criação há um certo tom denotando ironia por parte do colaborador, como se este quisesse, com isso, evidenciar a sua construção dentro dos parâmetros louvados na época.

Maio varria o campo, enfeitava as florestas

²⁶ LOBATO, Soeiro. “O alchimista”. **Gutenberg**, Maceió, 12 ago. 1910. Primeiros voos. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/809250/11021>> Acesso em 30 nov. 2017.

²⁷ A lógica empregada na estética do poema parnasiano, com a metrificação rigorosa, aproxima-se à prosa naturalista a partir da objetividade que ambas as manifestações intencionaram transmitir, esta com o cientificismo e aquela com a forma.

²⁸ Na descrição de Alfredo Bosi, o nível ideológico corresponde à “esfera de explicação do real, a certeza subjacente de um Fado irreversível” que se cristaliza “no *determinismo* (da raça, do meio, do temperamento...)”; já no nível estético, “em que o próprio ato de escrever é o reconhecimento implícito de uma faixa de liberdade, resta ao escritor a religião a forma, a arte pela arte, que daria afinal um sentido e um valor à sua existência cercada por todos os lados” (2015, p. 178).

Engrinaldando a serra e os montes perfumando,
Quando eu senti no peito as agudas arestas,
D'este amor insensato a minh'alma rasgando.

Em volta a primavera, a sacudir o pando
Véu das ramagens, doida, a celebrar as festas
Do amor, descolorava o odorífero bando
De violetas gracis, de dalias e giestas.

Eu te amei, tu me amaste, ambos nós loucamente:
— Eu mostrando o fervor de uma alma rude e austera,
— Tu, a ardência febril de um coração ardente.

E o nosso amor cresceu ao perpassar da calma
Estação, a caçar à luz da primavera
O róseo despontar da primavera d'alma.²⁹

Dos pontos em comum, ressalta-se, primeiro, a forma fixa, soneto com versos alexandrinos franceses clássicos, tal qual em “O alchimista”, e, segundo, a evidente marcação do tempo, “maio” e “primavera”, à semelhança do destacado na carta, e aqui igualmente discorda de uma perspectiva que pretendesse adotar o clima nacional e agreste como referente extratextual, porém, diferente do que parece ocorrer nas *penitências de Rui d'Alcântara*, existe uma coerência com o todo da composição.

Em “Velhas Páginas”, o eu lírico estabelece uma referência diferente das estações do ano, uma com características europeias e mais particularmente portuguesas, fazendo-se “possível” a partir de alguns detalhes, a saber: a construção linguística, com ocorrências de gerúndio ao modo brasileiro e de seu correspondente no português europeu: infinitivo precedido de preposição “a”; a localização e datação do poema: “Porto, 1900”; e uma nota da redação que acompanha o texto ao pé da página: “Manuel Maria Soeiro Lobato, brasileiro, nosso amigo, residente em Viçosa — Estado de Minas — e que, por muito tempo, residiu também em Portugal”. Aqui, a nacionalidade brasileira poderia explicar a mistura de construções sintáticas tipicamente nacionais e portuguesas, assim como a troca com as “Viçosas” talvez pretendesse evidenciar igualmente a mudança do referencial ou a radicalização da fixação das normativas do tempo, a que, embora com demonstrativos de alinhamento, GR indicam guardar reservas.

Em “Literatura e vida social”, Antonio Candido ilustrou, com as palavras do crítico francês Charles Augustin Sainte-Beuve, como se dão as relações entre o artista e o meio, desta forma: “O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única, tem o seu núcleo e o seu órgão, através do

²⁹LOBATO, Soeiro. “Velhas Páginas”. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 434, 07jan. 1911. Disponível em: <<http://omalho.casarui Barbosa.gov.br/revista.asp?rev=434&ano=1911>> Acesso em 30 nov. 2017. O trecho transcrito corresponde à primeira de quatro partes da composição.

qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade”³⁰. No caso em análise, as transformações não parecem tão evidentes, ao contrário, os recortes demonstram uma quase total conformidade, e nos dois níveis da expressão artística: discursivo e tangível. As singularidades no tocante ao corrente se destacarão mais adiante, quando as produções do escritor passam a ser mais difundidas.

Nas cartas ao amigo, apesar disso, existem “miúdos” que, embora assim denominados, são significativos por serem constituintes igualmente de um pilare por serem um diferencial dentro de uma tradição. Um deles se refere ao tratamento da linguagem (1), o outro, à concepção de autor na literatura (2) e outro ainda à mudança de perspectiva no pensamento realista (3), que deixaria o modelo naturalista pautado pelos estudos de temperamento para adotar as determinações das leis econômicas do país. Notemos.

Em *Tal Brasil, qual romance?* (1984), Flora Süssekind buscou analisar e explicar a inserção e recorrência da estética naturalista na literatura brasileira. De acordo com as suas considerações, a principal causa para a força e reconfiguração dessa escola, ela estrangeira, estaria na “orfandade” das letras nacionais, de que nasceu a necessidade e o esforço para fundação de uma literatura própria, que se construiria, entre outros elementos, a partir de uma linguagem que traduzisse o país. Conforme a autora, da linguagem, esperava-se que restabelecesse simetrias, que criasse analogias, que desfizesse rupturas e diferenças, que se apagasse e funcionasse como transparência (1984, p. 34) de uma realidade. Com esse procedimento, o literário consequentemente perderia suas especificidades, ligadas às “opacidades, ambiguidades, conotações”.

Pelo caminho, que compreende o final do século XIX, a década de 1930 e os anos 70³¹, alguns escritores acabaram se diferenciando por não impulsionarem o círculo exatamente na mesma rota. Graciliano Ramos, em meio aos romances neonaturalistas, foi apontado entre essas figuras. Nas palavras de Süssekind, “repete-se o projeto estético naturalista, mas dele Graciliano Ramos retira alguns sustentáculos, como a crença numa linguagem objetiva, quase transparente, cuja ‘cópia’ da realidade nacional não pudesse sofrer a menor distorção” (1984, p. 73-74).

Tendo em vista a construção de “Velhas páginas”, a base parnasiana, que exigia extremo cuidado com a métrica e portanto um trabalho detido com a língua, acredita-se que a consciência a respeito dos citados “sustentáculos” linguísticos foi esboçada antes.

³⁰ Apud CANDIDO, 1980, p. 18.

³¹ Esses são os três momentos analisados por Flora Süssekind.

A verdade, neste período da juventude e no próximo, da maturidade, segue como valor; o verdadeiro, o objetivo são qualificações importantes, já o improvável figura até como motivo de troça, mas não sozinho, como se vê na construção extremamente coerente e por isso até irônica no último poema. Em vista disso, mais que a objetividade da referencialidade, percebe-se haver, nessas ações, uma maior preocupação com a verossimilhança, que inclui a construção ficcional da língua.

Em relação à ideia que se tem de autor, ela é, nessa altura, também um esboço, e diferencial. Em seu tangenciamento, percebe-se uma forte vinculação entre o criador e sua criação, como se nesta devessem constar traços identificadores de seu artífice, elemento que a torna possível e por isso passível de reconhecimento. Posteriormente, essa ação será atribuída à lógica econômica que conferirá autoridade à experiência.

Na penúltima carta de antes da partida, de 13 de abril de 1914, percebe-se mais claramente essa concepção personalista, presente também no poema do *Malho* e divisada nos comentários sobre as penitências de um tal Rui d'Alcantara. Antes da transcrição do trecho correspondente, contudo, cabe uma breve contextualização: em correspondências anteriores, Graciliano Ramos abordou com o amigo um quase romance que este travara com uma jovem de Palmeira dos Índios, nada realizado, nada além da troca de olhares e sorrisos, nada além de alguns sonetos; sobre um desses, e fazendo referência à relação não concretizada, o então jovem comerciante enviou:

Palmeira, 13 de abril de 1914. Pinto: Reconheço que tenho sido sofrivelmente bruto em não te haver respondido ainda as duas últimas cartas que me mandaste. Economia de tempo, de papel, de trabalho: preguiça.

Sinto-me incapaz de escrever. Queres crer que a última coisa que me saiu da cabeça foi aquele pobre *Estrelas*? Abandonei o *Sudra*, faz mais de um mês que não olho para ele. E já estavam escritas cento e cinquenta tiras. Não posso fazer nada: sinto-me mais bruto que de ordinário. E tu, que tens feito? Como vais? Quanto soneto já fizeste depois de *Mirage*? Parlapatão! Mentiroso! *Passeios, beijos, palavras açucaradas...* Patife! Tu algum dia passeaste com ela, safado? Algum dia beijaste a moça? Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito. Detesto semelhante gente. Quero acreditar que para o futuro serás menos mentiroso.

A rapariga do *Mirage*, a dos *passeios*, dos *beijos*, das *palavras doces*, manda-te lembranças. Tive vontade de traduzir o teu soneto diante dela. Mas depois pensei... Não, era uma tolice. Se ela soubesse que tu tinhas dito que a tinhas beijado, mandava-te às favas. É uma grande coisa a gente escrever versos em francês...[...]. (RAMOS, 2011, p. 29-30, grifos do autor).

Na colocação, a “arte pela arte” não é o critério de nota. Não é a linguagem em xeque, é o que ela transmite a partir de quem (“Tu algum dia passeaste com ela, safado? Algum dia beijaste a moça? Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito”). A desaprovação, ainda que em um contexto de intimidade e liberdade, poderia sertão só uma brincadeira entre amigos, todavia, registra um aspecto que irá ainda se configurar, a

propriedade da obra de reportar-se ao horizonte extratextual, lugar em que aquela devia encontrar suas justificativas, e ao seu autor, fundamento de reconhecimento pela proximidade que tem em relação à sua obra.

Ao apontar a mentira em “Quero acreditar que para o futuro serás menos mentiroso”, o epistológrafo leva em consideração a factualidade, plano que, para ele, deveria ser o mesmo dos sucessos narrados. Para o remetente, o soneto torna-se inverossímil, pois não corresponde à figura a ele atribuída ou aos eventosem que supostamente estava baseado.

Nessa estreita relação entre autor e verso, pode-se até verificar, muito controversamente, um elemento constituinte da verossimilhança, porque o escrito teria sido supostamente vivido, verdadeiro, perspectiva indicadora do cultivo de uma tradição literária que preza pela “unidade entre as obras e entre a obra e vida” do autor, relação em que uma precisa “refletir-se na outra” (SÜSSEKIND, 1984, p. 30), novamente uma marca da crítica que se conservava e iria mais adiante.

A esse ponto, pode-se ligar a mudança da orientação realista das primeiras manifestações, pois, nesse sentido que une autor e obra, não deixa de estar o afastamento das ciências naturais e a aproximação ao sujeito subjetivo e social porque envolvido, de alguma maneira, nas ações, ponto de vista mais presente nos romances e na crítica “econômica”, e singularmente nas obras do escritor alagoano.

As referências a leituras e atividades literárias, em carta de 08 de fevereiro de 1914, contêm vestígios que reforçam o seguimento do paradigma realista mas ao mesmo tempo a sua mudança de foco em direção às ciências sociais, concordante com as percepções de reconfiguração analisadas por Sússekink e interferente na recepção de outras obras não subordinadas a exportação do real para ficção.

Palmeira, 8 de fevereiro de 1914. Pinto: Recebi a primeira carta da correspondência francesa e traduzi-a com facilidade. Não falei sobre ela no que te escrevi por uma razão muito simples – não a tinha recebido ainda. Fiquei satisfeito ao saber que continuas a fustigar o quengo e a arrancar dele várias coisas aproveitáveis. Já se vê que não me refiro aos alexandrinos sem sentido que mandante ao *Malho*. Achei a carta do Japuru³² interessante, magnífica, cheia de uma seriedade idiota de indivíduo que tem muita certeza de estar fazendo coisa boa. Fiz a tradução do *Désillusion*, mas não me parece ainda apresentável. Vou modificar alguns versos, transformar a primeira estância, ver se posso fazer um trabalho digno do original. Se não tens muita pressa, posso passar com ele mais alguns dias. Agora estou numa quadra de estupidez medonha. Faz quase duas semanas que não faço nada – nunca estive tão burro. Coisa alguma pode deter meu pensamento diante da tira de papel. Agora mesmo, enquanto te estou a escrever, a pena para sem que eu o perceba, minha imaginação vai se ausentando pouco a pouco, atravessa o Quadro, desce, mete-se pela Rua de Baixo e põe-se a doidejar por aqui, por ali. Não há nada que a possa deter. Tenho raiva. Que fazer? Sei lá. [...] Admirei-me de não teres feito mais que concluir o *Désillusion*. E dizem por aí que essas coisas inspiram. Inspiram

³² Possível referência ao pseudônimo utilizado por Joaquim Pinto, Policarpo Japuru.

mágoas, pesares... Espero que me mandes em breve uma chusma de sonetos. Aproveita esse bando de saudades que se agitam em teu espírito – o Natal, a festa de Palmeira de Fora, as novenas, aqueles olhares de carvão em brasa, a janela ao sol, o *Questa o quella*... Tu me prometeste versos, muitos versos. Eu não os posso fazer. Já é um prazer ler os teus. Estou infecundo. Aquele monte que nós víamos do oitão da igreja, ao longe, azul, doirado pelo sol da tarde, não é o Parnaso, com certeza. Que vida levas tu aí? Sais, estudas, escreves, tomas banho no Paraíba, jogas bilhar? Eu não faço nada. Comecei a ler a *Origem das espécies*, *O capital*, *A adega*, *Napoleão – o pequeno*, *A campanha da Rússia*, uma infinidade de gramáticas e outras cacetadas. De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas. Esquecia-me de dizer-te que li diante de tua Déa a tradução que fiz do teu soneto. Bom, muito bom, achou tudo muito bonito. Não tenho mais assunto. O resto fica para outra vez. Escreve-me sempre. [...]. (RAMOS, 2015, p. 23-25).

Nota-se acima que a atração pelos versos permanece, ainda que com o fim de manter o diálogo demonstrando atenção aos interesses do destinatário, isso tendo em vista os elogios ao modo do redator (as “coisas aproveitáveis”, “um trabalho digno do original”, “Já é um prazer ler os teus”), a confissão da improdutividade para o gênero (“Eu não posso fazer”, “Estou infecundo”) e o que parece ser um desencanto com a veia parnasiana a que os sonetos se ligavam (“Aquele monte que nós víamos do oitão da igreja, ao longe, azul, doirado pelo sol da tarde, não é o Parnaso, com certeza”), situação relacionada, quiçá, à dificuldade de conjugar as novas orientações estéticas e ideológicas ao que compunha: “Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito. Detesto semelhante gente”.

É possível, assim, que tais vestígios sirvam para demonstrar o desgosto de Graciliano Ramos no tocante às matérias tratadas nas composições, distantes do real, afinal, não era o Parnaso, o monte consagrado a Apolo, mas um monte existente, concreto, tangível apenas na forma a que ligava grande importância, questão perceptível no comentário exaltado sobre o trabalho do amigo na carta de 13 de abril de 1914 e na transposição do *Désillusion*: “Fiz a tradução do *Désillusion*, mas não me parece ainda apresentável. Vou modificar alguns versos, transformar a primeira estância, ver se posso fazer um trabalho digno do original”.

Com a informação das leituras a JP, alcança-se igualmente um entendimento rumo a um processo de mudança de ponto de vista. *Origem das espécies* fora recentemente lançada no Brasil (1913 Editora Lello & Irmão, 6ª. ed., com tradução do francês de Joaquim Paul³³) e serviu de pilar, ao lado da filosofia positivista, para o novo ideário de autores pós-românticos. Na época, sobre essas bases, houve um esforço, “por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde a métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século” (BOSI, 2015, p. 177). Essa descrição não chega a corresponder precisamente aos sinais coletados nas cartas,

³³ De acordo com levantamento de Cristina de Amorim Machado, professora da UEM, as primeiras traduções de *Origem das espécies* para o francês são de 1862, 1866, 1870 e 1873.

mas nela são apreendidos pontos convergentes como a preocupação com a confecção lógica do texto e recepção de seu sentido; de modo que se concebe a latência do pensamento do final do século XIX nas manifestações do literato alagoano.

O capital, de Karl Marx, já não seguiria necessariamente uma linha paralela em relação à obra anterior, tendo em vista a perspectiva social e não científica, no sentido das ciências naturais. Nesse caso, especificamente, há uma tentativa de revelar a lei econômica na sociedade moderna, e sob o ângulo do proletário e não do produtor capitalista. *A adega*, no que lhe diz respeito, é de autoria do escritor espanhol Vicente Blascolbanes, conhecido por suas narrativas regionais, sociais e como expoente do naturalismo literário na Espanha. A leitura de Victor Hugo (*Napoleão – o pequeno*) não chega a romper a afinidade com a cosmovisão realista de acento social, tendo em vista tanto o afastamento do ideal romântico quanto o teor político e histórico da obra citada³⁴. A última indicação, *A campanha da Rússia*, talvez se refira a outra obra de cunho histórico, a *Campanha de 1812 na Rússia*, do general Carl von Clausewitz, reputado estrategista militar.

Embora o epistológrafo tenha afirmado que abandonou as leituras (“De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas”), fato que não se descarta estar associado à figura desprezível veiculada na correspondência, suas escolhas podem denotar preferência na orientação de sua própria criação e avaliação, percebida em processo de combinação de valores: o clássico da forma e a atualização da matéria. Em carta posterior, de 18 de fevereiro de 1914, existe uma referência que reforça uma vez mais a dicotomia entre a tradição e a atualização.

Pinto: Recebi tua carta de 9 ontem à noite. Escrevo-te agora às 8 horas da manhã, rapidamente, para não perder o correio. Falemos intelectualmente; falemos depois *coracionalmente*. Se estivesses aqui presente, dava-te um abraço capaz de rebentar todos os teus ossos. Esse *Mirage* está delicioso – melhor, muito melhor que o primeiro. Não o mandes para o *Jornal de Alagoas* se não queres passar pela raiva de vê-lo *esculhambado*. Se lá se desgraçam até os próprios trabalhos feitos em português. Quando tiveres concluído a reforma do *Désillusion*, manda-me uma cópia. Tenho também de transformar alguns versos da tradução que fiz, mas espero que tenhas feito primeiro as modificações que desejas. Não podia ser de outra maneira. Quando viste publicado no *Malho* essa extraordinária *Cornucópia*, o fruto mais perfeito da parvoíce humana, com que cara ficaste? Puseste ao lado, na margem, um grande ponto de interrogação. E eu respondo, muito naturalmente: – Sei lá! Naturalmente, não leram a droga. Se leram, são uns burros. O Policarpo Japuru esperou pregar uma troça ao *Malho*, mas saiu logrado. Ah! V. julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo. Não seria melhor mudares aquele *douxdo* primeiro verso da última estância? “... *si doux d’entendre*”. Não é uma observação, Deus me livre de pensar em tal. Já disse que achei o soneto magnífico. Não sabia que a métrica francesa manda alternar no soneto versos graves com agudos. Eu te disse uma vez que versos agudos só eram

³⁴MARSON, Izabel Andrade. História e revolução. O dezoito Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx, e Napoleão, o pequeno, de Victor Hugo: um contraponto. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 30, dez. 2009. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2258/1351>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

aceitáveis nos tercetos. Mas eu falava sobre a poesia portuguesa, brasileira, quero dizer. Tu o poderás ver na *Versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos. [...] (RAMOS, 2015, p. 25-26).

Nas comunicações pouco espaçadas, os assuntos são muito aproximados, senão os mesmos, como os sonetos e sua métrica, mas, nesse caso em especial, em que o emissor parece fazer pouco caso de composições publicadas e ao mesmo tempo demonstra seriedade na revisão de outra do mesmo gênero (“Quando tiveres concluído a reforma do *Désillusion*, manda-me uma cópia. Tenho também de transformar alguns versos da tradução que fiz, mas espero que tenhas feito primeiro as modificações que desejas”), encontra-se uma referência de consulta, o *Tratado de Versificação*, de Olavo Bilac e Guimarães Passos, publicado em 1905, anunciador ainda de uma concepção tradicionalista de criação artística. Além desse indicativo que revela consistente base parnasiana, a menção nos deixa outro, este mais progressista.

Na primeira parte da obra dos poetas, está presente uma consideração semelhante a que esboça GR em sua carta nestes períodos: “Eu te disse uma vez que versos agudos só eram aceitáveis nos tercetos. Mas eu falava sobre a poesia portuguesa, brasileira, quero dizer”. No *Tratado*, existe a consciência da subordinação da literatura brasileira à europeia³⁵, assim como há na correção do epistológrafo — mais típica da oralidade e decerto intencionalmente registrada —, porém, de acordo com o tratado dos parnasianos, a “emancipação literária completa” brasileira foi alcançada com no Romantismo, com Alencar e Gonçalves Dias, uma interpretação divergente da que planta GR em sua irônica retificação, como se estivesse lançado, nesse entrecho, um presente ainda transportado.

Com esses demonstrativos, considera-se que o jovem literato, nessa etapa, acompanhou o seu tempo ao indicar querer “abraçar de um só golpe a literatura realista-naturalista-parnasiana” (BOSI, 2015, p. 178), mesclando o nível ideológico da cultura literária do século anterior ao nível estético, e acrescentando mais. No escritor, os valores de cada nível, complementares, não estavam dispostos de acordo com o gênero. Na disposição de seus comentários e produções, um devia carregar do outro o necessário para a fixação de dois elementos importantes: a verossimilhança e o trabalho com a linguagem, aspectos amadurecidos e mais concretos nos registros de anos seguintes.

³⁵Após versar sobre a “Escola Mineira” e sobre seu papel como um passo importante na história das letras nacionais, tem-se a seguinte avaliação: “A emancipação literária completa só veio depois, com Alencar e Gonçalves Dias; os poetas, que floresceram de 1750 a 1830, foram precursores de alto mérito, aos quais se não deve recusar agradecido louvor” (OLAVO, B., PASSOS, G., 1905, p. 13). O *Tratado de versificação* encontra-se disponível no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

1.2 De volta a Alagoas: entre 1921 e 1926³⁶ — “Tens ainda muito mar a navegar”

Conforme expõe Dênis de Moraes em *O Velho Graça* (2012, p. 42-47), Graciliano Ramos chegou a dar início à carreira literária na capital. Já em 1914 começou no *Correio da Manhã*, como foca, depois como suplente de revisão. Passou pelo periódico *O Século*, igualmente como substituto, e pelo *A Tarde*, neste como revisor. No ano seguinte, enviou colaborações ao *Jornal de Alagoas* e ao *Paraíba do Sul*³⁷ e, a partir das crônicas submetidas a esse último, despertou o interesse da *Gazeta de Notícias*.

Apesar das dificuldades, o que por vezes o dividiu, o jovem principiante manteve-se firme em sua empreitada. Em carta à irmã Leonor Ramos, de 5 de outubro de 1914, asseverou: “Como verás pela carta que mando a meu pai, não tenho feito nada no terreno das *cavações*. Sou foca no *Correio da Manhã* e não sei quando poderei chegar a alguma coisa. Entretanto, não desanimo” (RAMOS, 2011, p. 41). Em outra, de 20 de outubro do mesmo ano, à mãe e às irmãs, listou as mudanças por que passava, sublinhando novamente a confiança em dias melhores:

Enquanto escrevo, tenho diante de mim uma folha de papel onde tenho lançado todos os acontecimentos *importantes* que em minha vida se têm passado nestes últimos dois meses. Querem uma cópia? Aí vai. – 1914 – 16 de agosto – saí de Palmeira dos Índios; 29 de agosto – cheguei ao Rio; 23 de setembro – entrei para o *Correio da Manhã*, na qualidade de foca; 11 de outubro – passei a suplente de revisão; 16 de outubro – ganhei os primeiros cinco mil-réis em novo emprego; 19 de outubro – mudei-me para a Rua do Passeio, 110 (Largo da Lapa). – A lista não é longa nem tem nada de interesse. Entretanto, tenho alguma esperança de aumentá-la com qualquer coisa boa. É o diabo! A gente nunca perde a esperança. A esperança foi a única coisa que ficou dentro da caixa que Júpiter ofereceu a Pandora. [...]. (RAMOS, 2011, p. 44-45).

Deveras a capital valia a insistência e explicava a esperança. A imprensa era vasta, contando com centenas de periódicos dos mais diversos ramos, com destaque para os que abriam espaço às artes e especificamente à literatura³⁸. As livrarias e editoras cresciam na região Sudeste desde a segunda metade do século anterior³⁹. De acordo com Bessone, o Rio de

³⁶ Há, no volume *Cartas*, uma outra missiva destinada a Joaquim Pinto, datada de 02 de abril de 1930, mas ela não está incluída entre as analisadas neste trabalho.

³⁷ As colaborações desse período foram publicadas em *Linhas tontas*, em 1962.

³⁸ Além das seções reservadas nos jornais tradicionais, as revistas de variedade incluíam consideravelmente o conteúdo literário em suas publicações. Há, como exemplos do período, *O Malho*, *Fon-Fon!* e *A Cigarra*. A respeito das publicações cariocas entre 1870-1930, ver LAMARÃO, Sérgio. “As revistas como fonte para a história da cidade do Rio de Janeiro”. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*. n.6, 2012, p.129-143. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06_a13.pdf> Acesso em 02 de fev. 2018.

³⁹ De acordo com Antonio Candido, o número de alfabetizados no país vinha crescendo expressivamente (embora não suficientemente) desde finais do século XIX. Em 1890, 84% da população brasileira não era alfabetizada; em 1920 esse número passou a 75%; em 1940, 57%. “A possibilidade de leitura aumentou, pois,

Janeiro, em particular, “atraía estudantes, políticos, escritores, comerciantes, ambiciosos e curiosos em geral. Centro de todas as decisões, era o local onde se poderia iniciar uma carreira que desse prestígio e poder àqueles que tivessem essas ambições” (2011, p. 47) e, por suposto, relações convenientes e condições favoráveis.

Em meio a essa configuração, a lista de Graciliano Ramos crescia em pouco tempo e suas atividades jornalísticas pareciam promissoras, no domínio literário, entretanto, o cenário não se lhe apresentava como ideal. Com ambições mas avesso aos “reclames”, notados como necessários para a ascensão nessa área, ele estava ainda situado à parte. Quando se aproximou à resolução de se enquadrar à cena⁴⁰, uma fatalidade suspendeu seus projetos: a morte dos irmãos Leonor, Otacília e Clodoaldo, e de um sobrinho, Heleno, todos acometidos por uma epidemia de peste bubônica. A tragédia o fez retornar à Palmeira dos Índios em setembro de 1915. Ao Rio de Janeiro só retornaria, denotativamente, pouco mais de duas décadas depois. Outras visitas foram feitas mediante as leituras das publicações cariocas.

Conforme apontamento no volume *Cartas* (RAMOS, 2011, p. 92), não se conhecem cartas íntimas do escritor entre 1915 e 1920. O próximo registro de comunicação com o amigo Joaquim Pinto, depois do regresso ao estado natal, data de 10 de maio de 1921, ano em que, já viúvo⁴¹, ele ressurgia na imprensa escrevendo sob pseudônimos⁴² para um semanal de sua cidade.

Palmeira, 10 de maio de 1921, meu velho Pinto:

Um abraço e meus agradecimentos por te haveres enfim lembrado de mandar-me uma carta, coisa que raramente fazes. Há que tempo não me chegavam notícias tuas! Não sabia bem em que mundo te encontravas, tão encolhido tens estado. Compreendes facilmente que minha satisfação é grande. Muitas vezes perguntei a mim mesmo que seria feito de ti. Embora minha atividade aqui se encontre em coisas que andam muito distantes do cérebro, não deixei de procurar nos jornais do Rio algum vestígio de tua passagem. Procurei em vão. Do Rodolfo, sim, tenho visto alguns artigos de crítica literária no *Correio*, assinados M.L. Não te direi se os acho bons, que, afastado como vivo das coisas da inteligência, minha opinião no assunto, embora fosse a mais lisonjeira possível, causaria riso, talvez, a vocês outros que aí vivem. É magnífico a gente conhecer-se. E quando se vai do outro lado do monte, como eu, tendo feito voltas voltas sem chegar ao cimo, sempre é uma virtude conformar-se com a própria decadência e não ter inveja e ódio aos que sobem. Quanto a ti, meu bom amigo, sempre pensei que não resistirias e mandarias à fava aquelas mesitas sórdidas cheias de pedaços de papel molhado. Compreendo o

consideravelmente. Muito mais, todavia, aumentou o número relativo de leitores, possibilitando a existência, sobretudo a partir de 1930, de numerosas casas editoras, que antes quase não existiam”. (1980, p. 137).

⁴⁰ A respeito do perfil adequado à cena, escreveu à irmã: “É preciso ser afoito, imodesto, cínico até. Não poderás saber a quantidade de pedantismo necessária a um tipo desta terra, onde tudo é *fita* para embair a humanidade. / Eu sou de uma timidez obstinada. Não posso corrigir-me. E, contudo, preciso modificar-me, fazer *reclame*, estudar *pose*. Santo Deus! É terrível!” (RAMOS, 2011, p. 79).

⁴¹ Em 21 de outubro de 1915, GR casou-se com Maria Augusta de Barros, falecida em novembro de 1920 em virtude de complicações no parto da quarta filha, Maria Augusta Ramos. Segundo Clara Ramos, nessa época Graciliano enfrentou uma grave depressão, andava “metido consigo e com os livros” (1979, p. 48), e é essa fase melancólica que é testemunha e resumida ao amigo que lhe pede notícias: “Doente, triste, só – um bicho”.

⁴² Os pseudônimos eram Anastácio Anacleto, J. Calisto, J. C. e Lambda.

que tens sofrido, meu velho. A estupidez, a insolência, a frivolidade, a maluqueira, a pulhice, a adulação... Porcaria de vida. Entretanto, vais subindo. Já agora não necessitas os empreguinhas que duram um mês, as pequeninas cavações que apenas chegam para o bonde. Espanta-me que um indivíduo em tuas condições me venha dizer que se considerou “à margem da vida”. Tens ainda muito mar a navegar, antes que chegues à margem. E o barco em que vais não é dos piores. Outros menores que o teu lançam-se à aventura, os ventos da opinião pública são favoráveis e a onda os leva em paz. O do João Lima, que, como sabes, é uma desgraçada canoa, lá vai furando. Deixa lá que o de teu primo Costa Rego não é nenhum transatlântico. Espero qualquer dia ver a notícia do aparecimento de um livro teu. Vi que o último volume de versos do Falcão foi muito bem recebido pela crítica, mas entre os trabalhos apontados como os melhores não encontrei nenhum como *Job*. Que faz ele em Buenos Aires? Tenho visto dele umas crônicas interessantes. Não recebi o livro do Rosa. Leste-o? O Tristão de Athayde pulverizou essa obra em quatro linhas. Pobre do Rosa! Recebo dele todos os anos um cartão de boas-festas, mas não posso responder, que não lhe sei o endereço.

Pedes-me que te fale de minha vida e de meus filhos. Que te posso eu dizer, meu bom amigo? Sou um pobre-diabo. Vou por aqui, arrastando-me, mal. Há cinco anos não abro um livro. Doente, triste, só – um bicho. Tenho quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria. Esta, coitadinha, provavelmente não viverá muito: está à morte. Se morrer, será uma felicidade. Para que viver uma criaturinha sem mãe? Os outros são três rapazes endiabrados. [...] São eles que aqui me prendem, meu velho. Já teria voltado para aí, se tivesse ficado só. Malgrado as desilusões, a cidade ainda me tenta. Se um dia me for possível, voltarei. É um sonho absurdo, talvez. Para voltar necessito uma fortuna, e, apesar da guerra, estou quase nas condições em que estava quando aqui cheguei.

Adeus meu querido amigo. [...]. (RAMOS, 2011, p. 93-95).

Mesmo após ter experienciado o Rio de Janeiro, Graciliano avaliava-se uma vez mais isolado das atividades prestigiadas, das “coisas da inteligência”, daquelas desempenhadas na capital e divulgadas nos grandes periódicos, como testemunha: “Embora minha atividade aqui se encontre em coisas que andam muito distantes do cérebro, não deixei de procurar nos jornais do Rio algum vestígio de tua passagem”. Apesar de não afastado de todo do jornalismo, já que vinha colaborando para *O Índio*, ele não se sentia com voz para opinar sobre as publicações de “lá”, espaço que se sustentava e se afirmava como centro político-cultural, espaço que já não ocupava e em que não mais se reconhecia. Os de “lá” eram os “outros”: “vocês outros que aí vivem”.

Esses outros, todavia, não eram completos estranhos, eles eram observados, acompanhados e avaliados de longe. Veja-se, nesse sentido, o comentário a respeito “do último volume de versos” do poeta Ildefonso Falcão⁴³, de quem não só apenas tem notícia da publicação do livro, *Meio-Dia* (1920): “Vi que o último volume de versos do Falcão foi muito bem recebido pela crítica, mas entre os trabalhos apontados como os melhores não encontrei nenhum como *Job*. Que faz ele em Buenos Aires? Tenho visto dele umas crônicas interessantes”. O epistológrafo chega a apontar-lhe a leitura, com a referência ao poema

⁴³ Poeta carioca que, na época, estava em serviço na Argentina cumprindo a função de representante consular brasileiro. É de sua autoria também o livro *Visão pantheista* (1915).

“Job” como o melhor trabalho, ea indicar conhecimento de suas crônicas, na época veiculadas na revista *Careta* (RJ)⁴⁴, uma delas nomeada “De Buenos Aires... O intercâmbio intelectual”.

Os textos de Tristão de Athayde, visto nesse tempo como promessa na crítica literária, eram igualmente de seu conhecimento e estavam próximos a ele, mesmo que indiretamente, pelo acesso e por tratarem de nomes de seu círculo. O distanciamento, tendo em consideração esses pontos de contato, acabava por se restringir mais ao aspecto geográfico. O Rio, que estendia sua órbita até GR por meio da imprensa, era ainda um forte núcleo de atração para o qual ele mesmo navegaria.

Na época, formar parte ou estar próximo a um núcleo cultural era essencial para um escritor e até para um movimento, como em breve testemunharia o Modernismo da primeira e das horas seguintes. Em “As ‘rodas’ literárias no Brasil nas décadas de 1920-30. Troca e obrigações no mundo do livro”, Simone Silva⁴⁵ demonstrou a importância dos núcleos de artistas na composição, publicação e promoção de obras. O próprio GR é um exemplo disso, pois ele também seria beneficiado por uma dessas “rodas literárias”, a de Maceió, ao ser incentivado, por exemplo, a retomar composições abandonadas⁴⁶ e ao estabelecer contato com escritores já publicados e muito próximos a editoras importantes, como era o caso de José Lins do Rego com a José Olympio. No momento da redação da missiva, entretanto, ele estava objetivamente fora de uma rota expressiva, mas sabia por onde elas passavam.

Essa posição, ainda à margem, de leitor da produção da capital pode até ter sido manifesta em avaliações ponderadas. Se antes, quando lá, ele as via sob a ótica generalista e negativista, como descreveu à irmã desta forma: “Não poderás saber a quantidade de pedantismo necessária a um tipo desta terra, onde tudo é *fita* para embair a humanidade” (RAMOS, 2011, p. 79), distante, apresentava ressalvas. Na carta a JP, de 4 de agosto de 1921, remeteu:

És bem severo em dizer que os literatos daí são cabotinos e ignorantes. Quer-me parecer que caíste no pecado de generalizar em excesso, como aquele correspondente do *Times*, que dizia que Paris não era em nada superior a Pequim. É

⁴⁴ Fundada por Jorge Schmidt em 1908, a revista ilustrada semanal, de caráter editorial satírico, foi muito popular no Rio de Janeiro. Em seu início, contou com a colaboração de famosos poetas parnasianos. De acordo com Dantas, “Seu repertório era eclético e mundano, incluindo crônica, poesia, opinião, notícia, piada, concurso, crítica/sátira política e de costumes e colunismo social”. (DANTAS, Carolina Vianna. *Careta*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>> Acesso em 10 fev. 2018.

⁴⁵ SILVA, Simone. “As ‘rodas’ literárias no Brasil nas décadas de 1920-30. Troca e obrigações no mundo do livro”. *Latitude*, Vol. 2, nº2, pp.182-210, 2008.

⁴⁶ Sobre Rachel de Queiroz, em carta à Heloísa, GR enviou: “Vou dormir. Em seguida retomarei o trabalho interrompido há cinco meses. Julgo que continuarei o *Angústia*, que Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95” (RAMOS, 2011, p. 187).

possível que não tenhamos livros. Mas temos consideráveis mantas de retalhos, mais ou menos bem pregados uns nos outros. (RAMOS, 2011, p. 97).

É claro que, tendo em vista a marca irônica que se manteve e se aguçou com o passar dos anos, tal passagem pode ser interpretada também como uma reafirmação das apreensões anteriores, nesse sentido acentuando a necessidade das relações convenientes para formar parte da “manta de retalhos” que forrava a cena. De um jeito ou de outro, a atenção acompanhava o enredo “principal”, e, em sua manifestação, acompanha-se e compreende-se as sequências, às vezes com surpresa.

Quando centralizado na trama narrada a partir das cartas, GRnem sempre oferece pistas coerentes ou explícitas dos próximos capítulos. No último contato que se tem do ano de 1921, há ocorrências que explicam essa consideração.

Palmeira, 8 de dezembro de 1921. Meu bom Pinto: Hás de desculpar-me eu me haver demorado tanto em escrever-te esta carta. Preocupações da vida. Aborrecimentos, amolações, doenças, meu velho. Ando gasto, acabado.

Li, com saudade, tua carta de 29 de agosto. Sete anos, hem? Tinha esquecido a data de nossa chegada aí. Sete anos. Perdeste as ilusões, dizes. Eu, por mim, nunca as tive. Podes acreditar. Sou, talvez, no mundo o indivíduo que menos confiança tem em si mesmo. Lembras-te da folha seca da canção? “Vou para onde o vento me leva...” Apenas nunca me julguei folha de rosa ou de louro. Serei, quando muito, uma desgraçada folha de mandioca, como é razoável.

É preciso ser coerente com o meio em que se vive. Quanto a ti, o caso é diferente. Isso de lidares com o café, o fumo, o algodão, a cana-de-açúcar não vem ao caso, porque os produtos agrícolas com que lidas estão no papel. Coisa diversa é plantá-los ou comprá-los ao plantador. De resto tens, para contrabalançar o efeito das estopadas que aguentas, remédios a faltar, remédios que te não mencionarei para não me chames pedante.⁴⁷

Muito me diverti com a extravagante ideia que tiveste de pedir-me alguma coisa para ser publicada aí. Escrever, hoje, com a minha idade? Que pensas de mim? Eu sou um homem de ordem e sou uma cavalgada, meu velho. Mas uma cavalgada completa, sem presunção de espécie nenhuma. Vou dar-te uma prova de que vivo inteiramente alheio a essas coisas de escrevinhar. Perguntas-me que é feito de certo *Sudra*, de que, há tempos, te mostrei uns retalhos. Não sei. E juro-te que não recordava absolutamente semelhante nome. Depois que aqui cheguei, nenhuma tentativa fiz para garatujar coisa nenhuma. Até o dia que o senhor vigário veio pedir-me para rabiscar o jornaleco vagabundo de que te mandei algumas amostras, vivi sem abrir um livro, inteiramente burrificado. E assim continuo. E assim continuarei, se Deus for servido, porque, provavelmente, não terei mais ocasião de escrever maluqueiras como as que te mandei. [...] (RAMOS, 2011, p. 98-100).

Se por um lado declarava, em 1921, nada escrevinhar, não estar disposto a essa atividade e até esquecer as produções da juventude, como o *Sudra*, (“Muito me diverti com a extravagante ideia que tiveste de pedir-me alguma coisa para ser publicada aí”), por outro indicou conceitos com os quais posteriormente trabalharia, mas não mais nos versos, já não recorrentes nas comunicações entre os amigos. Enquanto folha de rosa, de louro ou de mandioca, perdoe-se a cacofonia, ele foi soprado para a prosa, mesmo quando a poesia

⁴⁷ Na carta anterior e nesta, GR parece fazer referência à ocupação profissional do amigo, oficial administrativo na pasta da agricultura, de que se tem notícias até o governo de Getúlio Vargas.

voltava a afirmar-se como gênero de destaque na revolução modernista que estava prestes a eclodir com a Semana de São Paulo.

Alegar que é preciso ser coerente com o meio em que se vive, ainda que fazendo alusão ao trabalho do amigo na pasta da Agricultura, faz ecoar a fundação naturalista implícita nesse direcionamento, que nada tem de fortuito. Preservar formas fixas importadas não era a melhor maneira de ser adequado ao contexto em que se vivia, daí o “abandono” dos alexandrinose a atenção à narrativa em prosa⁴⁸, a seguir ilustrada na referência ao seu trabalho — uma quebra de expectativa em relação a esta resolução: “Escrever, hoje, com a minha idade? Que pensas de mim?” — e deve-se acrescentar que uma atenção à prosa realista, ancorada na manutenção do interesse pelas obras de Eça de Queiroz.

Na comunicação de 1 de janeiro de 1926, há dois trechos testemunhando esses dois pontos (os conceitos e a inclinação à citada espécie de narrativa), prenúncios da redefinição da trajetória doromancista:

E agora passemos a assunto menos importante. O mês passado abri o compartimento inferior da estante e encontrei lá um par de tamancos imprestáveis, uma coleção de selos e algumas resmas de manuscritos. Deitei fora os tamancos, dei os selos ao meu rapaz mais velho e queimei os papéis. Foi uma festa na cozinha. Os pequenos ajudaram-me com entusiasmo. E como o primeiro lamentasse a destruição de coisas que tinham dado tanto trabalho a fazer, o segundo respondeu com um senso que me encheu de espanto: — “Para que essas porcarias ocupando a estante?” Os outros acabaram concordando com ele e no domingo seguinte vieram perguntar-me se ainda havia papel para queimar. Não havia, que tive a fraqueza de poupar ao fogo umas coisas velhas que me trazem recordações agradáveis e dois contos que andei compondo ultimamente, porque tenho estado desocupado e me imaginei com força para fabricar dois tipos de criminosos. Nunca vi porcaria igual. Se tiver tempo, tiro uma cópia de um deles e mando-t’a, que aqui não tenho a quem mostrá-los. Naturalmente, hás de dizer-me que está uma coisa muito benfeita e eu ficarei satisfeito e direi a mim mesmo: — Que artista se perdeu! (RAMOS, 2011, p. 104).

Nesse primeiro, o epistológrafo revela a sua retomada literária a partir dos contos, e retomada que o transportaria da margem ao centro, pois uma dessas narrativas seria desenvolvida no romance *São Bernardo*, de 1934. Em “Confissão” para a seção “Arquivos implacáveis” (*O Cruzeiro: Revista* – RJ), do jornalista João Condé, o escritor chegou a afirmar que Paulo Honório, principal personagem desse segundo romance, fora concebido em 1924, portanto próximo à declaração ao amigo Pinto.

Apoiando ambos os registros, há uma carta, também a Condé, divulgada em *O Cruzeiro* na mesma ocasião. Nela, o escritor ofereceu alguns detalhes sobre a sua criação.

Condé amigo:

Em resposta ao seu pedido, aqui lhe narro, em poucas palavras, o nascimento deste livro.

Há muitos anos, como os negócios quedavam ruins, enchi os dias compridos de inverno [es]crevendo um conto bem ordinário com ladroagens e mortes. Os negócios

⁴⁸ Fato para o qual a atividade jornalista, com as crônicas, também pode ter contribuído.

foram de mal a pior, deixei o comércio e arranjei outra profissão. Em 1932 utilizei o assunto da narrativa – os crimes e um desastre conjugal se estiraram pelas duzentas e dezoito páginas que estão aqui. Da primeira história restam apenas as personagens mais importantes. Perderam-se as descrições, muitos adjetivos, etc.

Um abraço para você
Graciliano Ramos
Rio – 1947⁴⁹

O texto faz referência à gênese da narrativa do fazendeiro alagoano, viçosense, integrado exemplarmente ao seu contexto, coerente com o meio em que vivia, característico do perfil criativo do escritor e igualmente buscada por este enquanto leitor, ambos associados, mas não presos, a paradigmas que estabeleciam tal necessidade. A respeito dessa expressa intenção por parte do escritor (não uma chave interpretativa mas um elemento em diálogo com o extrínseco) e da conjuntura, alguns adotam uma posicionamento diferente, mais distanciado da relação com o meio, no sentido da realização do extraliterário na estrutura do romance.

Abel Baptista, em *O livro agreste*, é um desses casos, ao apontar falhas nas relações de causa e consequência estabelecidas em *São Bernardo* em análises como as de Antonio Candido e João Luiz Lafetá, quando estes relacionaram a constituição de Paulo Honório como é e depois a tragédia da morte de Madalena a fatores externos, sociais e econômicos e não a uma força que independeria desses condicionamentos, como o “amor” ou “destino”.

Em termos mais específicos, como a leitura de uma obra, certamente encontram-se variáveis que se aproximam mais ou menos do cenário cultural e ideológico em que se gestou a composição, oscilações próprias das singularidades do escritor e do leitor, também condicionados por um repertório discursivo. Aqui, considera-se plausível o estabelecimento da interação, concordante ou discordante, entre a produção e o seu cenário, por se compreenderem as manifestações culturais como dialógicas com o tempo, de que se encontram muitos vestígios e que é inerente ao estudo das cartas.

Nesse último sentido, vem a caso o segundo trecho da carta de 1 de janeiro de 1926, pois nele o emissor anuncia suas leituras e predileção literária ao perguntar ao seu destinatário sobre publicações recentes, os livros póstumos de uma de suas referências: “Leste os livros de Eça de Queiroz, publicados agora em 1925? Eu li *A capital* e *O Conde d’Abranhos* e ando a procurar os outros” (RAMOS, 2011, p. 106). Os outros eram: *Alves & Companhia*, *Correspondência* e *Eça de Queiroz, Vinte Cartas*.

Em alguns dos trabalhos do português é possível que GR tenha encontrado “as descrições” e os “muitos adjetivos” que se perderam no desenvolvimento de *São Bernardo*, e

⁴⁹ RAMOS, G. In. CONDÉ, J. Arquivos implacáveis. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 25 abril 1953, p. 65. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/003581/86254>> Acesso em 10 set. 2017. Tal seção foi dedicada a Graciliano Ramos, uma homenagem ao escritor falecido em 20 de março de 1953.

que, por se terem perdido, marcaram a quebra pontual da circularidade naturalista na literatura brasileira. Antes disso acontecer, essas características foram empregadas nos contos, anunciados nas cartas ao amigo e ao jornalista, e no primeiro romance, *Caetés*, principiado em meados de 1925.

Sobre o plausível diálogo do brasileiro com o autor de *O primo Basílio*, Antonio Candido ofereceu ponderações. Ao analisar a obra de estreia de GR, o crítico considerou que a “atmosfera geral do livro se liga [...] à lição pós-naturalista, voltada para o registro dos aspectos mais banais e intencionalmente anti-heróicos do cotidiano”, embora “com certo pudor de engatilhar os dramas convulsos de que tanto gostavam os fogosos naturalistas da primeira geração” (2006, p. 19). Em tal percepção, podem-se incluir como “lição” as narrativas ecianais, especialmente as projetadas para comporem as cenas portuguesas, cujo objetivo se concentrava na análise crítica da sociedade da época, “de seu meio”.

Na história de João Valério, além da técnica, praticada, de acordo com Candido, “segundo molde queirosiano”, percebem-se correspondências no próprio enredo, estreitamente relacionado com o espaço onde os fatos se desenvolvem. No *Conde d'Abranhos*, por exemplo, tem-se um narrador (Z. Zagalo) tão hipócrita quanto a personagem de quem apresenta a biografia (Alípio Abranhos), marcada pela ambição desmedida em direção à ascensão social. Em *A capital*, há Arthur Corvelo, cujas características fantasiosas e inconsequentes lembram as ações de João Valério. Nesse romance de Eça de Queiroz, como no de Graciliano, os personagens centrais estão idealizados na escrita de um romance que lhes trouxesse reconhecimento público⁵⁰.

Já em *Alves & Companhia*, encontra-se semelhança maior, em virtude da presença do adultério; na narrativa, Godofredo da Conceição Alves flagra a traição de sua esposa com Machado, seu amigo e sócio. No enfrentamento dessa situação, o suicídio chega a ser considerado, todavia logo descartado, em *Caetés*, entretanto, é a forma como Adrião, marido de Luísa e patrão de João Valério, lida com a infidelidade dos dois.

Mais claramente, Candido aponta a lição e o diferencial em sua resolução, assim: “à técnica, praticado segundo molde queirosiano, junta-se algo próprio a Graciliano: a preocupação ininterrupta com o caso individual, com o ângulo do indivíduo singular, que é — e será — o seu modo de encarar a realidade” (2006, p. 23).

⁵⁰ A correspondência criativa entre os dois escritores na utilização da técnica do romance dentro do romance foi apontada por Débora Carla Santos Guedes em “Eça e Graciliano: Olhar realista, duas realidades”. Revista Crioula

Com vestígios como esses, não será mais com surpresa que os próximos passos criativos e críticos do escritor serão recebidos, tendo em vista, primeiro, o fato de os matizes realistas serem ainda expressivos como pressupostos judicativos em 1926, e, segundo, o quando, onde e como esses valores serão reconfigurados, ou seja, em que momento sua recepção será favorável. Isso permite uma análise mais fundamentada a respeito da forma como GR, e outros seus pares, expressa(m) o recebimento das inovações que romperam com a estética e por isso também com a ideologia realistas, como é o caso do Modernismo brasileiro.

Em última carta que se tem de 1926, há pontos relevantes nesse sentido.

Palmeira, 18 de agosto de 1926. Meu velho Pinto: Se te casaste depois que recebi tua carta, já debes andar em vésperas do primeiro filho. Por preguiça, fui retardando a resposta até hoje. Falta de ocupação — desculpa-me. E aborrecimentos de toda a casta.

Por aqui uma chusma de calamidades: crise, revoltosos, bandos de criminosos pela vizinhança, praticando horrores, suicídios, assassinatos, o diabo.

Foi realmente Paulo que me contou tudo aquilo. Tens uma penetração imensa. Senti um grande desgosto quando o encontrei — não o reconheci. Como a gente envelhece!

Quem diabo te falou em viagem minha a São Paulo? Não é verdade. Se eu andasse por lá, naturalmente ia ao Rio e havia de ver-te. Estação de águas! Que lembrança! Isso é luxo de gente rica, meu velho.

Li hoje uma poesia que tem este começo:

“Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara

Contava que ela era feiosa, muito!”

Isto é bom, com certeza, porque há quem ache bom. Naturalmente os meus netos aí descobrirão belezas que eu não percebo. Questão de hábito. Se me não engano, é opinião de M. Bergeret. Acreditas que no Brasil possa aparecer alguma coisa nova? Em vista da amostra, eu dispensava o resto.

Afinal, quando o sujeito não tem inteligência para compreender essas inovações, o mais prudente será, talvez, seguir o velho preceito do alcorão de Lilliput: “Cada qual quebrará os seus ovos pela parte que achar mais cômoda.” Como toda a gente até hoje tem quebrado os ovos pelo lado grosso, não sei que vantagem há em experimentar quebrá-los pelo lado fino.

Outra coisa: vê se me arranjas aí uma gramática e um dicionário de língua paulista, que não entendo, infelizmente. E manda-me dizer se é absolutamente indispensável escrever sem vírgulas. Faço-te esta consulta porque em Palmeira, compreendes, não encontro quem me possa orientar. Um sertanejo daqui foi o ano passado a Bauru, ao café. De volta, confessou-me que o que lá havia mais extraordinário era se falarem mais de vinte línguas, difíceis, principalmente a “língua paulista e a língua japonês”⁵¹. Parece que são suas línguas realmente difíceis.

Segundo me disseram, os jornais do Rio publicaram que a instrução em Alagoas é obrigatória. Manda-me dizer se é, que às vezes quem está longe sabe

⁵¹ Na primeira República, a imigração em massa figurou entre as principais transformações socioeconômicas do Brasil. Grande parte dos estrangeiros se concentrou na região Centro-Sul, Sul e Leste, em virtude da demanda de trabalho nas lavouras de café e, no caso de São Paulo, também pelas facilidades concedidas pelo Estado. A presença dos japoneses neste último foi qualitativamente expressiva nesse momento. Em 1920, segundo Boris Fausto, 87,3% dos imigrantes japoneses moravam no Estado de São Paulo. A partir de 1925, o próprio governo japonês financiou a vinda dos imigrantes para o país (1995, p. 276).

melhor as coisas do que quem está perto. Não leio decretos, não leio nada, uma desgraça.

O que li ultimamente foi um livro que a imprensa daí levou aos cornos da lua, uma enredada em que se trata de amazonas, astecas, incas, franceses e alemães. Há um caboclo do nordeste, que não é caboclo nem é do nordeste, uma índia que fala francês, uma francesa comida pelas piranhas e o dr. Moreau, de Wells, cortando gente e cortando bichos. Não percebi o fim. No livro de Wells, que serviu de modelo, o doutor consegue dar ao animais caracteres humanos, mas os caracteres não se fixam e os brutos voltam ao que eram. Parece que Deus, ou o que quer que seja, é uma espécie de dr. Moreau — e os bichos somos nós. Mas nos livros brasileiros quase nunca se entende a intenção do autor. [...] (RAMOS, 2011, p. 108-110).

Acima, primeiramente e uma vez mais, nota-se a superação das barreiras geográficas pela ciência das agitações modernistas. Isso pois o “Poema”, composição comentada na carta ao jornalista, pertence ao *Clã do jabuti*, livro de Mário de Andrade só publicado no ano seguinte, 1927. O texto, com o título de “iara”, havia saído no quinzenário modernista *Terra Roxa e Outras Terras* em 27 de abril de 1926. Esse periódico possuía entre os seus objetivos a concepção de uma tradição para o Brasil por meio do resgate de tipos notórios e esquecidos, marcas de uma nacionalidade em construção. O folclore brasileiro seria também uma maneira de elevar essas figuras, como se percebe na continuação do poema de Mário de Andrade:

Preta gorda manquitola ver peixe-boi.
Felizmente velho já morreu faz tempo.
Duma feita, madrugada de neblina
Um moço que sofria de paixão
Por causa duma índia que não queria ceder pra ele,
Se levantou e desapareceu na água do rio.
Então principiaram falando que a iara cantava, era moça,
Cabelos de limo verde do rio...
Ontem o piá brincab brincando
Subiu na igara do pai abicada no porto,
Botou a mãozinha na água funda
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.
Neste rio tem uma iara...⁵²

No comentário do remetente, percebe-se a apreensão, mesmo que com ironia, da poesia enquanto diversa em relação ao que até então vinha sendo feito, diferente das produções de que tratava com o amigo em suas cartas, com destaque para as de 1914, tanto no assunto, não mais íntimo e relativo a um eu-lírico, quanto na forma, não mais fixa.

A composição destacada, apesar de comprometida com as cores e figuras nacionais, não traz concordância com os parâmetros verossimilhantes do século anterior (XIX), ecoantes ainda. Havia um objetivo comum sendo buscado por meios diversos, um pela busca da fixação da realidade brasileira na literatura, o que incluía a conservação de formas consagradas (nos

⁵² ANDRADE, Mário de. “iara”. **Terra Roxa e Outras Terras**. São Paulo, n. 5, p. 6, 1926. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/387274/36>> Acesso em 15 fev. 2018.

versos)e as longas descrições e análises de casos, por estarem as duas relacionadas a uma objetividade que levaria à ficção ao factual e por isso à criação da literatura nacional, e outra que enfrentava esses parâmetros, eles também importados, incluindo nas artes a modernidade eo Brasil sob uma nova ótica.

A estranheza, em vista da amostra do novo,não se restringiu ao plano estético e ao argumento desenvolvido em “iara”. Sobre a língua, o epistológrafo expressa igualmente noções de excentricidade ao solicitar ao seu interlocutor “uma gramática e um dicionário de língua paulista”, estanão compreendida justamente por ir de encontro ao corrente. A intenção realista era já clara, enquanto a que se projetava naquela altura não parecia estar de acordo com o país que a gestara, pois nela se mesclava o nacional e o internacional, nestes encontrando paradigmas que a outra visão tentava suprimir, embora tendo em sua fundação também a literatura europeia, destacadamente a francesa.

Essa atitude, longe de ser isolada, corresponde a outras que engrossarão o caldo do embate entre tendências próximas. Em “Espécie de História Literária”, artigo de 1938 saído na revista *Lanterna Verde*, José Lins do Rego fez referência a uma “língua de fabricação” que se tentou configurar nas produções modernistas, em particular em *Macunaíma*, “mais um arranjo de filólogo erudito do que um instrumento de comunicação oral ou escrito” (REGO, José Lins do. In: BUENO, 2015, p. 61). O autor de *Fogo morto* imprime em sua avaliação a necessidade da literatura comunicar, feito instrumento, sem considerar que em:

Mário de Andrade, o uso artístico da “língua brasileira” extrapola em muito o mero questionamento de aspectos retrógrados da gramática tradicional – como seria a rotinização de usos como a próclise em começo de frase ou o uso do verbo ter em lugar do haver –, convertendo-se numa espécie de atualização radical de potencialidades da língua falada (BUENO, 2015, p. 61).

Na direção dos comentários de ambos os romancistas, a arte sobre a qual tratavam não se bastava a si mesma, noção própria da estética moderna, tampouco mantinha relação com o mundo pela linguagem que falhava ao referenciá-lo, perspectiva clássica que, com ressalvas, vislumbra-se no que se mostra ser preciso comunicar, agir socialmente. Retomando a missiva, o movimento de resgate, de retorno e ao mesmo tempo de visão no futuro, concretizado por Mário de Andrade, não parecia compreensível, ainda,para GR. Nos anos seguintes,essa incompreensão incluirá o fator social, coincidente e relacionado ao estreitamento das concepções políticas que se polarizaram no contexto artístico e político brasileiro — e mundial.

As cartas redigidas nos anos 1930 trazem inscritas essas reconfigurações, resultantes, acredita-se, de uma fase de equilíbrio na literatura, que, conservando o olhar no exterior do

texto, incorporou-o à sua estrutura e à sua ideologia, nivelando a integração com a diferenciação em um processo complementar, tal qual descreveu Candido (1980, p. 23). O impacto da nova linguagem modernista, sem dessa forma proceder, foi uma quebra com o permanente (permanente em transformação), e assim sendo, dentro de uma tradição que vinha se firmando, era de se esperar que fosse recebido dessa maneira, afinal “Não é sem bofetadas que se pune a desobediência aos laços familiares ou à tradição literária” (SÜSSEKIND, 1984, p. 28).

Acresce ainda, ou mais uma vez, a interferência do ângulo de observação nos julgamentos construídos sob uma forte tradição. Em “Moderno e modernista na literatura brasileira”, Alfredo Bosi assinalou:

Os jovens de 22, que tiveram a seu favor a simpatia do governo do Estado, as páginas do *Correio Paulistano* e alguns salões da alta burguesia, encarnavam, em termos de psicologia social, o desejo do novo e do refinado, ainda que chocantemente novo e refinado, sentimento menos acessível a grupos saídos de outras áreas, naquela altura do processo” (2010, p. 210).

Seria o caso então considerar tanto o impacto da formação artística e ideológica quanto a importância da conjuntura na fermentação ou impassibilidade diante das propostas “radicais”. Assim como a combinação entre “uma nova perspectiva histórica, o novo espaço-tempo da cidade grande pós-guerra, com uma bateria de estímulos artísticos europeus” possibilitou o florescimento do Modernismo em São Paulo (BOSI, 2010, p. 210), o afastamento de artistas dos centros políticos e culturalmente mais abertos, pelo acesso, às novidades estrangeiras dificultou, certamente, a aceitação ou assimilação das produções vanguardistas no início. Só depois, com a “normalização/integração” dos procedimentos modernistas é que admitiu, em partes, o seu papel fundamental, não reproduzido da mesma maneira em 1930.

A modernidade dos romances dos ditos escritores regionalistas foi impressa em tipografias diversas. Em *Angústia*, ela consistiu

[...] em ter trabalhado até a maceração a imagem do intelectual que morde a própria impotência e, com a mesma intensidade, acusa razões objetivas dessa impotência, que estão na estrutura material e moral da província onde capitalismo e desequilíbrio são sinônimos perfeitos (BOSI, 2010, p. 222).

“O mundo da experiência sertaneja ficava muito aquém da indústria e dos seus encantos” (BOSI, 2010, p. 222), ainda restritos a uma demarcada região do país. Conforme avalia BOSI, as contradições sociais presentes e fortes em outras localidades não poderiam ser exprimidas da mesma forma que formam os sucessos modernistas. Diante disso, a “mimese crítica” foi que se apresentou como um imperativo para a comunicação das narrativas

neorrealistas, nas quais, com mais sobriedade e equilíbrio após os choques de 1922, se encontram as marcas/contribuições estéticas e discursivas da modernidade, enquanto momento histórico, e do Modernismo, como movimento artístico fundado sobre determinados conceitos.

2 CAPÍTULO: Cartas à Heloísa Ramos: de *São Bernardo* a *Angústia*

Assim como Joaquim Pinto, Heloísa Ramos, segunda esposa de Graciliano Ramos, foi uma importante interlocutora das cartas do escritor. As recorrentes ausências dos dois propiciaram considerável número de correspondências, especialmente durante a década de 1930. Nos textos dele a ela, nesse período de muitas mudanças no âmbito público e privado, é possível encontrar, mais restritamente, testemunhos de momentos como a retomada da criação, com os romances e sua expressão, e as relações com o grupo de escritores de Maceió, para onde o romancista se transferira primeiro para assumir a Imprensa Oficial de Alagoas e depois para dirigir a Instrução Pública do Estado.

Embora nas cartas as menções sobre o tempo e sobre as obras nesse tempo sejam por vezes breves, elas não são por isso inexpressivas, ao contrário. A atenção de HR ao trabalho do marido levava-o a tratar não só dos assuntos tipicamente familiares, mas o fazia tangenciar, por vezes, os seus conceitos artísticos e impressões sobre a conjuntura do país, com rumo incerto diante do governo provisório que se instalara.

Os textos epistolares selecionados para a análise desta outra etapa encontram-se coligidos também no volume *Cartas*, e, igualmente como no diálogo com JP, existe materialmente apenas um polo da interlocução, o do romancista, em cujo discurso, apesar disso, são percebidos os interesses, as perguntas e em um momento específico até o que parece ser a participação de Heloísa Ramos na literatura que ele fabricou, ocorrências exemplares da capacidade do remetente, no gênero em questão, de “absorver a palavra de seu correspondente” (BOUZINAC, 2016, p. 139) e de devolvê-la em sua própria escrita ao responder, questionar, sugerir e retomar a comunicação do outro, que nesse procedimento se integra ao emissor.

“Estou mexendo no *Caetés*” (RAMOS, 2011, p. 147), “Continuo a consertar as cercas do *São Bernardo*” (p. 162), “o *S. Bernardo* vai indo, assim assim” (p. 167), “Quanto a mim, continuo a substituir e a cortar palavras do *Angústia*” (p. 211). As situações como essas, de

localizaçãoda destinatária quanto ao estágio do processo criativo e em outras em que o escritor se coloca na cena literária, dispensaremos maior atenção, pois denotam tanto os ares circunstanciais para os escritores “neorrealistas”, engajados cultural e politicamente com o país, quanto as singularidades artísticas que se foram acentuando em GR, um dos escopos das análises deste trabalho, que nesta parte se divide sobretudo entre a estada em Maceió-Palmeira dos Índios-Maceió e novamente no Rio de Janeiro.

2.1 Primeira metade da década de 1930: *São Bernardo*

Em 1930, GR renunciou à prefeitura de Palmeira dos Índios e mudou-se com a família para Maceió⁵³. Nesta altura, o ex-prefeito já ganhara alguma atenção com a divulgação dos relatórios de contas do município, prestados ao Estado. Em virtude desses documentos foi que se descobriu e se publicou *Caetés*, e foram também esses textos os responsáveis pelos primeiros contatos com José Lins do Rego⁵⁴, importante amizade na capital alagoana e depois, no Distrito Federal.

As cartas desse início de década decorreram da ida de HR para Pilar (AL), quando lá esteve para recuperar-se da perda do segundo filho, Roberto de Medeiros Ramos, o sexto de GR. Nos escritos, no que se refere ao contexto e à literatura, o epistológrafo assinala para a Revolução de 1930 e demonstra a sua preocupação com uma revisão detida do primeiro romance, contrária à pressa do editor, o poeta Augusto Frederico Schmidt, que o anunciava para logo.

Nos periódicos, sobre esse último fato, encontram-se estas referências: “Deve aparecer breve um novo romance de costumes do Norte: ‘Caetés’, de um escritor alagoano”⁵⁵ (dezembro de 1930); “— Edição da Livraria Católica, deve aparecer, breve, o romance ‘Caetés’, de um jovem escritor alagoano ainda desconhecido no Rio”⁵⁶ (janeiro de 1931); no final de 1931, o nome do livro (“O grande romance do norte, ansiosamente esperado”) aparece destacado junto ao de seu autor, seguido pelo anúncio de *João Miguel*, de Rachel de Queiróz (“autora de ‘QUINZE’”), pelo livro *Maria Luiza*, de Lúcia Miguel Pereira (“uma

⁵³ Em 1928, o escritor assumiu a prefeitura de Palmeira dos Índios e logo após se casou com Heloísa Leite de Medeiros. Nesse ano, também, *Caetés* é terminado.

⁵⁴ Em Maceió, José Lins do Rego desempenhava a função de fiscal de bancos e depois de consumo.

⁵⁵ Letras e Artes. Notas Mundanas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1930, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/5330> Acesso em 31 março 2018.

⁵⁶ Letras e Artes. Notas Mundanas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1931, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/6093> Acesso em 31 março 2018.

escritora de grande importância”), e por *Casa-Grande & Senzala*, “grande livro” de Gilberto Freyre⁵⁷.

Em promoções como essas, reveladoras da origem do romance, de seu autor e da sua ligação temática, vê-se não só uma estratégia publicitária de associar nomes novos a outros já conhecidos, mas a pré-identificação a um grupo que vinha encontrando espaço e se definindo justamente pelo aspecto regional e pelos temas de que tratavam, embora *Caetés* tivesse sido composto antes das manifestações de recepção favoráveis embora estivesse alinhado mais aos padrões estéticos anteriores que aos presentes anunciados nesses periódicos, conforme se notou a partir da afinidade dessa composição com as matrizes ecianas.

Crê-se que em razão desse aspecto datado, realçado em meio às inovações, o escritor tenha expressado desagrado por haver levado adiante o trabalho. Dentro ainda da década de 1920, a obra era consonante com a estética residual já citada, a qual, de forma geral, ignorava e resistia à onda modernista, mas que não pôde continuar alheia a ela ao chegar em 1930, quando as excessivas descrições e o enredo desacreditavam a sua qualidade em meio ao que se construía.

Apesar das emendas, terminadas, segundo as cartas, no final de 1930, a impressão negativa sobre *Caetés* mantinha-se e acentuava-se com o tardar da publicação: “Recebi tua carta de 16 e depois recebi uma tapeação do Rômulo. Como te disse, a história do livro acabou. A coisa é esta: eles imaginaram que aquilo era realmente um romance e começaram a elogiá-lo antes do tempo” (RAMOS, 2011, p. 154). Enquanto *Caetés* estava perdido no Rio⁵⁸, outros livros eram publicados, como *O país do Carnaval* (1931), *João Miguel* (1932) e *Menino de engenho* (1932). *São Bernardo* havia sido iniciado e os parâmetros críticos e criativos renovavam-se com essas novas obras.

O Modernismo, nesse sentido, contribuiu com a quebra do estranhamento, por parte do público e da crítica, que se poderia ter com a contraposição ao academismo. “A partir de 1930, com brusca rapidez, as orientações modernistas vão-se generalizando, impondo-se como legítimas, transformando-se em padrões que enquadram a criação” (CANDIDO, A., CASTELLO, J. A., 1977, p.17), assim, a desobediência à tradição literária vai adquirindo equilíbrio nesse momento e sendo incorporada, apesar de algumas discórdias, à prosa desse grupo de escritores, na qual se destaca não só o tema e o regional, mas a forma de expressar

⁵⁷Schmidt-Editor comunica ao público brasileiro que acabam de sair os seguintes livros. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/11402> Acesso em 31 de março de 2018.

⁵⁸O livro só foi publicado em 1933. A demora foi atribuída à crise no mercado editorial (MORAES, D. 2012, p. 82); outros a justificaram pela perda dos originais, esquecidos no bolso de uma capa de chuva de Schmidt.

esses elementos através da linguagem, uma preocupação registrada recorrentemente por GR nas cartas quando da composição da narrativa de Paulo Honório.

De volta a Palmeira dos Índios com a família, após se ter demitido do cargo que ocupava na Imprensa Oficial⁵⁹, o escritor compartilhou com HR, então em Maceió para ter o último filho, momentos da escrita nos quais testemunha essa atenção à expressão literária, em que já não se encontrarão as consideráveis descrições externas dos personagens e as atenções detidas aos fatos cotidianos, antes já inscritos com a contenção do “empolamento”.

Em carta de 20 de agosto de 1932, encontra-se a menção a alguns elementos do segundo livro e um índice interessante sobre sua revisão:

Ló: Aqui estou cercado de pontas de cigarros. Há bem umas trinta. Depois que cheguei, a minha ocupação é fumar. Fumar e ouvir, à noite, as potocas que nos mandam do Rio e de S. Paulo⁶⁰. Fora disso, parece que não há mais nada interessante no mundo. Durante o dia converso com seu Ribeiro, com Azevedo Gondim, com o Padilha e com a Madalena. São os companheiros que aqui estão sempre, mas as conversas deles estão-se tornando muito cacetes.

Estive em Viçosa e encontrei aquilo transformado. Possibilidade de arranjar qualquer coisa lá — nenhuma. Nem lá nem aqui. Tudo cavado. O que é necessário é esperar o fim da encrenca em S. Paulo. Meter-me em negócio no meio desta atrapalhão é burrice. Estou cansado de fazer coisas incompletas. Vou aguardar o resultado da luta no Sul para depois orientar-me. E enquanto não me oriento, conserto as cercas de S. Bernardo, estiro o arame farpado, substituo os grampos velhos por outros novos e, à noite, depois do rádio, leio a *Gazeta* de Costa Brito. (RAMOS, 2011, p. 158).

O que chama a atenção nessa passagem é a proximidade estabelecida entre o autor e os seus personagens bem como a construção metonímica que o epistológrafo utiliza para informar o seu trabalho. A obra é apresentada como a propriedade, da qual vai determinando o espaço, os limites de seu avanço a partir do conserto das cercas, já existentes mas entende-se que ainda não firmes para o cumprimento de suas funções: impedir o trânsito do que está no interior para o exterior e vice-versa, uma tentativa de manter a ordem dos elementos em seus respectivos lugares, impedindo com isso incoerências e excessos, estes compreendidos, em virtude de menções anteriores e posteriores, como a necessidade de ser congruente com o meio e de atentar para a construção deste, e dos que o habitam, por meio da língua, de que se cortava o muito que com pouco se comunicaria.

Na compreensão da criação dessa simbologia, supõe-se também a tentativa de desprendimento dos referenciais passados e o emprego das correntes regionais, preocupação estética que, somada ao acento de crítica social, é enfatizada principalmente a partir desse momento. Nesse sentido, “os grampos velhos por outros novos” adquire significado além da

⁵⁹ A instabilidade política provocada pela Revolução de 1930 contribuiu para a saída do escritor.

⁶⁰ Referência à Revolução Constitucionalista ocorrida em São Paulo, ocorrida em resposta à Revolução de 1930 que cassou a constituição de 1891, depôs a maioria dos governadores (presidentes estaduais) e levou Getúlio Vargas à direção provisória do país.

revisão técnica. Estaria aí a consciência da atualização da literatura brasileira que se comunicasse enquanto tal.

Em cartas à HR, determinadas passagens permitem interpretações assim, pois percebe-se que nelas a linguagem não se detém à comunicação do fato, há também a reflexão ou narrativa deste, apresentando, nesse procedimento, características que se assemelham às utilizadas nas composições publicadas. A concisão, a ironia, bem como o não enquadramento objetivo à função emotiva ou referencial— que se poderia atribuir à comunicação epistolar — demonstram a apreensão do sentido conotativo da mensagem.

Além disso, passagens como a citada, ainda que breves, adquirem feições de “crônica da obra que se encontra em andamento”. “Figuras convencionais adornam agradavelmente os comentários. Graças a elas, a obra ganha independência de vida própria”(BOUZINAC, 2016, p. 164), transfigurando-se, de acordo com Bouzinac, no “filho do qual se pedem notícias”(2016, p. 164) e sobre o qual se sabe pelo subentendido interesse do destinatário, outrora emissor solicitando informações acerca da gestação da composição ou demonstrando interesse e abrindo espaço para que as notícias fossem dadas com tal familiaridade, sem que fosse necessário, por exemplo, explicar quais eram os espaços, quem eram as personagens ou como se situavam no enredo.

Respaldo a utilização de uma linguagem mais afim do que seria o literário, a preocupação com a expressão da obra em feitura e esse feitio da carta de acompanhante da ficção então em preparo, há este trecho remetido em 15 de setembro de 1932.

Ontem veio aqui uma comissão convidar-me para uma conferência literária. Pensei que fosse da Eulina, mas não era: era do Cavalcante Freitas, fardado. E não tinha literatura: o que tinha era muito patriotismo e muito ardor militar. Eu não assisti, mas imagino perfeitamente. Tanto que tenho estado impressionado e até chorei, com pena da pátria. Se não fossem os meus achaques, eu me fardaria também e iria combater os paulistas. Creio que havia de ficar muito bonito fantasiado de herói. Infelizmente não ando uma légua a pé. O que me consola é ter na barriga a cicatriz da operação e poder, às vezes, olhando para ela, enganar-me e imaginar que conquistei um ferimento na trincheira, com glória. Veja você. Se este rasgão tivesse sido feito por um soldado ignorante de anatomia, eu seria um bravo e teria virado oficial, pelo menos sargento. Como fui cortado pelo Clemente, que é doutor, não tenho merecimento nenhum, e se tivesse morrido no hospital, seria hoje um defunto ordinário, sem citação na ordem do dia.

Não tenho notícia para lhe transmitir, porque a parte do mundo que percorro é a que vai daqui à casa do velho Sebastião. [...].

Julgo que aqui neste quarto, sozinho, vou ficando safado. Têm-me aparecido ideias vermelhas. Anteontem abreei a Germana num canto da parede e sapequei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Não tem importância. Isto passa. Vai sair uma obra-prima em língua de sertanejo, cheia de termos descabelados. O pior é que de cada vez que leio aquilo corto um pedaço. Suponho que acabarei cortando tudo. (RAMOS, 2011, p. 164-165).

Na comunicação sobre o convite para “uma conferência literária”, há a concisão a partir do emprego dos períodos curtos e irônicos, a semelhança do encontrado em composições como “Pequena história da república”⁶¹, cujo título já adianta a particularidade breve de sua abordagem e construção, apontando para o avizinhamento da correspondência à literatura de GR, e não apenas por meio da referência que aquela faz destampas também pela forma como se apresenta a escrita epistolar.

Somado a isso, apesar do caráter sintético, destaca-se na carta a quase completude da mensagem, do fato compartilhado, dado por meio da especificação de informações como a cicatriz “da operação” e do aposto relativo a Clemente, “que é doutor”, esclarecimentos supostamente conhecidos pelo receptor, no texto incluídos em virtude de ser a passagem narrativa, necessitando por isso desses elementos para sua efetividade.

No que diz respeito ao vínculo entre carta e criação e o cuidado com a expressão linguística na segunda, salienta-se a quase reprodução de um trecho do próprio romance à destinatária. Na carta, tem-se: “Anteontem abreequei a Germana num canto da parede e sapeequei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Não tem importância. Isto passa”. No terceiro capítulo de *São Bernardo*, por sua vez, encontra-se:

Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Aí pratiquei o meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear o João Fagundes. (RAMOS, 2012, p. 16).

Ao se estabelecer uma comparação, nota-se o epistológrafo assumindo a voz de Paulo Honório na carta ao atribuir a si uma ação que no romance é essa personagem quem pratica, proceder que tanto o leva para a ficção quanto traz a ficção para o plano dos fatos, embora a carta não necessariamente vá se apresentar com a objetividade da verdade ou realidade em que se engendra⁶². Na carta, ademais, a reprodução não é longa e resume-se em “Não tem importância. Isto passa”; no romance também passou, com o fim do que seria uma relação entre Paulo Honório e Germana. Por ter atendado contra a vida de João Fagundes, Paulo Honório vai preso.

Destaca-se nessa ação, do mesmo modo, a correspondência léxica entre as passagens, diferenciadas pelo emprego dos termos “sapecar” e “arrochar”, correntes de um falar regional

⁶¹ Publicação póstuma que integra a edição de 1962, pela Livraria Martins, do livro *Alexandre e outros heróis*.

⁶² No final da carta de 15 de setembro de 1932, GR escreveu: “Se quiseres queimar esta carta, pode queimar. Mas com franqueza, faz pena perder-se uma literatura tão boa” (RAMOS, 2011, p. 166), no que se percebe não a permissão para a interpretação do texto epistolar com aspectos literários, mas sim a percepção e execução dessa possibilidade por parte do epistológrafo.

nordestino, sertanejo, ao qual o Graciliano faz explícita menção: “Vai sair uma obra-prima em língua de sertanejo, cheia de termos descabelados. O pior é que de cada vez que leio aquilo corto um pedaço”, um índice do trabalho com a língua e a consciência a respeito dela enquanto marca de um local e classe, já que não é somente o português, mas uma língua relativa ao sertão, posteriormente reafirmada quase como um comprometimento com a literatura nacional.

Em carta iniciada em 02 e finalizada em 04 de outubro de 1932, GR alude à instabilidade política decorrente da Revolução Constitucionalista, finda com a rendição dos insurgentes, e novamente trata de seu trabalho no segundo romance.

Isto por aqui está um horror. Está medonho. A gente emburra com uma rapidez extraordinária. Felizmente não saio. Leio pouco. Mas tenho o manuscrito para emendar. Sempre dá para ir matando o tempo. Encontrei muitas coisas boas na língua do Nordeste, que nunca foram publicadas, e meti tudo num livro. Julgo que produzirão bom efeito. O pior é que há frases cabeludíssimas que não podem ser lidas por meninas educadas em convento. Cada palavrão do tamanho dum bonde. Desconfio que o padre Macedo vai falar mal de mim, na igreja, se o livro for publicado. É um caso sério. Faz receio. O que me tranquiliza é ele nunca ter lido nada. Quando você saiu daqui havia no romance algumas passagens meio acanalhadas. Agora que não há aqui em casa nenhuma senhora para levar-me ao bom caminho, imagine o que não tenho arrumado na prosa de seu Paulo Honório. Creio que está um tipo bem arranjado. E o último capítulo agrada-me. Quando o li depois dos consertos, espantei-me. Realmente suponho que sou um sujeito de muito talento. Veja como ando besta. (RAMOS, 2011, p. 169-170).

O contentamento pelo achado avaliado como único, dado em “Encontrei muitas coisas boas na língua do Nordeste, que nunca foram publicadas”, ilustra o que seria o empenho no registro do diverso correntemente. A especificação da língua, “de sertanejo”, antes, e “do Nordeste”, logo acima, remetem a uma ação consciente direcionada à fixação do regional no nacional. Essa espécie de empreendimento parece também ser comunicada em um discurso que não se destina apenas à HR, por ser um discurso que dialoga com a cena, isso em virtude do emprego da indefinição para referir-se a *São Bernardo*: “meti tudo num livro”, quando o esperado seria “meti tudo no livro”, no livro que se revisava, de que falavam e que o epistológrafo menciona nesse trecho, mas ao qual alude de forma imprecisa, como se estivesse direcionando a mensagem a um interlocutor que não conhecesse a narrativa, caso que não era o de HR.

Esta, ao contrário, inteirava-se e, ao que sugere a carta, acompanhava a feitura da composição. Veja-se, nesse sentido, este trecho: “Quando você saiu daqui havia no romance algumas passagens meio acanalhadas. Agora que não há aqui em casa nenhuma senhora para levar-me ao bom caminho, imagine o que não tenho arrumado na prosa de seu Paulo Honório”. Sobre essa “participação”, Dênis de Moraes apontou-a também no romance

inaugural, desta maneira: “À noite, quando os filhos iam dormir, Graciliano aproveitava o silêncio na sala para escrever páginas de *Caetés*. Trabalho lento, pela falta de tempo. Ao terminar um capítulo, lia para mulher, em busca de opiniões” (2012, p. 68). Em outras ocasiões, isso será mais evidente, mas até aqui se pode capturar a intimidade criativa a partir dessa forma de partilha da “crônica da obra” em repasso — mais adiante, nesse mesmo texto, o epistológrafo escreveu: “Por enquanto vou melhorar o negócio da compra de S. Bernardo, que Paulo Honório e Padilha estão esperando por mim” (RAMOS, 2011, p. 171).

Relacionando-se igualmente a esses pontos, língua, revisão e compartilhamento de impressões, há uma outra passagem dessa comunicação, que rapidamente faz menção não à literatura em que vinha trabalhando GR, mas à que denomina “oficial”. Reportando-se antes ao aniversário da Revolução de 30, iniciada em 03 de outubro, o escritor apresentou esta reflexão:

[...] Há dois anos você estava em Pilar, comendo bagre. E aí em Maceió ainda não tínhamos recebido o primeiro telegrama sobre a encenca. Agora tudo mudou. Um patriotismo infeliz tomou conta disto. E a literatura oficial é mais infeliz que o patriotismo. O pior é que ninguém faz nada. Conversa fiada, uns energúmenos idiotas querendo salvar esta gangorra por processos violentos. Besteira. Sangue não serve para nada. [...] (RAMOS, 2011, p. 170-171).

Nam manifestação de descontentamento com os rumos da literatura e do país, desequilibrado política e economicamente, estão as divisões que muito marcaram a década de 1930, em parte justamente por terem mesclado o âmbito político ao literário em categorizações nem sempre definidas claramente. Nessa última esfera, embora não especifique qual seja essa “literatura oficial”, o epistológrafo aponta para a existência de outra ou outras não oficiais. E como literatura oficial concebe-se, de acordo com as acepções do termo utilizado na qualificação, as produções consoantes à ideologia do governo provisório, assentado sobre o patriotismo e autoritarismo, as reconhecidas pela tradição ou ainda as que seguiam regras convencionadas.⁶³

O segundo romance claramente não se encaixava nessas características e trazia a afirmação de diferenciações não percebidas somente enquanto tais, senão como oposições estéticas e de ideais a outras realizações. Nesse sentido, há esse fragmento citado e este outro:

O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encenado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo

⁶³ O integralismo poderia ser um exemplo dessa vertente “infeliz” referida pelo emissor, posto o seu programa ideológico e menções futuras em relação a esse movimento, como esta: “Não escrevi ontem nem uma linha: estive até tarde em casa do Aloísio (o integralista), e como li os pedaços de uma prosa de Plínio Salgado, o sono me agarrou quando voltei e dormi doze horas pouco mais ou menos” (RAMOS, 2011, p. 194).

nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes para fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão *S. Bernardo*, cochilando, e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem. Está aí uma página cheia de *S. Bernardo*, Ló. É uma desgraça não é? Tanta letra e tanto tempo para encher linguiça! (RAMOS, 2011, p. 179).

Graciliano Ramos, nessa carta de 01 de novembro de 1932, apresenta semelhanças quanto a uma forma de pensar previamente expressa pelo Modernismo e antes ainda por José de Alencar em “Benção paterna”, prefácio de *Sonhos d’ouro*. No mais recente, há diálogos conceituais possíveis com o movimento como um todo e também, de forma mais específica, com a corrente encabeçada por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, denominada de movimento antropófago. Isso considerando o ideal de estruturação de uma cultura nacional não por meio da cópia dos modelos europeus, mas sim de sua assimilação em direção a uma transfiguração que lhe conferisse as “cores locais”.

Essas noções eram recentes na perspectiva modernista e também na regionalista, uma vez que não foram difundidas nos anos iniciais da década de 1920, foram, sim, apresentadas inicialmente em 1928 e por fim em agosto de 1929 por intermédio da *Revista de Antropofagia*, publicação paulista, porém a qual GR poderia ter tido acesso, tal qual teve à *Terra Roxa e Outras Terras*. Embora o romancista tenha manifestado contrariedades em relação ao Modernismo, o diálogo não deixa de existir, já que independe da consonância ou da autorização do autor para isso. Haveria nesse caso uma concreta ilustração da ligação entre os dois momentos e até a continuidade de um no outro por meio de algumas adaptações ou diálogos.

O texto do romântico, no que lhe concerne, publicado em julho de 1872 sob o pseudônimo de Sênio (nome não por acaso relativo à velhice ou amadurecimento), apresenta a recusa da importação pela importação dos modelos literários sem o devido estabelecimento das relações com a cultura brasileira, em cuja configuração não se adequava as formas de outra, na qual não se deveria introduzir igualmente o cultivado em outras terras, em outros climas e por outras mãos. Essa tese é apresentada e justificada assim: “Não alcançarão jamais que eu escreva neste meu Brasil cousa que pareça vinda em conserva lá da outra banda, como a fruta que nos mandam em lata” (ALENCAR, 1872, p. 18), pois, questionava ao leitor e especialmente aos críticos, “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?” (ALENCAR, 1872, p. 19). Viu-se que em relação a Alencar,

GR também apresentou reservas, todavia, igualmente, há interações conceituais, especialmente com as obras de 1922.

Os pontos de encontro entre essas vozes precedentes estão localizados na demonstração do empenho para com a língua, sendo traduzida “para o brasileiro” e diferenciando-se de outra “que aparece nos livros da gente da cidade”. Há indicativos de movimento em busca desse falar, “um brasileiro matuto, com uma quantidade de expressões inéditas”, uma descoberta (“nem suspeitava que existissem”) e digna de admiração porque com “belezas” e, além disso, com uma serventia: “para a formação, ou antes para a fixação, da língua nacional”, face da cultura, exploradas (língua e cultura) sob ângulos diversos, um radical, popular e aberto a interações; outro, anterior, consciente da necessidade de afirmação do Brasil; e este, da carta, tangenciando as margens da nação, com a “fixação” do regional enquanto nacional comunicando-se com a sua nacionalidade, como parece ter feito José Lins do Rego em *Menino de Engenho*, mencionado em correspondência de novembro de 1932:

Recebi, pelo último correio, o *Menino de Engenho*, do Zélin. É excelente. Mando amanhã uma carta agradecendo a remessa do volume. Imagine que meu pai leu o livro duas vezes. E um romance que meu pai lê duas vezes só pode ser bom. O *S. Bernardo* está acuado. (RAMOS, 2011, p. 182-183).

Em textos da década de 1940 e 1950, GR discorreu novamente sobre a questão da língua. Em um deles, atacando a *Gramatiquinha*, de Mário de Andrade, declarou: “Essa gramatiquinha não foi publicada, é claro: não existe língua brasileira” (RAMOS, 2015, 394). Assim como o procedido na carta a Joaquim Pinto, em que comenta o poema “iara”, o escritor defende o respeito às regras a fim de se alcançar a clareza da linguagem literária, índice de suas bases clássicas, procedimento que não incorreria necessariamente nos academismos e arcaísmos de outrora. A expressão nacional, segundo esses outros registros, deveria estar atrelada à técnica da composição e ao uso da língua, sendo a radicalização de seu registro uma barreira para sua apreensão. Além do mais, sendo língua e fala manifestações geral e individual, respectivamente, postular variações de um idioma como expressão nacional em um país de dimensões continentais parecia ferir a personalidade de regiões que buscavam afirmação cultural.

Conquanto essas divergências, outro índice do paralelismo entre movimentos próximos será identificado nas cartas aos tradutores, em textos nos quais esse assunto parece ganhar tonalidades de reivindicação. Por enquanto, a “tradução” do segundo romance para o brasileiro por fim foi se concluindo e com a ela a satisfação: “O *S. Bernardo* está muito transformado, Ló. Seu Paulo Honório, magnífico, você vai ver. O diabo é que as folhas estão cheias e não há mais lugar para emendas” (RAMOS, 2001, p. 184), satisfação e emendas não

dispensadas igualmente na próxima obra, atrapalhada por conta da prisão e retomada após um tempo de abandono por incentivo, crê-se pelos índices, de colegas como Rachel de Queiroz.

2.2 Segunda metade da década de 1930: *Angústia*

Angústia é um romance cujo conflito crucial traz à cena o relacionamento entre Luís da Silva, funcionário público que também escreve para jornais com o fim de aumentar a curta renda, sua noiva e vizinha Marina, jovem mulher com ares de imaturidade e futilidade, e Julião Tavares, homem rico, palestrador, de caráter hipócrita e responsável por afastar Marina de seu noivo, seduzindo-a e depois a abandonando grávida. Antes da separação do casal, a figura central da história dá sinais de sua angústia, de seu ressentimento em virtude da vida medíocre que leva. Esse estado, com o passar, acentua-se pela oposição de seu modo de ser ao do antagonista, Julião Tavares, que lhe tira uma das poucas conquistas e morre assassinado.

Em 1935, quando estava em Maceió dirigindo a Instrução Pública de Alagoas⁶⁴, GR voltou-se para a composição dessa narrativa. *São Bernardo* havia sido publicado no ano anterior após uma série de revisões. O processo de escrita do terceiro romance, de forma diferente, não pôde seguir os mesmos cuidados. A própria retomada depois de meses de abandono conta como um dos tropeços por que passou a obra até chegar às livrarias. Nas correspondências, dentre as informações dispostas a respeito desse livro, ressalta-se a relação com escritores regionalistas, a pendência psicológica para o tratamento das personagens e as dificuldades para sua conclusão, associadas ao contexto e ao próprio privilégio desse viés introspectivo.

No conjunto de *Cartas*, a primeira referência sobre *Angústia* indica o desenvolvimento que não foi fluido e que dependeu ou recebeu estímulos de um meio significativo a partir de artistas e do clima que estes criaram com as suas criações.

Ló: estou comendo como um cavalo: Helena de ontem para hoje tem arranjado um almoço formidáveis. Acabo de almoçar e, como é natural, bebi um bocado de aguardente. Vou dormir. Em seguida retomarei o trabalho interrompido

⁶⁴ O romancista mudou-se para a capital em 1933, ano em que assumiu o referido cargo e que teve o primeiro romance publicado. Em 1935, Heloísa Ramos foi passar uma temporada com os filhos em Palmeira dos Índios. O marido ficou na capital compondo *Angústia*.

há cinco meses. Julgo que continuarei o *Angústia*, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria. É quase uma hora. Creio que sapecarei o segundo horário da repartição. No quintal procurarei escrever a continuação do romance, que se passa num fundo de quintal, como v. sabe. Sairá uma obra notável. Nenhum artigo novo sobre o *S. Bernardo*: apenas um do Ceará, que a d. Clotilde mandou e que v. leu, parece-me. À noite vou terminar uma carta ao Oscar Mendes, de Minas, carta começada há mais de uma semana, antes da encrenca política. A propósito de encrenca: tudo continua como estava anteontem. Dois dias ganhos, portanto. Mas suponho que teremos sarapatel: consta-me que chegarão hoje do Rio, remetidos pelo general Góes Monteiro, uns ferrabrases acostumados a cortar cabeças. Sempre essa besteira: cortar cabeças, fazer montões de cinzas e sangue, salvar o Estado, toda uma literatura desmoralizada. É necessário que termine o meu romance, literatura menos besta que a outra, a política. Vou atirar-me a ele daqui a pouco, quando acordar. Mande-me dizer como aguentou a viagem. Lilita aborreceu-me muito? E d. Luísa? E nosso amigo Ricardo? Como vai o braço? Múcio recebeu o telegrama que Rachel passou em meu nome? Mande-me um relatório circunstanciado sobre a viagem. Por enquanto as coisas aqui estão calmas. Adeus, Ló. Abraços em minha mãe. Vou dormir. E, às seis horas, quando acordar, conversarei com a Marina e com Luís da Silva, excelentes criaturas, na opinião de Rachel e de Zéauto. Abraços do Graciliano. 22 de março de 1935. (Maceió). (RAMOS, 2011, p. 187-188)

Já no começo de 1930, o grupo de intelectuais reunidos em Maceió era expressivo em manifestações diversas: literatura (prosa, poesia e crítica), artes plásticas e estudo da língua. Além de Rachel de Queiróze o seu então marido, o poeta José Auto da Cruz Oliveira, citados na carta⁶⁵, fizeram parte da rede de sociabilidade José Lins do Rego, Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Santa Rosa e outros mais. Embora alguns tenham seguido para o Rio de Janeiro nessa mesma década, a interação, para a composição de GR, mostrou-se profícua, como indica a carta, pois percebe-se, a partir dela, que havia o compartilhamento do inacabado e o acato das impressões do outro (“Julgo que continuarei o *Angústia*, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95”). Mais adiante, na correspondência aos tradutores, se verá que esses vínculos serão recobertos por uma identidade consciente e afirmada criticamente em oposição a outras tendências.

Heloísa Ramos, do lado em que se encontrava, formou parte dessas relações. Nesse sentido, pode-se sinalizar tanto as referências informais aos nomes pertencentes ao grupo, citados no texto do epistológrafo — diversas de menções como a feita ao crítico mineiro Oscar Mendes, com indicação de nome, sobrenome e origem — quanto o seu conhecimento sobre *Angústia*, compreendido por meio das informações sobre o seu progresso, como ocorreu com as outras duas composições: “No quintal procurarei escrever a continuação do romance, que se passa num fundo de quintal, como v. sabe”; “quando acordar, conversarei com a Marina e com Luís da Silva, excelentes criaturas, na opinião de Rachel e de Zéauto”.

⁶⁵ Ambos foram para Maceió em 1934.

Nessa conexão direta, possível em virtude da interação da destinatário das informações, revela-se mais que a crônica da composição, mais que o estágio de seu avanço, mostram-se aspectos diferenciais dos quais o autor estava ciente e emprenhado: o fato de a obra em processo ser “menos besta que a outra, a política”. Supõe-se ser a outra *São Bernardo*, por contertanto o tratamento psicológico das personagens quanto a situação (no sentido de situar-se) política do enredo, fato responsável por interpretações fortemente ideológicas⁶⁶ da época e posteriormente sociológicas, como as de Candido e Lafetá.

A incursão psicológica se descobriria, no novo romance, mais relevante ou intensificada que as questões políticas estruturais, não ausentes, mas estreitamente relacionadas: psicologia e vida social. Bueno salienta que em *Angústia* “fica muito claro o quanto há de recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares” (2015, p. 622), ponto distintivo então e depois pela veemência e não pela exclusividade de tal tratamento — questão que será melhor desenvolvido um pouco mais adiante.

Em correspondência de 23 de março de 1935, há mais índices relativos à aproximação ao ficcional, pela intimidade com a narrativa, e ao compartilhamento literário entre os integrantes do grupo da capital alagoana. A conjuntura instável não deixa de ser novamente assunto nas cartas.

No Relógio Oficial encontrei Zélins, que foi comigo à Nordeste liquidar o negócio das cauções. Daí fomos ao palácio, abraçar o Osman e dizer os nossos endereços. Ao descermos, o autor de *Banguê* quis por força levar-me à casa dele: capítulo do romance novo e almoço. A Naná muito amável. Estou convencido de que ela é uma excelente moça. Em seguida rodamos para casa do Zéauto, onde ouvimos as últimas páginas do livro de Rachel. Zélins deu o fora e eu fiquei, na amolação, conversando literatura e esquecido da política. Rachel falou várias vezes em v. Sempre encantada com as meninas, especialmente com a Clarita, por causa da lembrança que ela tem da Clotildinha. De vez em quando dizia-me uns desaforos por não me resolver a meter a cara no *Angústia*, que ela acha melhor que os outros dois. Falta de entusiasmo. Sapequei uma folha ontem à noite, mas frio, bocejando. De volta da casa de nossos amigos, encontrei no bonde o Teixeira de Carvalho, que me falou a respeito de um telegrama chegado à tarde. Eu não sabia de nenhum telegrama, que tinha passado o dia fora da cidade. O Teixeira tinha ouvido que o Osman ia transmitir o governo ao Edgar e embarcar para o Rio, tudo por ordem do Ministro da Justiça. Ao passar pela Boa Vista, quis ir ao *Jornal de Alagoas*, pedir informações, mas não fui. Amanhã saberei se a história é verdade ou mentira. Quando saí dos Martírios, antes do meio-dia, tínhamos sido exonerados: os atos já estavam na Imprensa Oficial. (RAMOS, 2011, p. 190).

Nesse trecho, o epistológrafo aborda o assunto das palestras, “conversando literatura e esquecido da política”, e o contato com as criações dos colegas. Rachel de Queiróz

⁶⁶ Como as realizadas por Allyrio Meira na série de ensaios sobre a obra de Graciliano, publicados em *O Jornal*, Rio de Janeiro, em 1947, com o pseudônimo de Monte Brito.

apresentava-lhes, a ele e a José Lins do Rego (ZéLins), “as últimas páginas” de seu livro. O mais recente, nessa altura, era *João Miguel*, publicado em 1932. Em breve viria *Caminho de pedras* (1937). O autor de *Banguê* também havia partilhado do romance novo, certamente *O moleque Ricardo*, de 1935. De seu, há a cobrança de *Angústia*, que seguia compondo, e a política que o desestabilizava uma vez mais.

Datada do dia seguinte, 24 de março de 1935, tem-se:

Mando-lhe alguns recortes de jornais de hoje. Como v. vê, parece que ainda ficamos uns dias a roer os ossos da repartição. Ontem, depois que lhe escrevi, ainda arranjei uma página regular sobre os amores de sinhá Germana com o velho Trajano. Creio que hoje amanheci com a munheca desemperrada: já fiz um pedaço de capítulo. E são nove horas da manhã. Há um grande silêncio na casa, a gente escreve que é uma beleza. Ainda há dias o Osman me perguntava: “Como diabo v. pode escrever com tanto filho?” Julgo que agora concluirei o livro. [...] Vou conversar com a Marina e com a d. Germana. Beijos nos pequenos. (RAMOS, 2011, p. 191).

As convulsões sociais dão sinais de terem acompanhado a instabilidade da composição, ambas expressas recorrentemente nos textos. Em uma mesma correspondência, encontram-se registros como: “Tudo está numa confusão horrível! A nossa permanência nos cargos é coisa incerta, julgo que demoraremos pouco” (RAMOS, 2011, p. 192) e: “Escrevi umas seis ou oito folhas depois da sua saída, quase dois capítulos horrivelmente cacetes. Zéauto e Rachel, que me visitaram no domingo, acharam tudo muito bom, mas tenho a certeza de que a história cada vez mais está ficando indigesta” (RAMOS, 2011, p. 193).

A percepção e o encorajamento dos companheiros, antes citados como relevantes para a continuidade da história, são citados no texto como insuficientes frente às dificuldades surgidas com o desenvolvimento do enredo, “atrapalhado” em um momento crucial: a morte de Julião Tavares, como registou uma carta de 19 de abril de 1935:

Marina continua em vergonhosa atracação com o Julião Tavares. O ciúme de Luís da Silva é uma doença horrível. O marido de d. Rosália apareceu ultimamente, creio que já lhe disse. Depois castrou-se um moleque nos paralelepípedos. Surgiram uns vagabundos tocando violão e matando bicho numa bodega. Ontem à noite Luís da Silva tirou da raiz da mangueira dezesseis mil-réis em prata e duas libras esterlinas que Vitória tinha enterrado. Aí apareceu um gato que deve ser da família do diabo: creio que nessa história de botija o diabo aparece sempre. Nunca vi nenhum, mas é o que dizem. O meu diabo tem olhos de gato e veio numa sexta-feira da Paixão. Suponho que ele fica bem com olhos de gato. Seu Américo me deu umas informações sobre os olhos dos gatos, mas sem imaginar que eu estava preparando um diabo num dia santo como o de ontem. Quinta-feira passei o dia numa excitação dos pecados. Terminei a sua carta às dez horas. Pois daí até meio-dia, e das quatro da tarde à uma da madrugada, escrevi com uma rapidez que me espantou. Nunca trabalhei assim, provavelmente um espírito me segurava a mão. Vou perguntar à d. Luísa. A letra era minha, embora piorada por causa da pressa, mas é possível que aquilo fosse mesmo feitiçaria. Ou efeito de aguardente. O que é certo é que não vi espírito nenhum. Ontem, como já disse, o que vi foi o diabo, mas um diabo doméstico, com olhos de gato. Não é possível reduzir mais o sobrenatural. Estou em grande atrapalhão para matar Julião Tavares. Cada vez me convenço mais de que não tenho jeito para assassino. Ando procurando uma corda, mas, pensando bem, reconheço que é uma estupidez enforcar esse rapaz, que não vale

uma corda. Enfim não sei. Estou atrapalhado. Se hoje e amanhã eu estiver como nos dois primeiros dias, talvez encontre uma solução para este caso difícil. (RAMOS, 2011, p. 203-204).

Em *Angústia*, muitas ações estão imersas nos sentidos, pela perspectiva interior da personagem central. As passagens resumidas à HR são breves, são atuações efetivas: a vinda do marido da vizinha, as pratas embaixo da mangueira com o gato a observar, mas ações depois relembradas por Luís da Silva, especialmente nos momentos antecedentes e sucessores ao assassinato de Julião Tavares. Muitos dos fatos sintetizados no breve trecho da carta são interpostos no caos experimentado pelo narrador no romance, uma dinâmica de repetições.

A caminho do crime, o ex-noivado mói a “vergonhosa atracação” entre Marina e Julião: “Tinham dormido juntos, ela estava pejada. Muito bem. Era encher-se, parir, enjeitar o filho, marchar para a rua da Lapa, acabar-se no esquentamento. Um filho na barriga, um filho daquele sem-vergonha. Tão bom era um como outro” (RAMOS, 1949, p. 176). Após essa reflexão, o narrador volta à ação em curso: “E apertava a corda com força”, como se a lembrança aumentasse nele o desejo pela violência, um fato já narrado, transformado, dado que Marina havia se submetido a um aborto, e reinserido nesse monólogo.

Em outro momento, mais próximo do crime, recordações sobre o ator José Baía invadem Luís da Silva, de tal modo que questionou: “Quanto tempo duraram as recordações e o enfraquecimento? Um minuto ou menos. Novamente as mãos contraíram e as pernas estiraram no caminho extenso” (RAMOS, 1949, p. 215). Outra vez o retorno reforçando o ímpeto para o cumprimento da resolução de matar.

Satisfeito o desejo, permanece a inquietação tirando-lhe o foco. Após eliminar o antagonista, retorna a si:

— Mas que diabo estou fazendo aqui?
Necessitava levantar-me, afastar-me depressa, entrar em casa, dormir. Àquela hora o marido de d. Rosália resfolegava, arranhava com a barba o couro amarelo de d. Rosália. O marido de d. Rosália resfolegava como um bicho. E Julião Tavares parado. (RAMOS, 1949, p. 219).

O marido de d. Rosália, citado antes na narrativa (repetidas vezes) e também na carta, reaparece não por acaso nessa situação. É como um bicho que Luís da Silva aproxima-se de sua vítima: “Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares (RAMOS, 1949, p. 217), e é como um bicho que soa o seu vizinho. Uma outra associação a essa figura volta a aparecer. Já em casa, esgotado pelo esforço da violência, devaneia: “D. Rosália e o marido estariam dormindo? Tão tarde... O marido de d. Rosália chegara do interior”. Um as linhas adiante e mais: “O marido de d.

Rosália com certeza estava cansado e dormia. Eu também estava cansado, mas não podia dormir” (RAMOS, 1949, p. 235).

O apanhado feito pelo epistológrafo não necessariamente testemunha o curso exato em que os acontecimentos sucederam, ele certamente os indica nesses momentos de revisitação, mais precisamente quando a introspecção se intensifica ao ponto de quase escapar ao espaço concreto, em um angustiantecírculo sem frestas.

Na carta, a menção à atrapalhação nessa parte quase final do romance pode estar relacionada a esse movimento praticado pelo autor, de revolver uma série de ações ou lembranças por meio da introspecção em um momento crítico, que também demanda a narrativa do ato e a relação entre a retomada e a atuação. Daí certamente a qualificação atribuída por Antonio Candido em *Ficção e Confissão*: um romance “fuliginoso e opaco”, de “clima opressivo” (CANDIDO, [1956] 2006, p. 47), pois nele não há muitos espaços livres da raiva nutrida pelo narrador, que entrelaça os fatos no fluxo de seus sentidos, de suas conexões conturbadas, todavia não sem completa lógica.

De acordo com Lebesztayn:

[...] o repisar das muitas humilhações sofridas e do ódio pelo bacharel rico que lhe roubou a noiva, a rememoração do instante de piedade por ele e a comparação com os cangaceiros e com José Baía revelam Luís da Silva um homem torturado pelos sentimentos simultâneos da culpa por ser assassino e da necessidade de seu ato. (2010, p. 342).

O vai e vem de lembranças, das ações, é a expressão dessa simultaneidade difícil de conciliar, porque não há uma sequência, senão sobreposições. Ao comunicar ter recebido uma proposta de José Olímpio para editar *Angústia*, GR estipula um prazo para a conclusão do trabalho, de novo ressaltando o mesmo ponto de dificuldade, a narrativa do crime.

Ló: Fiz viagem regular e cheguei em paz, com muita poeira, muito sono e lembrança das conversas chatas do trem. Felizmente amanhã amanheci melhor. Tomei quatro banhos para livrar-me da poeira e escrevi duas folhas do romance: terminei um capítulo e comecei outro. Hoje é que não pude escrever nada. Na repartição encontrei, com um expediente enorme que encoivarei depressa, uma carta do Zélin. Recados para Rachel, que ainda não voltou do Recife, e uma proposta do José Olímpio, que se oferece para editar o *Angústia*, ainda não escrito. Edição de três mil exemplares. Acabo de escrever ao Zélin dizendo que o livro só estará terminado lá para o final do ano, se estiver. Marina está grávida, creio que já lhe disse. Agora vou ver se é possível matar Julião Tavares. Difícil. A morte desse homem vai demorar muito. Creio que vou terminar este bilhete, Ló. A encrenca política ainda continua sem solução. [...] (RAMOS, 2011, p. 205-206).

Além do impasse nesse ponto específico, destaca-se de uma forma diferente a movimentação dos integrantes do grupo de Maceió, pois nessa carta vê-se José Lins do Rego atuando como um intermediário entre o editor e o amigo autor, assim como atuou Jorge Amado: “O *Angústia* vai indo. Estão emendadas duzentas e quatro páginas. Dentro de um mês

estará concluído e datilografado. Recebi novas cartas do Zélinse do Jorge pedindo-o” (RAMOS, 2011, p. 215), e assim como atuou próprio GR, como se verá na correspondência com o tradutor argentino Benjamín de Garay, no próximo capítulo.

Em dezembro de 1935, o livro foi concluído e passou a ser “emendado”. José Olímpio desejava publicá-lo em janeiro próximo, mas o trabalho teve que ser interrompido:

[...] ultimamente suspendi o trabalho: serviços da repartição e resposta a umas cartas do Zélin, do Jorge e do Benjamín Garay. Ainda não mandei o conto para o argentino. Mandá-lo-ei com o retrato, que ele pediu há meses para umas revistas de Buenos Aires. Endireitando o livro, vejo que não me será possível publicá-lo agora. Talvez até não o publique no ano vindouro. Não sei. Continuo a consertá-lo e projeto um novo romance. (RAMOS, 2011, p. 207).

Em janeiro de 1936 a revisão seguia: “Quanto a mim, continuo a substituir e a cortar palavras do *Angústia*” (RAMOS, 2011, p. 211). Ao mesmo tempo, havia a remessa de contos para o argentino, que lhe pedia composições de acento regional. O escritor concluía uma obra e encaminhava-se a outra: “Continuo a consertá-lo e projeto um novo romance”, desenvolvido somente após o cárcere. Preso em 3 de março de 1936 em Maceió, o romancista, apesar das tentativas narradas em *Memórias do cárcere*, suspendeu a atividade literária. Os materiais fornecidos pelas prisões e pelos companheiros só foram aproveitadas anos depois, em contos e no romance memorialista.

O terceiro livro foi publicado em agosto de 1936, no Rio de Janeiro. Além desses registros sobre o seu progresso até aí, há outro que também contribui para a compreensão dos procedimentos adotados nele pelo autor. Trata-se de uma carta datada de 1945, enviada ao crítico Antonio Candido em resposta aos ensaios que compõem *Ficção e Confissão*.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945

Antonio Candido:

Só agora, lido o último artigo da série que V. me dedicou, posso mandar-lhe estas linhas e conversar um pouco. Muito obrigado. Mas não lhe escrevo apenas por causa dos agradecimentos: o meu desejo é trazer-lhe uma informação ajustável ao que V. assevera num dos seus rodapés.

Arriscar-me-ia a fazer restrições ao primeiro e ao segundo, se isto não fosse considerado falsa modéstia. E impertinência: com as vivas atenções dispensadas ao meu romance de estreia, foram apontados vários defeitos, o que de certo modo atenua a parcialidade otimista.

Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de *Angústia*. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece.

Por que é que *Angústia* saiu ruim? Diversas pessoas procuraram razões, que não me satisfizeram. Olívio Montenegro usou frases ingênuas e pedantes, misturando ética e estética. João Gaspar Simões afirmou que o americano é incapaz de introspecção - e com esta premissa arrasou-me. Veja só. Nada há mais falso que um silogismo. Álvaro Lins veio com aquele negócio de tempo metafísico. Mas isso diz pouco, não é verdade? Se eu constituísse uma exceção à regra de João Gaspar

Simões e contentasse Olívio Montenegro e Álvaro Lins, *Angústia* não deixaria de ser um mau livro, apesar de haver nele páginas legíveis.

Por que é mau? Devemos afastar a ideia de o terem prejudicado as reminiscências pessoais, que não prejudicaram *Infância*, como v. afirma. Pegue-me a esta razão, velha e clara: *Angústia* é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura enfim, as partes corruptíveis tão bem examinadas no seu terceiro artigo. É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas: de outro modo o nosso trabalho seria inútil.

E aqui vem a informação a que me referi. Forjei o livro em tempo de perturbações, mudanças, encrencas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo. Matei Julião Tavares em vinte e sete dias; o último capítulo, um delírio enorme, foi arranjado numa noite. Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. Nos longos meses de viagens obrigatórias supus que a polícia me houvesse abafado esse material perigoso. Isto não aconteceu - e o romance foi publicado em agosto. Achava-me então na sala da capela. Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história. Só muito mais tarde os vi. Um assunto bom sacrificado, foi o que me pareceu.

Esta explicação tem apenas o fim de exhibir-lhe o prazer que me causou o seu juízo. Quando um modernista retardatário e pouco exigente me vem seringar amabilidades a *Angústia*, digo sempre: - "Nada impede que seja um livro pessimamente escrito. Seria preciso fazê-lo de novo."

Permita-me que apenas toque nos seus estudos relativos a *São Bernardo*, *Vidassecas* e *Infância*. Ser-me-ia difícil estender-me sobre eles. O que faço é agradecer. Por muito vaidoso que sejamos, às vezes certas opiniões nos amarram: diante delas ficamos atapalhados e sem jeito.

Adeus, Antonio Candido. Abraços do admirador e amigo

Graciliano Ramos((RAMOS, In. CANDIDO, A. 2006, p. 9-12).

Reproduz-se esse texto primeiro por tratar do romance em questão e segundo por apresentar um ponto de vista posterior e de certa forma preenchido por outros olhares. As repetições, percebidas como um recurso intensificador da introspecção, são apontadas aí como excessivas, desnecessárias. "O divagar maluco em torno de coisinhas bestas", no qual se nota uma certa lógica determinada pelas relações de sentido entre um termo, uma sensação ou situação, constituem gordura, "partes corruptíveis" em muito destoantes da obra anterior e da próxima, ambas supondo um interlocutor.

Candido, em seu ensaio, diferencia o modo de narrar desse romance em relação aos outros por este aspecto: a constituição de um monólogo interior de fato, decorrente da "necessidade própria" do narrador, não havendo quase distinção clara "entre a realidade narrada e a do narrador" (2006, p. 56). As justificativas apresentadas para as "corrupções" no romance não se voltam para expressar a busca por esse sentido convulso, simultâneo e responsável pela construção da figura frustrada, cheia de aversão àqueles representantes das opressões sofridas; elas se direcionam na concordância com o crítico, que não se estende na

análise das “gorduras”, apenas as menciona em comparação a outras realizações, mais discretas, despojadas.

Na perspectiva pessimista do autor, entretanto, essas pontuações são exageradas e constituem atitude recorrente de seu perfil biográfico desde a juventude, como se viu, nas cartas a Joaquim Pinto, frente aos seus sonetos e ao desprezo por sua produção naquela época e depois, quando alguns dos escritos foram para o fogo para divertir as crianças.

Em síntese, o epistológrafo não justifica os excessos como diferenças em relação ao meio de que tentava se diferenciar, como uma tentativa proposital de inserir a divagação em torno da fixação da realidade. Ele tão só a ressalta como um erro propiciado pela conjuntura, todavia, um “erro” (“é um livro mal escrito”) não corrigido nas próximas edições revisadas por ele. Em vista disso, Bueno aponta para a “consciência de um homem que escreveu num tempo em que o romance tinha que dar um recado político e pronto” (2015, p. 622), uma consciência, então, que percebia a necessidade da diferenciação da prosa praticada nos romances anteriores. Sob essa perspectiva, *Angústia* não destoaria tanto das outras composições, ao contrário, ele delas se aproximaria ao apresentar a coerência linguística com a personagem que se expressa. Seria, assim, a prática do fator econômico no romance brasileiro, que o escritor irá asseverar em alguns artigos reunidos em *Linhas tortas* e que irá sustentar nas correspondências desse mesmo período.

Em uma datada de 28 de janeiro de 1936, ao aconselhar HR na escrita de um romance, enviou:

[...]

Como vai a saúde? Como vão as crianças? Recebi a carta do Tatá. O Humberto cita a opinião dele em um artigo sobre *Jubiabá*. Vão pelo Júnio os livros que ele pede. Mande-me notícias de Maria Antônia. Pergunta-me se essa criatura deve falar como toda a gente. Está claro. Pois havia de usar linguagem diferente? Falar como as outras pessoas, sem dúvida. Foi o palavreado difícil de personagens sabidos demais que arrasou a antiga literatura brasileira. Literatura brasileira uma ova, que o Brasil nunca teve literatura. Vai ter de hoje em diante. E você trabalhar para que Maria Antônia entre nela. Veja se consegue pegar a vida dela, a do curandeiro, isso que aí deixamos assentado. Imagino que a preguiça não lhe amarrar as mãos. Enfim tem você um excelente material, material como poucos sujeitos encontraram. Pode dar coisa muito boa. O que é preciso é ter muita coragem e muita paciência, trabalhar seis, um ano, várias horas por dia, sem grandes esperanças. O *Angústia* vai indo mais ou menos. Falta-me consertar umas oitenta folhas. [...]. (RAMOS, 2011, p. 217).

Em “Literatura brasileira uma ova, que o Brasil nunca teve literatura”, revolvem-se as tentativas da consolidação empreendidas no Romantismo e a partir de 1922, mas sem sucesso na perspectiva de Graciliano porque, como atrás confessou na entrevista ao *Jornal de Alagoas* em 1910 e na carta ao amigo Joaquim Pinto, quando mencionou um poema de Mário de Andrade, esses movimentos não registraram a verossimilhança compreendida por ele, isso no

âmbito do enredo e também da linguagem, uma idealizada e outra tão radical que distorcia o falar e não desempenhava a função que deveria: a de formação e expressão da língua e culturacionais (RAMOS, 2011, p. 179), isso tendo em vista o aconselhamento feito à destinatária.

Em direção à aproximação da realidade, não era interessante distinguir o falar na ficção do falar no plano factual. Entende-se que Maria Antônia fosse uma das personagens da composição iniciada ou projetada por HR, incentivada pelo marido, que em suas cartas notou uma potência literária: “Ló: A sua carta de anteontem está admirável. Muito benfeita. Vou dar-lhe um conselho: escreva um livro. Não pense que é brincadeira, estou falando sério. Nas quatro folhas há estilo, há graça e alguma correção” (RAMOS, 2011, p. 208). É ao falar difícil que Graciliano atribui o malogro das letras brasileiras, sendo necessário, para a sua ascensão ou fundação, a atenção a esse viés, marca da nacionalidade.

Em outro trecho, comentou:

O plus-valor, a circulação do capital e dos produtos, as coisas brabas que há na carta, podem ser úteis. A gramática não tem importância e aprende-se em pouco tempo. Como você viu, a valha George Sand começou a escrever sem gramática. E os nossos escritores atuais, Zélin e Jorge à frente, ignoram isso completamente. Veja se encontra assunto para um romance. Não imite ninguém, faça coisa sua. (RAMOS, 2011, p. 209).

Ao tratar da escrita de correspondências, Michael Foucault ponderou que se trata de um “[...] ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”, devendo-se entender por tal que “a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente oferecer-se ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz”. Disso, retira-se uma reflexão sobre o próprio fazer artístico em curso, *Angústia*: o aconselhamento espelhando então um valor, um método criativo que poderia resultar em um bom romance. Tanto é possível que adiante o escritor pede à esposa que ela compartilhe com ele suas histórias, a fim de que pudesse aproveitá-las na composição dos contos para o argentino (Benjamín de Garay), que lhe pedia narrativas de temática regional. Foi para o tradutor, inclusive, que GR enviou os contos que constituíram *Vidas secas*.

3 CAPÍTULO: Cartas a Benjamín de Garay

Na introdução às *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro* (2008), Pedro Moacir Maia⁶⁷, dando sentido à publicação do volume, afirma ser a correspondência ativa de um escritor importante pelos “subsídios valiosos” que pode fornecer para “o melhor conhecimento de sua obra, sua vida e sua época”. Ainda que a epistolografia não incorra necessariamente em biografismo, de fato, percebemos a riqueza presente na coleção ao encontrarmos, nas cartas, traços de um perfil intelectual com informações que possibilitam discussões relativas ao conceito de geração literária, ao trato da língua (portuguesa, literária, regional), às redes de sociabilidade e à gênese criativa de Graciliano Ramos, quase todas no âmbito do decênio de 30⁶⁸ e muitas levando à construção ou percepção subjetiva – embora também de um grupo – de um ideário de literatura nesse momento da história cultural e política do país.

Esses dados são mais expressivos nas cartas destinadas a Benjamín de Garay. Das 24 presentes no livro, 18 foram enviadas a ele: três são de 1935, ano da Revolta Comunista, onze

⁶⁷ A coleção *fac-similar* reunida por Maia é constituída por 24 cartas datiloscritas e manuscritas: 18 de Graciliano Ramos a Benjamín de Garay, entre os anos de 1935 e 1938; 3 cartas de Heloísa Ramos, esposa de Graciliano, destinadas também a Garay, no ano de 1936; e 3 cartas enviadas a Raúl Navarro, uma de 1937, uma de 1938 e outra de 1947.

⁶⁸ Com exceção de uma carta de 24 de julho de 1947, enviada a Raúl Navarro.

de 1937, quando o romancista foi libertado do cárcere, e quatro de 1938, ano em que *Vidas secas* foi publicado. O diálogo entre os dois foi interrompido em 1936, em virtude da prisão do escritor brasileiro em 03 de março desse mesmo ano, sem processo formal mas certamente sob suspeita de envolvimento no levante do ano anterior (23/11/1935), ou por “ódios políticos locais”, como sustentou Heloísa Ramos, sua esposa, em carta de 4 de julho de 1936, também a Garay.⁶⁹

Personalidade ativa, Benjamín de Garay foi considerado um importante intermediador cultural. Como tradutor e crítico literário em Buenos Aires, apresentou muitos autores brasileiros à “gente que fala espanhol”⁷⁰. Nomes como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Jorge Amado e Graciliano Ramos constam entre os seus trabalhos de tradução, intensificados a partir dos anos 1930. Nessa época, especialmente, ele estava envolvido por um contexto de aproximação entre Brasil e Argentina, projetos editoriais deste último país como a *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano* e a *Biblioteca de Novelistas Brasileños* propiciaram essa relação e o seu destaque.

A primeira iniciativa, idealizada pelo historiador Ricardo Levene⁷¹ e criada oficialmente pelo governo conservador argentino em 1936, estava mais voltada à integração de textos relacionados ao ensino da Geografia e da História nacional e americana: uma ação política cujo primeiro passo foi a tentativa de avizinhamiento intelectual⁷²; a segunda, de que Garay foi diretor e em que atuou como tradutor e prefaciador, pertencia à *Editorial Claridad*⁷³ e apresentava interesses comerciais pelo que era brasileiro⁷⁴. Em uma das

⁶⁹ Com a prisão do escritor, Heloísa Ramos se viu na circunstância de resolver algumas pendências do marido com Garay, como o envio de contos para tradução e publicação na revista *El Hogar*: “Ilmo. Sr. Benjamín de Garay: Achando-se meu marido Graciliano Ramos preso por motivos políticos e tendo eu ciência de sua carta datada de 27 de fevereiro p. findo, a ele dirigida, tomei a deliberação de respondê-la, enviando-lhe inclusos os seus retratos.” (RAMOS, 2008, p. 33).

⁷⁰ Em referência à carta de GR ao tradutor, na qual, sobre *Angústia*, se lê: “Assim, caso você queira apresentar o romance à gente que fala espanhol, mandar-lhe-ei um volume com emendas indispensáveis” (RAMOS, 2008, p. 60).

⁷¹ Da *Academia Nacional de la Historia* e na época presidente da *Comisión Revisora de la Enseñanza de la Historia y Geografía Americanas*, organismo originado no convênio firmado entre Argentina e Brasil em outubro de 1933 para a formulação de proposições para o ensino dessas matérias. (SUÁREZ y SAAB. **Clío & Asociados**. 2012 (16) ISSN 0328-82X, pp. 211-227. UNL–UNLP).

⁷² Na conjuntura argentina, também conservadora, a memória histórica se destacou entre os focos do Estado, expressando-se na promoção de uma educação patriótica e na criação de novas instituições. A *Biblioteca de autores brasileños* parece ter formado parte dessa ação educacional e política.

⁷³ Editora fundada em Buenos Aires em 1922 pelo jornalista espanhol Antonio Zamora, este vinculado a um grupo de artistas interessados pela temática social (Grupo de Boedo). *Claridad* foi considerada um importante empreendimento cultural, sendo a acessibilidade ao material que publicava: edições populares a preços baixos, uma das razões disso.

⁷⁴ Em relação a esse contexto, foram consultados: CABRAL, André da Costa. **Aproximações entre Brasil e Argentina: aspectos da recepção crítica da tradução de Os Sertões de Euclides da Cunha feita por**

cartas da coleção de Maia, de 30 de setembro de 1935, Graciliano cita um empreendimento semelhante a esse, destacando as iniciativas de seu interlocutor: “Como vai o negócio da editora de livros brasileiros? Estou encantado com a notícia e faço votos (votos interessados) para que a casa se inaugure e prospere” (RAMOS, 2008, p. 26)⁷⁵.

Já nesta carta de recomendação do escritor argentino Manuel Gálvez⁷⁶ a Ricardo Levene, tem-se uma ideia da autoridade reconhecida no tradutor no que se refere à literatura do Brasil:

Buenos Aires, Noviembre 29

Mi estimado amigo e ilustre colega:

Pocas palabras, para recomendarle al escritor argentino Benjamín de Garay, que sería el mejor candidato posible para traducir los libros de la colección brasileña.

Garay ha traducido ya unos volúmenes del portugués al español: obras de Rodrigo Octavio, de Claudio de Souza, de Monteiro Lobato, etc. Es hijo de un militar de apellido italiano (su verdadero apellido es Bertoli Garay) que era ciudadano brasileño y que sirvió al ejército de su patria. Garay ha estado muchos años en el Brasil, y, aparte de conocer a fondo la lengua y la literatura de ese país, escribe bien en español.

Como está muy necesitado, Garay hará su trabajo con rapidez. No se eternizará en las traducciones, como hacen otros.

Una palabra más: Garay ha sido un formidable embajador de la literatura brasileña en la Argentina y de la literatura argentina en el Brasil. Nos ha puesto en contacto a unos escritores otros; ha hecho editar allí más de un libro argentino y aquí más de un libro brasileño y ha publicado en diarios y revistas numerosos artículos sobre escritores de ambos pueblos.

Me gustaría que usted le escribiese llamándolo a su casa. Creo que no tiene teléfono. Vive en Lavalle 774- 3º.

Saludos muy cordiales de su amigo y colega

Manuel Gálvez

Santa Fe 3018

Creo que Garay tiene traducido *O Sertões*, el gran libro de Euclides da Cunha, libro que, como usted no ha de ignorarlo es para los brasileiros lo que el *Facundo* para nosotros. Sería magnífico que la colección se estrenase con ese monumento de la literatura brasileña.⁷⁷

Benjamín de Garay, 2008, e PASERO, Carlos A., “*Los límites de la lengua. Benjamín de Garay y la praxis de la traducción*”. **Revista da Pós-Graduação em Letras** - UFPB João Pessoa, Vol 6., N. 2/1, 2004 – p. 95-100.

⁷⁵ Nesse trecho, cremos que Graciliano Ramos se refira ao projeto não concretizado de Garay, de que sairia a tradução de *S. Bernardo (Feudo Bárbaro)* pela *Editorial Crucero*, e por que, posteriormente, a *Editorial Claridad* demonstrou interesse, conforme se lê em “Uma tradução frustrada” (2008), de Pedro Moacir Maia.

⁷⁶ Integrante da Academia Argentina de Letras e da Real Academia de Espanha, Manuel Gálvez foi indicado ao Nobel de Literatura em três edições (1933, 1934, 1951). Formou parte também da reação nacionalista, de orientação política direitista e conservadora, em seu país.

⁷⁷ Galvez, Manuel. **Carta Recomendando Traductor De Portugués**. Buenos Aires, 29 De Noviembre De 1936?. Buenos Aires, 1936. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php?dir=09040019&num_img=09040019_0001-00&mon=5&vn=s&vi=s&vt=s&vv=s&vh=s&c=&zoom=100&modo>>. Acesso em 24 set 2017.

Catalogadas na *Biblioteca Nacional de Maestros* como possivelmente escritas em 1936, as cartas sugerem Garay como um forte elo entre os países em questão, tendo em vista a sua experiência e relações. A indicação não deixa de observar sua filiação, aspecto que talvez o alinhasse, mesmo que indiretamente, ao projeto oficial de que Levene estava à frente. É de se notar também a necessidade percebida como força motriz no trabalho do tradutor, semelhante ao que se observa nas cartas, sobretudo as de 37, de Graciliano a ele, quando o romancista se dispõe, por exemplo, a fabricar contos, já que capítulos de romance pareciam não se adequar aos desejos do correspondente ou dos periódicos em que publicava. Sobre a obra de Euclides da Cunha, muito provavelmente Garay a possuía, pois ela foi publicada traduzida por ele para a série da *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano* em 1937.

Como se nota na descrição do escritor Manuel Gálvez, Garay já demonstrava inclinações pela literatura nacional em sua generalidade desde outros tempos. Quando trabalhou como jornalista no Rio e em São Paulo na década de 1920, por exemplo, ele travou conhecimento com escritores com os quais posteriormente se correspondeu.⁷⁸ Na carta de 17/08/1935, Graciliano evidencia essa disposição anterior do tradutor e a heterogeneidade de suas escolhas, que não se justificariam apenas pela diversidade dos projetos a que se dedicaria no decênio de 1930: “Admirável o trabalho que, desde 1914, o senhor tem tido para aproximar os brasileiros dos hispano-americanos. Quanto a mim, estou-lhe muito obrigado por me haver escolhido entre os escritores nortistas do meu país” (RAMOS, 2008, p. 23). Nesse trecho, ao citar o episódio de quando foi selecionado, Graciliano aponta para a abrangência desejada pelo argentino ao buscar apreender uma das expressões literárias do Brasil: a produzida pelos chamados “escritores nortistas”, daí o diálogo iniciado, conforme as indicações do destinatário, pelo pedido de *Caetés* e *Angústia*, este inconcluso, mas já noticiado.

3.1 Coisas do Nordeste: língua e escritores

Na análise do diálogo de que se conservou mais concretamente apenas uma voz⁷⁹, começamos pela carta que parece ser a primeira, ou uma das primeiras, de Graciliano ao

⁷⁸ De acordo com Gustavo Sorá (In. MARTINS, Maria Helena, 2002, p. 195), no contexto dos anos 20 em São Paulo, Garay foi atraído pelo Grupo Colmeia (de que participou Monteiro Lobato, Menotti de Pichia, Affonso Schmidt e outros), identificado com a revista *Novela Semanal*. Já nesse momento, Garay publicava autores brasileiros em revistas argentinas.

⁷⁹ Clara Ramos, em *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra* (1979), fez referência a uma carta do tradutor, enviada ao seu pai em 18 de julho de 1935, de que transcreveu este fragmento: “He leído en Boletín de

tradutor. Datado de 17 de agosto de 1935, o texto é significativo especialmente pelo que suscita em relação ao tratamento da língua na literatura brasileira de então.

Maceió, 17 de agosto de 1935

Distinto confrade Benjamín de Garay:⁸⁰

Na sua carta de 18 de julho, há um equívoco: ainda não escrevi o *Angústia*, um romance encencado. José Lins do Rego leu dele alguns capítulos há meses e teve demasiada pressa em anunciá-lo no *Boletim de Ariel* e em vários jornais do Rio, mas a verdade é que, trabalhando uma ou duas horas por dia, só poderei publicá-lo no ano vindouro. Tenho uma vida embrulhadíssima e não me é possível dedicar atenção continuada a este gênero de ocupação. Logo que o livro saia, terei muito prazer em remeter-lhe um exemplar.

Mando-lhe agora *Caetés*, que o senhor me pede, e *S. Bernardo*, que é mais novo e de que talvez não lhe tenha chegado ainda notícia. O primeiro, exceto algumas expressões novas, que aliás circulam no país inteiro, é todo escrito em português. *S. Bernardo* tem centenas de locuções regionais, coisas do Nordeste que não figuram na língua dos livros. Caso o senhor ache necessário, pode mandar-me uma lista de palavras e frases desconhecidas, que eu lhe enviarei as formas correspondentes neste horrível português que infelizmente ainda usamos.

A tradução que o senhor deseja fazer ser-me-á muito vantajosa: vai encher-me de vaidade, sentimento natural em todos os sujeitos que escrevem, e pôr-me em contato com os escritores do resto da América do Sul, que desgraçadamente sempre têm estado longe de nós. É uma vergonha. Conhecemos a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia e até Portugal, mas ignoramos a América, apesar de falarmos quase a mesma língua. [...] (RAMOS, 2008, p. 23).

De início, infere-se desta carta o início do diálogo em razão do tangenciamento da questão da tradução (com a apresentação dos livros e esclarecimento de informações) e da formalidade expressa pelo uso do pronome de tratamento “senhor”, utilizado em referência ao interlocutor, mas destaca-se a formalidade cordial que convida à aproximação logo ao início: “Distinto confrade Benjamín de Garay”. E o convite parece ter sido aceito, pois, nas próximas cartas, o “senhor” cede o lugar ao “você”, assim como o “Benjamín de Garay”, nos vocativos, será reduzido a “Prezado Garay” em alguns textos posteriores.

Logo nesse registro, em que se identificam essas diligências de tratamento, é expressivo que não se trate apenas de uma operação objetiva de tradução, tendo em vista os comentários que extrapolam esse escopo mesmo convergindo para ele. Ao fazer referência à língua, informação importante para o finalidade central do diálogo, faz-se também uma referência à literatura e a uma percepção particular sobre esta. Ao comentar seu primeiro livro, *Caetés* (1933), Graciliano informa que foi “todo escrito em português”, diferente de *S.*

Ariel algunas referencias sobre sus libros *Caetés* y *Angústia*, y me sería grato poder decidirme a traducir uno de ellos, tanto más cuanto en la galería de los escritores brasileños traducidos por mí no figura ningún autor nortista” (RAMOS, Clara, 1979, p. 270, n. 1.). Se cotejado ao trecho da carta de Graciliano Ramos, citado anteriormente, é possível perceber a correspondência entre ambos, um como resposta ao outro.

⁸⁰ Todas as citações das cartas aos tradutores correspondem às transcrições realizadas por Maia, com ortografia atualizada, e não ao documento reproduzido em fac-similar.

Bernardo, o segundo (1934), com “centenas de locuções regionais, coisas do Nordeste que não figuram na língua dos livros”, sugerindo a existência de uma restrição e padronização de que a narrativa de Paulo Honório se diferenciava e de que *Caetés* se aproximava, uma vez mais a percepção da reinserção do movimento de afirmação de aspectos da nacionalidade na literatura brasileira, iniciado, às suas respectivas maneiras, no Romantismo e no Modernismo, como se pontuou nas cartas à esposa.

A respeito do romance inaugural, Antonio Candido (2006, p. 18-19), na década de 1940, perceberá nele o cuidado com a escrita, um vínculo com o pós-naturalismo e um exercício de “técnica literária”, espécie de preparação para as obras posteriores, como se *Caetés* ainda não integrasse completamente as produções do “surto nordestino”, especialmente quando contrastado com o que viria a seguir. Essa obra estaria mais voltada a parâmetros literários anteriores e por isso mais deslocada em relação ao seu contexto⁸¹ e mais especificamente à própria produção de seu autor, que se encaminharia ao apuramento psicológico e à sintetização dos cenários e registro de costumes, expressivos na narrativa de João Valério⁸². Essa mudança teve como “correlativo formal [...] a contenção e síntese do estilo” (CANDIDO, 2006, p. 20) do escritor, características que fortemente o identificaram a partir de *São Bernardo*.

O período que finaliza o segundo parágrafo também é significativo no sentido da expressão linguística ao apresentar insatisfação com o português: “Caso o senhor ache necessário, pode mandar-me uma lista de palavras e frases desconhecidas, que eu lhe enviarei as formas correspondentes neste horrível português que infelizmente ainda usamos”. O uso do advérbio “ainda” encaminha a interpretação para a percepção do caráter arcaico que a língua imprimia, distante do que dizia por dizê-lo diferente do que era corrente no exercício real do idioma, especialmente em uma tendência artística cujos objetos eram as questões sociais, tratadas a partir de uma variedade da língua até pouco tempo não figurada nos livros, a não ser com feições caricaturais ou muito revolucionárias.

Ainda nessa perspectiva, no terceiro parágrafo, Graciliano Ramos apresenta como vantagem a aproximação que a tradução proporcionará entre “os escritores do resto da América do Sul” e um “nós”, relativo aos brasileiros de forma geral ou aos escritores

⁸¹ Embora publicado em 1933, *Caetés* foi enviado ao editor Augusto Frederico Schmidt antes de 1930, e, de acordo com Denis de Moraes, “vinha sendo escrito há cinco anos” (2012, p. 74).

⁸² Personagem central e narrador em *Caetés*.

particularmente⁸³. Seguindo na primeira pessoa do plural, afirma: “Conhecemos a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia e até Portugal, mas ignoramos a América, apesar de falarmos quase a mesma língua”. Essa passagem parece convergir com as anteriores no que se refere à língua portuguesa, pois se poderia criar a expectativa da adversativa (“apesar de”) em relação à proximidade geográfica, como parece ser a intenção, nesse caso inversamente, ao elencar os países europeus em ordem crescente de distanciamento, com exceção do último.

Além disso, ao apontar a língua como uma espécie de elo (“apesar de falarmos quase a mesma língua”), voltamo-nos estranhamente à referência a Portugal, e percebermos nessa ação não apenas o afastamento espacial concreto (menor em relação aos outros países da lista), mas também o linguístico, como se os brasileiros tivessem se diferenciado tanto do colonizador a ponto de falarem outro idioma⁸⁴. Não por acaso, na enumeração de um conjunto de países, Portugal é listado por último e incluído pelo “até”, em uma progressão em direção ao mais distante, sendo sua evocação um símbolo, possivelmente, da tradição paradigmática então inadequada às novas perspectivas dos regionalistas nordestinos em relação ao Brasil.

A menção aos outros países caminha igualmente nesse sentido, indicando a necessidade da modificação de foco. Supõe-se que já se conhecia a produção literária estrangeira privilegiada pela história e pela academia até ali e por isso era interessante, naquele ponto, concentrar-se no que estava mais próximo: nos vizinhos, “que desgraçadamente sempre têm estado longe de nós”, e mais diretamente nesse mesmo “nós”, diferente dos outros, dos de fora e daqueles que, daqui, importavam modelos europeus. Essas indicações na carta, ainda que breves, levam-nos a apreender uma orientação diferente e uma identificação com uma expressão literária e linguística distintas, novas, próprias de um grupo específico já com grandes obras naquela altura⁸⁵.

No ano de redação das três cartas de 1935, Graciliano ocupava o cargo de Diretor da Instrução Pública de Alagoas, hoje correspondente à função de Secretário Estadual de Educação, sua atividade principal ali, “uma vida embrulhadíssima”. Em Maceió, onde trabalhava, o romancista conviveu, como já assinalado, com figuras destacadas no âmbito

⁸³ Ambos são referidos no parágrafo seguinte da carta: “Admirável o trabalho que, desde 1914, o senhor tem tido para aproximar os brasileiros dos hispano-americanos. Quanto a mim, estou-lhe muito obrigado por me haver escolhido entre os escritores nortistas do meu país” (RAMOS, 2008, p. 23)

⁸⁴ Vale notar que essa forma de colocação não configura um rechaço à literatura portuguesa, em que Graciliano possuía uma de suas grandes referências: Eça de Queiroz. Certamente, na breve passagem, Portugal esteja empregado como espécie de símbolo de tradição, destacadamente linguística, de que a “nova geração” se afastava.

⁸⁵ Até 1935, Graciliano Ramos havia publicado dois livros: *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934); Rachel de Queiroz também dois romances: *O quinze* (1930) e *João Miguel* (1932); Jorge Amado havia publicado quatro: *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935); e José Lins do Rego também quatro títulos: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *O moleque Ricardo* (1935).

literário e que integravam uma “turma” a que se reportou como “nova geração”, e de que formou parte, mesmo que cronologicamente fosse de outra⁸⁶. Dentre os escritores, nas correspondências ao tradutor, têm maior recorrência os nomes de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, os três sugeridos por Graciliano a Garay em carta de 30 de setembro de 1935, e são também os que carregam a característica expressiva da língua do nordeste.

Maceió, 30 de setembro de 1935

Prezado amigo Benjamín de Garay:

Recebi a sua carta de 7 e o volume de contos de Monteiro Lobato⁸⁷. Que extraordinário trabalho você está realizando aí! Acabo de ler em espanhol algumas histórias brasileiras que ainda me eram desconhecidas. Não é interessante que um livro escrito em S. Paulo ou no Rio precise ir a Buenos Aires e passe a outra língua para ser lido em Alagoas? Muitos agradecimentos.

Em conformidade com o seu pedido, acabo de me entender com o Lins do Rego pedindo que lhe remeta *Banguê*, um dos bons romances nordestinos aparecidos ultimamente. Não conheço Heitor Marçal. Nem sei o endereço dele. Em compensação, falei com Raquel de Queiroz, que lhe mandará *O Quinze* ou *João Miguel*, e com Jorge Amado, que enviará *Suor*. São dois dos melhores romancistas da nova geração; você não perderá em conhecê-los.

A literatura do Nordeste está se afastando muito da do resto do país. É conveniente que você faça relação entre Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel, três romancistas interessantes, muito inteligentes.

[...]

Temos agora uma quantidade enorme de escritores de ficção surgidos nestes últimos dez anos, da Bahia até o Ceará, mas realmente creio que os melhores são os três mencionados.

[...] (RAMOS, 2008, p. 26).

Nesse outro contato, destaca-se a relação de Graciliano com os amigos escritores mas agora sob o conceito de geração literária⁸⁸ que se diferenciava da produção do restante do país. No primeiro caso, o criador de “Baleia” parece se revelar como ligação entre o tradutor e os romancistas nordestinos. As recomendações que faz sobre estes são notórias pelo aspecto positivo que carregam, e isso se estende a sua produção. Em muitos escritos seus, por exemplo, é comum encontrarem-se ponderações negativas a respeito de *Caetés*,⁸⁹ porém, na carta anterior a Garay, em que esse romance é citado, não há considerações nesse sentido, fato que pode estar relacionado aos propósitos do diálogo: a tradução, difusão (minuciosas e

⁸⁶ Em 1935, Graciliano completou 43 anos; Rachel de Queiroz, 25; Jorge Amado, 23; José Lins do Rego, 34.

⁸⁷ É possível que se trate do livro *Urupês*, traduzido por Garay e publicado na Argentina em 1921.

⁸⁸ O termo “geração” não foi empregado com sentido coetâneo, mas sim a fim de indicar o compartilhamento de orientações artísticas, e também ideológicas, semelhantes.

⁸⁹ Em *Memórias do cárcere* (s.d. p. 177), na segunda parte, relativa ao pavilhão dos primários, Graciliano assim se expressou ao se deparar com um companheiro (o russo Rafael Kamprad, apelidado Sérgio) lendo *Caetés*: “Com estremecimento de repugnância, vi Sérgio embrenhado na leitura do meu primeiro romance. – Pelo amor de Deus não leia isso. É uma porcaria.” A seguir, buscou justificar: “Ingênuo, tentei explicar-me, em grande embarço. A publicação daquilo fora consequência de uma leviandade. Escrita dez anos antes, a miserável história passara às mãos do editor Schmidt e emperrara.” Dada a demora, Graciliano não queria mais a publicação do livro, pois julgava-se “então capaz de fazer obra menos ruim, meses atrás concluíra uma novela talvez aceitável”, certamente era *Angústia*, publicada quando o escritor estava preso.

preocupadas) e conhecimento daquela literatura, a que o argentino se mostrava aberto ao solicitar trabalhos e informações sobre outros nomes, como se vê nestas passagens: “Em conformidade com o seu desejo” e “Não conheço Heitor de Marçal⁹⁰. Nem sei o endereço dele. Em compensação, falei com Rachel de Queiroz”.

No reconhecimento de um grupo e em sua afirmação, tem-se o estabelecimento de diferenças em relação a outros, a saber, o Modernismo (cronologicamente situado como anterior ou em “progressão” e mencionado a partir do poema de Mário de Andrade em carta ao amigo JP) e também a produção literária intimista. Sobre o primeiro, é possível pensá-lo uma vez mais quando da restrição regional: “Temos agora uma quantidade enorme de escritores de ficção surgidos nestes últimos dez anos, da Bahia até o Ceará”. Mais concentrado no Sudeste, o movimento de 22 parece ter sido omitido ou não incluído como integrante dessa nova geração, apesar das contribuições linguísticas posteriormente reconhecidas nele por Graciliano⁹¹.

Sobre o tempo indicado, cabe notar que de havia quase dez anos era o Manifesto Regionalista (fevereiro de 1926), proferido no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo liderado por Gilberto Freyre. Na fala deste se observa a defesa da ideia de uma integração nacional que tivesse como base a cultura brasileira, sem importações, tal como resume este trecho:

Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil. Uma nova organização em que as vestes em que anda metida a República - roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, peles para gelos que não existem por aqui - sejam substituídas não por outras roupas feitas por modista estrangeira mas por vestido ou simplesmente túnica costurada pavorosamente em casa: aos poucos e toda sob medida. (FREYRE, Gilberto, 1996, p. 50).⁹²

Em alguns aspectos, há relações convergentes e divergentes com outro manifesto: o da “Poesia Pau-Brasil”, de 1924, que, se por um lado exaltou o nacional como objeto e a língua destituída dos academicismos, por outro não descartou o parâmetro das vanguardas europeias para composição, como se percebe, a seguir, na indicação de um diálogo cultural a partir do aproveitamento e compartilhamento do que se possuía e do que “pertencia” a outros: “A

⁹⁰ Romancista e jornalista cearense na época residente no Rio de Janeiro. Até 35 havia publicado *Na Quietude do Claustro* (poesia, 1928) e *Sinhá Dona* (romance de 1934).

⁹¹ Em “Decadência do romance brasileiro” (1941) e em entrevistas como a concedida ao jornalista Osório Nunes na década de 40 (“O modernismo morreu?”) Graciliano Ramos apresenta algumas contribuições do movimento de 22 para a geração seguinte. O primeiro texto encontra-se em *Garranchos* (RAMOS, 2012, p. 262-267), reunião de textos inéditos de Graciliano Ramos; o segundo está em *Conversas* (RAMOS, 2014, p. 131-136), coletânea de entrevistas e depoimentos do romancista.

⁹² O termo “vestes” reaparece sendo empregado de forma muito semelhante a que empregou Graciliano com a palavra “tanga” (“Se resolveres deitar fora a tanga, se arribares para essas bandas onde dizem que há gente civilizada...”). Nessas duas situações, os sentidos sugerem a existência de uma imposta superioridade estrangeira, uma oposição consciente e crítica a respeito das individualidades culturais e das particularidades locais que as propiciavam.

língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”; “Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros. Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.”, “O trabalho contra o detalhe naturalista - pela *síntese*; contra a morbidez romântica - pelo *equilíbrio* geômetra e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*” (ANDRADE, Oswald de, 1928, p. 6-8).

Muito revolucionária pela posição que ocupava na linha de frente contra os arcaísmos, a língua “modernista”, como se viu, foi considerada igualmente distante, fabricada, e por isso próxima daquilo contra o que se posicionava. Em sua valorização estética renovadora, que abrandou o projeto ideológico também empreendido por ela, foi percebida, por parte de Graciliano Ramos e de outros como José Lins do Rego, decerto o afastamento do possível, de uma medida tida como relevante, pois baseada em circunstâncias nacionais desfavoráveis e denunciáveis já em 1920. E esse possível diz respeito tanto à maneira de tratar os assuntos nacionais quanto à forma de concretizá-los linguisticamente. Em síntese, para a denominada “nova geração” era preciso que a literatura fosse admissível e consonante com a realidade em que era composta, ponto de vista identificado nos anos anteriores.

Ainda assim, com a restrição na carta, e com as semelhanças e expressivas distinções, percebe-se uma correlação entre os movimentos, um paralelismo com pontos em comum e ao mesmo tempo com força autônoma, representando igualmente partes de “uma atitude universalista, da ambição de colocar nossas letras, nossa arte, nossa cultura ao nível das correntes mais avançadas da literatura, da arte e da cultura da Europa e da América do Norte” (HOLANDA, 2010, p. 339), configurando um movimento de fluxo, como denominou Sérgio Buarque de Holanda, no sentido de enriquecimento da literatura nacional.

Para mais, nesse âmbito têm-se duas diferenças importantes: uma mais concreta e outra discursiva, podendo ser motivo da percepção do afastamento da literatura nordestina do movimento centrado em São Paulo: o gênero salientado em cada tendência, a poesia em 1920 e o romance em 1930; e as perspectivas em relação ao país: a primeira eufórica e a segunda disfórica.

Outra possibilidade ou complementaridade ao indicativo de Graciliano Ramos sobre o desmembramento da literatura do Nordeste concerne à literatura intimista, consideração mais de acordo com o contexto. Corrobora isso o clima dicotômico da década, tanto no âmbito político, quanto no artístico. Em “O romance de Jorge Amado”, artigo de fevereiro de 1935, Graciliano Ramos discorreu sobre esse assunto e, diferentemente do que ocorre na carta, nesse

escrito ele não amenizou o seu discurso como fez ao afirmar a diferenciação sem a justificar. No texto coligido em *Linhas tortas*, encontram-se passagens como estas:

Há uma literatura antipática e insincera que só usa expressões corretas, só se ocupa de coisas agradáveis, não se molha em dias de inverno e por isso ignora que há pessoas que não podem comprar capas de borracha. Quando a chuva aparece, essa literatura fica em casa, bem aquecida, com as portas fechadas. E se é obrigada a sair, embrulha-se, enrola o pescoço e levanta os olhos, para não ver a lama nos sapatos. Acha que tudo está direito, que o Brasil é um mundo e que somos felizes. (RAMOS, 2015, p. 127).

É natural que a literatura nova que por aí andam construindo se ocupe com ela [gente do Nordeste]. Sempre vale mais que descrever lares felizes, que não existem, ou contar histórias sem pé nem cabeça, coisas bonitas, arrumadas em conformidade com as regras, como há tempo, quando um sujeito, sem nunca sair do Rio de Janeiro, imitava a algaravia de Lisboa e procurava assunto para obra de ficção do Egito e da Índia. (RAMOS, 2015, p. 129).

O artigo dispõe de diferentes expressões: uma alheia às questões sociais e outra fundamentada na realidade desfavorecida do país; uma associada aos partidários que compreendiam não ser a literatura um espaço para a contestação e outra que expunha “a banda podre” da conjuntura nacional; uma identificada com perspectivas ideológicas de direita e outra com orientações de esquerda. Ainda se pode acrescentar que uma das orientações é claramente identificada, de forma geral, com o grupo de Graciliano Ramos, enquanto a outra em nada se aproxima ao movimento maiormente paulista. A alusão às “expressões corretas”, logo ao início, destaca o aspecto conservador, não só esteticamente, a que os “movimentos” de 1922 e 1930 se contrapunham, deixando claro quais eram os lados em oposição no referente do artigo.

A predileção por essa perspectiva de tratamento e do objeto de tratamento, entrelaçado ao posicionamento do sujeito em seu contexto, é problematizada por GR em uma conhecida cartado escritor enviada ao pintor Candido Portinari em 13 de fevereiro de 1946.

Rio - 13- Fevereiro – 1946

Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que esta resposta já não o ache fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto a mim mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças? Dos quadros que você mostrou quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor de rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a nossa velha amiga, nada a suprimirá. E seríamos ingratos se desejássemos a supressão dela, não lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte.

E adeus, meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano⁹³

Nela, “as deformações e a miséria” são percebidas como o alimento para o exercício artístico, de que viviam o emissor e igualmente o receptor do texto. A reflexão acaba por sugerir que “os sofrimentos” são responsáveis por fazer a arte significativa e por isso necessária em uma conjuntura com exploradores que os perpetuavam provocando-os denunciando-os por meio da literatura, da pintura. Em um mundo livre de pesares, “Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza”: uma ponderação reveladora da rejeição à superficialidade, ou àquilo que fecha os olhos diante de algo que devia espantar o olhar, aguçá-lo, mobilizá-lo.

Ao levar em conta essa concepção e ao analisar as comunicações posteriores, infere-se que a diferenciação se dará tanto em relação ao Modernismo, em partes, quanto em relação às produções intimistas, já que nenhum desses integrava o “novo”, sem importações, que os romances nordestinos constituíam na perspectiva do autor de *Vidas secas*. Nesse sentido, é particularmente significativo, na carta de 13 de dezembro de 1935, o comentário sobre o trabalho de Rachel de Queiroz, assim como são também consideráveis a provável resposta a uma solicitação de contos e a expressão de desgosto com a literatura de José Américo de Almeida, cujo livro *A Bagaceira* (1928) carrega o “mérito da precedência” da narrativa nordestina de 1930.

Maceió (Alagoas), 13 de dezembro de 1935

Meu caro Benjamín de Garay;

A sua carta chegou-me com atraso. Realmente eu havia pedido ao Lins e ao Jorge que lhe mandassem os seus livros. Falei também com Rachel, mas esta criatura, que anda traduzindo Rousseau⁹⁴ e escrevendo uma história da literatura brasileira (por este segundo trabalho a gente vê logo que ela possui imaginação), disse-me há dias que ainda não lhe tinha mandado os dois romances de que falei: *João Miguel* e *O Quinze*. Acabo de transmitir-lhe o seu recado. Escrevendo a ela, você pode endereçar as cartas ao marido: José Auto – Banco do Brasil – Fortaleza – Ceará.

A correspondência do Zé Lins e a do Jorge Amado podem ser remetidas à Livraria José Olympio – Rua do Ouvidor, 110 – Rio.

⁹³“Carta de Graciliano Ramos a Portinari – 13. fev. 1946”. Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/1946/02/carta-de-graciliano-ramos-a-portinari/> Acesso em 12 dez 2017.

⁹⁴ Possivelmente se refira aqui à obra *As Confissões*, traduzida por Rachel de Queiroz e publicada em 1936 pela Atena Editora.

O livro de Humberto de Campos e o do José Américo (este é ministro, senador, o diabo, e eu não me entendo com gente assim) provavelmente foram mandados pelo Jorge.

Muito lhe agradeço a lembrança amável de publicar uma página minha nessa revista de trezentos mil exemplares. Mas é o diabo, seu Garay. Eu nunca escrevi contos, e nem sei se me seria possível, enchendo-me de boa vontade, arranjar uma história decente. Não lhe serviria um capítulo de um romance? Estou agarrado com unhas e dentes ao meu *Angústia*, que José Olympio quer publicar no princípio do ano vindouro. Se você achasse conveniente, eu escolheria um capítulo para *El Hogar*. Mas se não estiver pelos autos, acabou-se: vou ver se consigo fabricar o conto e morder os cem mil réis que a revista oferece.

Qualquer dia destes mando o retrato que você deseja para a propaganda. Procuro um fotógrafo hábil que me transforme.

A gente do Nordeste, como você vê, continua a trabalhar danadamente. A literatura do ex-ministro José Américo não me agrada. Mas os livros novos de Zé Lins e do Jorge são bons. Você leu *Jubiabá*? Gostei. Tem páginas ótimas. Tanto nesse *Jubiabá* como no *Moleque Ricardo*, do Lins, os pretos estão muito bem arranjados.

Agradeço-lhe a remessa da revista. Uma das suas traduções, a do conto do Lobato, eu já tinha lido no volume que você me remeteu. Creio que lhe agradei.

Esta carta vai cheia de agradecimentos. Os últimos são para você e para o Luis Onetti Lima, pela tradução do *S. Bernardo*.

Adeus, meu caro Garay. Abraços do

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 28-29)

Ao considerar ser preciso imaginação para escrever uma história da literatura nacional, Graciliano deixa implícita a avaliação que relaciona a produção literária brasileira anterior e daquele momento ao seguimento de parâmetros externos. O subentendido é uma ação semelhante à que realizou em cartas anteriores, ao fazer afirmações sem as desenvolver, ocorrência um pouco diferente do que se vê em cartas a outros destinatários, seja por se deter mais no assunto, seja por utilizar um tom discursivo diverso. Esse fato também pode estar relacionado ao grau de afinidade entre os correspondentes ou ao escrito de Garay, que, se estivesse tratando do mesmo tema na mesma direção, enfraqueceria a leitura do texto subjacente. Esta, porém, é apenas uma suposição, já que do diálogo tem-se apenas as cartas de Graciliano, embora ainda seja possível depreender nelas ecos da voz de seu interlocutor, como se depreendeu de Heloísa Ramos e de Joaquim Pinto.

É o que ocorre, por exemplo, no pedido de contos por parte do argentino no quarto parágrafo, ação compreendida como técnica por denotar adequação do gênero ao canal em que seria veiculado. Em relação à resposta de Graciliano Ramos, oferecendo-lhe um capítulo de *Angústia*, além de poder indicar a busca pelo rendimento de seu trabalho - já que, nesse caso, não iria paralisá-lo mas sim desenvolvê-lo - não seria dissonante perceber nela o privilégio conferido ao romance, em que vinham se destacando os seus pares.

Nessa perspectiva, o emprego do verbo “fabricar”, em relação à composição das narrativas para a revista, contribui para a percepção de distanciamento (não pelo gosto mas

por uma identificação criativa) da espécie de prosa solicitada, pois a palavra permite a caracterização de um processo criativo distante, ao menos em sua totalidade, de seu artífice⁹⁵. Demonstra também essa suposição o segmento extraído de uma carta enviada a Heloísa Ramos em 17 de janeiro de 1936, após a escrita do primeiro conto: “Estou projetando outro conto para o argentino, mas isto não tem importância e será arrumado quando o romance estiver concluído” (RAMOS, 2011, p. 215). A passagem, além de expressar a importância da publicação do livro, pode ter ligação ao seu custoso processo de composição, testemunhado nas cartas à esposa.

Até aqui, tem-se a perspectiva do “novo” nas produções da “nova geração”: romances de escritores nordestinos que trouxeram à baila questões sociais em uma linguagem não acadêmica. Esse recorte, todavia, parece não esboçar o que seria o ideário literário de Graciliano Ramos, conforme se afirmou que seria possível distinguir, pois no “novo” que se construía não bastavam as temáticas, a região e o autor. Era preciso algo mais, algo não percebido em 1922 e na referida “literatura antipática e insincera”. Trata-se do “fator econômico”, conceito próximo ao efeito de verossimilhança, mas com o referente na realidade nacional. Tal perspectiva tem como base, na última carta, a expressão sobre a literatura de José Américo de Almeida, na qual o remetente não se detém, mas a que sobrepõe outra: a de José Lins do Rego e de Jorge Amado, em que “os pretos estão muito bem arranjados”.

Arranjar é pôr algo em ordem ou numa certa ordem. Ao afirmar o desagrado e a seguir apresentar obras de que gosta, ressaltando o arranjo das personagens, acredita-se que nesse julgamento esteja a noção referida anteriormente, no sentido de as figuras ficcionais do ex-ministro não estarem fundamentadas de acordo com os critérios que Graciliano Ramos considerava essenciais. Em uma das cartas em que o escritor faz sugestões a Heloísa Ramos para a escrita de um livro, ele realiza outro comentário a que associa a produção de José Américo:

É desnecessário arranjar histórias complicadas demais: a gente vai escrevendo, escrevendo, entra por uma perna de pinto, pronto. Os planos cheios de combinações dão em resultado livros como os do José Américo. Este homem passa meses matutando, chocando um romance. Quando se levanta do choco, dita uma droga à datilógrafa (RAMOS, 2011, p. 213).

A expressão “entrar por uma perna de pinto” (“entrou por uma perna de pinto saiu por uma perna de pato, quem quiser que conte quarto” ou “entrou por uma perna de pato, saiu por

⁹⁵ Em entrevista a Homero Sena para a *Revista O Globo*, intitulada “Como eles são fora da literatura: Graciliano Ramos”, o romancista se afirma como “grande leitor de dicionários”: “Dicionário, para mim, nunca foi apenas obra de consulta. Costumo ler e estudar dicionários. Como escritor, sou obrigado a jogar com as palavras. Logo, preciso conhecer o seu valor exato” (RAMOS, 2014, p. 198), também em virtude disso dá-se atenção, nas análises, para os termos empregados em suas cartas.

uma perna de pinto, quem quiser que conte cinco”) é empregada como dito popular ou no final de contação de histórias infantis. Nestas a fim de dar o efeito de inusitado, diverso do “e viveram felizes para sempre”, naquele, com o significado de que algo não faz sentido, está confuso e não possui resolução coerente. Com isso em consideração e voltando à carta a Garay, é plausível que a avaliação negativa de Graciliano sobre a narrativa do escritor paraibano se deva à percepção do desarranjo de suas personagens. Em *A Bagaceira*⁹⁶, por exemplo, os retirantes estão massificados, desfocados de sua individualidade⁹⁷: “Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma, Eram retirantes. Nada mais” (ALMEIDA, s.d., p. 10), procedimento contrário ao que defenderá ser elementar em “O fator econômico no romance brasileiro” (1937).

Nesse texto, também presente em *Linhas tortas*, o escritor trata do vínculo com o factual para a produção literária, critica a abordagem rasa dos personagens ou a falta de bases para eles na literatura, ilustrando seu ponto de vista com a importância de um enredo fundamentado a fim de se alcançar a verossimilhança. Seu ponto de vista é assim exposto:

Lendo certas novelas, temos o desejo de perguntar de que vivem as suas personagens. Está claro que os autores não conseguem furtar-se a algumas explicações referentes a este assunto, mas fazem-no como quem toca em matéria desagradável, percebemos que eles se repugnam e não querem deter-se em minúcias.

Um cidadão é capitalista. Muito bem. Ficamos sem saber donde lhe veio o capital e de que maneira o utiliza. Outro é agricultor. Não visita as plantações, ignoramos como se entende com os moradores se a safra lhe deu lucro. Nunca vemos a fábrica, sabemos que trabalha porque nos afirmam que isto acontece mas os seus músculos nos aparecem ordinariamente em repouso (RAMOS, 2015, p. 363-364).

Esse caráter de apego à realidade era comum no cenário de 1930 e engloba as cartas aqui lidas, pois se trata de um aspecto que se delineia no perfil criativo do romancista desde antes de sua entrada expressiva na literatura, conforme indicam as cartas da juventude. A preferência pelo factual, já aí afixada, parece ter se acentuado como característica e critério de valor, ambos muito presentes nos romances nordestinos e ausentes, segundo o olhar do escritor, em 1922 e na literatura intimista que se produzia em 1930, daí a diferenciação constituindo o novo, ou o renovado, se levarmos em consideração a reincidência da estética

⁹⁶ Até 1935, José Américo havia publicado quatro trabalhos: *Reflexões de um cabra* (1922), “novela a qual satiriza o comportamento dos nordestinos que emigram para outras terras”, *A Paraíba e seus problemas* (1923), “ensaio em que reflete sobre seus estudos de Economia, Geografia Humana e Sociologia”, *A Bagaceira* (1928) e *O boqueirão* (1935), que segue na mesma linha temática regional (MUSEU VIRTUAL JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA. Sobre o museu. Disponível em: <<http://www.museuvirtualjoseamerico.pb.gov.br/conteudo.php?pg=museu>> Acesso em 10 out. 2017).

⁹⁷ Luis Bueno notará nessa organização semelhança com o romance naturalista, já que os retirantes serão sempre vistos em blocos, “à distância, e suas histórias só interessarão para exemplificar casos mais escabrosos” (BUENO, 2015, p. 89).

naturalista atendendo, pela perspectiva disfórica, ao desejo de afirmação de uma particularidade até pouco importada, conforme sustenta Flora Süssekind (1984).

Os textos seguintes a Garay permanecem na mesma direção, porém com diferenças interessantes. Nas cartas de 1937, terão destaque o processo criativo de *Vidas secas* (1938) e os comentários um pouco mais detidos se comparados aos que se vislumbram nos textos anteriores à prisão, consequências possíveis da intimidade estabelecida pelo diálogo e também pelo seu local de fala, antes em Maceió, agora no Rio de Janeiro.

3.2 Depois do cárcere: as trocas, os pastéis de *Angústia* e a apresentação de *Vidas secas*

Liberto em 03 de janeiro de 1937, Graciliano Ramos considerou ser melhor permanecer na então capital, para onde havia sido transferido, preso, no porão do Manaus. Sem recurso estável de subsistência, logo após a saída, o romancista restabeleceu a comunicação com o tradutor, respondendo às suas propostas e realizando outras, com vistas a garantir publicações e alguma renda. Logo no início do ano, em fevereiro de 1937, escreveu uma carta contendo questões como o factual como referente, não mencionado anteriormente, mas percebido como ponto de diferenciação de outras expressões literárias, a avaliação de *Angústia* em relação a *São Bernardo* e a escrita como principal, e insuficiente, atividade.

Rio, 26 de fevereiro de 1937

Prezado amigo Benjamín de Garay:

Afinal cá estou novamente em circulação e talvez em estado de servir, se é que não tenho qualquer peça importante do interior estragada.

Um ano de ausência, meu caro Garay, um ano cheio de observações interessantes: conheci uns tipos curiosos, umas figuras admiráveis para romance. Preciso arrumar isso no papel antes que as recordações esfriem.

Li as suas cartas. Muitos agradecimentos, prezado Garay, muitos e muitos agradecimentos pelo que você manifesta nelas.

Vamos agora aos negócios. Como vai meu *S. Bernardo*, que se transformou em *Feudo Bárbaro*? Vi no *Jornal do Commercio* daqui uma nota a respeito da publicação dele. Tenho coisa melhor, o livro que saiu em agosto. A composição é medonha, cheia de erros e pastéis, porque não pude vigiar a publicação. Em todo o caso, entende-se o que está escrito. Se você ainda não leu essa obra notável, avise-me para eu lhe remeter um volume.

Creio que agora vou começar a trabalhar, embora ainda me sinta um pouco enferrujado. Posso mandar-lhe uns troços para revistas daí, os contos a que você se referiu em uma das suas cartas e que até agora não fabriquei. Você não me conseguiria mais de vinte e cinco pesos por conto, Garay? Julgo que lhe arranjarei uns dois ou três por mês, se você achar conveniente. Não me dedicarei exclusivamente a eles, porque preciso tratar do romance a que me referi – trabalho para uns dois anos, se não estou enganado. Por enquanto necessito escrever para jornais. E a colaboração que você me pediu e que iniciarei ser-me-á útil.

Adeus, meu caro Garay. Escreva-me para a livraria José Olympio, Ouvidor,

Abraços do

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 43)

Mencionar as “observações interessantes” que realizou na prisão fornece uma informação ou orientação, consciente ou não, de um processo criativo pautado pela memória, característica por que Graciliano se tornou muito reputado. A reconfiguração, ou ficcionalização, das experiências vividas ou assistidas por ele foi uma ação testemunhada em outras ocasiões, como em uma carta ao jornalista João Condé (escrita em junho de 44 e publicada em 25 de abril de 1953 na revista *O Cruzeiro*), em que compartilha a inspiração para a criação de alguns personagens e a ordem de composição dos capítulos de *Vidas secas*, ou também em *Memórias do cárcere*, ao se julgar limitado à exposição das coisas observadas e sentidas.

Em uma das passagens da obra memorialista, referindo-se ao romance *O moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego, Graciliano questiona-se se o seu autor conheceria a vida: “Que entendia ele de meninos nascidos e criados na lama e na miséria, ele, filho de proprietários? Contudo a narração tinha verossimilhança. Eu seria incapaz de semelhante proeza” (RAMOS, s.d. vol. 1, p. 44), pois só podia tratar do que via e sentia, como se essa “incapacidade” o reduzisse enquanto escritor, como se sua criação fosse resultado tão só do relato e não de sua transposição para o plano literário, atividade dependente de muita imaginação.

Essa referência às observações apresenta um plano criativo que se modificou, no sentido da adoção da perspectiva memorialista, tendo em vista que delas resultaram a obra publicada postumamente, *Memórias do cárcere* (1953), e também narrativas como o conto “Um ladrão”⁹⁸, reunido em *Insônia* (1947)⁹⁹. Mas o trabalho em cima das recordações quentes, naquele momento, cedeu lugar aos contos que posteriormente compuseram a história da família de retirantes (1938). Essa suspensão do tratamento de enredos mais claramente fundamentados na memória pode ser atribuída tanto à própria disposição do romancista para a escrita dos contos como pelo interesse de temáticas específicas nessas narrativas, por parte de Graciliano ou de seu tradutor¹⁰⁰, ou ainda ao risco que o autor correria expondo, em um

⁹⁸ Nesse conto, Graciliano ficcionaliza uma das histórias que lhe foram contadas por Gaúcho, companheiro de prisão retratado nas *Memórias do cárcere*. Trata-se de um episódio malogrado de furto a uma residência.

⁹⁹ *Infância* (1945) também é um exemplo da caminhada em direção à confissão sobre a qual discorreu Antonio Candido (2006), a confissão de um narrador autor que aponta sua perspectiva e estabelece assumidamente os vínculos entre a memória, o vivido, e a ficção.

¹⁰⁰ Em “Gênese e motivos de *Vidas secas*”, Pedro Moacir Maia tratou da criação do livro a partir de suas possíveis motivações: a necessidade, a demanda por narrativas regionais e o desafio de compor, quase no final da década, um romance regional, retomando o ímpeto dos primeiros anos do decênio. Na análise, a segunda teoria foi mais explorada, pois é a suscitada nas cartas a Garay.

contexto repressivo, os fatos ocorridos nas prisões: os nomes ainda estavam vivos e atuantes¹⁰¹.

A primeira consideração se projeta, nas comunicações seguintes, a partir dos pedidos de Garay, que parece querer divulgar especialmente a literatura regional nordestina¹⁰². Nessa orientação, o romancista encaminha-se aos desejos de seu destinatário e ao suprimento de suas emergências financeiras. De forma semelhante, outro procedimento poderia ser considerado na busca pela satisfação da expectativa do argentino, a forma de apresentação de *Angústia*, que, apesar da composição “medonha, cheia de erros e pastéis”, é considerada melhor que *São Bernardo*: “tenho coisa melhor”.

Nos dois casos, além da predileção do escritor pela narrativa de Luís da Silva, nem sempre sustentada, tem-se uma articulação discursiva relativa ao assunto que mais move o diálogo: a tradução, e nela uma particularidade do gênero epistolar: a capacidade que tem o epistológrafo de moldar-se conforme o seu destinatário, nesse caso tanto na maneira como emprega o seu discurso quanto no direcionamento de sua própria criação.

Esse curso começa a se delinear mais claramente a partir da carta de 22 de abril de 1937¹⁰³, em que o redator faz menção às dificuldades que vem enfrentando e aos interesses de Garay e da imprensa argentina.

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1937

Prezado Garay:

Só agora, um mês depois de ter recebido a sua carta, posso arranjar um pouco de calma para escrever-lhe algumas linhas. Você me desculpará este silêncio, meu caro Garay. É que ando aperreado, chateado, indignado com a obrigação de pagar casa, comida, bonde, roupa, café e outras inconveniências.

Eu vivia livre de todos esses aborrecimentos. O governo do meu país é um governo sábio e algumas vezes nos fornece mesa, cama, transporte e boas conversas,

¹⁰¹ Em carta ao filho Júnio Ramos, de 12 de outubro de 1945, Graciliano ainda indica esse cuidado: “Não desejo trabalhar na imprensa, nem de longe, mas ando a remoer um plano, talvez realizável. Findos alguns compromissos neste resto de ano, iniciarei um trabalho a respeito das prisões de 1936. É difícil e arriscado; tenciono apresentar aquela gente em cuecas, sem muitos disfarces, com os nomes verdadeiros. Necessito a autorização das personagens: não tenho o direito de utilizar gente viva num livro de memórias que encerrará talvez inconveniências. Preciso falar sério com os meus companheiros de cadeia. Se fizer o livro, poderei publicá-lo no jornal de Santos, antes de entregá-lo ao editor. Mandarei os capítulos à medida que forem sendo feitos. Foi o que fiz com *Infância*” (RAMOS, 2011, p. 285).

¹⁰² Os títulos promovidos por Benjamín de Garay “entre os anos de 1930 e de 1940 correspondem aos romancistas e pensadores sociais da segunda geração modernista (SORÁ, Gustavo. In. MARTINS, Maria Helena, 2002, p. 196), fato que pode ser associado tanto a sua disposição pessoal quanto aos interesses dos projetos em que trabalhou nesse período. A *Claridad* eram interessantes as temáticas sociais, assim como era relevante o conhecimento da história, da situação brasileira avaliada sob a perspectiva regional na literatura para a série da *Biblioteca de Autores Brasileños*.

¹⁰³ Mas já havia sido percebido em carta de Heloísa Ramos a Garay, quando esta lhe remeteu em 7 de março de 1936 os seguintes dizeres: “Comunico-lhe que já pus no correio o conto que o senhor pediu, para a revista El Hogar, o qual, aliás, é só um esboço apenas, que o senhor terá bondade de traduzir” e a seguir: “Quanto às paisagens e os tipos sertanejos, providenciarei agora, com a minha próxima ida ao sertão, remetendo-lhe imediatamente” (RAMOS, 2008, p. 33).

tudo de graça. Você não acha que é safadeza sustentar um cidadão durante um ano e de repente mandá-lo embora, desempregá-lo sem motivo? Foi o que me aconteceu. Eu estava quase habituado, considerava-me, com certa vaidade, hóspede oficial, membro de uma instituição respeitável e necessária ao preparo de eleições e outros jogos nacionais. Infelizmente a minha reduzida pessoa foi julgada inútil a essa trapalhada - e o governo, por economia, me cortou os meios de subsistência.

Agora preciso dar dinheiro à mulher da pensão e aumentar os lucros da Light. Para isso tenho de explorar alguém ou qualquer coisa e ser explorado pelo dono do jornal e pelo editor. Como não possuo bondes nem casas, lembrei-me de explorar um hospital, um médico, enfermeiros e a doença que me ia matando anos atrás.

La Prensa querará publicar isso, Garay? Não é precisamente o que você pediu, coisa regional e pitoresca: é delírio, complicação interior. As violências agradáveis a *El Hogar* e *Mundo Argentino* são difíceis, não consigo fazê-las. Desgraçadamente não sei matar ninguém direito, mesmo no papel, e isto é uma vergonha para um sujeito mais ou menos perigoso.

[...]

Rachel de Queiroz escreveu-me há dias pedindo-me notícias suas. Essa adorável criatura tem um romance novo, *Caminho de Pedras*. Leu?

Transmiti ao Jorge Amado o seu pedido sobre *O País do Carnaval*. [...]

Bem, Garay amigo, adeus. Muitos e muitos agradecimentos pelas amabilidades que enchem sua carta. Não deixe de me mandar um número do jornal ou revista que trazer a minha história, caso você ache conveniente traduzi-la.

Receba um grande abraço do

Graciliano Ramos

Livraria José Olympio

Ouvidor, 110 (RAMOS, 2008, p. 45-46).

Ao apresentar a narrativa oferecida para tradução e publicação, o escritor dá mais indícios sobre o seu processo criativo e sobre as orientações de Garay e dos periódicos argentinos. Evocando mais uma vez a lembrança ou experiência como fonte de sua ficção¹⁰⁴ e definindo-a como “delírio, complicação interior”, percebe-se, no referido conto (possivelmente “O relógio do hospital”, a que se reportará em contatos posteriores¹⁰⁵), uma continuidade de direcionamento em relação ao último romance: *Angústia*. Ambas as produções eram dissonantes daquilo que havia sido solicitado pelo remetente por não serem “coisa regional e pitoresca”, características a que em breve o autor melhor se adequaria, com as histórias parceladas de *Vidas secas*, em que conjugou reminiscência, regionalismo e

¹⁰⁴ Durante a escrita de *São Bernardo*, Graciliano Ramos sofreu uma queda e a seguir apresentou febre e fortes dores na perda direita, consequências da psoríase, uma inflamação de um músculo do abdômen. Levado a Maceió, o escritor foi internado e operado. “Os delírios que o acometeram no leito seriam reproduzidos nos contos ‘Paulo’ e ‘O relógio do hospital’ – publicados mais tarde em seu livro *Insônia* – e em um dos capítulos de *Angústia*” (MORAES, Denis, 2012, p. 86).

¹⁰⁵ Na carta de 13 de maio de 1937, escreveu a Garay: “A nota que você me pede sobre a fabricação de *O Relógio do Hospital* é difícil. Talvez não me seja possível dizer como essa coisa foi feita. Há alguns anos estive para morrer: abriram-me a barriga e passei uns meses sem esperança de ir para cima. Dos delírios que me perseguiram conservo uma vaga lembrança, que aproveitei nas últimas páginas de *Angústia* e em alguns contos arranjados na prisão. Os contos valem pouco, mas o fim do romance parece que não está completamente mau.” (RAMOS, 2008, p. 54).

subjetivismo, conferindo maior peso a este último, retomando a perspectiva subjetiva por meio da memória nas obras seguintes.

Além de desvelar o interesse da outra parte, essa carta ilustra a maleabilidade do sujeito nesse gênero. O método introdutório da mensagem é a contextualização da condição do autor, empregada como justificativa para a demora da resposta e como gancho para tratar do oferecimento de uma composição nova. A maneira como o epistológrafo utiliza a ironia para se referir à prisão contribui para desfazer a sua *persona* circumspecta, aquela elaborada pela ficção, pois a figura de linguagem chega a provocar um efeito de humor crítico, uma irreverência que, diluída pela naturalidade, possibilita a ampliação do perfil biográfico do redator, certamente não a sua percepção real, dado que a carta não encerra a sua totalidade, mas oferece uma de suas manifestações, um dos traços ampliadores mencionados por Lebensztayn (2014) na leitura e análise das cartas do escritor.

Nos parágrafos e nas cartas seguintes, uma dessas configurações do romancista persiste: o desempenho da função de elo, mesmo após as grandes e forçadas mudanças. Isso é percebido nas referências às obras, recentes e inaugurais, de seus colegas. Em carta de 12 de maio de 1937, também é perceptível esse tipo de atuação na constituição de uma rede e de uma corrente na literatura brasileira. Nesse curto texto, isso se faz a partir do questionamento do interlocutor sobre a leitura de determinados livros ou a garantia do envio de outros: “Vou escrever a Rachel exigindo *Caminho de Pedras* a que você tem direito. Já viu *Pureza*, de José Lins? Há de chegar aí um volume” (RAMOS, 2008, p. 51).

O papel de Graciliano Ramos como ponte em meio a uma rede de sociabilidade, junto com as ressalvas a respeito de *Angústia*, a reorientação de seu trabalho (em busca de verossimilhança nos contos que formaram *Vidas secas*), um pouco do cenário literário nacional e a frustração sobre o resultado da tradução de *São Bernardo* podem ser percebidos nestas linhas:

Rio, 1º de julho de 1937

Prezado Garay:

Só agora dou resposta à sua carta de 24 de maio. A demora explica-se: não pude entender-me logo com o Lins do Rego a respeito dos direitos autorais do último romance dele¹⁰⁶, e eu queria mandar-lhe permissão para traduzir e publicar tanto esse livro como os meus. Mas tudo se arranjou em conformidade com os seus desejos.

Remeto-lhe duas cartas, uma assinada por Lins do Rego, outra por mim. Tenha bondade de nos dizer quando intenciona publicar as traduções.

[...] (RAMOS, 2008, p. 57).

¹⁰⁶ De 1937 é o romance *Pureza*, do ano anterior são *Usina* e *Histórias da velha Totônia*.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937

Prezado Garay:

Escrevi-lhe duas cartas, a primeira agradecendo-lhe essa coisa de *La Prensa*, a segunda remetendo-lhe um novo conto. Se você ainda não está cansado da minha literatura, tenha a bondade de ler as folhas que agora lhe mando.

Eu queria saber a sua opinião a respeito dos meus bichos e dos meus matutos. Tenho intenção de juntá-los num livro que o José Olympio deseja publicar, mas talvez isto não se faça por enquanto, pois os negócios da livraria andam mal: romances bons, como o último de Amando Fontes passaram despercebidos. [...] (RAMOS, 2008, p. 65).

Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1937

Caríssimo Garay:

Desejo de coração que os seus olhos, tão preciosos, já esteja funcionando bem. É o diabo. Os meus também andam estragados, necessito poupá-los. Veja você como isto é mal arranjado, seu Garay. Os olhos bons sempre vão para os indivíduos que não se servem deles. Meu bisavô, que era quase analfabeto, via perfeitamente aos noventa e seis anos. É tudo assim.

Falei com Gilberto Freire, mas não pude arranjar a *Casa Grande*, que se esgotou. Vamos esperar a outra edição. Zé Lins prometeu fazer o trabalho que você pediu, sobre maracatu ou qualquer outra coisa da terra dele – talvez uma lenda, uma história de macaco.

Ninguém sabe a significação de *urucungo*. Parece que Raul Bopp trouxe isto da África. Um rapaz da Bahia, lugar onde existem negros em abundância, disse-me que se tratava dum instrumento de música, julgo que de percussão. Não sei, vou perguntar ao Arthur Ramos, que tem obrigação de conhecer isso. [...] (RAMOS, 2008, p. 67).

Rio, março de 1938

Caríssimo Garay:

Urucungo não é instrumento de percussão, como lhe escrevi, já há tempo: é um troço congo-angolês, também chamado berimbau de barriga, ainda usado em alguns lugares da Bahia, como este último nome. É composto de uma cabaça e de um arco, com uma corda. O nome *urucungo* (*rucungo*, com e brando) não é usado no Brasil. Creio que foi isso que me disse o Arthur Ramos. Se você precisar de outros conhecimentos, é bom escrever a ele, que sobre o assunto fez uma conferência de meia hora na livraria de José Olympio. Não pude conservar tudo quanto ele ensinou (RAMOS, 2008, p. 71).

O primeiro trecho alude à estreita relação de Graciliano com José Lins do Rego – na época vivendo no Rio de Janeiro – em quem o autor de *Angústia* encontrou importante auxílio durante e após o cárcere¹⁰⁷. Da intermediação epistolar compreendida nessas cartas e nessa mais evidentemente, é possível que tenham resultado trabalhos como *Banguê: elviejoingenio*(Editora Losada, 1945), *Fuegomuerto* (Santiago Rueda, 1946) e *Niñodelingenio*(Emecé, 1946), pois todos foram traduzidos por Raúl Navarro, amigo e

¹⁰⁷ De acordo com Benjamin Abdala Jr., José Lins do Rego arranhou um importante advogado para Graciliano, Sobral Pinto, e se comunicava com o então preso por meio de bilhetes escritos “nas beiras de jornais que enviava, arriscando-se à prisão”. Após a libertação do romancista, José Lins o hospedou em sua casa (In. REGO, José Lins do, 2011, p. 244), a fim de que pudesse se restabelecer.

correspondente de Benjamín de Garay e também incumbido, por este, antes, da transposição de *São Bernardo* para o espanhol.

No trecho seguinte, há uma menção que não se configura claramente como a indicação de um romance da “nova geração” ou como uma mediação tal qual se percebe na carta anterior. O que se concebe, de forma diversa, é a preferência dentro de um grupo para o qual o tradutor vinha demonstrando abertura. Nesse caso, suscita-se *Rua do Siriri*, romance de Amando Fontes publicado em 1937 pela José Olympio. A obra, a segunda do escritor sergipano, não recebeu a mesma relevância que a primeira, *Os Corumbas* (1933), agraciada com o Prêmio Felipe de Oliveira de Literatura, sendo a indicação, em vista disso, uma possível forma de promoção.

Em “Decadência do romance brasileiro” (artigo publicado inicialmente em 1941), Graciliano Ramos incluiu Amando Fontes, em companhia de Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego, como um dos “representantes máximos do romance nordestino” (RAMOS, 2012, p. 263). Apesar dessa ponderação, considerou a *Rua do Siriri* uma obra já não do mesmo nível das que levaram a tendência ao auge. “Novela certinha, conveniente”, com seu meio “policiado na sintaxe e na moral”, afastava-se da verossimilhança que há muito Graciliano carregava como pressuposto judicativo básico.

Tais considerações podem ter sido amadurecidas e tecidas depois, em uma formulação mais detida e pessoal em relação aos caminhos da literatura nacional¹⁰⁸. Na carta, não há vestígios de observação nesse sentido. Nela, o insucesso não é atribuído à mudança na tonalidade da narrativa: trata-se de um bom romance (o que não é contradito no artigo da década de 40) publicado em um tempo ruim, sendo a sua menção quem sabe uma forma de torná-lo percebido e incluído na trama das traduções.

Casa-grande & senzala (1933), citado na passagem seguinte e de modo diferente, aparenta surgir do pedido de Garay. Isso é reforçado em carta do tradutor a Ricardo Levene em 21 de julho de 1942. No terceiro parágrafo do texto, Garay trata centralmente da solicitação de edições da obra traduzida por ele, citando a importância do trabalho para a coleção que este iria integrar. Ao apresentar algumas queixas sobre uma situação específica, menciona as dificuldades encontradas no livro de Freyre:

Buenos Aires, 21 de Julio de 1942

Mi estimado amigo Levene:

¹⁰⁸ Sérgio Buarque de Holanda, em “Fluxo e refluxo I”, considera, diferentemente, que a “novela regionalista do Nordeste [...] pode alcançar em certos casos os anos de 40 sem perder o ímpeto inicial” (2010, p. 334). Tal observação leva em conta publicações como *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, e *Fogo morto*, de José Lins do Rego (ambas de 1943), por recuperam a força das obras dos anos 30.

Ayer lunes tuve necesidad de un ejemplar de “Casa-Grande y Senzala”, para satisfacer un pedido del diplomático brasileño, doctor Diniz Junior, de paso en ésta. Fui al Cabildo por él. Pregunté por Palacios. Fueron a ver si estaba. Me dijeron que no estaba. Solicité de un empleado el ejemplar, quien después de ir adentro a consultar, me lo me lo facilitó. Pero he aquí que mientras me lo envolvía, aparece Palacios. Me protegió con un ligero saludo sin atenderme. Por qué se ha negado?

Puede usted imaginar lo que debido pensar ante esta inesperada desconsideración. No sé a qué atribuir. Como conozco la hidalguía que caracteriza al eminente amigo, para quien son todas mis admiraciones y todas mis simpatías, me resisto a pensar siquiera que la actitud de Palacios responda a una actitud refleja. Líbreme Dios!

La versión de “Casa-Grande y Senzala” me ha costado dolorosos esfuerzos, una consagración amorosa que me llevó a desconsiderar los padecimientos físicos que entonces como ahora me asediaron. Sobrellevé con jobiana paciencia toda serie de impertinencias del autor y egolatría del prefaciador. Me sostenía el deseo de que la Biblioteca que usted preside pudiese añadir un nuevo florón como el de “Los Sertones”. Para complacer el narcisismo literario de Sáenz Hayes sacrifiqué mi nota prefacial acerca de los términos “casa-grande” y “senzala”, que a juicio de él holgaban, y porque “si yo mantenía esa nota”, él, Sáenz Hayes, se vería en el caso de no referirse a mi “noble esfuerzo penetración de un libro difficilísimo”.¹⁰⁹

A obra do brasileiro foitraduzida pelo próprio Garay em 1942 e publicada pelo *Ministerio de Justicia e Instrucción Pública* com o título integral: *Casa-grande y senzala: formación de la familia brasileña bajo el régimen de economía patriarcal*. Na carta a Levene, a forma como o tradutor se refere a esse empreendimento delineia uma relação pautada por sua afeição pela literatura brasileira, fato que o levou a considerá-lo pelo que representava e não objetivamente pelo que exigiria de si. O vínculo com as letras nacionais, todavia ou de forma complementar, será percebido, mais adiante, como uma empresa maior, que visava à fundação de uma editora e de cursos superiores nesse ramo. Esse sentimento ou engajamento com a narrativa nacional-regional é notório nas respostas de Graciliano Ramos, encaminhando a compreensão de um vínculo epistolar com trocas culturais significativas para o trabalho de ambos os correspondentes.

Adiante, por exemplo, Garay parece recorrer a Graciliano para compreender a palavra “urucungo”, título de um livro de poesias de Raul Bopp publicado em 1933. Nesse ponto, a tecitura de uma rede se faz mais evidente, dada a indicação do romancista para que o seu remetente escrevesse a Arthur Ramos, que estaria, segundo ele, mais habilitado para sanar

¹⁰⁹ Garay, Benjamín de. [Carta Sobre Publicación Del Libro 'Casa-Grande Y Senzala' Y Solicitando Ejemplares De éste Para Ser Repartidos. Buenos Aires, 21 De Julio De 1942]. Buenos Aires, 1942. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php?mon=5&dir=09040921&num_img=09040921> Acesso em 18 set 2017. Em tradução livre do segmento, tem-se: “A versão de “Casa-Grande e Senzala” me custou esforços dolorosos, uma consagração amorosa que me levou a desconsiderar os sofrimentos físicos que antes e agora me importunam. Eu sobrelevei com extrema paciência todas as séries de impertinências do autor e egoísmo do prefaciador. Me sustentava o desejo de que a Biblioteca que você preside pudesse adicionar uma obra honrosa como ‘Os Sertões’”. Ricardo Sáenz Hayes, mencionado a seguir, foi o prefaciador da obra de Freyre. Garay aparenta insatisfação com essa figura pelo “egoísmo” demonstrado na falta de reconhecimento de seu trabalho no texto preliminar.

dúvidas dessa natureza. Posteriormente, a questão foi esclarecida em outra carta, porém o interesse não se encerrou aí, ao contrário, abriu mais um caminho, pois o conselho de Graciliano foi seguido pelo seu interlocutor, que travou diálogo com o antropólogo a partir de 1938, conforme se apura nas correspondências presentes no acervo da Biblioteca Nacional¹¹⁰.

Diante desses compartilhamentos, imagina-se ter sido necessária a construção e demonstração discursiva de disposições para isso por parte dos correspondentes. Em Graciliano Ramos, encontram-se maneiras singulares, porque dele definidoras, para manter o diálogo e torná-lo receptivo consigo e com as vozes externas que incluía, como as ouvidas anteriormente. Uma dessas maneiras é identificada na cordialidade que emprega, permeada pelo já mencionado humor irônico que convida à amizade e à familiaridade. Outra construção se encontra na forma como o romancista se apresenta, pela sua obra, a Benjamín de Garay.

O que já foi identificado como um discurso pessimista pode funcionar, nessa última perspectiva, como uma espécie de modéstia estimulando igualmente, e conscientemente ou não, a aproximação do interlocutor que, por decoro ou por justiça, tende a se posicionar frente às avaliações autodepreciativas ou negativas de seu correspondente. Há passagens, sim, em que o romancista ameniza seu julgamento, expressões como “tenho coisa melhor” demonstram isso, todavia, predominam os juízos aparentemente destituídos de vaidades ou do reconhecimento de aspectos favoráveis. É com esse viés, por exemplo, que *Angústia* foi apresentado, e repetidas vezes, ao tradutor, conforme se percebe nos trechos:

Em carta de 12 de maio de 1937:

Remeto um volume de *Angústia* para você, outro para José Santos Gollán¹¹¹. Aviso-o de que há na história pastéis em demasia: como eu estava para lá das grades e não pude fazer revisão, estragaram-me o livro. (RAMOS, 2008, p. 51).

Em 13 de maio de 1937:

Mandei-lhe ontem um exemplar do meu último romance e o livro novo de José Lins, *Pureza*. Em conformidade com a sua recomendação, enviei também *Angústia* ao seu amigo José Santos Gollán, de *La Prensa*. Esse desgraçado livro saiu cheio de pastéis. Quando foi para a composição, eu era considerado elemento perigoso e naturalmente os cavalheiros que me hospedavam não julgaram necessária a revisão das provas. Foi um desastre. Veja se consegue adivinhar o que estava no original, e se isto não for possível, espere a segunda edição, que talvez se faça. É

¹¹⁰ O Acervo de Manuscritos abriga quatro cartas do tradutor ao médico nestas datas: 25/01/1938, 10/03/1938, 07/05/1938 e 07/06/1938 e mais duas cartas de Arthur Ramos a Benjamín de Garay, uma de 25/03/1938 e outra de 17/06/1938. A correspondência, que versa especialmente sobre a colaboração do brasileiro para o periódico *La Prensa*, traz igualmente solicitação de traduções, fotografias, ilustrações, opiniões e intermediações (na carta de 07/06, Garay pede a Arthur Ramos que intervenha junto a Gilberto Freyre a fim de que este lhe conceda autorização para tradução de *Casa Grande*). O diálogo revela também a disposição do brasileiro para as contribuições pedidas. Esse material encontra-se reproduzido em DINIZ, Davidson. “Instinto(s) de transnacionalidade: ensaio sobre a sociabilidade nos campos literários argentino e brasileiro (1840 | 1940)”. **Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional**: Rio de Janeiro, 2015 | 2017.

¹¹¹ José Santos Gollán (1887-1970), jornalista responsável pelas páginas literárias do periódico *La Prensa*.

coisa menos ruim que *S. Bernardo* (*Feudo Bárbaro*), penso eu. Como vai isso? (RAMOS, 2008, p. 53-54).

Mesmo que com um intervalo de um dia, as comunicações ressaltam as mesmas questões: a qualidade do livro, prejudicada pela prisão e consequentemente pela falta de revisão, que, como vimos, não corrigiu muitas das chamadas “gorduras”, dando a entender que não se tratava de um erro seu, mas de um composição consciente que se queria assim.

Pouco depois, em 1 de julho de 1937, escreveu:

E *O Relógio do Hospital*? Envio-lhe hoje *Um Pobre Diabo*. Seria bom que você metesse tudo isso num jornal que pagasse direito.

Outra coisa: o *Angústia* saiu com uma grande quantidade de pastéis. Provavelmente você vai encontrar dificuldades na tradução. Há também as expressões nordestinas de *São Bernardo*, que aqui no Sul ninguém entende. Se você tiver qualquer dúvida, escreva-me.

Adeus, caro Garay. Um abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, 57).

Em 8 de novembro de 1937:

Como vai *S. Bernardo* (ou *Feudo Bárbaro*)? Insisto no oferecimento que lhe fiz. Há ali umas expressões regionais que talvez não sejam entendidas, mesmo por uma pessoa que saiba o português como você. Não me refiro, é claro, aos tradutores que supõem que jaca é arbusto. Coitado do Jorge. No *Angústia* não há dificuldades, mas o livro saiu cheio de pastéis horríveis, porque na situação em que me achava, nem pude consertar a cópia da datilografia. Erros dela, erros na composição tipográfica – uma lástima. Vendeu-se a edição, mas é quase certo não podermos agora arranjar outra. Assim, caso você queira apresentar o romance à gente que fala espanhol, mandar-lhe-ei um volume com emendas indispensáveis.

Bem, Garay, adeus. Novos agradecimentos e um abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, p. 60).

Em comum, as passagens, com exceção da primeira, possuem a contraposição do romance atual, *Angústia* (1936), ao anterior, *São Bernardo* (1934). A linguagem, na terceira e quarta ocorrências, é utilizada como parâmetro para essa atitude, vinculada possivelmente às dificuldades encontradas na tradução, então em curso, do romance de 1934 por Raúl Navarro, que parecia querer tornar ao espanhol não só a narrativa como também o seu autor¹¹². Outra característica presente nesses trechos é a indicação, como ressalva principal, dos “pastéis”, problemática que, no contexto limitado da prisão, não dependia e não podia contar com a sua intervenção, portanto não dizia respeito à sua competência enquanto escritor.

¹¹² Em “Uma tradução frustrada”, Pedro Moacir Maia apresenta alguns trechos de cartas de Raúl Navarro a Garay, evidenciando a preocupação deste com a tradução de *São Bernardo*. Em uma das passagens, de carta de 18 de fevereiro de 1938, tem-se: “Loreleo atentamente para enfocar sutraducción. Para trazarme el plan [...] Su estilo, a modo muy aproximado al picaresco por la andadura narrativa sentenciosamente cruda, pone dificultades grandes [...] El dicho típico e el refrán popular. De cualquier manera veré cómo soluciono esa dificultad, y aprovecharé su experiencia y conocimientos.” (NAVARRO, Raúl. In. MAIA, Pedro Moacir. 2008, p. 115).

O termo “pastéis”, possui, no âmbito tipográfico e de acordo com a situação em que foi empregado, o sentido de “folha mal impressa” ou de caracteres “que ficam misturados e confundidos em consequência de se ter desmanchado uma forma, uma coluna, etc.”¹¹³. Os “pastéis” são como a reserva que contém a consideração positiva sobre *Angústia*, mesmo que não explicitamente, tornando-se uma maneira de se mostrar que aparenta querer fugir de qualquer pretensão de ser frente ao outro, o que leva o leitor à captação de um efeito discursivo equalizador ou por vezes desigual, estando, nesse caso, o escritor em posição inferior. De forma similar, notamos essa atitude no envio dos contos regionais, sobre os quais Graciliano escreveu:

Rio de Janeiro, 11 de maio de 1937

Prezado Garay:

Mandei-lhe há dias um conto, que não sei se lhe agradou e foi metido em qualquer jornal ou revista daí.

Enquanto espero a resposta, remeto-lhe outra história, um negócio de bicho, de alma de bicho.

Será que bicho tem alma? Deve ter qualquer coisa parecida com isso, qualquer coisa que dê para a gente receber um cheque. Tenha a bondade de examinar essa questão psicológica e financeira, meu caro Garay. Veja se a alma da minha cachorra vale alguns pesos aí numa redação ou em sociedade protetora de animais.

Caso você resolva traduzi-la para o espanhol, faça-me o favor de mandar-me o número do jornal que a trouxer.

Adeus, caríssimo Garay. Muitos abraços de

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 49, grifo nosso)

Na carta de 13 de maio de 1937:

Não sei se já lhe era chegado um conto que mandei para *El Hogar* ou *Mundo Argentino*, uma história de cachorro. **Seria magnífico se você pudesse meter isso em *La Prensa*, mas provavelmente esses senhores não gostam de bichos.** A minha cachorra baleia é um animal ordinário de peladuras. (RAMOS, 2008, p. 54, grifo nosso).

Em 1 de julho de 1937 questionou:

Como vai a minha *Baleia*? Trabalho numa série de contos regionais; quero ver se consigo fazer psicologia de bichos: cachorros, matutos, etc. **Se a minha “Baleia” for bem recebida aí, mandar-lhe-ei, caso você ache conveniente, umas histórias semelhantes**, lá para o fim do ano, que é quando espero concluir o trabalho. Poderemos publicá-las em espanhol; primeiro em jornal, depois em livro. Antes disso vamos ver como tratam a cachorra doente. (RAMOS, 2008, p. 57, grifo nosso).

Em 8 de novembro de 1937:

Fiz, como lhe prometi, umas histórias do Nordeste, com bichos e matutos: **tentei mostrar o que se passa no interior desses animais, caso você ache**

¹¹³ Pastel. In: DICIONÁRIO Aurélio de Português Online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/pastel>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

conveniente, mandar-lhe-ei alguns, que, se não estiverem muito ruins, podemos introduzir no mercado, pouco a pouco, a fim de não espantarmos o consumidor. A propósito: julgo que você não gostou da minha Baleia. É pena, pois não tenho nada melhor que essa cachorra. Quer ver os parentes dela? Se não quer, está acabado, não falemos mais nisso. (RAMOS, 2008, p. 59, grifo nosso).

De 30 de novembro de 1937 será a última carta em que Graciliano buscará a impressão do tradutor a respeito de seus “bichos” e de seus “matutos”:

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937

Prezado Garay:

Escrevi-lhe duas cartas, a primeira agradecendo-lhe essa coisa de *La Prensa*, a segunda remetendo-lhe um novo conto. Se você ainda não está cansado da minha literatura, tenha a bondade de ler as folhas que agora lhe mando.

Eu queria saber a sua opinião a respeito dos meus bichos e dos meus Mattos. Tenho a intenção de juntá-los num livro que a José Olympio deseja publicar, mas talvez isto não se faça por enquanto, pois os negócios da livraria andam mal: romances bons, como o último de Amando Fontes, passaram despercebidos.

Acho que, sendo inconveniente levar aqui meus bichos à feira e mostrá-los na barraca José Olympio, terei necessidade de exibi-los em outros países, aí por exemplo. E como você é a única pessoa capaz de recebê-los, melhorá-los e apresentá-los ao público da Argentina e vizinhanças, continuarei a despachá-los para Buenos Aires. Caso eles não prestem, faça-me, Garay, o favor de dizer-te isso com franqueza, a fim de que eu suspenda as remessas.

E adeus, por hoje, meu caro Garay. Um abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, p. 65).

Nessas ocorrências, não há a presença das ressalvas, como há nos fragmentos relativos ao *Angústia*, o que existe é a busca pela aprovação, pela impressão do outro frente ao material e às ideias comunicadas. O emprego do futuro do pretérito e de formas subjuntivas do verbo (“Seria magnífico se você pudesse”, “Se a minha “Baleia” for bem recebida”, “Caso você resolva”, “caso ache conveniente”) modalizam a linguagem de forma a conferir importância ao interlocutor. As perguntas parecem funcionar também nesse mesmo sentido, convidando Garay a uma nova apreciação, agora mais de acordo com o que havia sido solicitado: contos regionais, projeto que, como notado nas cartas anteriores, sobrepôs outro: as histórias da prisão, adiado em mais de uma década.

A respeito da reorientação do trabalho literário, a carta de 1 de julho de 1937 é expressiva pela clareza com que o autor vislumbra a trajetória dos contos, já aí pensados para formarem, posteriormente, um livro, mas não sem antes serem publicados em periódicos, a fim de conferir-lhes visibilidade e certamente rentabilidade, tendo em vista tratar-se de uma “questão psicológica e financeira”. No Brasil, por exemplo, “Baleia”, escrito em 4 de maio, já havia sido publicado no suplemento de *O Jornal* (RJ) em 23/05/1937¹¹⁴. “Fabiano” e

¹¹⁴http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/37969http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/37970

“Cadeia”, por sua vez, saíram na revista *O Cruzeiro*, o primeiro em 29 de janeiro de 1938 e o segundo em 26 de março desse mesmo ano¹¹⁵.

Embora a busca pelo aspecto regional tenha orientado a nova produção, nota-se que ela seguiu o mesmo caminho que a anterior, já que a preocupação com a introspecção permaneceu acentuada, especialmente em relação ao cenário, muito destacado nos romances regionais, e à caricatura, que tornava as obras “inverossímeis”. Graciliano chegou a expressar consciência dessa diferença, resultante de sua procura pelo trabalho com o sujeito e não só com as feições locais, como complementa esta outra comunicação, agora de 18 de novembro de 1937:

Caríssimo Garay:

Mandei-lhe há dias muitos agradecimentos pela tradução de *O Relógio do Hospital*, publicada em *La Prensa* o mês passado. Peço agora a sua atenção para a história que lhe remeto. Você me pediu há tempo que escrevesse umas coisas regionais. Lembra-se? Fiz isso, mas afastei-me da literatura que nos apresenta, sem nenhuma vergonha, matutos inverossímeis.

Os nossos matutos nunca foram observados convenientemente. Os que aparecem em romances pensam como gente da cidade e falam difícil, apenas deformando as palavras, suprimindo os ss, os ll e os rr finais. Com esse recurso infantil, certos escritores brasileiros se julgam sagazes.

Acho que os tipos que lhe mando são verdadeiros. Procurei vê-los por dentro e evitei os diálogos tolos e fáceis, que dão engulhos. Os meus matutos são calados e pensam pouco. Mas sempre devem ter algum pensamento, e é isto que me interessa. Não gastei com eles as metáforas que o Nordeste infelizmente produz com abundância. Também não descrevi o pôr-do-sol, a madrugada, a cheia e o incêndio, coisas obrigatórias, como você sabe.

Veja se essa gente lhe agrada. Se ela for metida em *La Prensa*, ficarei muito satisfeito.

Receba, meu caro Garay, um grande abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, p. 63).

Cabe destacar em “Fiz isso, mas afastei-me da literatura que nos apresenta, sem nenhuma vergonha, matutos inverossímeis” (primeiro parágrafo), o uso do conectivo adversativo para acrescentar a informação que singulariza a criação de que se trata: a proximidade com a verossimilhança, fator introduzido como exclusividade, pois os “matutos nunca foram observados convenientemente”, sugerindo o destaque do sujeito, não mais massificado como se viu em *A bagaceira*, por exemplo. E embora em *Vidas secas* existam

¹¹⁵ De acordo com a carta enviada ao jornalista João Condé em junho de 1944, estas foram as dadas de composição dos contos: “Mudança, 16 julho 1937; Fabiano, 22 agosto; Cadeia, 21 junho; Sinhá Vitória, 18 junho; O menino mais novo, 26 junho; O menino mais velho, 8 julho; Inverno, 14 julho; Festa, 22 julho; Baleia, 4 maio; Contas, 29 julho; O soldado amarelo, 6 setembro; O mundo coberto de penas, 27 agosto; Fuga, 6 outubro” (RAMOS, G. Correspondência ativa – **Arquivo Graciliano Ramos – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB-USP**. Doado em 1980 por Heloísa Ramos).

personagens sem nomes próprios lhes conferindo identidade, isso contraditoriamente pode destacá-los, tendo em vista não possuírem algo tão comum: um nome.

A particularidade trazida pelas ressalvas não diz respeito apenas à *Vidas secas*, nelas é possível compreender também uma diferença que se configura em um âmbito mais específico que o da literatura nacional como um todo, porque é a narrativa em pauta em relação à categoria em que foi disposta: regionalista nordestina. As comparações, críticas e sem entusiasmo, começaram a dar forma, nessa altura, a uma percepção que se concretizou no já mencionado “Decadência do romance brasileiro”, publicado três anos depois.

Em 1938, o ânimo para com as produções nacionais do início da década dá mostras de ter decaído. A história de Fabiano e sua família surge como um retorno insistente ao auge dos romances desse momento, mas não foi uma retomada sólida por parte do escritor, no sentido de permanecer nessa orientação. Suas principais produções seguintes serão memorialistas. Apesar dessa perspectiva, entretanto, há sutilezas que notam, na movimentação literária de que Graciliano participava, algum aporte significativo, como é evidente na carta de 16 de maio de 1938:

Prezado Garay:

Cá me chegaram cartas suas. Não dei logo resposta à primeira, vinda pelo aéreo, porque aí se anunciava a remessa de outra mais extensa, que agora chegou pelo correio ordinário.

Muito lamento que o seu projeto, meu caro Garay, o sonho de tantos anos, tenha sofrido esse baque. E espanto-me de que, apesar de todas as decepções, o namoro de que fala Monteiro Lobato continue a resistir. Você é terrível, Garay. Essa tenacidade que zomba dum caiporismo crônico merecia emprego melhor. A literatura brasileira, coitada, anda bem magra, muito por baixo: há nela uns pobres diabos famintos e uns sujeitos ricos, que felizmente não escrevem. Todos juntos valem pouco. Em horas de patriotismo e entusiasmo falamos alto e enchemo-nos de fumaça, naturalmente. Podia ser pior, já foi pior – e isto consola. Afinal alguns desses que você menciona e mais talvez uns dois não são ruins de todo. É possível que desta medonha trapalhada se salve meia dúzia de páginas. Mas o futuro a Deus pertence; por enquanto colocamos nas vitrines das livrarias pequenos romances vagabundos que os amigos elogiam e os inimigos não atacam porque isto contribuiria para a divulgação deles. (RAMOS, 2008, p. 73).

Ao acompanhar o tom reflexivo de pesar pela falência do projeto do amigo, Graciliano trata do objeto de interesse de ambos de forma a oferecer caminhos distintos para sua compreensão, de que se destacam dois: o primeiro relativo à citada queda de ânimo em relação às produções da “nova geração” e o segundo próprio da relação travada entre os correspondentes até àquela altura, em uma espécie de solidariedade com vistas a amenizar as decepções do interlocutor.

A perspectiva que, antes, via nos romances nordestinos a fundação da literatura nacional¹¹⁶ é substituída por outra, por uma visão que não percebeu a concretização de expectativas, mas que reconheceu algumas contribuições desse período, tendo em vista que “Podia ser pior – já foi pior – e isto consola”. A curva descendente em relação ao entusiasmo que permeou a primeira metade da década de 30 foi analisada por Graciliano Ramos a partir dos “representantes máximos do romance nordestino”¹¹⁷, os quais fizeram

[...] quase sem nenhuma aprendizagem, ótimas histórias, com tanta sofreguidão que pareciam requeimar-se. Não se esgotaram talvez, mas estacaram, como se tivessem perdido o fôlego, ou publicaram trabalhos inferiores aos primeiros. E convém notar que essa queda se deu quando cessou a agitação produzida pela revolução de Outubro. Subiram até 1935. Aí veio a decadência [...] (RAMOS, 2012, p. 263).

Na avaliação negativa de todos percebe-se um motivo em comum: o distanciamento do objeto de tratamento, que incidiria diretamente na verossimilhança das narrativas, como arremata este trecho:

Os nossos melhores romancistas viviam na província, miúdos e isentos de ambição. Contaram o que viram, o que ouviram, sem imaginar êxitos excessivos. Subiram muito – e devem sentir-se vexados por terem sido tão sinceros. Não voltarão a tratar daquelas coisas simples. Não poderiam recordá-las. Estão longe delas, constrangidos, limitados por numerosas conveniências. (RAMOS, 2012, p. 266).

Nesse pedaço final, nota-se a valoração da memória e sua importância para composição ficcional, pois a impossibilidade dos romancistas para recordar as “coisas simples” que nortearam e elevaram a corrente não estava mais permitindo, de acordo com o trecho, o seu tratamento adequado (verossímil). Diferente dos novos assuntos, cenários e linguagem mais detidos apontados por Graciliano nos escritores referências da geração, as “coisas simples” pareciam ser superiores pelo que eram para ele: vividas, sentidas, possíveis e em geral inconvenientes a quem tinha que ser, como a ele próprio, como testemunhou na carta a Portinari.

Assim, a percepção da queda qualitativa dos romances pela falta desse aspecto essencial, manifesta antes na carta e depois no artigo, seguiu os mesmos critérios avaliativos empregados em relação ao Modernismo e à literatura intimista alheia ao externo, permitindo, assim, a compreensão de que de fato esses pressupostos judicativos referem-se à singularidade criativa de Ramos e não somente ou principalmente a um impulso estético de seu grupo.

¹¹⁶ Em 28 de janeiro de 1936, Graciliano escreveu a Heloísa: “Foi o palavreado difícil de personagens sabidos demais que arrasou a antiga literatura brasileira. Literatura brasileira uma ova, que o Brasil nunca teve literatura. Vai ter de hoje em diante. E você deve trabalhar para que Maria Antônia entre nela” (RAMOS, 2011, p. 217). Maria Antônia seria uma das personagens da história em que Heloísa vinha trabalhando com incentivos do marido.

¹¹⁷ Para o romancista, eram: Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e Armando Fontes (RAMOS, 2012, p. 263).

O outro caminho de leitura sugerido para a expressão disfórica em relação aos rumos das letras nacionais, na carta, é o da disposição em relação ao outro, compreensão que não exclui a anterior. Há algum tempo, Graciliano acertara com Garay a tradução de *São Bernardo* pela Editorial Crucero, trabalho que vinha sendo desenvolvido por Raúl Navarro. A editora, todavia, foi um projeto frustrado e não concretizado cujos detalhes não foram revelados. Informações mais substanciais do intuído do tradutor são do tipo dessas encontradas em cartas como as do romancista brasileiro.

De acordo com Diniz, esse empreendimento editorial do argentino, mais o seu projeto de fundar uma cátedra especializada no ensino de literatura brasileira no Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, em Buenos Aires, no qual atuaria como docente,

[...] informam a sua visão sistêmica projetada na bibliocircularidade entre o Brasil e a Argentina. Cabe por isso dizer que os seus procedimentos não vieram apenas de uma paixão pessoal, manias de um brasiliófilo inveterado, antes de ações modernizantes acerca das trocas culturais e editoriais entre ambos os campos letrados. (2015|2017, p. 173).

Essa notação amplia a dimensão da frustração compartilhada na carta, já que não era apenas uma empresa especificamente, mas a parte de um trabalho mais amplo em que a editora teria um papel notório, fornecendo, por exemplo, subsídios para o desenvolvimento do estudo e ensino da literatura brasileira na Argentina. Graciliano Ramos, ao se referir ao insucesso do empreendimento do tradutor, demonstrou ciência disso e do trabalho do seu correspondente, dos seus projetos, pois se refere a um “sonho de tantos anos”, a uma carreira que, “apesar de todas as decepções” seguiu insistindo em seu objeto.

Com essa consciência, e após lamentar o “baque” do amigo, o romancista logo trata do cenário daqui, mas sem os nomes que citou em contatos anteriores reconhecendo neles obras interessantes a Garay. Para o romancista, não havia mais nada grandioso naquela literatura para a qual o argentino estava voltado no período, concepção que, supõe-se, amenizaria, no diálogo, a frustração do seu interlocutor, que também o atingiria.

Sem a *Editorial Crucero* e com a tradução de *São Bernardo* em curso, a *Editorial Claridad* surgiu como uma possibilidade, mas com uma oferta menor, aceita pelo autor que, após um desencontro de informações com Jorge Amado¹¹⁸, pediu o cancelamento

¹¹⁸ Ao compartilhar com Jorge Amado a oferta de 200 pesos pelos direitos autorais de *Feudo Bárbaro* para *Claridad*, Graciliano é informado pelo autor de *País do Carnaval* que este havia recebido oferta maior: 500 pesos pela edição argentina de *Mar Morto* pela mesma editora. Sabendo disso, Ramos questiona Garay, que aparenta haver esclarecido os fatos, como se nota nesta passagem da penúltima carta a ele, de 27 de maio de 1938: “Essa história do *Mar Morto* foi uma dos diabos, vejo que fiz mal em falar nos direitos de autor, apesar de Jorge me haver dado permissão para dizer aí que lhe tinham pego quinhentos pesos. Detesto mal-entendidos e fuxicos. É o diabo. Tenho de escrever a Jorge, que está em S. Paulo, e contar-lhe tudo. Afinal a culpa não foi

do trabalho. A questão foi tratada por Pedro Moacir Maia em “Uma tradução frustrada”, texto que informa o desfecho da situação: a não publicação da tradução feita por Raúl Navarro.

minha: o que eu não queria era receber menos que os outros. Se ele se atrapalhou nas contas ou se recebeu uma importância e deu recibo de outra, que hei de fazer? [...]” (RAMOS, 2008, p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao persistir no tempo através de diferentes canais, a carta afirmou-se enquanto gênero cumprindo uma ampla função social. De acordo com a historiadora Teresa Malatian, as missivas “constituem um gênero cultivado desde a Antiguidade como forma literária e fontes de informações para os estudos biográficos” (MALATIAN, 2011, p. 196), faces em uma gama de possibilidades.

A evolução nas formas de concretização desse texto ligam-se à sua tenacidade, capaz de superar a força de esquecimento dos anos. Segundo Eliane Vasconcellos, em “A intimidade das confidências”, as cartas eram inscritas em lâminas ou tabletes de cera; a seguir, o papiro foi adotado como seu suporte. Na Idade Média, o pergaminho antecedeu o uso do papel como meio para sua continuidade (VASCONCELLOS, 2009, p. 374). Bem adiante, com a expansão e otimização dos serviços postais, a carta acelerou e estimulou contatos, encurtou distâncias e popularizou-se.

Atualmente, ao lado do modelo epistolar padrão que comumente conhecemos, temos fixado o e-mail, e, de certa forma, as mensagens de texto trocadas por aplicativos ou pelas redes sociais na rede mundial de computadores, dando continuidade ao ato da correspondência, da reciprocidade entre um ou mais interlocutores. E temos, pela diversidade do que o gênero pode comportar, maneiras igualmente distintas de tratá-lo.

Na leitura aqui oferecida, pretendeu-se acompanhar um percurso artístico em constante interação dialética com a conjuntura nacional. Neste caso, não foi no suporte que se observaram mudanças, foi naquele que dele fez uso. Na trajetória, iniciada pelas cartas escritas na juventude e enviadas ao amigo de infância, Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, encontrou-se um epistológrafo imergindo na literatura de seu entorno, marcada pela conservação do fôlego realista mesmo em meio a tentativas de resgate da expressão romântica do eu, e indo além, ao acompanhar diretamente publicações estrangeiras, então espelhos nos quais era necessário olhar e refletir não o que se era, mas o que se gostaria de ser: outro.

Nessa etapa de formação “técnica” de Graciliano Ramos, cujos referenciais foram apontados nos assuntos de um Aluísio Azevedo, nos versos parnasianos de um Olavo Bilac, na ironia crítica de Eça de Queirós, apreendeu-se um procedimento de coleta, de conjugação, responsável por uma “flexão” singular da prosa, porque constituída de pedaços expressivos para um desejo que, importado, começou a se traduzir na sede por afirmação identitária, primeiro de um país ainda sem cores nítidas e depois de uma região, de uma classe.

O fundamento nessas bases estéticas e ideológicas senão justifica ao menos possibilita uma proximidade de compreensão das relações construídas, e divulgadas quase concomitantemente, com outras manifestações artísticas, outras pois nelas não se enxergava a identidade então buscada, e almejada desde Alencar, que encontrava na reportagem da verdade para a ficção uma maneira de vencer a idealização romântica ou o radicalismo modernista, responsáveis, segundo a perspectiva de que se analisou, por borrar a realidade, esta a principal via pela qual se alcançaria o objetivo de fundação da literatura brasileira, aspecto discutido por Sússekind (1984).

Sem perder de vista a estética, a forma adquirida com a composição dos versos parnasianos publicados n’*O Malho* (RJ) ou queimados para esvaziar a estante e divertir os filhos, Graciliano Ramos testemunhou nas cartas à esposa, Heloísa Ramos, a incorporação de sua formação à prosa. No primeiro trabalho, *Caetés*, as lições ficaram evidentes, por empregarem uma fórmula sem grandes variações. Na segunda obra, *São Bernardo*, composta após o impacto do Modernismo e em meio às publicações que fizeram uso das contribuições desse movimento, os destaques são mais evidentes.

Desse momento, vimos as cartas acompanharem um empenho confessado para descobrir e empregar o não corrente: a língua do Nordeste, e pode-se dizer que em sua abordagem linguística (no sentido de área de estudo), tendo em vista não só a reprodução de um falar, mas a incorporação deste a um modo de ser, pensar e viver diverso do da “gente da cidade”, muito “outra” pela massificação sofrida nos grandes “centros”, muito “outra” por reproduzir “outros”.

De *Angústia*, lemos as cartas confessando as dificuldades enfrentadas pelo seu deitoar, dado pela introspecção, repetições e o recalque de um narrador-personagem intenso, desmedido mas coerente em vista das situações que se lhe apresentaram. Erros apontados mas não corrigidos, por isso crê-se que não erros, por isso crê-se que formadores de uma caminhada que se acentuava em direção à confissão, conforme sugeriu Antonio Candido ([1945] 2006). A narrativa de Luís da Silva não destoa da fixação estética, pois é a sua configuração, perpassada pelos retornos constantes, o elemento que une estreitamente forma e conteúdo.

As emergências financeiras, agravadas pela prisão, foram apreendidas nas cartas como um desvio em direção a outros projetos que indicavam um direcionamento no mesmo rumo seguido por *Angústia*, pois enquanto este era revisto, capítulos posteriormente integrados a *Infância* (1945) eram ideados. Nessa etapa, Benjamín de Garay desempenhou um papel interessante, já que no discurso epistolar do romancista perceberam-se os interesses do

argentino para a tradução e publicação de narrativas de cunho regional, superadas há pouco, mas não suprimidas, pelo peso da subjetividade do livro anterior do escritor alagoano.

O procedimento de retomada, quase ao final da década de 1930, foi também uma maneira de afirmar a riqueza de uma região que não se esgotara pela exploração ficcional de suas chagas, que lá continuavam apesar do enfraquecimento da moda regionalista.

Além de possibilitar a análise de um caminho criativo, com curvas, às vezes já exploradas e outras vezes traçadas a custo da combinação de trilhas contíguas, a leitura das cartas aos interlocutores selecionados visou também a destacar as companhias que, de alguma maneira, formaram parte e foram significativas no prosseguir em uma área, a literatura, de que poucos conseguiam viver na época.

Nesse sentido, os incentivos, as sugestões, o colocar na reta, o citar um nome, uma obra, apresentaram-se, neste ver, como a constituição de um movimento literário, independente, da prosa regionalista nordestina de 1930, mas “dependente”, em certa medida, de outros imediatamente anteriores. Independente por sustentar-se pelas suas produções, dependente, ou favorecido, pela abertura que antes lhe deu a Semana de 1922, a mesma que aproximou, por exemplo, o tradutor argentino da literatura do Brasil, por sua vez aproximada dos hispanofalantes, a seu turno interessados em um narrar renovado pela revalorização de bases estéticas (e também ideológicas) voltadas ao verossimilhante, à experiência que poderia ser vivida e analisada, tal qual no Realismo.

Com esse roteiro, espera-se ter contribuído para a expansão de uma perspectiva de estudo sobre Graciliano e sua produção. Espera-se ter alcançado, ao menos em partes, a síntese dos procedimentos compartilhados em suas cartas, procedimentos que encontramos sintetizados em um trecho de uma delas, enviada à Heloísa Ramos em 3 de abril de 1935.

Somos uns animais diferentes dos outros, duma sensibilidade excessiva, duma vaidade imensa que nos afasta dos outros que não são como nós. Mesmo os que são doentes, os degenerados que escrevem história fiada, nem sempre nos inspiram simpatia: é necessário que a doença que nos ataca atinja outros com igual intensidade para que vejamos nele um irmão e lhe mostremos as nossas chagas, isto é, os nossos manuscritos, as nossas misérias, que publicamos cauterizadas, alteradas em conformidade com a técnica. (RAMOS, 2011, p. 196).

Em um período de entre obras intensas, Graciliano Ramos, como se adotando como próprio correspondente, tratou a literatura como uma doença de que padecia, e talvez mais, por possuir um “organismo” de “sensibilidade excessiva”, que manifestava um grave sintoma: perceber a prática literária como uma atuação social, como um espaço livre de amarras e por isso propício à exposição das inconveniências sociais e humanas das quais poderíamos fugir ou escolher enfrentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. “Benção paterna”. In: _____. **Sonhos d’ouro**: romance brasileiro (vol. 1). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4659>> Acesso em 21 março 2018.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. **Revista de Antropofagia**, São Paulo, ano I, nº I, maio 1928. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/OswaldManifestos.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017.

BESSONE, Tânia. “Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos”. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, p. 41-52, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50.ed. São Paulo: Cultix, 2015.

_____. “Moderno e modernista na literatura brasileira”. In: _____. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2010.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. 1.ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 30 e a cultura”. In: _____. **A educação pela noite**. 6.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

_____. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. In: _____. **Literatura e sociedade**. 6.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

_____. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DINIZ, Davidson. “Instinto(s) de transnacionalidade: ensaio sobre a sociabilidade nos campos literários argentino e brasileiro (1840 | 1940)”. **Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional**: Rio de Janeiro, 2015 | 2017.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. Organização e apresentação de Fátima Quintas; prefácio de Antônio Dimas. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1996.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução: Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Espírito e a Letra**: estudos de crítica literária, 1948 - 1959: volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MALATIAN, Teresa. “Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-222.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética”. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n.1, jan. / mar. 2007. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>> Acesso em: 09 maio 2015.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LEBENSZTAYN, Ieda. “Cartas Inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 145-153, abr.-jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15491/11359>> Acesso em 03 jun. 2016.

_____. **Graciliano Ramos e a Novidade**: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis. São Paulo: ECidade, 2010.

RAMOS. **Caetés**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

_____. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Angústia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949.

_____. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, s.d.

_____. **Memórias do cárcere**(vol. 1). São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

_____. **Linhas tortas**. 22.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **Cartas**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro**. Introdução, ensaios e notas de Pedro Moacir Maia; organização e apresentação de Fernando da Rocha Peres. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Garranchos**: Graciliano Ramos. Organização: Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Conversas**: Graciliano Ramos. Organização: Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Marili. **Graciliano Ramos**. Maceió: IGASA, 1979.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

VASCONCELOS, Eliane. “A intimidade das confidências”. In: **Teresa** revista de Literatura Brasileira [8|9]; São Paulo, p. 372-389, 2008.

ANEXO 1 – Antologia das cartas citadas

Capítulo 1

Palmeira dos Índios, 27 de outubro de 1911.

Palmeira, 27 de outubro de 1911. Amigo Pinto: Dominus tecum. Eu não te escrevo somente por gosto de escrever: escrevo-te para pedir-te uma informação, duas informações quero dizer, sobre assuntos que muito me interessam. Rodolfo escreveu-me há dias uma carta. Não tratei de respondê-la logo, perdi-a, estou agora sem saber o endereço do ex-futuro membro da Academia Brasileira de Letras. (Falo assim porque ele abandonou covardemente aquela obra monumental que estávamos a escrever, com o pseudônimo de M. Soares.) Voltando à vaca fria, quero que me mandes dizer o número da casa em que ele mora. Apenas sei que é na Rua dos Arcos.

Vamos ao outro assunto, o principal, o ponto capital desta carta.

Li no *Jornal de Alagoas* as penitências de um tal Rui d’Alcântara, um indivíduo que, sofrendo uma violenta crise de caiporismo, escapou de comer *cuscuz* com cabelos e de tomar café pelo bico de um bule, um pobre-diabo que *viu estrelas* em uma noite tempestuosa de junho. Hás de dizer que não vem a propósito falar aqui no caiporismo do Rui; mas sempre desejo saber se conheces alguma coisa a respeito desse teu conterrâneo, esse tipo que parece aparentado com o nosso ex-embaixador em Haia e com S. M. D. Pedro Banana, que o diabo tenha debaixo de sua santa guarda. Creio que esse Rui d’Alcântara é um falsário, um indivíduo que, antigamente, com o nome de Aníbal não sei de quê – uma mistura de italiano com espanhol –, andou viajando pelos Andes, pendurado nas garras de uma águia. Mas o Alcântara foi mais infeliz que o Aníbal, porque ao menos este não passou um dia sem comer. Também cabelo não é lá muito bom alimento, principalmente para um pobre de Cristo que passa uma horrível noite de penitência, em risco de morrer afogado, vendo uma coisa que ninguém nunca viu – uma trovada em junho. Dize ao Rui, se o conheceres, que Santo Antônio é muito nervoso e tem um medo danado de relâmpagos e trovões. Mas deixemos em paz o Alcântara (cujo trabalho agradou-me, tirando-lhe os trovões, é claro) e falemos de outras coisas, de coisas secundárias.

Que é feito da Argos?

Não admires minha ignorância a tal respeito, que aqui vivo absolutamente isolado.

Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível. Eu tenho sido caipora, porque tudo quanto produzo é miseravelmente assassinado pelos senhores tipógrafos. Apenas um dos meus trabalhos, uma coisa parecida com juízo crítico sobre o *Il cacciatore dismeraldi*, de Carlo Parlagreco, teve poucos erros, malgrado ter sido estragado um trocadilho com que eu fechava o *troço*. Eu escrevi: “Se o senhor Carlo *parla greco*”, saiu publicado: “Se o senhor Carlo *parla grego*”. Ora não há *grego* em italiano – há *greco*. Demais o Sr. Carlo é Perlagreco e não gosta que lhe mudem o nome, como disse Eça de Queiroz.

Aí está, meu Pinto velho dos pés compridos. Eu sou um mártir dos revisores e dos tipógrafos. Em dois sonetos meus houve estas encantadoras trocas: *pranto* em vez de *ponto*, *triste* em lugar de *tonto*, *bramido* por *brunido*. É verdade que *bramido* e *brunido* são quase a mesma coisa – quase não houve alteração. Outro assunto. Creio que, para o ano vindouro, ainda irei passar uns dois meses no sertão. Queres ir comigo? São dois meses de vida turca. Poderás, à vontade, falar sobre história... de Mil e uma noites, Contos da carochinha, etc. Ainda estas muito pegado às lendas?

A propósito de lendas, está fundado aqui o Grêmio Literário Correia Paes, uma sociedade exemplar, extraordinária, que se propõe a ensinar leitura a muita gente boa daqui. Vou terminar. Adeus. Recomendações a d. Zefinha, d. Nane e d. Iaiá, muitas lembranças ao Revmo. Mota Lima, e mais alguém que ainda por aí se lembrar do Graciliano Ramos.

P.S. Hoje é um dia de tristeza para mim — envelheci mais um ano. (RAMOS, 2015, p. 14-16).

Palmeira dos Índios, 2 de fevereiro de 1914.

Palmeira, 2 de fevereiro de 1914. Pinto: Saudosos tempos *pautílicos*, palestras *dominicais*, *helvéticos* discursos, *hostilidades* amorosas, preceptoras *luzentes*, cacetadas *olímpicas*, *augustas* festas de igreja — que resta de tudo isto?

Como foi que esse espírito impregnado de alexandrinos franceses conseguiu esquecer tão depressa aquelas impagáveis rezas e aquelas correrias doidas por entre bancas de jogos, em busca de uns grandes olhos negros e de uns cabelos complicadamente encaracolados? Já não te lembras, bandido, de umas graves censuras portuenses contra um simples *brandão* apagado que pretendia esclarecer certos disparates *levianos* (com i)? Já não há em teu espírito uma recordação ao menos desta boa terra onde a maior parte da gente gosta de cavalgar nosso

humilde nariz, quando tomamos cerveja? É por isso, é por causa do inconveniente hábito de montar nas ventas do próximo, que alguns indivíduos aqui se chamam *cavalcantes*.

Que é dos sonetos, miserável? Que é da correspondência francesa que prometeste? Não te mando agora alguma coisa, como combinamos, porque ainda estou a trabalhar naquele conto que me deixaste a fazer. Desenvolvi-o, ampliei-o, estão escritas já quase setenta tiras. Se chegar a concluí-lo — o que acho difícil, quase impossível, porque caí na tolice de me meter em certas funduras — talvez te mande uma cópia.

E tu, meu filho, que é que tens feito? Já acabaste aquela diatribe que andavas a preparar contra o *menino sublime*? E os versos? Os grandes trabalhos artísticos? Olha que eu estou aguardando uma récuca de alexandrinos teus. Se os fazes como fazias aqui aqueles célebres sonetos filosóficos, a coisa é fácil. Tenho esperado cartas tuas, mas em vão.

Estás perdoado. Também eu não te escreveria agora, como já deves ter compreendido, se não precisasse de um favor teu. Uma bonita criatura esbelta, de saia estreita, olhos lânguidos, nariz levemente recurvado e fala suave, uma aparição deliciosa enfim, desceu um dia do céu e me disse, num tom de angelical indignação, que não tinha encontrado aqui contas de aljófar. (Está aí um período que não é nada realista.) Não sou propriamente um daqueles *augustinos* que viviam adulando as imperatrizes romanas, mas prometi as contas à moça. E aí está porque te peço que me compres o dinheiro que vai junto de contas de aljófar brancas, pequenas, boas.

Mandar-me-ás a encomenda pelo correio, registrada, com a maior brevidade possível. Se não encontrares isso por aí, creio que te não será difícil pedir as contas para Maceió. Ficar-te-ei muito obrigado. (Aí estão alguns períodos que não têm nada de romântico.)

E as *pautilificações*? Continuas ainda muito *equestre*? A rosa daquela noite já murchou? Manda-me dizer alguma coisa sobre o estado da tua alma. Eu nunca mais a vi. De longe apenas, algumas vezes. Não aparece mais à janela. Creio que o sol *lhe* tinha queimado o rosto. Pudera! um mês inteiro recebendo aquela quentura na cara. Parece-me que o Lalá acabou de afrouxar o resto dos parafusos — cada vez mais anda desengonçado

Recebi o retrato do Rodolfo. Gordo como o diabo, não achas? O dr. Mota que me mande sua bênção apostólica. Dize-lhe que lhe mandarei breve, quando tiver portador para aí, *Lesmortsquiparlent*. Lembranças ao Doca, a d. Zefinha, d. Iaiá e d. Nane. Recebe um abraço do Graciliano.

N.B. Deixaste aqui uma camisa, um pente e um espelho. Devo mandar estas coisas à Pautila, como recordação tua? Não te esqueças das contas. Escreve-me, Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 21).

Palmeira dos índios, 13 de abril de 1914.

Palmeira, 13 de abril de 1914. Pinto: Reconheço que tenho sido sofrivelmente bruto em não te haver respondido ainda as duas últimas cartas que me mandate. Economia de tempo, de papel, de trabalho: preguiça.

Sinto-me incapaz de escrever. Queres crer que a última coisa que me saiu da cabeça foi aquele pobre *Estrelas*? Abandonei o *Sudra*, faz mais de um mês que não olho para ele. E já estavam escritas cento e cinquenta tiras. Não posso fazer nada: sinto-me mais bruto que de ordinário. E tu, que tens feito? Como vais? Quanto soneto já fizeste depois de *Mirage*? Parlapatão! Mentiroso! *Passeios, beijos, palavras açucaradas...* Patife! Tu algum dia passeaste com ela, safado? Algum dia beijaste a moça? Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito. Detesto semelhante gente. Quero acreditar que para o futuro serás menos mentiroso.

A rapariga do *Mirage*, a dos *passeios*, dos *beijos*, das *palavras doces*, manda-te lembranças. Tive vontade de traduzir o teu soneto diante dela. Mas depois pensei... Não, era uma tolice. Se ela soubesse que tu tinhas dito que a tinhas beijado, mandava-te às favas. É uma grande coisa a gente escrever versos em francês... Está magnífica! Cada vez mais lânguida, com aquele ar sorna e velhaco de quem tem preguiça até de falar, até de olhar para a gente. Magnífica!

Eu tenho estado um bocado desgostoso. Mandou-me daí *alguém* dizer ter sabido que eu andava a fazer a respeito do mesmo *alguém* referências pouco lisonjeiras. Tu sabes que eu, que só tenho motivos para ser muito grato a essa pessoa, pela grande cópia de gentilezas que sempre recebi dela, não sou tão canalha como algumas pessoas pensam. Que te tenho eu dito sempre a respeito dela? O que é certo é que ninguém, absolutamente ninguém, terá sido capaz de afirmar que eu molestei essa amável pessoa, atirando sobre ela comentários maldosos: todas essas coisas nasceram da fantasia da própria pessoa que se julgou ofendida. Digo-te isto aqui entre nós, em segredo. Não me quero justificar.

Ainda ontem ri muito: estiveram-me a contar referências que uma velha senhorita palmeirense tinha deitado sobre mim: canalha, miserável, infame, patife, pulha, bandido, assassino até, toda a linguagem que costuma usar a boa imprensa. Engraçado, não? Pensas que me zanguiei? Não — respeito muito as ideias dos outros. Lembraste do que te disse eu durante o Natal? Um bando de tolices, muitas verdades. Eu, em meu *Sudra*, previ tudo. Uma pândega... Afinal falo friamente, não tenho a mania das perseguições, como Jesus... A

propósito, a semana santa aqui foi uma desgraça, mas eu gostei dela. Acredito que, se cá estivesses, terias gostado igualmente. Muitas velhas na igreja, por toda a parte escapulários vermelhos do Coração de Jesus. E que rezas! Que cantigas! Um horror.

Fiz um caderno com trinta e seus cadernos de papel e estou a copiar tudo quanto fiz o ano passado. Ponho em ordem todas as minhas coisas, porque ando com um pressentimento ruim. Isto por aqui está cada vez mais pau. Se resolveres mudar de pasto, se tiveres saudades destes ares *pautílicos* e resolveres refazer o espírito à luz benéfica de uns grandes olhos pretos e fabricar novos alexandrinos e fazer novas tolices, cá tens a mesma enxerga, as mesmas tiras de papel, os mesmos romances franceses e o amigo velho. Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 29-30, grifos do autor).

Palmeira dos Índios, 8 de fevereiro de 1914.

Palmeira, 8 de fevereiro de 1914. Pinto: Recebi a primeira carta da correspondência francesa e traduzi-a com facilidade. Não falei sobre ela no que te escrevi por uma razão muito simples – não a tinha recebido ainda. Fiquei satisfeito ao saber que continuas a fustigar o quengo e a arrancar dele várias coisas aproveitáveis. Já se vê que não me refiro aos alexandrinos sem sentido que mandante ao *Malho*. Achei a carta do Japuru¹¹⁹ interessante, magnífica, cheia de uma seriedade idiota de indivíduo que tem muita certeza de estar fazendo coisa boa. Fiz a tradução do *Désillusion*, mas não me parece ainda apresentável. Vou modificar alguns versos, transformar a primeira estância, ver se posso fazer um trabalho digno do original. Se não tens muita pressa, posso passar com ele mais alguns dias. Agora estou numa quadra de estupidez medonha. Faz quase duas semanas que não faço nada – nunca estive tão burro. Coisa alguma pode deter meu pensamento diante da tira de papel. Agora mesmo, enquanto te estou a escrever, a pena para sem que eu o perceba, minha imaginação vai se ausentando pouco a pouco, atravessa o Quadro, desce, mete-se pela Rua de Baixo e põe-se a doidejar por aqui, por ali. Não há nada que a possa deter. Tenho raiva. Que fazer? Sei lá. [...] Admirei-me de não teres feito mais que concluir o *Désillusion*. E dizem por aí que essas coisas inspiram. Inspiram mágoas, pesares... Espero que me mandes em breve uma chusma de sonetos. Aproveita esse bando de saudades que se agitam em teu espírito – o Natal, a festa de Palmeira de Fora, as novenas, aqueles olhares de carvão em brasa, a janela ao sol, o *Questa o quella*... Tu me prometeste versos, muitos versos. Eu não os posso fazer. Já é um prazer ler os teus. Estou infecundo. Aquele monte que nós víamos do oitão da igreja, ao

¹¹⁹ Possível referência ao pseudônimo utilizado por Joaquim Pinto, Policarpo Japuru.

longe, azul, doirado pelo sol da tarde, não é o Parnaso, com certeza. Que vida levas tu aí? Sais, estudas, escreves, tomas banho no Paraíba, jogas bilhar? Eu não faço nada. Comecei a ler a *Origem das espécies*, *O capital*, *A adega*, *Napoleão – o pequeno*, *A campanha da Rússia*, uma infinidade de gramáticas e outras cacetadas. De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas. Esquecia-me de dizer-te que li diante de tua Déa a tradução que fiz do teu soneto. Bom, muito bom, achou tudo muito bonito. Não tenho mais assunto. O resto fica para outra vez. Escreve-me sempre. Dá muitas lembranças ao dr. Mota, ao Doca, a todos os teus. Recebe um abraço do amigo velho Graciliano.

P.S. Pedi-te em minha primeira carta que me mandasses umas contas. Até agora não recebi nada. Se não recebeste o que te escrevi, aqui renovo meu pedido — manda-me dois, três ou quatro mil-réis de contas de aljôfar, brancas, pequenas. Mas, como já te disse, tenho muita precisão das contas. Peço-te, portanto, muita pressa. Manda-me sem falta na volta do correio. (RAMOS, 2015, p. 23-25).

Palmeira dos Índios, 18 de fevereiro de 1914.

Palmeira, 18 de fevereiro de 1914. Pinto: Recebi tua carta de 9 ontem à noite. Escrevo-te agora às 8 horas da manhã, rapidamente, para não perder o correio. Façamos intelectualmente; falaremos depois *coracionalmente*. Se estivesses aqui presente, dava-te um abraço capaz de rebentar todos os teus ossos. Esse *Mirage* está delicioso – melhor, muito melhor que o primeiro. Não o mandes para o *Jornal de Alagoas* se não queres passar pela raiva de vê-lo *esculhambado*. Se lá se desgraçam até os próprios trabalhos feitos em português. Quando tiveres concluído a reforma do *Désillusion*, manda-me uma cópia. Tenho também de transformar alguns versos da tradução que fiz, mas espero que tenhas feito primeiro as modificações que desejas. Não podia ser de outra maneira. Quando viste publicado no *Malho* essa extraordinária *Cornucópia*, o fruto mais perfeito da parvoíce humana, com que cara ficaste? Puseste ao lado, na margem, um grande ponto de interrogação. E eu respondo, muito naturalmente: – Sei lá! Naturalmente, não leram a droga. Se leram, são uns burros. O Policarpo Japuru esperou pregar uma troça ao *Malho*, mas saiu logrado. Ah! V. julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo. Não seria melhor mudares aquele *douxdo* primeiro verso da última estância? “... *si doux d’entendre*”. Não é uma observação, Deus me livre de pensar em tal. Já disse que achei o soneto magnífico. Não sabia que a métrica francesa manda alternar no soneto versos graves com agudos. Eu te disse uma vez que versos agudos só eram aceitáveis nos tercetos. Mas eu

falava sobre a poesia portuguesa, brasileira, quero dizer. Tu o poderás ver na *Versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos.

Falaste sobre uma semelhança que há entre os tercetos dos dois sonetos. Li, com cuidado, a chave de ambos. Não sei onde está a tal semelhança.

Não ouvi falar ainda na substituição que te disseram ter sido feita. Enganaram-te, parece-me. Passo diariamente... ou antes noturnamente (como diz Lalá) duas horas deliciosas... Dizem-se tolices, olha-se o céu cheio de estrelas, passa-se rapidamente um tempo infinito. E há pequeninas coisas que têm uma grandeza extraordinária. Tudo aquilo é mentira, eu bem sei. Mas há gente que sente prazer em ser enganada. Foi uma ocasião assim que nós nos encontramos com a tua *ela*. Falamos sobre viuvez, saudades, coisas *delcuore*... E ela ouvia com prazer, ria, falava também. Ultimamente houve aqui duas *badernas* formidáveis, a segunda melhor que a primeira. Coisa feita pelo dr. Helvécio, a coisa melhor que há por aqui agora, o nosso patrono, o patrono da gente moça. Foi na segunda *baderna* que nós nos encontramos com ela. “— Dê-me notícias do sr. Pinto.” “— Ah! O sr. pinto vai muito mal. Vive a escrever versos franceses e a suspirar por essas longínquas Viçosas. Está escaldando, está ardente.” Nem me lembro mais o que dissemos. Tanta coisa! Li diante dela a tradução que fiz do teu soneto. Creio que já te contei, não? Faço tanta coisa! Já nem me lembro do que faço! Lamentei que vocês não tivessem feito relações mais íntimas. E disse: “— Perderam muito tempo. Dois meses somente em olhares e sorrisos! E a calçada da Intendência aí tão próxima...” E outra pessoa que estava conosco concordava, por trás do leque, que vocês tinham perdido muito tempo. E *ela* ria com aquele modo preguiçoso que tu conheces... Os olhos lânguidos, os braços caídos, todo o corpo pendido para frente num abandono... Fizeram-se confidências. Ah! se tu estivesse aqui. Nem sabes o que perdeste. Uma *baderna* formidável com gente escolhida, uma cervejada levada do diabo, moças em quantidade. Imagina que lá estive o pessoal do Oásis. E a gente ia ficando lá até três e meia da madrugada, presa pelas leis do atracão, as leis que eu conheço, que tu conheces, que nós todos conhecemos.

São 9 horas, o correio vai sair, o velho Sebastião já mandou quatro vezes que eu largasse isto e fosse fazer correspondência comercial. Não sei se chegarei com tempo de encontrar correio. Falar-te-ei com mais vagar em outra carta. Creio que é de nosso interesse mútuo que ninguém veja o que escrevemos.

Adeus. Recebe um abraço de quebrar ossos. Graciliano.

N.B. O velho Sebastião como um Cérbero anda a me vigiar. Tem uma raiva desesperada das tolices que eu faço. Eu finjo que não entendo. Não tenho tempo de ler o que escrevi — naturalmente um bando de asneiras. (RAMOS, 2015, p. 25-28).

Palmeira dos Índios, 10 de maio de 1921.

Palmeira, 10 de maio de 1921, meu velho Pinto: Um abraço e meus agradecimentos por te haveres enfim lembrado de mandar-me uma carta, coisa que raramente fazes. Há que tempo não me chegavam notícias tuas! Não sabia bem em que mundo te encontravas, tão encolhido tens estado. Compreendes facilmente que minha satisfação é grande. Muitas vezes perguntei a mim mesmo o que seria feito de ti. Embora minha atividade aqui se encontre em coisas que andam muito distantes do cérebro, não deixei de procurar nos jornais do Rio algum vestígio de tua passagem. Procurei em vão. Do Rodolfo, sim, tenho visto alguns artigos de crítica literária no *Correio*, assinados M.L. Não te direi se os acho bons, que, afastado como vivo das coisas da inteligência, minha opinião no assunto, embora fosse a mais lisonjeira possível, causaria riso, talvez, a vocês outros que aí vivem. É magnífico a gente conhecer-se. E quando se vai do outro lado do monte, como eu, tendo feito voltas voltas sem chegar ao cimo, sempre é uma virtude conformar-se com a própria decadência e não ter inveja e ódio aos que sobem. Quanto a ti, meu bom amigo, sempre pensei que não resistirias e mandarias à fava aquelas mesitas sórdidas cheias de pedaços de papel molhado. Compreendo o que tens sofrido, meu velho. A estupidez, a insolência, a frivolidade, a maluqueira, a pulhice, a adulação... Porcaria de vida. Entretanto, vais subindo. Já agora não necessitas os empreguinhos que duram um mês, as pequeninas cavações que apenas chegam para o bonde. Espanta-me que um indivíduo em tuas condições me venha dizer que se considerou “à margem da vida”. Tens ainda muito mar a navegar, antes que chegues à margem. E o barco em que vai não é dos piores. Outros menores que o teu lançam-se à aventura, os ventos da opinião pública são favoráveis e a onda os leva em paz. O do João Lima, que, como sabes, é uma desgraçada canoa, lá vai furando. Deixa lá que o de teu primo Costa Rego não é nenhum transatlântico. Espero qualquer dia ver a notícia do aparecimento de um livro teu. Vi que o último volume de versos do Falcão foi muito bem recebido pela crítica, mas entre os trabalhos apontados como os melhores não encontrei nenhum como *Job*. Que faz ele em Buenos Aires? Tenho visto dele umas crônicas interessantes. Não recebi o livro do Rosa. Leste-o? O Tristão de Athayde pulverizou essa obra em quatro linhas. Pobre do Rosa! Recebo dele todos os anos um cartão de boas-festas, mas não posso responder, que não lhe sei o endereço.

Pedes-me que te fale de minha vida e de meus filhos. Que te posso eu dizer, meu bom amigo? Sou um pobre-diabo. Vou por aqui, arrastando-me, mal. Há cinco anos não abro um livro. Doente, triste, só – um bicho. Tenho quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria. Esta, coitadinha, provavelmente não viverá muito: está à morte. Se morrer, será uma felicidade. Para que viver uma criaturinha sem mãe? Os outros são três rapazes endiabrados. [...]. São eles que aqui me prendem, meu velho. Já teria voltado para aí, se tivesse ficado só. Malgrado as decepções, a cidade ainda me tenta. Se um dia me for possível, voltarei. É um sonho absurdo, talvez. Para voltar necessito uma fortuna, e, apesar da guerra, estou quase nas condições em que estava quando aqui cheguei.

Adeus meu querido amigo. Muito te agradeço a carta que me mandaste. Recebi o cartão que me enviaste por ocasião da morte de Maria. Não te respondi porque havia mandado ao Rodolfo uma carta que também era para ti. Escreve-me sempre. Muitos abraços no Rodolfo e no Doca. Recomenda-me a d. Laura e à senhora do Doca. Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 93-95).

Palmeira dos Índios, 4 de agosto de 1921.

Palmeira, 4 de agosto de 1921. Meu velho Pinto: Faço votos para que o Artur Bernardes não seja nunca o Presidente da República. Creio que é o mesmo que desejar-te paz e segurança no emprego. E muita necessidade de segurança tens agora, depois que conseguiste tomar pé em um lugar razoável. Deus te dê sorte. Mas não creio, como tu, que só a vida obscura nos possa dar felicidade. Vives tranquilo? Eu não vivo. Em geral ninguém está bem cá por baixo. A respeito dos que estão por cima, nada sabemos, ou apenas sabemos o que nos dizem, o que é saber mal. Pensas achar tranquilidade na vida conjugal. Temos a eclosão de um terceiro ou quarto amor, como aquele que ias chorar à sombra das árvores do Passeio? Continuas a ilustrar-te. É claro. Não podia ser de outra forma. Eu também leio às vezes, não por higiene como tu, mas por hábito, digo quase por vício, pois não sei bem para que meter para dentro coisas que de nada nos servem na vida prática. Refiro-me a mim, é claro, que Palmeira não é o Rio. Quanto a ti, tens um temperamento diferente do meu. Deus queira que encontres o céu do Profeta fazendo meninos e mascando papéis. Entretanto, semore te direi, como Zé Fernandes, que não está provado que Renan fosse mais feliz que Grilo.

És bem severo em dizer que os literatos daí são cabotinos e ignorantes. Quer-me parecer que caíste no pecado de generalizar em excesso, como aquele correspondente do *Times*, que dizia que Paris não era em nada superior a Pequim. É possível que não tenhamos

livros. Mas temos consideráveis mantas de retalhos, mais ou menos bem pregados uns nos outros.

Censuras-me por não te haver mandado o jornal cá da terra. Foi um esquecimento muito natural. Não passou pela cabeça que tivesses interesse em ver semelhante borracheira. É uma porcaria. Estará, talvez, um pouco menos mau depois de minha saída, mas ainda assim não presta. É, realmente, de admirar que eu tivesse trabalhado nele, de parceria com um padre. O dr. Mota publicou dois artigos, por solicitação minha. Creio que foram as únicas coisas razoáveis que ali houve, além de alguns trabalhos de Moreno Brandão. O resto, patacoadas. Enfim, como mostraste desejo de ver a obra que aqui se faz, vou arranjar uma coleção e madar-t'a pelo correio. Tenho apenas os quatorze primeiros números, que foram os que fiz. Vou ver se consigo os outros. Mas sempre te aconselho que não percas teu tempo em ler semelhante maluqueira. Salvo se a tua curiosidade for grande e, num dia de mau humor, tiveres necessidade de vítimas para algumas gargalhadas. Recomendo-te o artigo de apresentação e outros assinados por Z e F. Narciso, s. revma, o diretor. Há ainda uma chusma de onagros. Durante o tempo que ali trabalhei, esforcei-me por melhorar os artigos dos outros. Mas quem melhoraria os meus, que eram quase todos?... Enfim tu verás, se tiveres paciência.

Adeus, meu caro Pinto. Desculpa-me que me tenha demorado um pouco em responder-te.

Escreve-me sempre, quando tiveres alguns minutos de folga. Muito te agradeço. Abraça por mim Rodolfo, Joaquina e Doca. Recomenda-me á d. Laura e à senhora do Doca.

E tu, meu caro Pinto, recebe um grande abraço de teu velho Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 97).

Palmeira, 8 de dezembro de 1921.

Palmeira, 8 de dezembro de 1921. Meu bom Pinto: Hás de desculpar-me eu me haver demorado tanto em escrever-te esta carta. Preocupações da vida. Aborrecimentos, amolações, doenças, meu velho. Ando gasto, acabado.

Li, com saudade, tua carta de 29 de agosto. Sete anos, hem? Tinha esquecido a data de nossa chegada aí. Sete anos. Perdeste as ilusões, dizes. Eu, por mim, nunca as tive. Podes acreditar. Sou, talvez, no mundo o indivíduo que menos confiança tem em si mesmo. Lembras-te da folha seca da canção? “Vou para onde o vento me leva...” Apenas nunca me julguei folha de rosa ou de louro. Serei, quando muito, uma desgraçada folha de mandioca, como é razoável.

É preciso ser coerente com o meio em que se vive. Quanto a ti, o caso é diferente. Isso de lidares com o café, o fumo, o algodão, a cana-de-açúcar não vem ao caso, porque os produtos agrícolas com que lidas estão no papel. Coisa diversa é plantá-los ou comprá-los ao plantador. De resto tens, para contrabalançar o efeito das estopadas que aguentas, remédios a faltar, remédios que te não mencionarei para não me chamares pedante.

Muito me diverti com a extravagante ideia que tiveste de pedir-me alguma coisa para ser publicada aí. Escrever, hoje, com a minha idade? Que pensas de mim? Eu sou um homem de ordem e sou uma cavalgada, meu velho. Mas uma cavalgada completa, sem presunção de espécie nenhuma. Vou dar-te uma prova de que vivo inteiramente alheio a essas coisas de escrevinhar. Perguntas-me que é feito de certo *Sudra*, de que, há tempos, te mostrei uns retalhos. Não sei. E juro-te que não recordava absolutamente semelhante nome. Depois que aqui cheguei, nenhuma tentativa fiz para garatujar coisa nenhuma. Até o dia que o senhor vigário veio pedir-me para rabiscar o jornaleco vagabundo de que te mandei algumas amostras, vivi sem abrir um livro, inteiramente burrificado. E assim continuo. E assim continuarei, se Deus for servido, porque, provavelmente, não terei mais ocasião de escrever maluqueiras como as que te mandei. Já vês, pois, que não poderias encontrar em minha prosa nenhum *afrodisíaco* que te arrancasse do cérebro ou de qualquer outro órgão, os artigos que destinas à *Atualidade* do João Lima.

A propósito, andou por aqui o ano passado um pirata a representar essa revista de cavação, com muita lábia, como é natural. E, como é natural também, embromou os assinantes, que não receberam o jornal, e levou uns cobres da Intendência para publicar um artiguete em que se diz que isto aqui assim é um oásis. Segundo ele, o Lima era um prodígio. Causei-lhe um grande espanto quando lhe disse que, realmente, eu conhecesse indivíduo tão grande. Foi necessário dar-lhe provas irrespondíveis — a pensão da d. Helena, as conferências idiotas, que nós consertávamos em vão, e um fraque cor de macaco que o gênio usava em 1915, trazido de São Luís do Maranhão.

Vou dar-te, antes de acabar, uma ideia vaga do que isto é agora. Um pouco diferente do que era quando aqui estiveste. Temos eletricidade. Imagina. Dois professores, cada um com quatro alunos. Um é maluco, outro pau d'água, ambos analfabetos. Fazem-se algumas casas novas: uma miséria. Há filhas de Maria em penca. É raro o dia em que não morre um homem assassinado. Não é exagero, palavra. Isto aqui está pior que p Ceará. O chefe político fernandista escreveu e assinou uma carta a um sicário (que foi morto há algum tempo) mandando-lhe que assassinasse Aureliano Wanderley. A carta, com firma reconhecida, foi

mostrada ao Zé Fernandes, que nada fez. Vê lá a que isso está reduzido. Há também aqui uma questão de cartas. Não é curioso?

Há aqui partidários do Nilo. A campanha de injúrias aberta pelo *CorreiodaManhã* até esta aldeia tem repercutido. Que imprensa, meu velho! Em Palmeira dos índios já se sabe que o Artur é Rolinha. Nunca vi coisa mais nojenta. Toda gente conhece o Libâneo, o Janota, outros muitos.

E... adeus, que o papel está caro e eu vou ler um artigo do Edmundo Bittencourt. Muitas felicidades, meu velho. Essa coisa de casamento é sério? Abraços do Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 98-101).

Palmeira dos índios, 1º de janeiro de 1926.

Palmeira, 1º de janeiro de 1926. Meu bom Pinto: Imitando aquele velho costume que tinhas de matutar três meses antes de iniciar uma carta e gastar um ano na composição dela, resolvi em princípio do ano passado remeter-te estas linhas. Muito tempo estive pensando nas coisas que te poderia dizer, e a demora foi útil, porque me parece que encontrei as expressões exatas. Adotei aquele processo que usavas de meter reticências nos lugares que deviam mais tarde ser ocupados por palavras recalcitrantes. Trago-te um punhado de notícias que estive a colecionar cuidadosamente e que ficarás conhecendo com algum prazer, talvez.

A primeira é esta: soube que andas feito noivo, que tua noiva se chama Isaura, tem dezesseis anos e é filha do Brandão. Se ainda não sabias isso, fica sabendo. E dá parabéns a ti mesmo. Mas acredito que ainda desta vez tenhas preguiça de casar, é possível que o romance que andas a tecer acabe numa carta como aquela que escreveste a certa criatura que tinha o nome doce de Suquinha. A carta, pacientemente elaborada em oito meses e três semanas, foi entregue à criada do Rodolfo, que servia de intermediária; mas à última hora reconheceste muito acertadamente que havia nela um adjetivo que não fazia boa vida com um substantivo encostado a ele, tomaste o papel e, depois de muito refletir, rasgaste-o, porque em quinze dias de trabalho não foi possível encontrar no Aulete a palavra conveniente. E assim Mlle. Suquinha ficou solteira.

Outra notícia: um dia destes ias passando diante de um frege, com um livro aberto, como faz toda a gente, estudando uma lição de grego. Pois um galego ignorante, sem nenhum respeito à glória de Atenas, atirou à rua uma laranja chupada, que te pegou a cara, pegou o livro e estragou a melhor das fábulas de Esopo. Isso prova que os carroceiros do Rio não têm, não têm noção do grego.

E a propósito de grão-duque, ficarás sabendo que *A roupa do grão-duque* foi traduzida ultimamente em latim, inglês, francês, grego, chinês, turco e guarani. A tradução guarani foi introduzida nas escolas públicas dos bororós com muito bons resultados.

Fui informado de que um belo dia, num trem da Central, tiveste o caiporismo de tomar um banco precisamente no meio do carro. Na estação onde devias saltar, levantaste-te, mas, por mais que fizesses, não conseguiste saber se o caminho à direita era mais curto para sair do vagão que o caminho à esquerda; e, como ali não havia uma trena, o trem abalou e tu ficaste dentro. Nessa tarde perdeste o jantar, estragaste um par de sapatos e esqueceste um magnífico argumento que tinhas concebido para provar a seu Rocha que em Alagoas se planta café. O que ele não acreditaria, porque, na opinião dele, café só há em São Paulo. Em Alagoas pode haver coisa parecida, mas café é só em São Paulo. E eu creio que ele tem razão. O café que aqui se bebe será mesmo café?

Não faz muito tempo que um homem da terra dos crisântemos desejava saber em inglês onde podia encontrar um prato de arroz e um leque de bambu. Tu, que passavas, pudeste fornecer-lhe essas preciosas indicações — e o homem comeu o arroz e comprou o leque, o que te causou um prazer imenso. Foi depois do encontro com esse pitoresco filho do Levante que tu, pensando no que Rudyard Kipling disse do Japão, fizeste o sacrifício de tomar um banho diário.

Há ainda algumas novidades mas talvez não te interessem. Soube, por exemplo, que a d. Mercedes se tornou viúva; creio, porém, que não é viúva de ti. E também soube que o único indivíduo que ainda usa guarda-chuva no Rio és tu.

Mais interessante é te haveres tornado comunista, um comunista com Deus e almas do outro mundo. Ora aí está como a gente é. Antigamente, quando eu abria o livro de Karl Marx, tu tapavas os ouvidos e ias refugiar-te nos *Fatos do espírito humano*. Venham-me agora falar em convicções. Foi apenas isso que pude saber a teu respeito. Se souberes mais alguma coisa, manda-me dizer.

E agora passemos a assunto menos importante. O mês passado abri o compartimento inferior da estante e encontrei lá um par de tamancos imprestáveis, uma coleção de selos e algumas resmas de manuscritos. Deitei fora os tamancos, dei os selos ao meu rapaz mais velho e queimei os papéis. Foi uma festa na cozinha. Os pequenos ajudaram-me com entusiasmo. E como o primeiro lamentasse a destruição de coisas que tinham dado tanto trabalho a fazer, o segundo respondeu com um senso que me encheu de espanto: — “Para que essas porcarias ocupando a estante?” Os outros acabaram concordando com ele e no domingo seguinte vieram perguntar-me se ainda havia papel para queimar. Não havia, que tive a

fraqueza de poupar ao fogo umas coisas velhas que me trazem recordações agradáveis e dois contos que andei compondo ultimamente, porque tenho estado desocupado e me imaginei com força para fabricar dois tipos de criminosos. Nunca vi porcaria igual. Se tiver tempo, tiro uma cópia de um deles e mando-t'a, que aqui não tenho a quem mostrá-los. Naturalmente, hás de dizer-me que está uma coisa muito benfeita e eu ficarei satisfeito e direi a mim mesmo: — Que artista se perdeu!

Tenho agora um projeto. Parece-me que serei obrigado a estudar qualquer coisa, para que os meus rapazes não fiquem analfabetos. São muito fraquinhos, aprendem com dificuldade imensa. Entretanto, têm às vezes observações que me agradam. O mais velho queria que eu lhe dissesse se existe Deus. E eu, que não sei, apenas lhe respondi que era possível que existisse. Mas ele queria a certeza, e eu não tenho certeza, não me julgo com o direito de ensinar o que não sei. —“Ah! compreendo, disse-me ele. O senhor não acredita. Mas se ele existe e é poderoso, como dizem, por que consente que duvidem dele? Então ele é uma besta”. Tem pegadas tremendas com o irmão a respeito da formação da terra, porque o irmão crê na cosmogonia bíblica, que a tia lhe ensinou, e ele é pela nebulosa. Nessas discussões eu fico imparcial porque não sei onde está a verdade, não sei se há verdade. Que posso lá afirmar nada?

Creio que já te disse em carta anterior que fiz uma *gaffe* terrível com o Doca. Recebi há tempo, há muito tempo, um cartão comunicando-me o nascimento de uma filhinha dele. No mesmo correio veio um jornal com a notícia de que ele tinha sido preso. E eu, julgando que então, como no governo do Hermes, a prisão de um jornalista era uma esplêndida *réclame* mandei-lhe parabéns pelos dois acontecimentos. Depois é que vi, o pobre rapaz sofreu de veras, fiquei arrependido. Mas enfim pode ser que a prisão alguma vantagem lhe tenha trazido. Também soube que o Rodolfo esteve seis meses na detenção, mas que tinha lá algum conforto e até podia trabalhar. Como vai ele? Sei apenas que traduz telegramas no *Correio da Manhã*, escreve política e tem uma penca de filhos. Disseram-me que o mais velho, o Paulo, que anda em onde anos, é uma criança muito estudiosa. É possível que este interessante rapaz possa um dia, de colocado na imprensa, indenizar-me do prejuízo que me causou sujando de leite a melhor roupa que eu tinha, quando me despedi dele. Nesse tempo ele era um cidadão muito grave, convencido, na opinião do Rodolfo, de que os carros aí tinham sido expressamente feitos para ele viajar.

Uma coisa interessante: conheces *A camisa*, de Anatole France? Um dia destes ouvi da boca de um sujeito quase analfabeto o assunto desse conto, que ainda não está em português,

parece-me. Com certeza o indivíduo que me contou a história não a ouviu de pessoa que tivesse lido. É provável que o conto exista na tradição oral tanto da França como do nordeste.

Leste os livros de Eça de Queiroz, publicados agora em 1925? Eu li *A capital* e *O Conde d'Abranhos* e ando a procurar os outros.

Eu desejava escrever quatro cartas. Mas tenho imensa preguiça, e, como esta é muito grande, podes muito bem dividi-la em quatro. Dize ao doutor Mota que fiquei encantado ao saber que ele está com a vista quase boa. Dize-lhe também que comprei o último livro do Flammarion e andei lendo aquilo uns dias, na esperança de encontrar alguma coisa que me convencesse. Aqui para nós, deixei o livro mais desiludido que quando comecei a leitura. Que valor têm essas coisas? Que valor tem um fato? Que resta dele além das sensações que nos deixa? Quanta coisa há que não podemos perceber! E as que apreendemos com certeza não são como as sentimos. Tenho observado que o nosso caboclo não percebe as cores. Um sujeito sabido quis um dia demonstrar-me que o matuto distingue as cores como toda a gente e apenas se engana nos nomes delas, o que é absurdo, porque não é possível que não posa gravar seis ou oito palavras uma criatura que ordinariamente dispõe de um vocabulário de duas ou três mil. Um dia destes, no banho, diverti-me em atirar à bica punhados de folhas. Depois ia vê-las cair, mas, por mais que fizesse, por mais que fixasse a vista, apenas via atravessa a corrente uma faixa verde. Ora, se o sentido que eu tenho mais perfeito assim me engana que valor posso dar ao que ouço, ao que pego, ao que os outros me dizem que viram?

Desculpa-me estar aqui a moer-te a paciência com esta salada de tolices. Vejo bem que tudo isto é infantil e ridículo. Desculpa-me. E basta, por hoje.

Adeus, meu bom Pinto. Casa-te depressa, não faças como o doutor delegado de Rezende. Que diabo te assusta no casamento? O país está miseravelmente despovoado. Adeus, outra vez. Muitos abraços no velho, no Rodolfo, no Doca. Recomenda-me a d. Zefinha, d. Nane, Joantina e também a d. Virgínia e d. Mercedes. *Mais si cettetchansonvousembête...* Graciliano.

Jerônimo Barreto e Homero moram aqui, Artur Cavalcante aqui está de visita à família. Ensinou-me a jogar o *poker* e emprestou-me um livro de Maeterlinck. Será possível que *O conde d'Abranhos* seja do mesmo autor dos *Maias*? (RAMOS, 2011, p. 101-107).

Palmeira dos índios, 18 de agosto de 1926.

Palmeira, 18 de agosto de 1926. Meu velho Pinto: Se te casaste depois que recebi tua carta, já debes andar em vésperas do primeiro filho. Por preguiça, fui retardando a resposta até hoje. Falta de ocupação — desculpa-me. E aborrecimentos de toda a casta.

Por aqui uma chusma de calamidades: crise, revoltosos, bandos de criminosos pela vizinhança, praticando horrores, suicídios, assassinatos, o diabo.

Foi realmente Paulo que me contou tudo aquilo. Tens uma penetração imensa. Senti um grande desgosto quando o encontrei — não o reconheci. Como a gente envelhece!

Quem diabo te falou em viagem minha a São Paulo? Não é verdade. Se eu andasse por lá, naturalmente ia ao Rio e havia de ver-te. Estação de águas! Que lembrança! Isso é luxo de gente rica, meu velho.

Li hoje uma poesia que tem este começo:

“Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara

Contava que ela era feiosa, muito!”

Isto é bom, com certeza, porque há quem ache bom. Naturalmente os meu netos aí descobrirão belezas que eu não percebo. Questão de hábito. Se me não engano, é opinião de M. Bergeret. Acreditas que no Brasil possa aparecer alguma coisa nova? Em vista da amostra, eu dispensava o resto.

Afinal, quando o sujeito não tem inteligência para compreender essas inovações, o mais prudente será, talvez, seguir o velho preceito do alcorão de Lilliput: “Cada qual quebrará os seus ovos pela parte que achar mais cômoda.” Como toda a gente até hoje tem quebrado os ovos pelo lado grosso, não sei que vantagem há em experimentar quebra-los pelo lado fino.

Outra coisa: vê se me arranjias aí uma gramática e um dicionário de língua paulista, que não entendo, infelizmente. E manda-me dizer se é absolutamente indispensável escrever sem vírgulas. Faço-te esta consulta porque em Palmeira, compreendes, não encontro quem me possa orientar. Um sertanejo daqui foi o ano passado a Bauru, ao café. De volta, confessou-me que o que lá havia mais extraordinário era se falarem mais de vinte línguas, difíceis, principalmente a “língua paulista e a língua japonês”¹²⁰. Parece que são suas línguas realmente difíceis.

¹²⁰ Na primeira República, a imigração em massa figurou entre as principais transformações socioeconômicas do Brasil. Grande parte dos estrangeiros se concentrou na região Centro-Sul, Sul e Leste, em virtude da demanda de trabalho nas lavouras de café e, no caso de São Paulo, também pelas facilidades concedidas pelo Estado. A presença dos japoneses neste último foi qualitativamente expressiva nesse momento. Em 1920, segundo Boris Fausto, 87,3% dos imigrantes japoneses moravam no Estado de São Paulo. A partir de 1925, o próprio governo japonês financiou a vinda dos imigrantes para o país (1995, p. 276).

Segundo me disseram, os jornais do Rio publicaram que a instrução em Alagoas é obrigatória. Manda-me dizer se é, que às vezes quem está longe sabe melhor as coisas do que quem está perto. Não leio decretos, não leio nada, uma desgraça.

O que li ultimamente foi um livro que a imprensa daí levou aos cornos da lua, uma enredada em que se trata de amazonas, astecas, incas, franceses e alemães. Há um caboclo do nordeste, que não é caboclo nem é do nordeste, uma índia que fala francês, uma francesa comida pelas piranhas e o dr. Moreau, de Wells, cortando gente e cortando bichos. Não percebi o fim. No livro de Wells, que serviu de modelo, o doutor consegue dar ao animais caracteres humanos, mas os caracteres não se fixam e os brutos voltam ao que eram. Parece que Deus, ou o que quer que seja, é uma espécie de dr. Moreau — e os bichos somos nós. Mas nos livros brasileiros quase nunca se entende a intenção do autor.

Desculpa-me estar a injetar-te estas maluqueiras. Realmente pouco tem a dizer quem vive por estas brenhas.

Os meus rapazes, bem, graças a Deus. O mais velho anda agora apaixonado pelo *Melro*, de Guerra Junqueiro, e por uma pequena da vizinhança, a quem escreve cartas engraçadas, que me traz para consertar, pois a literatura epistolar dele é um tanto futurista. Hoje queria saber o que é um ministério. E depois que soube, perguntou-me se seria difícil arranjar uma colocação num ministério. Aconselhei-o a que aprendesse a ler e te escrevesse depois pedindo informações.

Não recebi nenhuma carta do dr. Mota, mas tenho-me correspondido regularmente com ele por via telepática. Em planos superiores (vi isto nos teosofistas do *Jornal*) as nossas almas encontram-se, a dele banhada na luz do Nirvana, a minha cheia de sarna, infelizmente, e fedendo a enxofre. Dá-lhe um cento de abraços. Outros tantos no Rodolfo, no Doca, no Paulo. Muitas recomendações a d. Zefinha, a d. Nane, a Joaninha.

Fotografias não tenho, que não quero meter medo a ninguém. Atendendo a uma parte do teu pedido, mando-te uma dos pequenos, malfeita, foi o que se arranjou.

Adeus, meu velho. Toda a minha grei se recomenda.

Graciliano.

Se aparecer alguma alteração no teu endereço manda-me dizer. (RAMOS, 2011, p. 108-110).

Capítulo 2

Palmeira dos índios, 20 de agosto de 1932.

Ló: Aqui estou cercado de pontas de cigarros. Há bem umas trinta. Depois que cheguei, a minha ocupação é fumar. Fumar e ouvir, à noite, as potocas que nos mandam do Rio e de S. Paulo. Fora disso, parece que não há mais nada interessante no mundo. Durante o dia converso com seu Ribeiro, com Azevedo Gondim, com o Padilha e com a Madalena. São os companheiros que aqui estão sempre, mas as conversas deles estão-se tornando muito cacetes.

Estive em Viçosa e encontrei aquilo transformado. Possibilidade de arranjar qualquer coisa lá — nenhuma. Nem lá nem aqui. Tudo cavado. O que é necessário é esperar o fim da encrenca em S. Paulo. Meter-me em negócio no meio desta atrapalhação é burrice. Estou cansado de fazer coisas incompletas. Vou aguardar o resultado da luta no Sul para depois orientar-me. E enquanto não me oriento, conserto as cercas de *S. Bernardo*, estiro o arame farpado, substituo os grampos velhos por outros novos e, à noite, depois do rádio, leio a *Gazeta* de Costa Brito.

Isto por cá está uma horrível maçada. Fiz ponto nos passeios à Lagoa, à tarde, porque a perna continua doer-me e não aguento uma caminhada de quilômetro. De sorte que não sei o que se passa fora do Pinga-Fogo.

D. Heloísa e Nise ficaram boas. D. Candinha, mãe do Audálio, também ficou boa, anteontem: é com Deus. Enterrou-se ontem pela manhã. Não há outras notícias, parece-me.

Eu, os meninos, a gente do velho Sebastião, tudo vivo.

Como vai o Gonçalo? Tatá? Luísa? Beijos para eles, manos para o primeiro, o que é impossível. Há notícias de Luís e de José Leite? Lembranças a seu Américo, etc., etc., etc., etc.

Abraços do *esposo fiel* Graciliano. 20 de agosto de 1932 (P. dos Índios). (RAMOS, 2011, p. 158-159).

Palmeira dos índios, 15 de setembro de 1932.

Lozíssima: Acabo de receber sua carta de 10. Há alguns dias, no sábado, mandei-lhe um bilhete e cinquenta mil-réis. Provavelmente você terá recebido essa fortuna.

Não me lembrei de tirar a medida que você pediu, mas vou tirá-la agora mesmo, para não tornar a esquecer. Vão duas linhas: uma é o comprimento, outra é a largura. A rede seguirá logo que seja possível. Agora não tenho portador. Irá breve.

Ontem veio aqui uma comissão convidar-me para uma conferência literária. Pensei que fosse da Eulina, mas não era: era do Cavalcante Freitas, fardado. E não tinha literatura: o que tinha era muito patriotismo e muito ardor militar. Eu não assisti, mas imagino perfeitamente. Tanto que tenho estado impressionado e até chorei, com pena da pátria. Se não fossem os meus achaques, eu me fardaria também e iria combater os paulistas. Creio que havia de ficar muito bonito fantasiado de herói. Infelizmente não ando uma légua a pé. O que me consola é ter na barriga a cicatriz da operação e poder, às vezes, olhando para ela, enganar-me e imaginar que conquistei um ferimento na trincheira, com glória. Veja você. Se este rasgão tivesse sido feito por um soldado ignorante de anatomia, eu seria um bravo e teria virado oficial, pelo menos sargento. Como fui cortado pelo Clemente, que é doutor, não tenho merecimento nenhum, e se tivesse morrido no hospital, seria hoje um defunto ordinário, sem citação na ordem do dia.

Não tenho notícia para lhe transmitir, porque a parte do mundo que percorro é a que vai daqui à casa do velho Sebastião. À noite continuo a receber uma xícara de café que a d. Heloísa me arranja. Mas nem o velho Sebastião nem o Chico Cavalcanti têm coisas

interessantes para dizer-me. Na rua há eterna fuxicada com politiquices dos lugares pequenos. E eu graças a Deus estive doente e consegui evitar o contágio disso.

D. Marcela não tem original. Você está equivocada.

Julgo que aqui neste quarto, sozinho, vou ficando safado. Têm-me aparecido ideias vermelhas. Anteontem abrequei a Germana num canto da parede e sapequei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Não tem importância. Isto passa. Vai sair uma obra-prima em língua de sertanejo, cheia de termos descabelados. O pior é que de cada vez que leio aquilo corto um pedaço. Suponho que acabarei cortando tudo.

Domingo dei uma volta pela estrada de ferro e à tarde vim pela Pitombeira. Vi a casa onde nos encontramos naquele dia em que vocês andavam cavando galinhas e ovos para Nosso Senhor Jesus Cristo. Recordei os beijos da Nenen Macedo, horivelmente pintados, a aguardente, os caju, o Chico e João Pinho. Enquanto pensava nessas coisas, ia conversando com o Audálio e com o dr. Rios (creio que é Rios que ele se chama) a respeito da cocaína, do amor, das estrelas e de almas do outro mundo. À noite estava com os pés doendo. Mas parece que não foi por causa da conversa: deve ter sido efeito da caminhada.

Se você quiser queimar esta carta, pode queimar. Mas, com franqueza, faz pena perder-se uma literatura tão boa.

Adeus, Ló, que estou muito burro. As lembranças do costume a seu Américo e a negrada toda. Tatá e Luísa que me abençoem. Abraços, beijos, etc. Graciliano. 15 de setembro de 1932. (P. dos índios). (RAMOS, 2011, p. 164-166).

Palmeira dos índios, 2 a 4 de outubro de 1932.

Ló: Recebi hoje pela manhã sua última carta, muito cheia de amabilidades. A frase que você estranhou não tem importância: foi escrita por brincadeira, está claro. Está você se afogando em pouca água. Não lhe tenho mandado notícias estes últimos dias por dois motivos: primeiro porque não há notícias; segundo... Basta o primeiro motivo. Não havendo notícias, não preciso arranjar segundo.

Temos estado muito preocupados com o fim da encenca em S. Paulo. Parece que está tudo liquidado, mas aqui não se sabe nada com certeza. O que temos é uma chusma de boatos sem pé nem cabeça. Algumas informações vagas que o telégrafo recebe não vêm de fonte oficial. Em todo o caso parece que caparam São Paulo. Quem deve estar radiante é o Costa Rego, que deu o fora no João Neves, não quis saber de barulho e virou-se para o Góes Monteiro.

Os políticos daqui estão ocupados com uma questão séria: saber quantas dúzias de foguetes são precisas quando a vitória for confirmada. O Chico, esse, foi para Traipu, com um bando de moças. É um velho gaiteiro, perfeitamente ridículo com a mania de festas e mulheres. Dona Heloísa ficou. Mandou-me hoje pela manhã a carta que você remeteu por intermédio dela. Ainda não a vi depois que largou o marido. Agora quem largou foi ele. É a segunda vez que se separam de um mês para cá.

O Valdemar não tem razão. Escrevi a ele um destes dias, agradecendo dois livros que me enviou.

Múcio está melhor: já pode levantar-se. Esteve alguns dias de cama, ou antes de cadeira, que era numa cadeira que vivia, com a perna estirada.

As pulgas ainda existem. Mas como eu agora estou mais magro, parece que elas vão ficando enjoadas de mim.

Abandonei o xadrez, mas nestes três últimos dias tenho jogado algumas partidas.

Isto por aqui está um horror. Está medonho. A gente emburra com uma rapidez extraordinária. Felizmente não saio. Leio pouco. Mas tenho o manuscrito para emendar. Sempre dá para ir matando o tempo. Encontrei muitas coisas boas na língua do Nordeste, que nunca foram publicadas, e meti tudo num livro. Julgo que produzirão bom efeito. O pior é que há frases cabeludíssimas que não podem ser lidas por meninas educadas em convento. Cada palavrão do tamanho dum bonde. Desconfio que o padre Macedo vai falar mal de mim, na igreja, se o livro for publicado. É um caso sério. Faz receio. O que me tranquiliza é ele nunca ter lido nada. Quando você saiu daqui havia no romance algumas passagens meio acanalhadas. Agora que não há aqui em casa nenhuma senhora para levar-me ao bom caminho, imagine o que não tenho arrumado na prosa de seu Paulo Honório. Creio que está um tipo bem arranjado. E o último capítulo agrada-me. Quando o li depois dos consertos, espantei-me. Realmente suponho que sou um sujeito de muito talento. Veja como ando besta.

Vou deitar-me, que estou com preguiça. Amanhã, dia grande, aniversário da revolução que regenerou o Brasil, procurarei mais algumas tolices para escrever. Até amanhã, Ló.

Dormi mal. Passei a noite acordando de vez em quando, com uma dorzinha renitente no coração. Não tem importância. A minha opinião hoje é que não morro nunca. Se tivesse de morrer, já teria morrido, você não acha? Quem foi esquartejado no hospital e está aqui largando lorotas, fumando, bebendo café, tem fôlego de sete gatos. Não é um gato só, Lózinha: São sete.

Ainda não queimaram os foguetes da revolução redentora. Parece que a prefeitura está mole relativamente a *numérico*, como diz o Pedro Soares. Numérico é numerário. 3 de

outubro. Naturalmente aí em Maceió os músicos estão preparando os instrumentos e os oradores oficiais engatilhando discursos. Aqui não há nada disso, graças a Deus, e há algum tempo fizeram uma sessão cívica no cemitério. A administração pública tem um fraco pelos cemitérios. Que relação pode haver entre o cemitério e a revolução que salvou a pátria? 3 de outubro, dia grande. Há dois anos você estava em Pilar, comendo bagre. E aí em Maceió ainda não tínhamos recebido o primeiro telegrama sobre a encenca. Agora tudo mudou. Um patriotismo infeliz tomou conta disto. E a literatura oficial é mais infeliz que o patriotismo. O pior é que ninguém faz nada. Conversa fiada, uns energúmenos idiotas querendo salvar esta gangorra por processos violentos. Besteira. Sangue não serve para nada. O Álvaro Paes é que tinha razão. Planta algodão, plantar mamona, criar gabo, isto é que é. Ninguém come os defuntos de São Paulo, porque o tempo de Cunhambebe já passou. Vamos deixar de novidade. Se continuar como vou, sapeco-lhe um programa de administração política.

Vou interromper isto pela segunda vez. A carta só segue amanhã. Tenho tempo de concluí-la com vagar. Se aparecerem os foguetes, mando-lhe dizer. Se vier algum telegrama sobre a esculhambação de São Paulo, digo-lhe também. Por enquanto vou melhorar o negócio da compra de S. Bernardo, que Paulo Honório e Padilha estão esperando por mim.

Agora mesmo estou ouvindo uns estouros de bombas e uma corneta tocando. Concluo daí que a pátria está salva e São Paulo saiu do mapa.

Adeus, por hoje, Ló. Vou continuar o negócio da venda de S. Bernardo. E daqui a pouco vou tomar banho. São três horas da tarde, e ainda não me lavei. Que horror! Os sinos estão repicando, soltam foguetes, naturalmente por causa da vitória do governo.

Abraços, Ló. Lembranças ao pessoal de casa e beijos nos meninos. Graciliano. 3 de outubro de 1932.

Muitas festas hoje. Missa, foguetes, música, uma gritaria medonha nas ruas.

O periquito e a paca do Tatá são magníficos.

Graciliano. 4 de outubro de 1932. (P. dos Índios). (RAMOS, 2011, p. 168-171).

Palmeira dos índios, 1º de novembro de 1932.

Ló: Vi agora um envelope para você nas mãos de Múcio e lembrei-me de lhe mandar um bilhete. Recebi sua carta de 28, cheia de coisas doces, que agradeço. Apresente ao nosso amigo Tatá os meus sentimentos por causa dos quatro bolos que levou. Isto por aqui continua a mesma estopada, com muita poeira e muito calor. Para quebrar a monotonia, a velha Iaiá enterrou-se ontem. Morreu anteontem, de ruindade. Os parentes já estão fazendo questão para

voar nos troços que ela deixou. D. Heloísa recebeu carta sua. Disse-me o Chico que você pede à mulher dele para me fiscalizar. Não é possível, que ela não vive comigo. Clália e Múcio continuam carcamanizados, um no francês, outro no italiano. Júnio também. Apareceu um periquito número 3. Esse meu filho tem um gosto esquisito para os periquitos. Por que será? O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encencado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes para fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão *S. Bernardo*, cochilando, e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem. Está aí uma página cheia de *S. Bernardo*, Ló. É uma desgraça não é? Tanta letra e tanto tempo para encher linguça! Mas isso prova que a minha atenção está virada para os meus bonecos e que não tenho vagar para pensar nas fêmeas do Pernambuco Novo. E adeus por hoje. Beijos em Lulu e em Tatá. Lembranças a tudo. Abrace-se. Ainda não tive tempo de escrever a carta para o Tatá. Graciliano. 1º de novembro de 1932. (P. dos Índios). (RAMOS, 2011, p. 179).

Palmeira dos índios, novembro de 1932.

Ló: é muito cedo. Levanto-me agora porque Maria me vem perguntar que foi que você pediu na última carta que escreveu.

Escrevo rapidamente (a letra está mostrando) para ver se aproveito a ida do Antônio Augusto, agora.

Até agora tudo por aqui no mesmo ramerrão. Não entreguei os riscos à d. Olímpia porque ela não está aqui. D. Heloísa disse-me que tem uns fuxicos para fazer, mas só quando você vier, que não quer escrever enredos. É muita coisa, diz ela. Por isso estamos quase intrigados.

Se a d. Evangelina acertou, a esta hora você deve estar descansada. Não posso ir, primeiro porque ando adoentado, com a barriga sempre doendo; segundo porque os tempo estão bicudos e é preciso fazer economia: terceiro porque quem vai ter menino não sou eu.

Devolvo o cartãozinho do Zé Leite. Não dei o dinheiro a Múcio porque ele está doente, não se pode mexer, com suas feridas no pé. Quando se levantar, trataremos disso.

Recebi, pelo último correio, o *Menino de Engenho*, do Zélins. É excelente. Mando amanhã uma carta agradecendo a remessa do volume. Imagine que meu pai leu o livro duas vezes. E um romance que meu pai lê duas vezes só pode ser bom.

O *S. Bernardo* está acuado.

E adeus, Ló. Não posso escrever mais, que tenho medo de não encontrar o Antônio. Pelo correio escreverei com mais vagar. Você não me disse se recebeu as cartas que lhe tenho mandado ultimamente.

Abraços. Lembranças às meninas e a seu Américo. Beijos no Tatá e nos cabelos cortados de Luísa. Graciliano. Segunda-feira. (P. dos Índios, novembro de 1932). (RAMOS, 2011, p. 182-183).

Maceió, 22 de março de 1935.

Ló: estou comendo como um cavalo: Helena de ontem para hoje tem arranjado um almoços formidáveis. Acabo de almoçar e, como é natural, bebi um bocado de aguardente. Vou dormir. Em seguida retomarei o trabalho interrompido há cinco meses. Julgo que continuarei o *Angústia*, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria. É quase uma hora. Creio que sapecarei o segundo horário da repartição. No quintal procurarei escrever a continuação do romance, que se passa num fundo de quintal, como v. sabe. Sairá uma obra notável. Nenhum artigo novo sobre o *S. Bernardo*: apenas um do Ceará, que a d. Clotilde mandou e que v. leu, parece-me. À noite vou terminar uma carta ao Oscar Mendes, de Minas, carta começada há mais de uma semana, antes da encrenca política. A propósito de encrenca: tudo continua como estava anteontem. Dois dias ganhos, portanto. Mas suponho que teremos sarapatel: consta-me que chegarão hoje do Rio, remetidos pelo general Góes Monteiro, uns ferrabrases acostumados a cortar cabeças. Sempre essa besteira: cortar cabeças, fazer montões de cinzas e sangue, salvar o Estado, toda uma literatura desmoralizada. É necessário que termine o meu romance, literatura menos besta que a outra, a política. Vou atirar-me a ele daqui a pouco, quando acordar. Mande-me dizer como aguentou a viagem. Lilita aborreceu-me muito? E d. Luísa? E nosso amigo Ricardo? Como vai o braço? Múcio recebeu o telegrama que Rachel passou em meu nome? Mande-me um relatório circunstanciado sobre a viagem. Por enquanto as coisas

aqui estão calmas. Adeus, Ló. Abraços em minha mãe. Vou dormir. E, às seis horas, quando acordar, conversarei com a Marina e com Luís da Silva, excelentes criaturas, na opinião de Rachel e de Zéauto. Abraços do Graciliano. 22 de março de 1935. (Maceió).

P.S. Comunico-lhe, para os devidos fins, que Helena pregou ontem o botão do pijama. (RAMOS, 2011, p. 187-188)

Maceió, 23 e 24 de março de 1935.

Ló: Escrevi-lhe ontem uma carta, que Helena não mandou porque o caminhão do Antônio Augusto não veio para o transporte da mala. Assim, v. ficou sem carta e sem mala, mas amanhã ou depois lhe chegarão os troços. Acabo de ler o papel que v. me mandou contando as aventuras da cambada no trem, especialmente o comunismo da nossa amiga Luísa. Aqui vão as notícias do dia. Hoje tivemos coisas notáveis que passo a expor. Isto é, exponho apenas as partes que me interessam, pouco notáveis para os outros. Logo que cheguei aos Martírios soube que o Osman ia deixar o governo sem esperar decisão do Rio. Subi e encontrei o pessoal na sala de jantar arrumando coisas que iam para a casa do Valdemar Loureiro, segundo me disse a d. Laura. O Edgar tinha ao pé da cama uma padiola para transportá-lo ao Farol. E redigia um telegrama horrível para a mãe. Conversei algum tempo com o Osman, que estava inteiramente disposto a deixar o governo ao comandante do 20º Batalhão de Caçadores. Este, porém, deu o fora, não quis meter a mão em combuco. Arranjaram na padiola e depois no automóvel o Edgar e a pernar doente. Acompanhei-os para me despedir deles na casa nova. De volta trepei-me num carro oficial (oficial, pois os dinheiros estão curtos) e andei por estas ruas tentando pôr em ordem uns pedaços da minha vida. No Relógio Oficial encontrei Zélins, que foi comigo à Nordeste liquidar o negócio das cauções. Daí fomos ao palácio, abraçar o Osman e dizer os nossos endereços. Ao descermos, o autor de *Banguê* quis por força levar-me à casa dele: capítulo do romance novo e almoço. A Naná muito amável. Estou convencido de que ela é uma excelente moça. Em seguida rodamos para casa do Zéauto, onde ouvimos as últimas páginas do livro de Rachel. Zélins deu o fora e eu fiquei, na amolação, conversando literatura e esquecido da política. Rachel falou várias vezes em v. Sempre encantada com as meninas, especialmente com a Clarita, por causa da lembrança que ela tem da Clotildinha. De vez em quando dizia-me uns desaforos por não me resolver a meter a cara no *Angústia*, que ela acha melhor que os outros dois. Falta de entusiasmo. Sapequei uma folha ontem à noite, mas frio, bocejando. De volta da casa de

nossos amigos, encontrei no bonde o Teixeira de Carvalho, que me falou a respeito de um telegrama chegado à tarde. Eu não sabia de nenhum telegrama, que tinha passado o dia fora da cidade. O Teixeira tinha ouvido que o Osman ia transmitir o governo ao Edgar e embarcar para o Rio, tudo por ordem do Ministro da Justiça. Ao passar pela Boa Vista, quis ir ao *Jornal de Alagoas*, pedir informações, mas não fui. Amanhã saberei se a história é verdade ou mentira. Quando saí dos Martírios, antes do meio-dia, tínhamos sido exonerados: os atos já estavam na Imprensa Oficial. Agora à noite seu Américo me disse que à tarde José Soares tinha vindo informar-me de que a publicação havia sido suspensa. Nota sentimental: a datilógrafa que empreguei este ano veio pela segunda vez ao meu gabinete, com os olhos pisados, oferecer-se para copiar os meus livros, à noite. Adeus, Lo. Beijos nos pequenos e abraços em minha mãe e no pessoal de casa. Fique boa. São dez e meia: vou ver se consigo arranhar uma folha do *Angústia*. Abraços do Graciliano. 23 de março de 1935.

Mando-lhe alguns recortes de jornais de hoje. Como v. vê, parece que ainda ficamos uns dias a roer os ossos da repartição. Ontem, depois que lhe escrevi, ainda arranhei uma página regular sobre os amores de sinhá Germana com o velho Trajano. Creio que hoje amanheci com a munheca desemperrada: já fiz um pedaço de capítulo. E são nove horas da manhã. Há um grande silêncio na casa, a gente escreve que é uma beleza. Ainda há dias o Osman me perguntava: “Como diabo v. pode escrever com tanto filho.” Julgo que agora concluirei o livro. Diga a Júnio e a Múcio que tenham muito cuidado com os esqueletos. E v. tenha cuidado com o seu. Adeus, Novos abraços. Vou conversar com Marina e com a d. Germana. Beijos nos pequenos. Graciliano. 24 de março de 1935. (Maceió). (RAMOS, 2011, p. 189-191).

Maceió, 19 de abril de 1935.

Ló: Hoje, dia da morte de Judas, volto a escrever-lhe. Anteontem, Endoenças (é um nome brabo, mas está ali na folhinha), foi um dia de grande trabalho. Ontem escrevi menos, mas ainda assim fiz o resto dum capítulo e outro quase todo. Falei muito com seu Américo e por isso a história não se adiantou como eu desejava. Terminei o espetáculo da companhia lírica. O primeiro ato é no Farol, como já te disse, o segundo aqui no fundo do quintal, ao pé da mangueira, que nunca existiu. Marina continua em vergonhosa atracação com o Julião Tavares. O ciúme de Luís da Silva é uma doença horrível. O marido de d. Rosália apareceu

ultimamente, creio que já lhe disse. Depois castrou-se um moleque nos paralelepípedos. Surgiram uns vagabundos tocando violão e matando bicho numa bodega. Ontem à noite Luís da Silva tirou da raiz da mangueira dezesseis mil-réis em prata e duas libras esterlinas que Vitória tinha enterrado. Aí apareceu um gato que deve ser da família do diabo: creio que nessa história de botija o diabo aparece sempre. Nunca vi nenhum, mas é o que dizem. O meu diabo tem olhos de gato e veio numa sexta-feira da Paixão. Suponho que ele fica bem com olhos de gato. Seu Américo me deu umas informações sobre os olhos dos gatos, mas sem imaginar que eu estava preparando um diabo num dia santo como o de ontem. Quinta-feira passei o dia numa excitação dos pecados. Terminei a sua carta às dez horas. Pois daí até meio-dia, e das quatro da tarde à uma da madrugada, escrevi com uma rapidez que me espantou. Nunca trabalhei assim, provavelmente um espírito me segurava a mão. Vou perguntar à d. Luísa. A letra era minha, embora piorada por causa da pressa, mas é possível que aquilo fosse mesmo feitiçaria. Ou efeito de aguardente. O que é certo é que não vi espírito nenhum. Ontem, como já disse, o que vi foi o diabo, mas um diabo doméstico, com olhos de gato. Não é possível reduzir mais o sobrenatural. Estou em grande atrapalhão para matar Julião Tavares. Cada vez me convenço mais de que não tenho jeito para assassino. Ando procurando uma corda, mas, pensando bem, reconheço que é uma estupidez enforcar esse rapaz, que não vale uma corda. Enfim não sei. Estou atrapalhado. Se hoje e amanhã eu estiver como nos dois primeiros dias, talvez encontre uma solução para este caso difícil. Estou aqui escrevendo com uma pressa dos demônios, porque preciso voltar à papelada. Felizmente não temos tido jornais. Assim, não perco tempo lendo telegramas e notícias políticas. Ignoro completamente o que se passa da porta do corredor para fora. Presumo que não houve nenhum terremoto. Pelo menos seu Américo não me disse nada a este respeito. Mas se houve algum aqui na Rua do Macena e não quiseram trazer-me uma notícia assim desagradável, espero tomar conhecimento do desastre na segunda-feira. Por enquanto pretendo entregar-me inteiramente este desastre que preparo e que terá, se aparecer um editor maluco, cinquenta leitores do Amazonas ao Prata, talvez nem tanto. Em seguida o Lívio Xavier, e os outros comunistas amigos da Rachel me arrastarão. Adeus, Ló. Abraços. Beijos nas meninas. Até a semana vindoura. Graciliano. Sábado, 8h da manhã. (Maceió, 1935). (RAMOS, 2011, p. 203-205).

Maceió, 1935.

Ló: Fiz viagem regular e cheguei em paz, com muita poeira, muito sono e lembrança das conversas chatas do trem. Felizmente amanhã amanheci melhor. Tomei quatro banhos

para livrar-me da poeira e escrevi duas folhas do romance: terminei um capítulo e comecei outro. Hoje é que não pude escrever nada. Na repartição encontrei, com um expediente enorme que encoivarei depressa, uma carta do Zélins. Recados para Rachel, que ainda não voltou do Recife, e uma proposta do José Olímpio, que se oferece para editar o *Angústia*, ainda não escrito. Edição de três mil exemplares. Acabo de escrever ao Zélins dizendo que o livro só estará terminado lá para o final do ano, se estiver. Marina está grávida, creio que já lhe disse. Agora vou ver se é possível matar Julião Tavares. Difícil. A morte desse homem vai demorar muito. Creio que vou terminar este bilhete, Ló. A encrenca política ainda continua sem solução. Júnio se mudará daqui amanhã ou depois. É melhor, que ele volta para casa sempre muito tarde. Clarita, Lulu e Tatá não me saem do pensamento. O bilhete de Tatá a Helena está ótimo. Adeus, Ló. Muito cuidado com as crianças. Abraços. Vou trabalhar no *Angústia*. Graciliano. Segunda-feira. (Maceió, 1935). (RAMOS, 2011, p. 205-206).

Maceió, 14 de dezembro de 1935

Maceió, 14 de dezembro de 1935. Sinha Ló: Aconteceu que, às dez horas, o nosso amigo Esdras Gueiros, pastor evangélico e chefe possível da Aliança Nacional Libertadora, me chamou pelo telefone para enfeitar-me a boca. Um minuto depois Júnio me pediu, pelo mesmo telefone, os caraminguás necessários para comprar um quinto de sabedoria do curso secundário. Como o supracitado Júnio possui toda a sabedoria primária e já tinha pago sessenta por cento da secundária, fui imediatamente ao Colombo entregar-lhe os cobres para que ele se habituasse a julgar-se sabido. Pedi-lhe que demorasse a viagem uma hora ou duas e corri à casa do Esdras, que me amolou até meio-dia. Saí com uma quantidade enorme de dentes, muito parecido com o Paurílio, o que toca piano. Fui à Rua da Caridade, mas só encontrei a Regina. Você já tinha partido, e tudo estava muito triste, como na canção da Maringá. Desde então vivo aqui em companhia de Márcio e dos pombos. Uma noite destas seu Costa, o homem que mora na casa do Quadro, deu-me duzentos mil-réis, aluguel de novembro e dezembro. Explique isto à Daia. Essa pecúnia chegou exatamente na hora em que era necessária. Como se tem arranjado você? Se precisar qualquer coisa, não tenha acanhamento. Continuo a emendar o romance, que o Zé Olímpio quer publicar em janeiro. Mas ultimamente suspendi o trabalho: serviços da repartição e resposta a umas cartas do Zélins, do Jorge e do Benjamín Garay. Ainda não mandei o conto para o argentino. Mandá-lo-ei com o retrato, que ele pediu há meses para umas revistas de Buenos Aires. Endireitando o livro, vejo que não me será possível publicá-lo agora. Talvez até não o publique no ano vindouro. Não sei. Continuo a consertá-lo e projeto um novo romance. Talvez saiam dois ao

mesmo tempo. Não tenho lido jornais, ignoro a guerra dos pretos, a política, a trapalhada revolucionária e agora reacionária que há por aí além. A politiquice daqui é uma coisa horrível. Barreto deixou o *Jornal de Alagoas*. Ninguém se entende: um sarapatel pior que o que havia o ano passado. Seu Lima, o nosso vizinho da esquina, coitado, enterrou-se ontem. Quando fui tomar o bonde vi a bodega fechada e cortinas pretas na salinha do fundo da casa. À tarde, de volta, ainda ouvi gente soluçando na casa fechada. Um tristeza. Coitados. Mandem-me notícias. Como vão os estudos de Múcio? E os trabalhos de Júnio? E Maria? Tatá já escreveu a crítica ao livro do Jorge? Beijos em Lulu e em Clarita. Abraços do Graciliano. (RAMOS, 2011, p. 206-208).

Maceió, 19 de dezembro de 1935.

D. Ló: A sua carta de anteontem está admirável. Muito benfeita, muitíssimo benfeita. Vou dar-lhe um conselho: escreva um livro. Não pense que é brincadeira, estou falando sério. Nas quatro folhas há estilho, há graça e alguma correção. Quando você vier, farei umas emendas, que lhe servirão. Aceite o conselho: veja se arranja um livro. Escreva às escondidas, não é preciso ninguém saber que você se dedica a ocupações prejudiciais. Se o livro sair bom, o que espero, será publicado, elogiado, etc.; e não sair, eu lhe serei franco. Faça uma tentativa, à noite, quando o pessoal estiver dormindo. O plus-valor, a circulação do capital e dos produtos, as coisas brabas que há na carta, podem ser úteis. A gramática não tem importância e aprende-se em pouco tempo. Como você viu, a velha George Sand começou a escrever sem gramática. E s nossos escritores atuais, Zélins e Jorge à frente, ignoram isso completamente. Veja s encontra assunto para um romance. Não imite ninguém, faça coisa sua. Sei perfeitamente que este conselho vai causar-lhe espanto, mas é dado de bom coração, porque a carta me impressionou. Demais você não perde nada em tentar. Tenho de interromper esta carta. Estiveram aqui na repartição várias pessoas que me amolaram bastante. São onze horas, tenho de ir ao Tesouro receber os cobres para mandar o que você pede. Se demorar, encontro o correio fechado. Adeus. Beijos nos meninos e em Maria, abraços em Júnio, em Múcio e em você mesma. Aceite o conselho que lhe dei. Graciliano. 19 de dezembro de 1935. (Maceió). (RAMOS, 2011, p. 208-109).

Maceió, 28 de janeiro de 1936.

D. Ló: Não era preciso você preocupar-se com uma coisa que não tinha nenhuma importância. Fiquei surpreso com essa carta que escreveu a sua família pedindo

explicações. Para quê? Isso é cianice. As explicações e os fuxicos só rendem aborrecimentos. Demais, quando lhe falei nessa tolice, falei sem rancor. Não gosto de encher a vida com maluqueiras. É melhor tratarmos de assunto menos insignificante. Nestes últimos dias tem havido aqui em casa uma série de doenças. Fui à cama, por causa da queda, e estive convencido de que seria necessário voltar ao hospital. Dores horríveis na perna exatamente como em 1932. Mariano aconselhou-me umas injeções, que o Luccarini me tem aplicado. A primeira deu-me uma reação dos mil diabos: febre, delírio, etc. Márcio tem andado com as macacoas dele, que agora vieram medonhas. Várias crises por dia, algumas violentíssimas. Julgo que vai ficando pior, precisa um tratamento sério. Seu Júnio apareceu-me hoje com uma carta sua. Creio que não o recebi muito bem. Não sei que possa fazer por essa criatura. São todos uns cabeças de pau, uns malucos teimosos. Não esperem que eu vá pedir para eles, mendigar e humilhar-me. Isso não. Recebi a conta, que será paga no princípio do mês. Quando é que você pretende voltar? Regina está desgostosa, que o ordenado não dá para a comida. Acho bom que ela faça as refeições aqui em casa. E nós também. Qual é a sua opinião? Não quis resolver nada antes de lhe fazer esta consulta. Talvez seja melhor que a gente se servir nesses restaurantes horríveis. Responda-me logo. Se você achar conveniente, ela poderá ficar em casa até o meio-dia e sairá depois do almoço. Mandarei as injeções por Júnio.

Como vai a saúde? Como vão as crianças? Recebi a carta do Tatá. O Humberto cita a opinião dele em um artigo sobre *Jubiabá*. Vão pelo Júnio os livros que ele me pede. Mande-me notícias de Maria Antônia. Pergunta-me se essa criatura deve falar como toda a gente. Está claro. Pois havia de usar linguagem diferente? Falar como as outras pessoas, sem dúvida. Foi o palavreado difícil de personagens sabidos demais que arrasou a antiga literatura brasileira. Literatura brasileira uma ova, que o Brasil nunca teve literatura. Vai ter de hoje em diante. E você deve trabalhar para que Maria Antônia entre nela. Veja se consegue pegar a vida dela, a do curandeiro, isso que aí deixamos assentado. Imagino que a preguiça não lhe amarrou as mãos. Enfim tem você um excelente material, material como poucos sujeitos encontraram. Pode dar coisa muito boa. O que é preciso é ter muita coragem e muita paciência, trabalhar seis meses, um ano, várias horas por dia, sem grandes esperanças. O *Angústia* vai mais ou menos. Falta-me consertar umas oitenta folhas. Um dia destes, no banheiro, veio-me de repente uma ótima ideia para um livro. Ficou-me a coisa pronta na cabeça, e até me apareceram os títulos dos capítulos que escrevi quando saí do banheiro, para não esquecê-los. Aqui vão eles: *Sombras, O inferno, José, As almas, Letras, Meu avô, Emília, Os astrônomos, Caveira, Fernando, Samuel Smiles*. Provavelmente me virão ideias para novos capítulos, mas

o que há dá para um livro. Vou ver se consigo escrevê-lo depois de terminado o *Angústia*. Parece que pode render umas coisas interessantes. Zélin e Jorge Amado têm insistido para que eu remeta logo os originais. Mas ainda não dei resposta às cartas deles. E só mandarei os originais quando o dinheiro vier. Abraços. Beijos nos pequenos. Graciliano. 28 de janeiro de 1936. (Maceió). (RAMOS, Graciliano. 2011, p. 216-218).

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945

Antonio Candido:

Só agora, lido o último artigo da série que V. me dedicou, posso mandar-lhe estas linhas e conversar um pouco. Muito obrigado. Mas não lhe escrevo apenas por causa dos agradecimentos: o meu desejo é trazer-lhe uma informação ajustável ao que V. assevera num dos seus rodapés.

Arriscar-me-ia a fazer restrições ao primeiro e ao segundo, se isto não fosse considerado falsa modéstia. E impertinência: com as vivas atenções dispensadas ao meu romance de estreia, foram apontados vários defeitos, o que de certo modo atenua a parcialidade otimista.

Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de *Angústia*. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece.

Por que é que *Angústia* saiu ruim? Diversas pessoas procuraram razões, que não me satisfizeram. Olívio Montenegro usou frases ingênuas e pedantes, misturando ética e estética. João Gaspar Simões afirmou que o americano é incapaz de introspecção - e com esta premissa arrasou-me. Veja só. Nada há mais falso que um silogismo. Álvaro Lins veio com aquele negócio de tempo metafísico. Mas isso diz pouco, não é verdade? Se eu constituísse uma exceção à regra de João Gaspar Simões e contentasse Olívio Montenegro e Álvaro Lins, *Angústia* não deixaria de ser um mau livro, apesar de haver nele páginas legíveis.

Por que é mau? Devemos afastar a ideia de o terem prejudicado as reminiscências pessoais, que não prejudicaram *Infância*, como v. afirma. Pego-me a esta razão, velha e clara: *Angústia* é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura enfim, as partes corruptíveis tão bem

examinadas no seu terceiro artigo. É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas: de outro modo o nosso trabalho seria inútil.

E aqui vem a informação a que me referi. Forjei o livro em tempo de perturbações, mudanças, encrencas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo. Matei Julião Tavares em vinte e sete dias; o último capítulo, um delírio enorme, foi arranjado numa noite. Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. Nos longos meses de viagens obrigatórias supus que a polícia me houvesse abafado esse material perigoso. Isto não aconteceu - e o romance foi publicado em agosto. Achava-me então na sala da capela. Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história. Só muito mais tarde os vi. Um assunto bom sacrificado, foi o que me pareceu.

Esta explicação tem apenas o fim de exhibir-lhe o prazer que me causou o seu juízo. Quando um modernista retardatário e pouco exigente me vem seringar amabilidades a *Angústia*, digo sempre: - "Nada impede que seja um livro pessimamente escrito. Seria preciso fazê-lo de novo."

Permita-me que apenas toque nos seus estudos relativos a *São Bernardo*, *Vidassecas* e *Infância*. Ser-me-ia difícil estender-me sobre eles. O que faço é agradecer. Por muito vaidoso que sejamos, às vezes certas opiniões nos amarram: diante delas ficamos atrapalhados e sem jeito.

Adeus, Antonio Candido. Abraços do admirador e amigo

Graciliano Ramos (RAMOS, In. CANDIDO, A. 2006, p. 9-12).

Capítulo 3

Carta de Manuel Gálvez a Ricardo Levene. 29 de novembro de 1929 (Buenos Aires).¹²¹

¹²¹ Galvez, Manuel. **Carta Recomendando Traductor De Portugués**. Buenos Aires, 29 De Noviembre De 1936?. Buenos Aires, 1936. Disponível em: http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php?dir=09040019&num_img=09040019_0001-00&mon=5&vn=s&vi=s&vt=s&vp=s&vv=s&vh=s&c=&zoom=100&modo>. Acesso em 24 set 2017.

Buenos Aires, Noviembre 29

Mi estimado amigo e ilustre colega:

Pocas palabras, para recomendarle al escritor argentino Benjamin de Garay, que sería el mejor candidato posible para traducir los libros de la colección brasileña.

Garay ha traducido ya unos doce volúmenes del portugués al español: obras de Rodrigo Octavio, de Claudio de Souza, de Monteiro Lobato, etc. Es hijo de un militar de apellido italiano (su verdadero apellido es Bertoli Garay) que era ciudadano brasileño y que sirvió en el ejército de su patria. Garay ha estado muchos años en el Brasil, y, aparte de conocer a fondo la lengua y la literatura de ese país, escribe bien en español.

Como está muy necesitado, Garay hará su trabajo con rapidez. No se eternizará en las traducciones, como hacen otros.

Una palabra más: Garay ha sido un formidable embajador de la literatura brasileña en la Argentina y de la literatura argentina en el Brasil. Nos ha puesto en contacto a unos escritores con otros; ha hecho editar allí más de un libro argentino y aquí más de un libro brasile-

ño y ha publicado en diarios y revistas numerosos artículos sobre escritores de ambos pueblos.

Me gustaría que usted le escribiese llamándolo a su casa. Creo que no tiene teléfono. Vive en Lavalle 774- 3º.

Saludos muy cordiales de su amigo y colega

Manuel Gálvez

Santa Fe 3018

Creo que Varay tiene traducido O Sertões, el gran libro de Euclides da Cunha, libro que, como usted no ha de ignorarlo es para los brasileros lo que el Facundo para nosotros. Sería magnífico que la colección se estrenase con ese monumento de la literatura brasileña.

Maceió, 17 de agosto de 1935

Distinto confrade Benjamín de Garay:

Na sua carta de 18 de julho, há um equívoco: ainda não escrevi o *Angústia*, um romance encarecido. José Lins do Rego leu dele alguns capítulos há meses e teve demasiada pressa em anunciá-lo no *Boletim de Ariel* e em vários jornais do Rio, mas a verdade é que, trabalhando uma ou duas horas por dia, só poderei publicá-lo no ano vindouro. Tenho uma vida embrulhadíssima e não me é possível dedicar atenção continuada a este gênero de ocupação. Logo que o livro saia, terei muito prazer em remeter-lhe um exemplar.

Mando-lhe agora *Caetés*, que o senhor me pede, e *S. Bernardo*, que é mais novo e de que talvez não lhe tenha chegado ainda notícia. O primeiro, exceto algumas expressões novas, que aliás circulam no país inteiro, é todo escrito em português. *S. Bernardo* tem centenas de locuções regionais, coisas do Nordeste que não figuram na língua dos livros. Caso o senhor ache necessário, pode mandar-me uma lista de palavras e frases desconhecidas, que eu lhe enviarei as formas correspondentes neste horrível português que infelizmente ainda usamos.

A tradução que o senhor deseja fazer ser-me-á muito vantajosa: vai encher-me de vaidade, sentimento natural em todos os sujeitos que escrevem, e pôr-me em contato com os escritores do resto da América do Sul, que desgrazadamente sempre têm estado longe de nós. É uma vergonha. Conhecemos a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia e até Portugal, mas ignoramos a América, apesar de falarmos quase a mesma língua.

Admirável o trabalho que, desde 1914, o senhor tem tido para aproximar os brasileiros dos hispano-americanos. Quando a mim, estou-lhe muito obrigado por me haver escolhido entre os escritores nortistas do meu país.

Concluída a tradução, peço-lhe que tenha a bondade de me dizer quando se fará a publicação.

Por uma razão muito simples não vão os dados biográficos que me pede: não tenho biografia. Se isto lhe for indispensável, contar-lhe-ei depois umas histórias.

Adeus, meu caro confrade. Mandar-lhe-ei o *Angústia* logo que o termine.

Faça-me o favor de avisar-me caso haja mudança no seu endereço.

Amigo e admirador

Graciliano Ramos

Diretoria da Instrução Pública

Maceió – Alagoas (RAMOS, 2008, p. 23-24).

Maceió, 30 de setembro de 1935

Prezado amigo Benjamín de Garay:

Recebi a sua carta de 7 e o volume de contos de Monteiro Lobato¹²². Que extraordinário trabalho você está realizando aí! Acabo de ler em espanhol algumas histórias brasileiras que ainda me eram desconhecidas. Não é interessante que um livro escrito em S. Paulo ou no Rio precise ir a Buenos Aires e passe a outra língua para ser lido em Alagoas? Muitos agradecimentos.

Em conformidade com o seu pedido, acabo de me entender com o Lins dos Rego pedindo que lhe remeta *Banguê*, um dos bons romances nordestinos aparecidos ultimamente. Não conheço Heitor Marçal. Nem sei o endereço dele. Em compensação, falei com Raquel de Queiroz, que lhe mandará *O Quinze* ou *João Miguel*, e com Jorge Amado, que enviará *Suor*. São dois dos melhores romancistas da nova geração; você não perderá em conhecê-los.

A literatura do Nordeste está se afastando muito da do resto do país. É conveniente que você faça relação entre Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel, três romancistas interessantes, muito inteligentes.

Como vai o negócio da editora de livros brasileiros? Estou encantado com a notícia e faço votos (votos interessados) para que a casa se inaugure e prospere.

Temos agora uma quantidade enorme de escritores de ficção surgidos nestes últimos dez anos, da Bahia até o Ceará, mas realmente creio que os melhores são os três mencionados.

Adeus, meu caro Benjamin de Garay. Terminarei o meu livro por estes meses. Logo que o publique, mandar-lhe-ei um exemplar, conforme lhe prometi o mês passado.

Amigo e admirador

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 26).

Maceió (Alagoas), 13 de dezembro de 1935

Meu caro Benjamín de Garay;

A sua carta chegou-me com atraso. Realmente eu havia pedido ao Lins e ao Jorge que lhe mandassem os seus livros. Falei também com Rachel, mas esta criatura, que anda traduzindo Rousseau¹²³ e escrevendo uma história da literatura brasileira (por este segundo

¹²² É possível que se trate do livro *Urupês*, traduzido por Garay e publicado na Argentina em 1921.

¹²³ Possivelmente se refira aqui à obra *As Confissões*, traduzida por Rachel de Queiroz e publicada em 1936 pela Atena Editora.

trabalho a gente vê logo que ela possui imaginação), disse-me há dias que ainda não lhe tinha mandado os dois romances de que falei: *João Miguel* e *O Quinze*. Acabo de transmitir-lhe o seu recado. Escrevendo a ela, você pode endereçar as cartas ao marido: José Auto – Banco do Brasil – Fortaleza – Ceará.

A correspondência do Zé Lins e a do Jorge Amado podem ser remetidas à Livraria José Olympio – Rua do Ouvidor, 110 – Rio.

O livro de Humberto de Campos e o do José Américo (este é ministro, senador, o diabo, e eu não me entendo com gente assim) provavelmente foram mandados pelo Jorge.

Muito lhe agradeço a lembrança amável de publicar uma página minha nessa revista de trezentos mil exemplares. Mas é o diabo, seu Garay. Eu nunca escrevi contos, e nem sei se me seria possível, enchendo-me de boa vontade, arranjar uma história decente. Não lhe serviria um capítulo de um romance? Estou agarrado com unhas e dentes ao meu *Angústia*, que José Olympio quer publicar no princípio do ano vindouro. Se você achasse conveniente, eu escolheria um capítulo para *El Hogar*. Mas se não estiver pelos autos, acabou-se: vou ver se consigo fabricar o conto e morder os cem mil réis que a revista oferece.

Qualquer dia destes mando o retrato que você deseja para a propaganda. Procuro um fotógrafo hábil que me transforme.

A gente do Nordeste, como você vê, continua a trabalhar danadamente. A literatura do ex-ministro José Américo não me agrada. Mas os livros novos de Zé Lins e do Jorge são bons. Você leu *Jubiabá*? Gostei. Tem páginas ótimas. Tanto nesse *Jubiabá* como no *Moleque Ricardo*, do Lins, os pretos estão muito bem arranjados.

Agradeço-lhe a remessa da revista. Uma das suas traduções, a do conto do Lobato, eu já tinha lido no volume que você me remeteu. Creio que lhe agradei.

Esta carta vai cheia de agradecimentos. Os últimos são para você e para o Luis Onetti Lima, pela tradução do *S. Bernardo*.

Adeus, meu caro Garay. Abraços do

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 28-29).

Rio, 26 de fevereiro de 1937

Prezado amigo Benjamín de Garay:

Afinal cá estou novamente em circulação e talvez em estado de servir, se é que não tenho qualquer peça importante do interior estragada.

Um ano de ausência, meu caro Garay, um ano cheio de observações interessantes: conheci uns tipos curiosos, umas figuras admiráveis para romance. Preciso arrumar isso no papel antes que as recordações esfriem.

Li as suas cartas. Muitos agradecimentos, prezado Garay, muitos e muitos agradecimentos pelo que você manifesta nelas.

Vamos agora aos negócios. Como vai meu *S. Bernardo*, que se transformou em *Feudo Bárbaro*? Vi no *Jornal do Commercio* daqui uma nota a respeito da publicação dele. Tenho coisa melhor, o livro que saiu em agosto. A composição é medonha, cheia de erros e pastéis, porque não pude vigiar a publicação. Em todo o caso, entende-se o que está escrito. Se você ainda não leu essa obra notável, avise-me para eu lhe remeter um volume.

Creio que agora vou começar a trabalhar, embora ainda me sinta um pouco enferrujado. Posso mandar-lhe uns troços para revistas daí, os contos a que você se referiu em uma das suas cartas e que até agora não fabriquei. Você não me conseguiria mais de vinte e cinco pesos por conto, Garay? Julgo que lhe arranjarei uns dois ou três por mês, se você achar conveniente. Não me dedicarei exclusivamente a eles, porque preciso tratar do romance a que me referi – trabalho para uns dois anos, se não estou enganado. Por enquanto necessito escrever para jornais. E a colaboração que você me pediu e que iniciarei ser-me-á útil.

Adeus, meu caro Garay. Escreva-me para a livraria José Olympio, Ouvidor, 110.

Abraços do

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 43).

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1937

Prezado Garay:

Só agora, um mês depois de ter recebido a sua carta, posso arranjar um pouco de calma para escrever-lhe algumas linhas. Você me desculpará este silêncio, meu caro Garay. É que ando aperreado, chateado, indignado com a obrigação de pagar casa, comida, bonde, roupa, café e outras inconveniências.

Eu vivia livre de todos esses aborrecimentos. O governo do meu país é um governo sábio e algumas vezes nos fornece mesa, cama, transporte e boas conversas, tudo de graça. Você não acha que é safadeza sustentar um cidadão durante um ano e de repente mandá-lo embora, desempregá-lo sem motivo? Foi o que me aconteceu. Eu estava quase habituado, considerava-me, com certa vaidade, hóspede oficial, membro de uma instituição respeitável e necessária ao preparo de eleições e outros jogos nacionais. Infelizmente a minha reduzida pessoa foi julgada inútil a essa trapalhada - e o governo, por economia, me cortou os meios de subsistência.

Agora preciso dar dinheiro à mulher da pensão e aumentar os lucros da Light. Para isso tenho de explorar alguém ou qualquer coisa e ser explorado pelo dono do jornal e pelo editor. Como não possuo bondes nem casas, lembrei-me de explorar um hospital, um médico, enfermeiros e a doença que me ia matando anos atrás.

La Prensa querará publicar isso, Garay? Não é precisamente o que você pediu, coisa regional e pitoresca: é delírio, complicação interior. As violências agradáveis a *El Hogar* e *Mundo Argentino* são difíceis, não consigo fazê-las. Desgraçadamente não sei matar ninguém direito, mesmo no papel, e isto é uma vergonha para um sujeito mais ou menos perigoso.

Vai o delírio, meu caro Garay. Se você quiser traduzi-lo e metê-lo num jornal que tenha dinheiro, ficar-lhe-ei muito obrigado. E não se esqueça de mandar-me um número. Não vi a tradução que você fez do meu conto *Dois dedos*, nem sei em que revista saiu.

Rachel de Queiroz escreveu-me há dias pedindo-me notícias suas. Essa adorável criatura tem um romance novo, *Caminho de Pedras*. Leu?

Transmiti ao Jorge Amado o seu pedido sobre *O País do Carnaval*. Ele esteve, ou está, aí em Buenos Aires. Vai ao México, mas, para tornar a viagem comprida, viaja pelo Pacífico.

Bem, Garay amigo, adeus. Muitos e muitos agradecimentos pelas amabilidades que enchem sua carta. Não deixe de me mandar um número do jornal ou revista que trazer a minha história, caso você ache conveniente traduzi-la.

Receba um grande abraço do

Graciliano Ramos

Livraria José Olympio

Ouvidor, 110 (RAMOS, 2008, p. 45-46).

Rio de Janeiro, 11 de maio de 1937

Prezado Garay:

Mandei-lhe há dias um conto, que não sei se lhe agradou e foi metido em qualquer jornal ou revista daí.

Enquanto espero a resposta, remeto-lhe outra história, um negócio de bicho, de alma de bicho.

Será que bicho tem alma? Deve ter qualquer coisa parecida com isso, qualquer coisa que dê para a gente receber um cheque. Tenha a bondade de examinar essa questão psicológica e financeira, meu caro Garay. Veja se a alma da minha cachorra vale alguns pesos aí numa redação ou em sociedade protetora de animais.

Caso você resolva traduzi-la para o espanhol, faça-me o favor de mandar-me o número do jornal que a trouxe.

Adeus, caríssimo Garay. Muitos abraços de

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 49).

Rio, 12 de maio de 1937

Caro Benjamin de Garay:

Recebi ontem a sua carta, o artigo do Lobato e a tradução do *Judas* de Euclides da Cunha, que li e admirei. Ótimo. Devolvo-lhe tudo, conforme você pediu. Não lhe escrevo agora demoradamente porque o tempo é curto e preciso pôr logo no correio os papéis e os livros. Vou mandar-lhe uma carta por avião, isto é apenas um bilhete. Remeto um volume de *Angústia* para você, outro para José Santos Gollán. Aviso-o de que há na história pastéis em demasia: como eu estava para lá das grades e não pude fazer revisão, estragaram-me o livro. Vou escrever a Rachel exigindo o *Caminho de Pedras* a que você tem direito. Já viu *Pureza*, de José Lins? Há de lhe chegar aí um volume. Bem, Garay, adeus. Hoje ou amanhã lhe

mandarei por avião uma carta comprida. Muitos e muitos agradecimentos pelo interesse que você tomou por essa coisa do hospital.

Abraços do

Graciliano Ramos(RAMOS, 2008, p. 51).

Rio, 13 de maio de 1937

Prezado Garay:

Recebi a sua carta, o artigo de Monteiro Lobato e a admirável tradução do *Judas* de Euclides da Cunha. Muito justo o que o Lobato diz a respeito do seu namoro com a desgraçada literatura deste país selvagem, ligação antiga, resistente à ingratidão dos autores, à indiferença e à estupidez do público.

Isso nos surpreende, Gary, pois a literatura é coisa pouco mais ou menos inútil. Não pensamos assim, mas devemos estar em erro: a sua editora arrasta-se com dificuldade, a Academia trata de ortografia, os escritores brasileiros morrem de fome ou são funcionários. O próprio Lobato ocupa-se com petróleo. E faz bem.

Achei ótima a tradução do *Judas*. Reli com prazer essa página vista há muitos anos. Não sou devoto de Euclides da Cunha; o verbalismo dele às vezes me arrepia, mas isto não é razão para que eu deixe de admirar essa bela tradução que você me remeteu. Devolvi tudo ontem.

O que Lobato diz a respeito dos *Sertões* é novidade para mim. Então essa obra ainda está encalhada? Eu pensava que o Governo do meu país lhe tinha oferecido os recursos necessários para publicá-la. É o diabo. Os inimigos da ordem roubam um tempo precioso aos nossos homens públicos, que, impressionados com o extremismo, não fazem nada. Paciência. Os argentinos não lerão a história de Canudos, mas ficarão sabendo que Deus, a pátria e a família existem no Brasil.

Mandei-lhe ontem um exemplar do meu último romance e o livro novo do José Lins, *Pureza*. Em conformidade com a sua recomendação, enviei também *Angústia* ao seu amigo José Santos Gollán, de *La Prensa*. Esse desgraçado livro saiu cheio de pastéis. Quando foi para a composição, eu era considerado elemento perigoso e naturalmente os cavalheiros que me hospedavam não julgaram necessária a revisão das provas. Foi um desastre. Veja se consegue adivinhar o que estava no original, e se isto não for possível, espere a segunda

edição, que talvez se faça. É coisa menos ruim que *S. Bernardo (Feudo Bárbaro)*, penso eu. Como vai isso?

Não sei se já lhe terá chegado um conto que mandei para *El Hogar* ou *Mundo Argentino*, uma história de cachorro. Seria magnífico se você pudesse meter isso em *La Prensa*, mas provavelmente esses senhores não gostam de bichos. A minha cachorra é um animal ordinário e cheio de peladuras.

A nota que você me pede sobre a fabricação de *O Relógio do Hospital* é difícil. Talvez não me seja possível dizer como essa coisa foi feita. Há alguns anos estive para morrer: abriram-me a barriga e passei uns meses sem esperança de ir para cima. Dos delírios que me perseguiam conservo uma vaga lembrança, que aproveitei nas últimas páginas de *Angústia* e em alguns contos arranjados na prisão. Os contos valem pouco, mas o fim do romance parece que não está completamente mau.

Se *O Relógio do Hospital* sair em *La Prensa*, posso mandar-lhe outras colaborações, caso o seu amigo José Gollán queria aceita-las.

Tenho a ideia de fazer uns livros a respeito da prisão, mas está claro que não os escreverei agora. Quero ver se antes de entrega-los ao editor, consigo publicá-los num jornal estrangeiro. Vou esperar alguns meses, alguns anos, não sei. Tenho um bom assunto, uns tipos curiosos, e acho-me na obrigação de aproveitar o material que o Governo que ofereceu.

E adeus por hoje, meu caro Garay. Muitos agradecimentos e um abraço do

Graciliano Ramos

Ouvidor, 110 (RAMOS, 2008, p. 53-54).

Rio, 1º de julho de 1937

Prezado Garay:

Só agora dou resposta à sua carta de 24 de maio. A demora explica-se: não pude entender-me logo com o Lins do Rego a respeito dos direitos autorais do último romance dele, e eu queria mandar-lhe permissão para traduzir e publicar tanto esse livro como os meus. Mas tudo se arranjou em conformidade com os seus desejos.

Remeto-lhe duas cartas, uma assinada por Lins do Rego, outra por mim. Tenha bondade de nos dizer quando intenciona publicar as traduções.

Como vai a minha *Baleia*? Trabalho numa série de contos regionais; quero ver se consigo fazer psicologia de bichos: cachorros, matutos, etc. Se a minha “Baleia” for bem

recebida aí, mandar-lhe-ei, caso você ache conveniente, umas histórias semelhantes, lá para o fim do ano, que é quando espero concluir o trabalho. Poderemos publicá-las em espanhol; primeiro em jornal, depois em livro. Antes disso vamos ver como tratam a cachorra doente.

E *O Relógio do Hospital*? Envio-lhe hoje *Um Pobre Diabo*. Seria bom que você metesse tudo isso num jornal que passe direito.

Outra coisa: o *Angústia* saiu com uma grande quantidade de pastéis. Provavelmente você vai encontrar dificuldades na tradução. Há também as expressões nordestinas de *São Bernardo*, que aqui no Sul ninguém entende. Se você tiver qualquer dúvida, escreva-me.

Adeus, caro Garay. Um abraço do

G. Ramos(RAMOS, 2008, p. 57).

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1937

Prezado Garay:

Faz um eternidade que não lhe escrevo. Aborrecimentos, meu caro, inquietações, um vida embrulhadíssima, o diabo. Você vai desculpar-me, como de outras vezes, esta grosseria involuntária.

Recebi ontem uma carta de *La Prensa*, um cheque e a tradução de *O Relógio do Hospital*, coisas que me chegaram quando eu mais precisava delas. Ótimo o seu trabalho, até senti inveja. Com roupa argentina, bem cortada e bem cosida, espichado numa página de jornal estrangeiro e importante, vi-me diferente de mim mesmo, não me reconheci. Você um bicho, Garay, e eu lhe estou muito obrigado, tanto pela tradução como pela nota com que me apresentou ao público da sua terra.

Achei razoável o pagamento – setenta pesos. Se me fosse possível meter de quanto em quando uma colaboração em *La Prensa*, eu teria dupla vantagem: exploraria o seu país e veria talvez os meus produtos valorizados na imprensa brasileira. Realmente as revistas de Buenos Aires pagam tão mal como as daqui, mas um jornal grande e rico tira a gente de sérias dificuldades.

Fiz como lhe prometi, uma histórias do Nordeste, com bichos e matutos: tentei mostrar o que se passa no interior desses animais. Caso você acho conveniente, mandar-lhe-ei alguns, que, se não estiverem muito ruins, poderemos introduzir no mercado, pouco a pouco, a fim de não espantarmos o consumidos. A propósito: julgo que você não gostou da minha *Baleia*. É

pena, pois não tenho nada melhor que essa cachorra. Quer ver os parentes dela? Se não quer, está acabado, não falemos mais nisso.

Ia-me esquecendo de lhe dizer que achei excelente a ilustração de Miguel Petrone.

Em uma das suas cartas você me comunica não haver recebido o volume do *Angústia* destinado ao Sr. José Santos Gollán. Em conformidade com a sua recomendação, enviei o livro diretamente à redação de *La Prensa*. Com certeza o homem o recebeu.

Tenho andado com peso na consciência: disse-lhe que não tinha podido entender-me com Lins do Rego a respeito da tradução de *Pureza*, e você julgou que ele havia recalcitrado, o que não se deu. Vejo que não me expressei direito. Lins do Rego é um sujeito ótimo. Sem consulta-lo, mandei datilografar o contrato, que foi assinado naturalmente. Mas durante muitos dias desencontrei-me dele. Por isso lhe disse que não nos tínhamos podido entender. É um tipo decente, e eu sentiria desgosto se, por minha causa, vocês se indispussem. Bem, parece que está desfeito o equívoco.

Como vai *S. Bernardo* (ou *Feudo Bárbaro*)? Insisto no oferecimento que lhe fiz. Há ali umas expressões regionais que talvez não sejam entendidas, mesmo por uma pessoa que saiba o português como você. Não me refiro, é claro, aos tradutores que supõem que jaca é arbusto. Coitado do Jorge. No *Angústia* não há dificuldades, mas o livro saiu cheio de pastéis horríveis, porque na situação em que me achava, nem pude consertar a cópia da datilografia. Erros dela, erros na composição tipográfica – uma lástima. Vendeu-se a edição, mas é quase certo não podermos agora arranjar outra. Assim, caso você queira apresentar o romance à gente que fala espanhol, mandar-lhe-ei um volume com emendas indispensáveis.

Bem, Garay, adeus. Novos agradecimentos e um abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, p. 59-60).

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1937

Caríssimo Garay:

Mandei-lhe há dias muitos agradecimentos pela tradução de *O Relógio do Hospital*, publicada em *La Prensa* o mês passado. Peço agora a sua atenção para a história que lhe remeto. Você me pediu há tempo que escrevesse umas coisas regionais. Lembra-se? Fiz isso, mas afastei-me da literatura que nos apresenta, sem nenhuma vergonha, matutos inverossímeis.

Os nossos matutos nunca foram observados convenientemente. Os que aparecem em romances pensam como gente da cidade e falam difícil, apenas deformando as palavras, suprimindo os ss, os ll e os rr finais. Com esse recurso infantil, certos escritores brasileiros se julgam sagazes.

Acho que os tipos que lhe mando são verdadeiros. Procurei vê-los por dentro e evitei os diálogos tolos e fáceis, que dão engulhos. Os meus matutos são calados e pensam pouco. Mas sempre devem ter algum pensamento, e é isto que me interessa. Não gastei com eles as metáforas que o Nordeste infelizmente produz com abundância. Também não descrevi o pôr-do-sol, a madrugada, a cheia e o incêndio, coisas obrigatórias, como você sabe.

Veja se essa gente lhe agrada. Se ela for metida em *La Prensa*, ficarei muito satisfeito.

Receba, meu caro Garay, um grande abraço do

G. Ramos (RAMOS, 2008, p. 63).

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937

Prezado Garay:

Escrevi-lhe duas cartas, a primeira agradecendo-lhe essa coisa de *La Prensa*, a segunda remetendo-lhe um novo conto. Se você ainda não está cansado da minha literatura, tenha a bondade de ler as folhas que agora lhe mando.

Eu queria saber a sua opinião a respeito dos meus bichos e dos meus matutos. Tenho intenção de juntá-los num livro que o José Olympio deseja publicar, mas talvez isto não se faça por enquanto, pois os negócios da livraria andam mal: romances bons, como o último de Armando Fontes passaram despercebidos.

Acho que, sendo inconveniente levar aqui meus bichos à feira e mostra-los na barraca do José Olympio, terei necessidade de exibi-los em outros países, aí por exemplo. e como você é a única pessoas capaz de recebe-los, melhorá-los e apresenta-los ao público da Argentina e vizinhanças, continuarei a despachá-los para Buenos Aires. Caso eles não prestem, faça-me, Garay, o favor de dizer-me isto com franqueza, a fim de que eu suspenda as remessas.

E adeus, por hoje, meu caro Garay. Um abraço do

G.Ramos [...] (RAMOS, 2008, p. 65).

Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1937

Caríssimo Garay:

Desejo de coração que os seus olhos, tão preciosos, já esteja funcionando bem. É o diabo. Os meus também andam estragados, necessito poupá-los. Veja você como isto é mal arranjado, seu Garay. Os olhos bons sempre vão para os indivíduos que não se servem deles. Meu bisavô, que era quase analfabeto, via perfeitamente aos noventa e seis anos. É tudo assim.

Falei com Gilberto Freire, mas não pude arranjar *a Casa Grande*, que se esgotou. Vamos esperar a outra edição. Zé Lins prometeu fazer o trabalho que você pediu, sobre maracatu ou qualquer outra coisa da terra dele – talvez uma lenda, uma história de macaco.

Ninguém sabe a significação de *urucungo*. Parece que Raul Bopp trouxe isto da África. Um rapaz da Bahia, lugar onde existem negros em abundância, disse-me que se tratava dum instrumento de música, julgo que de percussão. Não sei, vou perguntar ao Arthur Ramos, que tem obrigação de conhecer isso.

Bem. Apresento-lhe agora o meu *Fabiano*, que você já encontrou numa festa de igreja e na viagem que ele fez durante a seca. Foi uma desgraça a cachorra *Baleia* não lhe ter agradado. *Um Pobre Diabo* saiu realmente bem medíocre, mas *Baleia* é uma cachorra direita, se não me engano. Vamos ver se, em companhia da família sertaneja, esse infeliz animal lhe causa melhor impressão. O meu plano foi este, meu caro Gray: fiz uma série de contos com os mesmos personagens. Nada de originalidade, questão de pecúnia, comente: os contos poderão ser publicados em jornal, o que não aconteceria se eu lhe enviasse capítulos de romance. Cada história começa e acaba, naturalmente, sem prejuízo para o leitor, mas todos juntos formam um romance, que não edito agora porque o público tem coisas muito sérias em que pensar e não perde tempo com literatura.

Adeus, meu caro Garay. Fique logo bom dos olhos e receba um enorme abraço do

G. Ramos

Remeti *Mudança e Festa* para Lavalle, 774. Recebeu? [...] (RAMOS, 2008, p. 67).

Rio, março de 1938

Caríssimo Garay:

Urucungo não é instrumento de percussão, como lhe escrevi, já há tempo: é um troço congo-angolês, também chamado berimbau de barriga, ainda usado em alguns lugares da Bahia, como este último nome. É composto de uma cabaça e de um arco, com uma corda. O nome *urucungo* (*rucungo*, com e brando) não é usado no Brasil. Creio que foi isso que me disse o Arthur Ramos. Se você precisar de outros conhecimentos, é bom escrever a ele, que sobre o assunto fez uma conferência de meia hora na livraria de José Olympio. Não pude conservar tudo quanto ele ensinou.

Bem. Como vai a literatura? Raul Navarro me falou a respeito do *S. Bernardo*, que vai traduzir por pedido seu, e aludiu a algumas dificuldades que provavelmente encontrará na linguagem do meu personagem. Estou pronto a facilitar o trabalho de Navarro, passando para o português todas as expressões nordestinas que ele desconheça.

Outra coisa. Atrapalhado como vivo, deixei de mandar agradecimentos a Miguel Petrone pela oferta que ele me fez da ilustração de *O Relógio do Hospital*. Estou muito obrigado a ele e a você pelo presente, Garay. Quando você encontrar o pintor, faça-me o favor de pedir a ele desculpas pela minha grosseria. As encrencas da vida me tornam selvagem, estou virando antropófago.

Este mês terei um livro novo, *Vidas Secas*, de que você já conhece alguns personagens: Fabiano, a mulher, dois meninos e a cachorra Baleia. Creio que essa gente não lhe agradou. Mas não tem dúvida: mandar-lhe-ei o volume para você ver os meus bichos juntos.

Adeus, Garay. Um abraço do

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 71).

Rio de Janeiro, 16 de maio de 1938

Prezado Garay:

Cá me chagaram cartas suas. Não dei logo resposta à primeira, vinda pelo aéreo, porque aí se anunciava a remessa de outra mais extensa, que agora chegou pelo correio ordinário.

Muito lamento que o seu projeto, meu caro Garay, o sonho de tantos anos, tenha sofrido esse baque. E espanto-me de que, apesar de todas as decepções, o namoro de que fala Monteiro Lobato continue a resistir. Você é terrível, Garay. Essa tenacidade que zomba dum caiporismo crônico merecia emprego melhor. A literatura brasileira, coitada, anda bem magra, muito por baixo: há nela uns pobres diabos famintos e uns sujeitos ricos, que felizmente não escrevem. Todos juntos valem pouco. Em horas de patriotismo e entusiasmo falamos alto e enchemo-nos de fumaça, naturalmente. Podia ser pior, já foi pior – e isto consola. Afinal alguns desses que você menciona e talvez uns dois não são ruins de todo. É possível que desta medonha trapalhada se salve meia dúzia de páginas. Mas o futuro a Deus pertence; por enquanto colocamos nas vitrines das livrarias pequenos romances vagabundos que os amigos elogiam e os inimigos não atacam porque isto contribuiria para a divulgação deles.

Chegamos assim ao nosso desgraçado *S. Bernardo*, ou *Feudo Bárbaro*, novela bastante ordinária que estaria correndo mundo, da Patagônia ao México, se a sua empresa não tivesse falhado. Vingou a *Claridad*. Que fazer? É uma companhia rica, não é isso? Você fará para ela traduções a cento e cinquenta pesos eu lhe cederei o meu trabalho mediante uma gorjeta que o patrão aí determinará.

Para lhe ser franco, estimado Garay, direi que isso não me convém. Enquanto o negócio era com você, tudo estava certo. Nunca lhe perguntei quanto a sua editora me pagaria, e quando chegou o contrato, assinei-o sem discutir, porque a transação era feita entre sujeitos mais ou menos arrasados. Mas de repente apareceram os Srs. Fulano & Cia., que não conheço, e me largaram um osso de duzentos pesos. Diante dessa proposta, entendi-me com Jorge Amado – exemplo que a *Claridad* apresentou de romancista indigente, autor dum livro vendido a ela por duzentos pesos. O livro era *Mar Morto*. Pois Jorge Amado me declara que recebeu de *Claridad* quinhentos pesos por uma edição de *Mar Morto*. Declara e repete que foram exatamente quinhentos pesos, que não houve nenhum erro na conta e que o editor não lhe pediu segredo. Acredito na palavra de Jorge, um amigo velho, e como acredito nela, penso que o homem de *Claridad* me quis intrujar.

É verdade que a minha situação econômica não é das melhores. Realmente não tenho prosperado, e essa modesta pecúnia me serviria bastante. Também é certo que a minha vaidade ficaria satisfeita com a tradução que andamos apalavrando. E por fim é justo

reconhecemos que o romance de Jorge Amado vale mais que o meu. Vale. Mas que necessidade tinha o editor de aproximar dois romances e dizer que havia dado por um deles menos da metade da importância recebida pelo autor?

Ora, meu caro Gray, eu não fiz negócio de nenhuma espécie com a *Claridad*. Já que a sua editora naufragou, é razoável que se desfaça a transação que havíamos entabulado. Se esses cavalheiros andassem direito estaria tudo muito bem; mas logo no começo me querem embrulhar – e é natural que eu grite.

Assim, prezado Garay, faça-me você o obséquio de explicar aos homens de *Claridad* que não aceitos essa história não.

Para você, meu velho, um grande abraço de

Graciliano Ramos (RAMOS, 2008, p. 73-74).

Carta de Benjamin Garay a Ricardo Levene. 21 de julho de 1942 (Buenos Aires).¹²⁴

¹²⁴ Garay, Benjamín de. [*Carta Sobre Publicación Del Libro 'Casa-Grande Y Senzala' Y Solicitando Ejemplares De éste Para Ser Repartidos. Buenos Aires, 21 De Julio De 1942*]. Buenos Aires, 1942. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/ebooks/reader/reader.php?mon=5&dir=09040921&num_img=09040921> Acesso em 18 set 2017.

Buenos Aires, 21 de Julio de 1942

Mi estimado amigo Levene:

Ayer lunes tuve necesidad de un ejemplar de "Casa-Grande y Senzala", para satisfacer un pedido del diplomático brasileño, doctor Diniz Junior, de paso en ésta. Fui al Cabildo por él. Pregunté por Palacios. Fueron a ver si estaba. Me dijeron que no estaba. Solicité de un empleado el ejemplar, quien después de ir adentro a consultar, me lo facilitó. Pero he aquí que mientras me lo envolvía, aparece Palacios. Me protegió con un ligero saludo sin atenderme. Por qué se ha negado?

Puede usted imaginar lo que he debido pensar ante esta inesperada desconsideración. No se a qué atribuir. Como conozco la hidalguía que caracteriza al eminente amigo, para quien son todas mis admiraciones y todas mis simpatías, me resisto a pensar siquiera que la actitud de Palacios responda a una actitud refleja. Libreme Dios!

Pero ni mi humildad ni mi pobreza pueden aceptar gesto tan injustificado.

La versión de "Casa-Grande y Senzala" me ha costado dolorosos esfuerzos, una consagración amorosa que me llevó a desconsiderar los padecimientos físicos que entonces como ahora me asediaron. Sobrellevé con jobiana paciencia toda serie de impertinencias del autor y egolatría del prefaciador. Me sostenía el deseo de que la Biblioteca que usted preside pudiese añadir un nuevo florón como el de "Los Sertones". Para complacer el narcisismo literario de Sáenz Hayes sacrificué mi nota prefacial acerca de los dos términos "casa-grande" y "senzala", que a juicio de él holgaban, y porque "si yo mantenía esa nota", él, Sáenz Hayes, se vería en el caso de no referirse a mi "noble esfuerzo de penetración de un libro difícilísimo".

La nota bibliográfica de "La Nación" del domingo último, formula el reparo acerca de la omisión de la traducción del vocablo senzala. Y con sobrada razón.

Total, Sáenz Hayes no hizo la menor referencia a mi traducción, concretándose a enviarme una carta en la que se excusaba de hacerlo visto que Gilberto Freyre "ya había hecho un juicio conceptuoso de mi capacidad de traductor".

Ya debe de haber paladeado usted la nota bibliográfica de "La Prensa". En ella desaparecen la obra y la traducción, para sólo referirse al prefacio. Ese prefacio le costó a "La Prensa" - según me informan - 800 pesos.

Mi estimado Levene: para su mayor homenaje, para el mayor prestigio de la Biblioteca que usted tan tesorera e inteligentemente dirige, para mi pequeña pobre gloria - qué menos puedo pretender? - he querido y quiero que "Casa-Grande y Senzala" tenga la repercusión que merece, y que este esfuerzo del gobierno argentino en pro de la divulgación de un libro extranjero se comente y se contemple, es que gestione una serie de ejemplares, destinados a quienes en su mayoría, se ocuparán como es debido del libro.

El mismo Taunay - maestro de historiadores brasileños - se dispone a ocuparse de la obra desarrollada por usted en una sesión de la Academia Brasileña que debe realizarse en el mes de setiembre y simultáneamente se interesará ante la Comisión Brasileña de Cooperación Intelectual en el sentido de una mayor correspondencia en la publicación de libros argentinos.

Carta de Graciliano Ramos a Candido Portinari. 13 de fevereiro de 1946. (Rio de Janeiro).¹²⁵

¹²⁵“Carta de Graciliano Ramos a Portinari - 13. fev. 1946”. Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/1946/02/carta-de-graciliano-ramos-a-portinari/> Acesso em 12 dez 2017.

F0378

CO-4928.1

Rio - 13 - Fevereiro - 1946

Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, a
passo que isto importa já não a acho mais fixando na
tela a minha pobre gente da terra. Não há trabalho
nem digno, pouco ou. Dizem que alguns jornalistas
e exibem deformações; contudo as deformações e
exibições existem fora da arte e não sustentam
nada que nos sensibilizam.

O que me vem perguntar a mim
mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas
sacrificassem, poderiam continuar a trabalhar?
Desajustamos realmente que elas sacrificassem os
seus filhos também em explorações, tão perigosas
como os outros, quando exploramos Saetara?

Das coisas que V. me mostrou quando
estivei em Corumbá pela última vez, a que mais
me comoveu foi aquela mãe a cuidar a criança
morta. Foi de uma casa com um pensamento horrível:
uma sociedade sem classes e sem miséria seria
possível fazer-se aquilo? Num vido tranqüilo e
a feliz que espécie de arte surgiria? Chego a
pensar que, talvez, somos, sujeitos do. da. terra,
e isto me horroriza.

Felizmente a dor existe sempre, a
nostra velha amiga, mas a suprimir. É por isso
importante se desajustamos a expressão dela, não

F-0379
10.11.1929.2

the pataca ? Veja como os meus ricardos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto não deve tranquilizá-los e satisfizá-los, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal penitência. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte.

É adão, meu grande Portinari. Muitos abraços para V. e para Maria.

Francisco

“O alchimista”, Soeiro Lobato (1910)¹²⁶

GUTENBERG—MACEIÓ 12 DE AGOSTO DE 1910

Primeiros vôos

O alchimista

Dentro em meu peito existe um misero alchimista
 Pobre velho idiota, um chimico demente
 Que outr'ora andou nutrido esta idéa egoista,
 Esta idéa imprudente :

Pensou consigo mesmo, em seu triste bestunto,
 Fazer brotar o amor em meu gelado peito...
 (O amor ! um sentimento ha muito já defunto,
 Um sonho já desfeito !)

E poz-se a misturar, contra minha vontade,
 Phantasias pueris, illusões tristes, meras
 Recordações de outr'ora, um pouco de saudade
 E umas velhas chimeras.

E o producto total d'esta estranha mistura
 Poz o velho alchimista á acção de um poderoso
 Forno rubro ao calor da seiva ardente e impura
 De um sangue venenoso.

Mas a força brutal da fornalha candente,
 O possante calor do grande forno ateado
 Queimou tudo, e afinal appareceu somente
 Um residuo apagado.

E—que desillusão ! triste esperança morta ! —
 Foi assim que, a chorar seu fanado idealismo,
 O chimico entreviu no fundo da retorta
 O negro scepticismo.

Hoje o pobre caduco é inteiramente louco...
 Qualquer coisa o indispõe, qualquer coisa o enfurece.
 Porem, findando a crise, elle vai, pouco a pouco,
 Acalmado, e adormece.

Muitas vezes immerge em pesadelo enorme,
 Outras vezes accorda a chorar, a chorar,
 Mas... não façam rumor, que o alchimista dorme
 E pode despertar.

Socioiro Lobato.

Recife — Maio de 1910.

“Velhas Páginas”, Soeiro Lobato (1911)¹²⁷

¹²⁶LOBATO, Soeiro. “O alchimista”. *Gutenberg*, Maceió, 12 ago. 1910. Primeiros voos. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/809250/11021> Acesso em 30 nov. 2017.

¹²⁷LOBATO, Soeiro. “Velhas Páginas”. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 434, 07 jan. 1911. Disponível em: <http://omalho.casaruiarbosa.gov.br/revista.asp?rev=434&ano=1911> Acesso em 30 nov. 2017.

O MALHO

VELHAS PAGINAS

Maio varria o campo, enfeitava as florestas,
Enginaldando a serra e os montes perfumando,
Quando eu senti no peito as agudas arestas,
D'este amor insensato a minh'alma rasgando.

Em volta a primavera, a sacudir o pando
Veu das ramagens, doida, a celebrar as festas
Do amor, descorollava o odorifero bando
De violetas gracios, de dahlías e de giestas.

Eu te amei, tu me amaste, ambos nós loucamente:
—Eu mostrando o fervor de uma alma rude e austera,
—Tu, a ardência febril de um coração ardente.

E o nosso amor cresceu ao perpassar da calma
Estação, a caçar a luz da primavera
O roseo despontar da primavera d'alma.

II

Com que dor rememoro e com que magua lembro
O dia em que partiste! Um dulçor erradio
Pairava, alacre, no ar, E o abraçador setembro
Corria a clara luz de um claro sol de estio.

Muita vez vem-me n'alma o desejo sombrio.
De volver ao passado. E idealizo e relembro
O teu grego perfil, enquanto um calefrio
O ser me agita, fibra a fibra, membro a membro.

Como recordo, então, aquellas manhãs claras
Deestio: o sol ardente, altaneiro e brilhante
Rutilando no campo, a fecundar as searas

Eu, sosinho, a sentira profunda vontade
De chorar, exhibindo ao verão scintilante
O verão de minh'alma, o verão da saudade.

III

Fulva tarde de outubro. A despertar de um somno
Prolongado, la vão, como um triste lamento
Do verão que se foi, num languido abandono,
Folhas em profusão levadas pelo vento.

Volta. E eu torno a ver-te o rosto macilento
Macerado de a nor. Mas agora tenciono
Transformar em meu peito este amor tão violento
A contrastar com a calma e a doçura do outomno

Não vês? A' loira luz do sol que já se deita
Anda um rancho febril pelo verde grammado
A dividir, feliz, os fructos da colheita.

Pois bem! Vamos nós dous, repletos de desejos,
Gozar o nosso amor num retiro encantado
E viver da colheita ideal de nossos beijos.

IV

Emquanto no papel, a lembrar a tua
Imagem, vou deitando estas linhas singelas,
Anda o vento a varrer soturnamente a rua,
Agitando os portaes, sacudindo as janellas.

E e cêo, a se tingir de negras aquarellas
Pela aproximação da noite, se accentua,
Sem astros a luzir — doiradas sentinellas
Na vastia superficie immensamente nua.

Olho — e apenas descubro a neve carregada,
Escuto — e apenas ouço o gargarhar desfeito
Do vento e o gottejar da chuva na calçada.

E sinto a aguilhoada, indifferente e absorto,
Do frio enregelar, medonha, no meu peito
Mortas recordações de um sentimento morto.

Porto, 1900.

SOEIRO LOBATO (1)

(1) Manuel Maria Soeiro Lobato, brasileiro, nosso amigo, residente em Viçosa — Estado de Minas — e que, por muito tempo, residia também em Portugal. (N. da R.)

DESESPERANÇA

Cada vez que imagino, ao temporal do mundo,
Que tenho de morrer... morrer num dia incerto...
E ser levado, em mãos, para um sepulchro fundo,
Tenebroso de mais, pacifico, deserto...

Sinto dentro de mim, no coração aberto,
Um profundo pesar, um barathro profundo!
E então, como que olhando o véu da Noite perto,
Os meus olhos azues de lagrimas inundo...

Imagino que irás, ó minha Mãe, chorosa,
Encher a minha campa, em dias de finados,
De bategas de pranto e petalas de rosa...

E lembrando o Passado, as creanças de esmeraldas,
Vejo agora o Porvir dos ideaes sonhados
Entre o negro da cruz e o rôxo das grinaldas...

Belém, Pará.

MARTINS SANT'ANNA

→-*-←

VOGANDO...

A José Pellegrino:

Sobre o tímido regaço do Oceano,
Que se irisa de tons do firmamento,
Desliza uma galéra, e enfuna o vento
Da grande vela todo o branco panno.

Desliza calmamente ao doce intento
Da placidez do entumescido arcano
Que os vãos bramidos do soffrer insano
Transforma em vagas de contentamento.

Tambem singrando o mar das fantasias
Onde se encontram tristes penedias;
Meu coração — intrepida galera,

Vai pelo pégo d'esta incerta vida,
Até sustar em divinal guarida
Ou perecer em lurida chimera.

C. Grande, Recife.

PEDRO MARTINS

→-*-←

ETHEREO

Fitando o immenso azul tive o desejo
De ir mais além — ao Reino Grandioso,
E lentamente surge magestoso
Na minha mente, o céu que agora vejo

Perém, onde fulgura o rizo e o gozo,
E a orchestra divinal em doce harpejo
Torna sublime o celico festejo
Eu não seria, ainda venturoso

Voltando o pensamento extasiado,
D'essa região que me fascina e encanta
Esvoaça em torno do ideal sonhado;

E, ante o céu que nasce em seu sorriso
Minh'alma balbucia: Mulher santa!
Como é ditoso agora o paraíso!
Bello Horizonte.

EDUARDO SANTÓO.

→-*-←

L'ARGENT, L'ETERNEL

SEIGNEURI

A proposito da noticia de um frade que se apossoa
d: dinheiro alheio:

Ha, sem duvida, além do mundo externo,
D'aquelle em que gozamos e soffremos,
Um outro mundo immenso, o mundo interno,
Que dentro de nós vive e que não vemos.

Ha no primeiro encantos, e ha o inferno
Das horas de amarguras que vivemos,
E no segundo ha gozos e ha o eterno
Pavor de mil peccados que não temos.

Mas quer o homem viva no primeiro,
Quer elle viva apenas no segundo,
Porque elle teme a vinda d'um terceiro,

Ha de viver quer n'um, quer n'outro mundo,
Soffrendo sempre o duro captivoiro,
Do vil metal e do papel immundo.

M. D. C. R. OLIVEIRA.

"Traços a esmo", J. CALISTO (1921)¹²⁸

¹²⁸CALISTO, J. Oíndio: jornal independente, literário e noticioso, Palmeira dos Índios, 13 março 1921.

Traços a esmo. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720925/18>>. Acesso em 8 fev. 2018.

Traços a esmo

A mulher que pede esmolas para santos é, ordinariamente, velha. Roupas fartas, humor atrabiliário, uma expressão de dignidade imensa, não raro um molho de cabelos e uma verruga na venta.

Anda pelas ruas, pelas feiras e pelas estradas, penetra familiarmente o interior das casas, conhece remédios que, com a ajuda de Deus, não têm rival em substância, sabe histórias, casos para contar a propósito de tudo, cura de quebranto, dor de cadeiras, espinhela caída, com benzeduras e rezas. Tem orações para todas as molestias.

Arroga-se uma grande importância, emprestando pelas figuras de barro, de madeira, de gesso, de papel, que lhe povoam o oratório pequeno, pintado de amarelo, com duas sentinellas de cera à porta, espôntadas em gargalos de garrafas.

Por aqui, por ali, anda às pressas, a explorar a superstição alheia, agarrada a uma caixa de pau ou de folha, que tem ao fundo uma estatuetta grosseira ou uma lithographia desbotada, entre flores de papel e de lata, sujas, poeirentas, torcidas, requeimadas ao sol.

E' de ver a attitudé impagável com que apresenta aquillo aos fideis que a rodeiam. Respeitosos, de chapéu na mão, estes se chegam com gestos gravicômicos, chuchurriam um beijo aos pés da imagem que ali está e, curvados, piedosos, depositam um nickel na sacocola que se escancara a um lado.

E' uma profissão rendosa.

Entre os multiplos retratos de personagens celestes que lhe enchem o altar, a mulher que pede esmolas possui sempre um santo de resistencia, especie de oráculo da vizinhança, habil e conhecido fazedor de milagres, com uma grande autoridade que lhe dá a velhice. Muitas vezes vem de outras gerações, pertenceu a uma avó ou bisavó da proprietária actual, que também explorava a industria santeira, com algum exito; e já naquelles tempos remotos se revelava um raro milagreiro. Com os annos, naturalmente, cresce-lhe a virtude. Contam-se factos a respeito d'elle, citam-se exemplos, que são espelhos,

dizem. E' a elle que, naquellas redondezas, se recorre em caso de necessidade. Fazem-lhe offerendas, compram-se os seus favores com laços de fita, toalhas bordadas, velas de sebo, dinheiro. As promessas cumprem-se, que elle quasi nunca deixa de tomar em consideração a supplica dos crentes. Dor de dentes, engasgos, reumatismo, abcessos, feridas, torcicollos, mal de empalamados, doenças de olhos, dentições complicadas, tudo é motivo para importunações ao orago e consequente paga á creatura que d'elle vive.

O santo recebe ex-votos dos fideis curados—muletas abandonadas, cabeças de barro, pernas, braços, seios, outros organs. Isto, porém, offerece-se de preferencia, por não ter valor nenhum, á santa cruz de beira de estrada, também milagrenta, sempre enfeitada de ramos e de flores, erguida num chão muito limpo, varrido a vassourinha.

A mulher que pede esmolas faz festas com uma parte do dinheiro arrecadado. São novenas em que se cantam coisas terriveis, numa lingua atralhada e exquisita, benditos medonhos. No terreiro da casa, botiguins de folhagem, onde se vendem doces e cachaca. A zabumba a atocar, acompanhando a irritante musica dos pifaros. O foguetório estalando no ar. E o povareo agrupado em torno da mesa do leilão, onde se erguem montanhas de fructos, pencas de ovos pintados, bolos, guloseimas, trabalhos de paciencia, como a classica e ingenua caixinha de segredo, enfeitada de papel de cor e cheia de castanhas assadas. Em baixo, o guinchar de bacorinhos amarrados, de mistura com gallinhas, patos e outros bichos.

E' ali que a mulher que pede esmolas para santos encontra uma de suas principaes fontes de receita. Aquillo deixa muito. Olá se deixa! E reproduz-se com frequencia, porque, alem dos trabalhos do mez mariano, que rendem bastante, ella festeja o S. Sebastião em janeiro, S. José em março, o divino Espirito Santo em maio, Santo Antonio, S. Pedro e S. João em junho, S. Francisco em outubro, Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia em dezembro, alem de outros mo-nos.

E' uma profissão recomendavel, nestes tempos de

crise, quando tudo está em apuros, o commercio meio escangalhado, a lavoura quasi morta.

Muito rendoso meio de vida.

E' só arranjar uma caixa, um oratório, meia duzia de estampas e uma verruga no nariz, coisa que dá certo respeito e importancia a uma pessoa que deseje dedicar-se á pratica da exploração do carolismo.

J. CALISTO.

PALMEIRA

Um olhar retrospectivo sobre nossa urbs, tão bella em sua topographia, deixa-nos um a sensação de pesar. E' que Palmeira, á maneira de nossas formosas camponezas, tem simplesmente os adornos legados pela prodiga natureza, enquanto a desfiguram atavios artificiaes e archaicos.

De sorte que melhor será dizer-se que é uma cabocla mal vestida, por isso que a formosura não pode resplandecer entre uma cabelleira em desalinho e empolhada, nem o talhe figurar majestoso no individuo antraçado e sujo.

Nem se fale de benefícios particulares, porque, afinal, não passam de pontos luminosos em fundo preto.

Brilham por si e para seus donos. São perolas engastadas num montão de ruínas.

Palmeira tem, é verdade, algumas casas mais ou menos novas e bem feitas, um palacete municipal, um aquogue publico, uma empresa de luz electrica, um cinema com suas fitas e bancos quebrados, um jornal que vem de nascer, bem magro, uma garage á espera de autos, alguns templos e nada mais. Não temos esthetica urbana, que aqui as vias publicas imitam perfeitamente as veredastortuosas de nossos antigos pebas.

Cada rua tem seu zigzague.

E fosse só isso, inda bem.

Ha peor muito peor: o aquode fetido e immundo, que lhe empestá o ambiente, transformando esta parte suavissima do sertão em um foco de epidemias. Mesmo assim, é o deleite de grande parte da população, que, como os nossos suínos, lá está todas as horas do dia, mergulhada e contenta de seu mal-aventurado bem estar.

E que se não diga coisa alguma das exhibições pornographicas e descaradas, em plena rua, á vista de todos aquelles que, forçados, hão de passar o velho paredão.

E assim progride nossa Palmeira, coberta de andrajós e cheia de microbios. Até quando? Ninguém sabe. Seu futuro está nas mãos des que a governam. Não lhes sei os intuitos. Entretanto, não lhes ignora as promessas.

O resultado de dois annos foi de algum modo satisfatorio. Demonstrou regular administração e criterio. Agora, porcm, o luzilis! Muitas vantagens, muita coisa projectada.

Têm razão. A arvore é bem nascida. Com boas chuvas crescerá, e terenos flores e fructos. Que sejam doces.

Z

O espirito da terra...

A platea, a deliciosa platea de Palmeira... Não sabemos bem se vamos ao cinema assistir ás magnificas projecções que lá ali ou admirar o espirito que grande numero de espectadores exhibe. E' realmente admiravel á graça que certos rapazes desta encantadora cidade possuem. E' de a gente morrer de rir. Apenas a sala fica ás escuras, começam os trabalhos. São guinchos, gritos, patadas nos bancos, urros, cacarejos e outros interessantes rumores onomatopaicos. Sena tela um sujeito beija uma refregia, estalam nos bancos beijos em chusma, num barulho irritante que mexe o systema nervoso de um pobre homem que não esteja habituado aquillo. Os commentarios que se fazem á figura que ali ha são coisas incisivas, numa linguagem que não abusa de metaphoras, de uma clareza admiravel. Muito espirituosa a platea... Cogita-se seriamente de acabar de rebentar a pittoresca mobilia daquella interessante sala. E' o que parece, pois muitos espectadores — que naturalmente gostam de deitar-se cedo — confundem aquillo com a cama, recostam-se, espreguiçam-se, escanearam a boca num bocejo e... lá vai o encosto do banco cahir em cheio nas pernas da gente que está á retaguarda. E' uma gargalhada que se ouve no Chitcurú. Sim, senhor, boa troça rebentar os moveis. Nada mais pandego que um snjeito commedista, que gosta de dormir, dar um

“Arquivos implacáveis”, João Condé (1953)¹²⁹

¹²⁹ RAMOS, Graciliano. In. CONDÉ, J. Arquivos implacáveis. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 25 abril 1953, p. 64-65. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/003581/86254>> Acesso em 10 set. 2017.

arquivos implacáveis

JOÃO CONDÉ



CRONICA

Os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, neste número, prestam a homenagem do sua reverência e da sua saudade a Graciliano Ramos, mestre das nossas letras e amigo do coração. Durante muitos anos, quase que diariamente estive eu a seu lado, num banco rústico ao fundo da "Livraria José Olímpio", a conversar e a lhe fazer pedidos de manuscritos para a minha coleção. Tivemos muitas discussões. Todas elas motivadas pelas minhas exigências em desejar saber o seu pensamento sobre fatos de sua vida e de determinados escritores. Também fui xingado. Mas nunca o romancista se recusou em me prestar informações sobre qualquer assunto. Ele compreendia minha curiosidade e satisfazia os meus apelos. Nossas conversas prolongavam-se por horas e tinha às vészes a companhia de outros escritores. José Lins do Rêgo, Aurélia Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Oto Maria Corpeaux, Otávio Tarquínio de Souza, Rafael Correia de Oliveira, Adonias Filho, Orris Soares e muitos jovens chegados da Província, que vinham com seus romances em manuscrito pedir a opinião do criador de "São Bernardo".

Tenho blocos e blocos, com as anotações de nosso bate-papo. Desde o ano de 1942 até 1952. Sei que se um dia pretendesse publicá-las, haveria de receber contestações e desmentidos, pois o Velho Graça, com sua irreverência, não raro expendia opiniões que não representavam o seu verdadeiro pensamento. Lembro-me de certa manhã em que o provoquei a fim de que me dissesse o que achava dos romances de nosso amigo José Lins do Rêgo. Naquele seu jeito de sertanejo, Graciliano foi logo me respondendo:

— "Não sabe escrever, deve entender mais de futebol."

E prosseguindo a conversa sobre o romancista do ciclo da cana de açúcar, minutos depois acabou me confessando ser José Lins do Rêgo o maior romancista vivo do Brasil:

— "É o maior de nós todos. Pode ficar certo. Ninguém maior do que ele."

Nos últimos tempos quase que o Graça não aparecia na livraria. Eu passava meses sem vê-lo. Se por acaso o encontrava na rua ou na redação do "Correio da Manhã", era certo pronunciar-lhe a expressão com que sempre me saudava:

— "Como vai esse agente provocador?"

E o fato é que eu nunca deixei de provocá-lo, fazendo-lhe muitos pedidos e exigindo muitas coisas.

Por ocasião de sua doença, já o sabendo desenganoado, tentei visitá-lo. Combinei mesmo com José Lins aparecer. Nunca fomos. Tive medo de não conter as lágrimas que não soube reprimir ao vê-lo sereno no seu caixão.

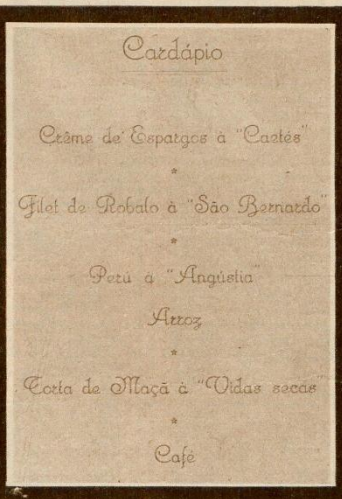
E agora, que eu não o verei mais, a lembrança e a imagem que desejo ter é aquela tão minha conhecida, nos começos de tarde, ao fundo escuro da "Livraria José Olímpio". Curvo, sentado e de pernas cruzadas, um cigarro "Selma" entre os dedos, com a sua costumeira indagação:

— "Como vai esse agente provocador?"

J.C.



O ROMANCISTA de "Angústia" em sua mocidade.



CARDÁPIO do banquete do seu 50.º aniversário.



O ROMANCISTA com seu amigo José Lins do Rêgo.

“iara”, Mário de Andrade (1926)¹³⁰

Maria da Gloria

Maria da Gloria é o tipo da boa. Ela passa para ir na feira levando uma cesta debaixo do braço e o braço debaixo das grelhas de todo o mundo. A manha vem vindo queimada e cor de rosa pra cima do céu azul claro. E' feito a madrugada que vem vindo o azul bem claro do vestido pegado com o cor de rosa da cara morena dela.

Maria da Gloria já vai batendo o chinelo que é uma das facilidade de Maria da Gloria. A gente vai assim como quem não quer, num passo largo, mole, mole, jogando com todas as juntas. O corpo balança, ondeia, e andar é musica, dá vontade de cantar. E chinelinho só no acompanhamento marcando o passo compasso. Se arrasta na calçada, depois dá um estalo gostoso seco, na sola do pé. Confesso que a gente nem repara mais. Mas si uma vez ou outra falta a pancada, se sente a falta do barulho, se vê que aquilo fazia parte da satisfação de ainda agora, se vê o que a gente tá fazendo desculpado, o que ia pensando distraído, o que ia sentindo sem atenção é tudo uma coisa só. A canção se interrompe e a gente toma consciência do que tem em torno e quando o passo fica certo e o chinelo estala outra vez, é preciso um pequeno esforço de memória: — “Em que é que eu estava pensando mesmo?” E Maria da Gloria já vai batendo o chinelo que custos tanto pra border.

Maria da Gloria é facinha, não é vaidosa. Não digo que não se ache bonita e não goste de sentir que essa mesma é a opinião dos homens. Ela se sabe admirada. Confessamos que até já tem cultivado um pouco certas admirações. Que é que tem? Por exemplo, si o rapaz que trabalhava na serraria lá no amanhecer da tarde; lá de dentro vinha um cheiro fresco de serragem. Era tão natural que ela passasse sem pressa ou mesmo que passasse um moedinho pra respirar. Ela não é arisca, eu sei, mas também está longe de ser namoradeira como tantas outras que nós conhecemos, o leitor e eu.

Essas e outras coisas, é bom que se diga, foram há muito tempo. Ultimamente houve uma grande mudança. Ela deixou de ser provocante como dantes, ficou mais recatada, mais lenta de movimentos, mais senhora e mais bonita também. Como certamente os senhores já perceberam, Maria da Gloria anda apertada. Ele é tão simpático. Alto, desempenado, forte e uma modosa de dentes, andar encadenciado de marinho em tom badalido, mole quando o corpo. Se vê que estranha a terra firme e que de instinto está sempre em guarda contra possíveis desequilíbrios. Agora qual que é só com ele que Maria da Gloria aparece. Com ele é que ela gosta de se.

ROMANCE

TARSILA — OSWALDO E MARIO (Ortografia semi-phonética de um indiano)

(Continuação)

Os leitores, muito pouco frequentam meu amigo filósofo. Terço, certamente, alguma curiosidade em conhecer a história dele.

Meu amigo filósofo, que já tem o Larousse inteiro, de fio a pavio, durante suas noites pallidas de insomnia, em tempos láos foi apaixonado. Recobria rublicas como dote da mulher, defraudadora de logogryphos e charadas do Almanach Lusó-Brasileiro: Fruta - Província — 31 — Grenade (Internacional!).

Mas o Governo, guerreando a territorial brico, mandou arrasar o cafezal.

E' que na plantação de meu amigo philosopho, em vez dos frutinhas vermelhas havia borboletas penduradas, barrigudas e sorridentes, zombando do partido situacionista. Foi dessa infelicidade que veio o amor pelas letras.

Orn, certa noite inchada de verão, desmanchava em que a sensualidade da gente arrebatava inesperadamente, e deborda sobre os amigos, malandras que nos acompanhavam, o philosopho, contou-me como conheceu Virgínia, sua noiva.

“Vou te falar um pouco de Virgínia. Você já a adivinhou morena e alta, elegante e simples. Cabeles

mostrar. Parece que as outras invejam a sorte dela, pelo menos é assim pensa, e depois com ele dá se sente protegida, sem preocupação nenhuma, não precisa olhar pros lados antes de atravessar a rua: ele olha tudo, rodeia o que o bem quer, dirige. Maria da Gloria é sonhadora: acha bom se abandonar assim e ficar toda entregue á gostosura de querer bem. E que o processo de banho morno nessa distensão do espirito. O pensamento dela vai que nem bicho que se solta. Prolonga as sensações pra sentir milhor, se demora no bem estar de cada minuto. Cândido passa o braço no dela, ela sente, ela marca a posição exata dos dois braços, se apóia o mais que pôde naquelas mulsulas que dirigem lá sem esforço. Ela é fraquinha, pequenina perto dele, não passa da uma coisa lá que ela dá pra cima do que bem quiser. Basta ele olhar pra ela ficar humildezinha esperando que venha aquela vontade superior. Seja o que for, já sabe que obedecerá sem se equivocar, sem resistência, ao contrário, exagerando a submissão, contente de ser mandada. Ama esse homenagem calado, de gestos bruscos, de voz de comando, ama de amor tão grande que igual ao dela só no cinema é que tem. Mas isso é um segredo de Maria da Gloria. Entre eles nunca se disse essa palavra. Dançaram algumas vezes num clube carnavalesco e o marinho tomou posse dela sem declarações, simplesmente, como simplesmente ela se entregou. O máximo a que ela se atreveu foi um “gosto tanto de você” num dia feliz demais pra se deixar passar como os outros. Ela não esquece propriamente o sentimento. Poucas vezes tem visto ela alegre como no dia que uma amiga respondeu a um engraçado: “Não se enxada, não? Maria da Gloria já tem dano.”

Não, não é o sentimento que ela esconde, é o nome, aquela palavra maravilhosa que ela guarda só pra si e da qual tem tanta vergonha que não pode ouvir a tal sem se acanhar.

Infelizmente nem tudo rosa neste mundo ingrato. Cândido, segundo antigo costume dos marinheiros, fazia frequentes longas viagens. As viagens desprendem as viagens distantes, nas viagens tudo se esquece. Cândido Magalhães viajou tanto que acabou esquecendo. Voltava ainda de tempos a tempos, mas já não era o mesmo, o indiano lá suportando cada um dos deslizes de seu amor. A princípio não desanimou. Essas coisas acontecem de vez em quando, que ela acredita tanto, e tantas vezes tudo acaba bem. Maria da Gloria confiava no futuro e intimamente, lá no fundo da consciência, tio lá no fundo, ela mesma não podia saber, esperava, desejava, podia um acidente, uma doença, uma desgraça, qualquer coisa que fizesse dela a criatura dedicada e indispensável, que permitisse a paixão dela tão bonita, tão

Conveniente de minha morbidez. Curci-me. E' preciso que uma análise semanal é necessária. E' preciso descer ao fundo do poço, de vez em quando. Para isso preciso do brasileiro — Nas minhas aventuras tudo é nacional. Menos o cenário, por causa do meu odio á cor local. Mas, nacionalismo muito. Tenho convicções. O brasileiro é seguramente pior do que o inglês ou o francês. Porém é meu irmão. E entre um irmão canibal e um estrangeiro sublimado, não hesito. Procuro o canibal.

E' meu irmão. Sendo brasileiro, sou magro e moreno. Meus olhos verdes são a herança misteriosa de uma ascendência civilizada. Mas a passagem destes olhos pelas matas paulistas deu-lhes uma doçura trágica e uma melancolia persistente.

Minha palavra é mais fácil do que meu estilo — Neste eu ponho um freio — Não tenho grandes idéias nem muito gênio. Apenas um talento. Mas sou feliz. Trabalho meu talento, affino o olho que vou adivinhar a vida. Lições de Europa — Meu cérebro malicioso soube tirar partido da facilidade sul-americana — Que me falta para ser um grande homem? A fé — Sou um dilettante — Falta-me também a concentração. Sou dispersivo — E sou, também, preguiçoso.

Como todos os românticos, amo os meus comêços pelo flir. Felizmente para ambos não foi além — Um dia parti. Voltei á Patria. Virgínia ficou no Sul. E' só então, ela que me compreendeu que me amava. Neste dia somente eu vi que o flir acabaria mal. Esse sentimento mútuo do que podia ter acontecido trans-

grande aparecer com todo o carinho, toda a abnegação, todas as virtudes de que ela confusamente se sentia capaz. Ele havia de se render aos sentimentos sobre. E'ia havia de reconquistar o antigo amor. E Maria da Gloria sonhava com tempestades, naufrágios, aerelas, salvavidas.

Porem um dia o desanimo foi grande demais pra caber num coraçãozinho. Maria da Gloria queixou-se de indiferença tanta:

— Meu Deus, que gôlo, que frieza aqui!

Não se sabe como, mas o certo é que a frase foi parar nos ouvidos do marinho. E como era verdade e como ela tinha razão de sobra pra essa queixa, Cândido Magalhães teve que zangar-se. Assim que pôde voltou para maltratar ela e ir definitivamente embora.

Maria da Gloria chorou mais a separação do que a pancada. Chorou muito, chorou até que cansou de chorar e resolveu-se a agir. Matou longos dias numa vingança digna, longos dias que foram se arrastando contra a vontade. A solução veio afinal, uma solução estúpida que não mesmo tempo lá acabar com a angústia em que ela estava vivendo e havia de amargar de remagos o resto da vida do malvado. Talvez mesmo... mas ela não queria mais nem pensar em amor.

Com tranquilidade de iluminada Maria da Gloria despeja querosene no vestido. Ouve com agrado o risar de um ôfôro na caixa. Se fez o fogo. O fogo é avermelhado, o fogo é quente. Maria da Gloria olha em redor e tem pensamentos originais. O céu é azul. As manhas são lindas. No muro branco da casa em frente tem todos pedaços de onde a cal caiu. O fogo encosta na sala e ela fecha os olhos serenos. O fogo sobe como queima. A carne á fraca. Maria da Gloria contou com tudo, menos com a fraqueza da carne. Por isso quando as primeiras chamas se enrolam no corpo dela, Maria da Gloria foga pela rua, foga do fogo que ela tem consigo. Corre, salta, ultra, grita, é um grito só saindo das labaredas.

Juntos gente perseguindo a fogueira ambulante. Vela alguma, vela mais, vela muita gente saber de quê se tratava. E, mesma, expresso se via em todas as caras e a todos uns o mesmo pensamento salvador. Mas um espanto assustado prendia todos na mesma falda de invisibilidade. Até que um senhor que tendo tomado o seu café ia ganhar o pão de cada dia e de mais até hoje não se sabe si quem admira e sente prático ou a erudição, passando ali por acaso se informou do que havia e usando a mesma imagem que empregou acima, exclamou:

“E' uma fogueira ambulante. Apagámo-la!”

A esse grito despertaram as consciências. Todos correram em busca de jarros, copos, canecas, regadores. Balde.

E jogaram em cima de Maria da Gloria água fresca, água boa, água que purifica, água que apaga o fogo.

Rio, 226. PRUDENTE DE MORAES, NETO.

i a r a

Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara

Contava que ela era ferosa, muito!

Preta gorda manquitolva ver peixe-bol.

Felizmente velho já morreu faz tempo!

Duma feita, madrugada de neblina,

Um moço que sofria de paixão

Por causa duma índia que não queria ceder para ele

Se levantou e desapareceu na água do rio.

Então principilaram a falar que a iara cantava, era meça,

Cabelos de limo esverdeado do rio.

Ontem o piá brincabrincando

Subiu na igara do pai abicada no porto,

Botou a mãozinha na água funda

E val, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem uma iara...

Mário de Andrade

pathé baby

por Antônio de Alcântara Machado
São Paulo — 1926

Já ha muito desejava falar de Pathé-Baby. Não o fiz por falta de espaço e, também, porque esperava, do Rio, um artigo. O artigo ficou para o próximo numero. Cresceu muito. Tornou-se ensaio. O espaço apareceu com o numero especial de hoje. E aí vai a minha falção.

Não é critica, não, que não faço critica. Ainda mais de prozador. E' meu sentimento, que vou botar aqui.

Eui disse alguma que reprovara em Alcântara a secura da expressão. Não é verdade. Pathé-Baby não é um livro seco. E' um livro sintético. Mas a tal ponto que parece seco. Alcântara sacrificou sua concição á vontade de ser rapido. De não cansar. E, como todas as pesadas de espirito mordaz, sacrificou a poesia ao humor. Aparelamente, não para o leitor desprevidido. No fundo é um timido. Como todos os timidos, tem arrojos e até ousadias incríveis.

E' paulista profundamente. Por isso, abrutalhado. O que não impede que, debaixo da cortina agressiva, bata a pulsação mais rapida dos enternecidos. Mas, como é diffici descobrir esse enternecimento.

Alcântara trouxe a lembrança de um livro todo, e só se viu aquela linha onde ele fala do tumulto do Soldado desconhecido. Allás, quasi todas as paginas sobre a França são amáveis.

E de Portugal e da Italia que Alcântara trouxe a lembrança menos saudoza. Chega a ser de uma injustiça revoltante e maldosa. Mas

é também nessas paginas que seu espirito observador mais fortemente se faz sentir; que sua verve se eleva até no poema satirico. Não desdenha, entretanto, os trocadilhos e as incansas não imprevisíveis. Assim, quando falando do batelote revolucionario de Lisboa: “O gaio improvisado não devia os olhos de extasia Lenine tipo Ford”.

“A bordo, o chefe revolucionario tem um ataque tremendo de asma. Quasi arrebatada. Quasi!”

“As avirinas correm na ponta dos dedos, com ventres de grávidas eternas”.

Sua maldade, de resto deliciosa, não tem limites. Da festa nacional, em Milão, ele só viu o ridiculo dos tipos.

“Cada official é um anúncio de estabelecimento fabril premiado em cincoenta exposições universais”.

De Napoles, só a snajra o divertiu: “Caçada desesperada de piolhos na soleira de uma porta. Alagazara e moscas. Piorecos. Sanda-de de creolina”.

Não foi ficção no espirito nenhuma lembrança sadamente alegre da Italia. Nem uma saudade passadista das ruínas de Roma. Nada disso tem importância. E não são criticas. O livro tem outras qualidades. Realizou o que procuram as modernas: a impressão cinematographica da vida. Essa secura de que falai será com certeza menos visível nos futuros livros de Alcântara, sobretudo si ele usar de assuntos brasileiros, pelos quais se entusiasma tão lindamente.

TELLUM.

formouse numa amizade grave e macia. Não digo o resto para não diminuir o interesse de minha história. Nada de surpresas.

Eu cheguei de Paris. Lembrava-me ainda das pontes e da carícia humida do Sena. A onda montante dos autos que, de minuto em minuto, se quebrava na Ópera, diante do apito do grito a cavalo. A Torre Eiffel obsecante. Ideia fixa. O obelisco orgulhoso e viril. O arco de triunfo bello, barba e inutil. E Paris lembrava-me as colchas de retalhos dos campos.

as cidades menores, timidas, reservadas e cheias de preconceitos como moças que não sabem de casa.

Virgínia em Genebra gastava sua energia amorosa e materna amando doadamente um coelzinho branco de olhos negros que passava um eterno sorvete no fuchino. De manhã elle brincava de despertador aos pulos e com gritos. Não sabia mais latir. Tão civilizado, que já gostava da colleira. E' que a prisão da corrente era a liberdade do passeio. Quanto do Virgínia lhe retirava a corrente, fechava o em casa. Ele comprehendia e conformava-se. Para os cachorros como para os homens a do hereditário e toda relativa.

Eu amozou mure e predestinado da bocca de papoila esperava nesse pasatempo freudiano á chegada do eleito. (A minha chegada). No amor celeitos não são deputados. Pri-meiramente são inoperantes. Depois o prestigio delles não dura o mesmo tempo. Virgínia conheceu varios candidatos e passou por elles indifferente. O unico que não tinha pretensões conquistou-a.

E' por isso que apollo o voto feminino. Tenho esperanças de ser

um dia um manda-chuva. Eu fumava cachimbo e fazia versos. Passava aos olhos do mundo por um sujeito perigoso. No me interessava pela politica nacional de aqua saia nem pela queda do marco.

Encontrei-a por acaso num baile brasileiro commemorativo de 15 de Novembro. Dançamos. Conversamos. A mãe de Virgínia, D. Amelia era gorda e boa. Toda a sua bondade transformava-se em gordura.

Pouquissimo culta, de fidalga. A lhei a tudo: livro, idéas, arte. Recebia com prazer as folhinhas do Emporio e sabia confeccionar admiráveis bombocados. O paç, conhecia Augusto Conte e Ruy Barbosa. Dançava com autoridade. Mas quando se lhe falava de outros, afirmados genios ou talentos, confirmada dubitativa.

Vi-me obrigado a dirigir-lhe a palavra. Falei-lhe de cinema, que é assunto universal. Elle gostava das filias historicas.

— E' Carlito?

Desatino. Falei-lhe com a senhora. Esta queixou-se do assucar europeu que adoça menos do que o brasileiro, da falta de feijão e de carne macega.

— Com o cambio, pôde-se fazer boas compras, assegurou. E logo a luntou suspirando: venha comer uns bolinhos amanhã, sem cerimonia!

— A casa lhe pertence, achou necessario affirma o coronel.

Aproveitei o convite. Fui e tornei a ir.” (Continua.)

SERGIO MILLIET.